



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PPGL – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**FERNANDA BARBOZA DE LIMA**

**ASPECTOS FONÉTICOS, MORFOSSINTÁTICOS E LEXICAIS DO  
FALAR DE CAIANA DOS CRIoulos**

João Pessoa-PB  
2010

FERNANDA BARBOZA DE LIMA

**ASPECTOS FONÉTICOS, MORFOSSINTÁTICOS E LEXICAIS DO  
FALAR DE CAIANA DOS CRIoulos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB) para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria do Socorro Silva de Aragão.

João Pessoa-PB  
2010

FERNANDA BARBOZA DE LIMA

**ASPECTOS FONÉTICOS, MORFOSSINTÁTICOS E LEXICAIS DO  
FALAR DE CAIANA DOS CRIoulos**

Banca examinadora:

---

**Prof<sup>ª</sup>. Maria do Socorro Silva de Aragão** (orientadora)  
Doutora em Linguística  
Universidade de São Paulo – USP

---

**Prof<sup>ª</sup>. Josete Marinho de Lucena**  
Doutora em Linguística  
Universidade Federal do Ceará

---

**Prof<sup>ª</sup>. Marinalva Freire da Silva**  
Doutora em Filologia e Literatura Românica  
Universidad Complutense de Madrid

João Pessoa-PB  
2010

*Este trabalho é dedicado aos moradores da  
comunidade quilombola de Caiana dos  
Crioulos, por compartilharem comigo  
a riqueza de sua história e cultura e por  
me receberem em suas casas, não apenas  
com paciência, mas com carinho e  
generosidade.*



## Agradeco

Primeiro e antes de tudo, a **Deus**. Porque a Ele recorro em pensamento nos momentos de angústia, aflição e cansaço e ele me conforta.

A meus pais, **Fernando** e **Adaluza Barbosa**. Ele, sempre pronto a resolver problemas práticos, sempre presente para levar, buscar, participar. Ela, a grande incentivadora de minha formação acadêmica, sempre disposta a ajudar, confortar, acarinhar e fazer massagens para aliviar a dor em meus ombros, de horas e horas ao computador.

A **Aline Barboza**, minha irmã e melhor amiga. Com quem divido toda a minha vida. Quem me escuta e me aconselha em todas as esferas, inclusive a acadêmica.

A minha orientadora e querida amiga **Socorro Aragão**. Um exemplo de mulher que condensa sabedoria e simplicidade e que me inspira desde o primeiro contato. Agradeço pelo incentivo e confiança depositadas em mim.

À líder caianense **Cida**, por nos mostrar as portas abertas da comunidade de Caiana dos Crioulos e por possibilitar os meios de realização dos trabalhos de campo.

Ao casal **D. Maria** (Badi) e **Seu Dedé** e **seus filhos**, por nos acolherem em sua casa nos horários das refeições, sempre acompanhados de boas conversas.

Às professoras **Ivone Lucena** e **Josete Marinho**, por contribuírem com esse trabalho desde o primeiro encontro, com observações pertinentes, indagações relevantes e opiniões que me inspiraram a dar continuidade a esse estudo.

A **Flávia Alencar** e **Joevan Oliveira**. Amigos de uma vida. Agradeço por me esperarem pacientemente (ou quase isso), em cada fase que me enclausurei para “dá conta do serviço” e por me receberem sempre com um sorriso compreensivo e saudoso.

A **Anderson Alves**, pelas palavras de apoio, conselhos e várias contribuições dadas ao longo desse processo.

Ao núcleo de pós-graduação de Geografia, nas pessoas da prof<sup>a</sup> **M<sup>a</sup> de Fátima Rodrigues**, pelos conselhos e convites feitos para participação em projetos, **Amanda Marques**, por sua amizade e carinho e **Alecsandra Moreira**, em especial, por ser minha companheira de trabalho de campo e por me conceder as fotos que figuram como capa desse trabalho e início da introdução e terceiro capítulo.

Aos amigos da pós-graduação, **Wellington Lopes**, **Renata Pinto** e **Jailto Filho**, pelos ótimos momentos “pós-aulas”, onde compartilhávamos inúmeras novas visões de mundo.

Aos amigos da graduação de Letras, **Harley Tavares** e **Tânia Duarte**, pelas conversas na “praça da alegria” depois das aulas, pelo carinho sincero e torcida verdadeira para que eu realizasse meus objetivos.

À professora **Maria Cristina de Assis**, por me aceitar como *estagiária docente*, pelos livros emprestados e interesse demonstrado pela minha pesquisa.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Letras**, por receber o meu projeto de pesquisa e pelo apoio dado durante a construção desse trabalho.

Ao **corpo docente** da minha graduação e pós-graduação, pelas contribuições essenciais à minha formação profissional.

Ao **Governo Federal**, pelo financiamento dos meus estudos através da bolsa de Mestrado concedida pela Capes (2008-2010), com a qual pude dedicar-me exclusivamente à atividade de pesquisa e extensão universitária.

A **todos** aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram com este trabalho, o meu muito obrigada!

## RESUMO

O presente trabalho versa sobre a contribuição africana no processo de formação do português falado no Brasil, tomando como objeto de estudo a comunidade negra de Caiana dos Crioulos, localizada no município de Alagoa Grande, na Mesorregião do Agreste Paraibano, Estado da Paraíba. Nesse estudo analisamos as particularidades fonéticas, morfossintáticas e lexicais do falar da comunidade de Caiana, identificando, nessa localidade, fenômenos linguísticos compreendidos como evidências do contato com línguas africanas. Buscamos com essa pesquisa contribuir com as discussões sobre a formação do Português Popular do Brasil e com a compreensão da configuração atual da língua falada na zona rural brasileira. Utilizamos como procedimentos metodológicos, a pesquisa de campo, onde coletamos entrevistas individuais orientadas sob os preceitos da pesquisa sociolinguística, procurando nos pontos de interseção entre a Sociolinguística, Etnolinguística e Dialectologia, a sustentação teórica necessária a nosso estudo. As reflexões desenvolvidas neste trabalho visam contribuir com a produção literária científica sobre a história do negro no Brasil, num momento em que cresce a necessidade de afirmação da identidade histórica desse povo.

**Palavras-chave:** contribuição africana, comunidade negra, Português Popular do Brasil, Sociolinguística.

## ABSTRACT

The present research deals with the African contribution in the process of the Portuguese formation spoken in Brazil, which has as the study object the negro community called “Caiana dos Crioulos”, located in the city of “Alagoa Grande”, in the “Mesorregião” of the Paraiban Agreste. In this study we analyzed the phonetics, morphosyntatics and lexical particularities in the Caiana’s community, identifying in this locality linguistics phenomena understood as contact evidences with African languages. We want through this research to contribute with the discussions about the Popular Portuguese formation in Brazil and also, with the comprehension of the spoken language in brazilian’s rural district. We used as methodological procedures, the fold research, where we collected individuals interview guided according to the sociolinguistics models, searching in the common points among the Sociolinguistics, Ethno linguistics and Dialectology, the theoretical support which is necessary to our study. The developed reflections in this research want to contribute with the scientific literary production on the negro’s history in Brazil, in a moment in which the necessity of the historical statement identity of this kind of people rise.

**Key-words:** african contribution, negro community, Popular Portuguese of Brazil, Sociolinguistics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Localização geográfica de Caiana dos Crioulos.....	32
---	----

### LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1 – Caiana dos Crioulos .....	33
FOTO 2 – Caiana do Agreste .....	33
FOTO 3 – Casas em Caiana dos Crioulos .....	34
FOTOS 4 e 5 – Feira em Alagoa Grande .....	35
FOTOS 6 e 7 – Casa de farinha em Caiana do Agreste .....	35
FOTOS 8 e 9 – Representações da fé católica.....	36
FOTO 10 – Ciranda caianense em comemoração ao dia nacional da consciência negra .....	36
FOTO 11 – Batucada .....	154
FOTO 12 – Berimbau.....	157
FOTO 13 – Capoeira .....	165
FOTO 14 – Vista da comunidade mocambeira <i>Caiana dos Crioulos</i> – Alagoa Grande-PB .....	178
FOTO 15 – Orixás <i>Ogum</i> e <i>Oxum</i> pintados na parede da escola de Caiana .....	187

### LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Troca de lateral palatal por /l/ ou /y/ .....	48
GRÁFICO 2 – Iotização em relação ao contexto seguinte .....	48
GRÁFICO 3 – Inserção de fonema vocálico em grupo consonantal .....	54
GRÁFICO 4 – Redução do ditongo <i>ei</i> .....	59
GRÁFICO 5 – Redução do ditongo <i>ou</i> .....	60
GRÁFICO 6 – Redução dos ditongos <i>ai</i> , <i>ia</i> , <i>ua</i> , <i>au</i> . .....	60
GRÁFICO 7 – Processos de alternância do /r/ por /l/. .....	65
GRÁFICO 8 – Processos de alternância do /l/ por /r/. .....	67
GRÁFICO 9 – Assimilações vocálicas.....	71
GRÁFICO 10 – Dissimilações em grupos consonantais .....	75
GRÁFICO 11 – Metáteses progressivas e regressivas .....	78
GRÁFICO 12 – Apócope do /r/ .....	84
GRÁFICO 13 – Apócope de sílaba .....	84
GRÁFICO 14 – Apócope em Caiana dos Crioulos .....	84
GRÁFICO 15 – Aféreses em Caiana dos Crioulos .....	88
GRÁFICO 16 – Próteses do /a/. .....	91
GRÁFICO 17 – Síncopes em Caiana dos Crioulos.....	94
GRÁFICO 18 – Perda da nasalização final em Caiana .....	97
GRÁFICO 19 – Marca de número na classe não-nuclear anteposta na primeira posição do Sintagma Nominal .....	107
GRÁFICO 20 – Relação das variáveis <i>posição linear</i> e <i>classe não-nuclear</i> .....	107
GRÁFICO 21 – Relação das variáveis <i>posição linear</i> e <i>classe nuclear</i> .....	107
GRÁFICO 22 – Classe gramatical do 1º elemento do SN.....	108
GRÁFICO 23 – Classe gramatical do 2º elemento do SN.....	108
GRÁFICO 24 – Classe gramatical do 3º elemento do SN.....	108
GRÁFICO 25 – Classe gramatical do 4º elemento do SN.....	108

<b>GRÁFICO 26</b> – Variação da concordância verbal com sujeito (terceira pessoa do plural) anteposto ao verbo .....	116
<b>GRÁFICO 27</b> – Ausência de concordância entre sujeito na terceira pessoa do plural e verbo.....	117
<b>GRÁFICO 28</b> – Ausência de concordância – sujeito anteposto ao verbo .....	117
<b>GRÁFICO 29</b> – Presença de concordância – sujeito anteposto ao verbo.....	117
<b>GRÁFICO 30</b> – Variação da concordância com a 1ª pessoa do plural – forma coloquial <i>a gente</i> .....	117
<b>GRÁFICO 31</b> – Variação da concordância com a 1ª pessoa do plural – forma <i>nós</i> .....	118
<b>GRÁFICO 32</b> – Resultado da utilização das formas <i>nós/a gente</i> .....	118
<b>GRÁFICO 33</b> – Distribuição das estruturas de negação em Caiana dos Crioulos.....	124
<b>GRÁFICO 34</b> – Negação pré-verbal segundo a variável <i>tipo de oração</i> .....	124
<b>GRÁFICO 35</b> – Palavras que reforçam o valor negativo em orações com negação pré-verbal.....	124
<b>GRÁFICO 36</b> – Negação pós-verbal segundo a variável <i>tipo de oração</i> .....	125
<b>GRÁFICO 37</b> – Palavras que reforçam o valor negativo em orações com negação pós-verbal.....	125
<b>GRÁFICO 38</b> – Complemento verbal em orações com negação pós-verbal .....	125
<b>GRÁFICO 39</b> – Estrutura de dupla negação segundo a variável <i>tipo de oração</i> .....	125
<b>GRÁFICO 40</b> – Palavras que reforçam o valor negativo em orações com dupla negação .....	126
<b>GRÁFICO 41</b> - Complemento verbal em orações com dupla negação.....	126
<b>GRÁFICO 42</b> – Função sintática da primeira pessoa do singular do caso reto nas orações analisadas.....	135
<b>GRÁFICO 43</b> – Funções sintáticas da primeira pessoa do singular do caso reto diferentes de <i>sujeito da oração</i> . .....	135
<b>GRÁFICO 44</b> – Funções sintáticas do pronome oblíquo átono <i>me</i> .....	135
<b>GRÁFICO 45</b> – Funções sintáticas do pronome oblíquo tônico <i>mim</i> .....	135
<b>GRÁFICO 46</b> – Regência das preposições no pronome oblíquo tônico <i>mim</i> .....	136
<b>GRÁFICO 47</b> – Formas do pronome oblíquo tônico .....	136
<b>GRÁFICO 48</b> – Segunda pessoa do singular na função de sujeito da oração .....	136
<b>GRÁFICO 49</b> – Posição do pronome <i>você</i> como segunda pessoa do singular no Sintagma Verbal.....	136
<b>GRÁFICO 50</b> – Função sintática da 3ª pessoa do singular do caso reto.....	137
<b>GRÁFICO 51</b> – Realização da primeira pessoa do plural <i>nós</i> e a forma nominal <i>a gente</i> como sujeito da oração.....	137
<b>GRÁFICO 52</b> – Funções sintáticas da primeira pessoa do plural <i>nós</i> e a forma nominal <i>a gente</i> .....	137
<b>GRÁFICO 53</b> – Funções sintáticas da segunda pessoa do plural – <i>vocês</i> .....	137
<b>GRÁFICO 54</b> – Funções sintáticas da terceira pessoa do plural nas formas masculina e feminina.....	138

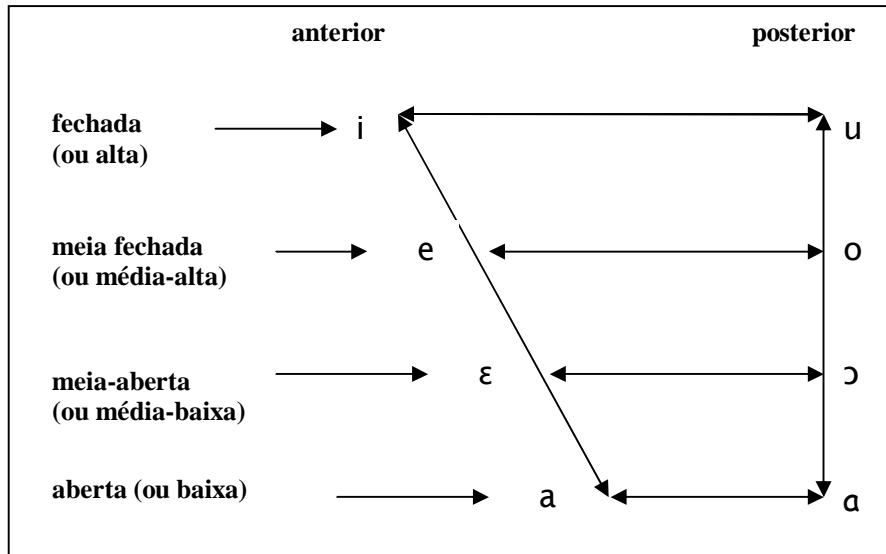
## LISTA DE SIGLAS

<b>ALiB</b>	Atlas Linguístico do Brasil
<b>APFB</b>	Atlas Prévio dos Falares Baianos
<b>CC</b>	Consoante Contígua
<b>CN</b>	Concordância Nominal
<b>CPT</b>	Comissão Pastoral da Terra
<b>CV</b>	Concordância Verbal
<b>CV</b>	Consoante/Vogal
<b>CVC</b>	Consoante/Vogal/Consoante
<b>OD</b>	Objeto Direto
<b>PB</b>	Português do Brasil
<b>PE</b>	Português Europeu
<b>PPB</b>	Português Popular do Brasil
<b>PVB</b>	Português Vernacular Brasileiro
<b>SN</b>	Sintagma Nominal
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>SV</b>	Sintagma Verbal

## SÍMBOLOS FONÉTICOS

Os símbolos fonéticos utilizados no presente trabalho foram retirados do Alfabeto Internacional de Fonética.

### VOGAIS



### CONSOANTES

	Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
<b>Oclusiva</b>	p b		t d			k g	
<b>Africada</b>				tʃ dʒ			
<b>Fricativa</b>		f v	s z	ʃ ʒ		x ɣ	h ɦ
<b>Nasal</b>	m		n		ɲ		
<b>Tepe</b>			r				
<b>Vibrante</b>			ɾ				
<b>Retroflexa</b>			ɻ				
<b>Lateral</b>			l		ɭ ɮ		

Em pares de símbolos tem-se que o símbolo da direita representa uma consoante vozeada e o da esquerda uma consoante desvozeada.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</b> .....	24
1.1 A INFLUÊNCIA AFRICANA NA CONSTITUIÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL: A DISCUSSÃO .....	24
1.2 LINGUAGEM, CULTURA E GRUPOS SOCIAIS .....	26
1.2.1 Sociolinguística .....	27
1.2.2 Dialetologia .....	28
1.2.3 Etnolinguística .....	30
1.3 METODOLOGIA .....	32
1.3.1 A comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos .....	32
1.3.2 Coleta de dados e entrevistas .....	37
1.3.3 As variáveis linguísticas e extralinguísticas .....	39
<b>2 FENÔMENOS FONÉTICOS ENCONTRADOS EM CAIANA DOS CRIoulos</b> .....	43
2.1 IOTIZAÇÃO .....	44
2.2 BETACISMO .....	49
2.3 SUARABÁCTI .....	51
2.4 MONOTONGAÇÃO .....	54
2.5 ROTACISMO .....	61
2.6 LAMBDACISMO .....	65
2.7 ASSIMILAÇÃO .....	68
2.8 DISSIMILAÇÃO .....	72
2.9 METÁTESE .....	76
2.10 APÓCOPE .....	79
2.11 AFÉRESE .....	85
2.12 PRÓTESE .....	88
2.13 SÍNCOPE .....	91
2.14 PERDA DA NASALIZAÇÃO FINAL .....	94

<b>3 FENÔMENOS MORFOSSINTÁTICOS ENCONTRADOS EM CAIANA DOS CRIoulos</b> .....	101
3.1 CONCORDÂNCIA NOMINAL .....	101
3.2 CONCORDÂNCIA VERBAL .....	110
3.2 ESTRUTURAS DE NEGAÇÃO .....	120
3.3 OS PRONOMES PESSOAIS .....	128
3.4 O GRAU DIMINUTIVO.....	140
 <b>4 PRESENÇA DE AFRICANISMOS EM CAIANA DOS CRIoulos: UMA ANÁLISE DAS CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OBRAS LEXICOGRÁFICAS ..</b>	146
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	194
 <b>REFERÊNCIAS</b> .....	199

# *Introdução*

## A pedra do Reinado Encantado

### Uma lenda caianense

Em um dos muitos caminhos de Caiana encontra-se uma pedra, conhecida pelos moradores como “pedra do reinado”. Segundo eles, a pedra tem “escritos” indecifráveis, que se decodificados transformarão toda a Caiana num lugar diferente, bonito e luxuoso. O autor do feito encontrará também, uma botija de ouro e enriquecerá. O lugar onde a pedra está localizada é envolto em toda uma atmosfera mágica, de sobrenatural. Muitas pessoas dizem ter visto objetos e seres que surgem e desaparecem misteriosamente e que suscitam após o seu aparecimento, muita curiosidade e medo.

“A lêta tá lá escrito, mai ninguém,  
num teve um leitô que discubrisse nada...”

“Tinha mermu uma carrerinha  
assim ói.. M, A, B, C, N... Tudo  
tinha...Bunitinha... Bem feitinha  
as lêta... kaké pessoa chegava ali,  
se pudesse lê...”

“Inrica...É... Quem descubri ali, inrica...  
Inrica. Puquê é encantado..  
É o reinado encantado”.



“A cumadi Mariquinha viu um sapato, um pá de sapato. Novim, chega alumiava, aí ela foi chamá seu Mariano, quanu vortou num tava mai. Se ela tivesse pegado... Disincantava...”

“De seizi... e de dozi... De meio dia lá... Meio dia... Deur me livre, vou lá nunca não... Todas hora eu passo lá, só não passo esse holálio... Dozi hora e meio dia... É meio dia do dia e dozi hora da noite. Mãe saiu de seis hora, mãe. O reinado de mãe foi de seis hora”.

“Esse medo eu num sei o que foi, num sei se foi alguma coisa... Eu sei qu’eu passava todo dia, nesse dia quandu eu fui passá foi desse jeito... Uma coisa que tava pá amarrá minhas perna... E esse medo n’eu... eu saí foi desembestada.. Sei lá o que era... Quem que sabe o que é que tinha pulá? Pá amarrá minhas perna?”

“Acho que esse negóssu assim, tem uma pessoa... Todo mundo num vê não. Ali é aquela pessoa que tem... Sei lá...todo mundo fosse pumóde vê, todo mundo via n’era? Todo mundo acho que num vê as coisa não. Aí é só quem tiver, sei lá... Coragi, né? As vez tem munta gente que tem, que vê as coisa, tem muita gente que num vê as coisa”.

## INTRODUÇÃO

As diversas características que foram distanciando, ao longo do processo de colonização do Brasil, o Português Brasileiro (PB) do Português Europeu (PE) foram estudadas a partir de duas posturas teóricas diferentes. A primeira considera as mudanças estruturais como próprias da história interna da língua e a outra entende serem os fenômenos linguísticos, o resultado do contato das diversas línguas participantes do processo colonizador. Nossa pesquisa é orientada pelos pressupostos da segunda vertente apresentada. Acreditamos que foi o cenário de multilinguismo ocorrido com a confluência dos portugueses, índios e principalmente africanos, que aqui aportaram aos milhares durante mais de três séculos seguidos (XVI a XIX), o ambiente favorável ao aparecimento de um falar emergencial que atendesse às necessidades do convívio social entre os povos.

Esse intenso processo de interação, de acordo com alguns estudiosos, teria contribuído fortemente para o delineamento dos traços que caracterizam o PB, sendo o determinante de certas particularidades linguísticas observadas, a exemplo de alguns fenômenos fonéticos, como iotização, monotongação, algumas assimilações ou dissimilações, rotacismos, entre outros, e fenômenos morfossintáticos, como simplificação das flexões, tendência de pluralização dos determinantes, ausência de concordância entre o sujeito plural e o verbo e a forma de colocação dos pronomes.

Com o intuito de apresentar elementos que auxiliassem a discussão supracitada, buscamos evidências linguísticas do processo de formação da língua portuguesa falada no Brasil na comunidade quilombola rural de Caiana dos Crioulos, localizada no município de Alagoa Grande, na Mesorregião do Agreste Paraibano, Estado da Paraíba. A área escolhida para o desenvolvimento da pesquisa localiza-se numa região de difícil acesso do agreste paraibano, o que associado a um grau de baixa escolaridade e renda, preservou de maneira mais acentuada características fonéticas e morfossintáticas que, em nossa opinião, apontam para uma influência africana na formação do Português Popular.

Pesquisadores da área da linguística estão investigando a presença ou não de elementos que possam atestar a influência africana, ou mesmo um processo de prévia crioulação na fala de comunidades afro-brasileiras rurais, principalmente as remanescentes de antigos mocambos. Além de contribuir com a discussão sobre a influência africana na língua portuguesa falada no Brasil, os estudos sociolinguísticos podem trazer importantes contribuições para a compreensão da configuração atual da língua falada na zona rural brasileira.

Porém, ainda há uma carência de estudos linguísticos voltados para comunidades rurais quilombolas, já que, de maneira geral e em contexto nacional, as áreas reconhecidas como remanescentes de mocambos são de recente delimitação e reconhecimento oficial.

Pelas questões postas, procuramos analisar as particularidades fonéticas e morfossintáticas da variante da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, além de realizar um levantamento do léxico de base africana encontrado na localidade.

Com o intuito de tornar a exposição da discussão mais clara, dividimos o presente trabalho em quatro capítulos. O *primeiro capítulo* traz os pressupostos teóricos em servem de base ao nosso estudo, bem como a metodologia utilizada para a coleta do *corpus*. Assim, iniciamos trazendo um resumo do debate acerca da relação estabelecida entre as línguas africanas e o português do Brasil, desde os primeiros textos publicados em 1933 até as novas discussões que se utilizam dos métodos e técnicas da Sociolinguística para explicar a questão da interferência africana na constituição do PB.

Por acreditarmos que não há como desvincular a língua, a sociedade e a cultura, por ser a primeira um fato social e por isso, um instrumento da comunicação humana sujeito às transformações por que passa a sociedade, modificando-se pelo contato externo, percorremos também nesse primeiro capítulo os campos interdisciplinares da Sociolinguística, Etnolinguística e Dialectologia, buscando nos pontos de interseção dessas disciplinas, a sustentação teórica necessária à nossa pesquisa.

Ao fim do capítulo, apresentamos dados sobre a história, a organização social e econômica, e os aspectos da cultura da região estudada, informando também sobre os procedimentos utilizados para a realização das entrevistas e coleta dos dados que compõem nosso material de estudo.

No *segundo capítulo* expomos um estudo sobre determinados fenômenos fonéticos observados no falar da comunidade quilombola pesquisada. No arcabouço teórico de cada caso fonético, mostramos algumas das diferentes visões e tratamentos dados a esses fenômenos, bem como, o resultado das inquirições realizadas na comunidade pesquisada.

Assim, primeiramente estudamos a recorrência da troca da lateral palatal por lateral alveolar em relação às vogais subsequentes ao fenômeno. Também encontramos casos de *betacismos* e *suarabáctis*, onde percebemos a inserção do /i/ e /e/ em encontros consonantais. Observamos que é comum a ocorrência de redução do ditongo *ei*, *ou*, *ai*, *ia*, *ua* e *au* e a realização de *rotacismos* em coda silábica e em grupos consonantais. Ainda listamos casos de *lambdacismos* em posição pré-vocálica e em encontros consonantais, bem como

casos de assimilação vocálica e consonantal e dissimilação em grupos consonantais e fricativas.

Encontramos metáteses progressivas e regressivas e registramos o apagamento da vibrante /r/ nos verbos infinitivos de 1ª, 2ª e 3ª conjugações. Também encontramos o apagamento da lateral /l/, da sibilante /s/ e de sílaba e observamos que é corrente a *aférese* de sílaba nas várias conjugações do verbo *estar*, bem como, a queda da vogal baixa central /a/ em certos verbos, substantivos, pronomes e adjetivos. Além desses fenômenos, encontramos em Caiana dos Crioulos, *prótese* do *a* em alguns verbos e *síncopes* do /r/ e /s/ em coda silábica. O capítulo foi finalizado com as ocorrências da perda da nasalização final em verbos na 3ª pessoa do plural na 1ª, 2ª e 3ª conjugações e ditongos átonos finais.

No **terceiro capítulo** apresentamos alguns fenômenos morfossintáticos encontrados no falar da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos. Num primeiro momento, no tocante à concordância nominal, observamos as variáveis *posição linear*, *classe nuclear* e *não-nuclear*, e *classe gramatical* dos elementos do Sintagma Nominal, objetivando perceber o papel que essas variáveis exercem no processo de determinação da quantidade de marcas formais de plural na concordância de número. Em sequência fizemos um exame sobre a variação na concordância verbal, em perspectivas como: *posição do sujeito em relação ao verbo*, *natureza da oposição singular/plural*, *características morfofonológicas de algumas ocorrências* e *neutralização da 1ª e 3ª pessoas do singular*.

Ainda nesse capítulo observamos a realização das estruturas de negação, levando em consideração não apenas as estruturas de dupla negação, comuns na fala popular, mas, também, as estruturas de negação pré-verbal e pós-verbal dentro de orações absolutas, principais, subordinadas, reduzidas e adverbiais. Finalizando, observamos o uso dos pronomes pessoais do singular e plural do caso reto e oblíquo pelos falantes caianenses e a recorrência do uso da forma diminutiva principalmente em substantivos e adjetivos, tanto no feminino como no masculino.

No **quarto e último capítulo**, sendo um de nossos objetivos pesquisar o léxico de origem africana no falar de uma comunidade negra rural, apresentamos um levantamento diacrônico de africanismos encontrados no falar dos caianenses. Esses registros foram comparados com os vocábulos trazidos por obras como *Falares Africanos na Bahia* (CASTRO, 2006), *O elemento afro-negro na Língua Portuguesa* (RAIMUNDO, 1933), *A influência africana no português do Brasil* (MENDONÇA, 1948), *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004) e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009).



Dessa forma, pudemos compreender como as acepções analisadas foram trazidas em obras lexicográficas mais consultadas, como Ferreira (2004) e Houaiss (2009) e compará-las com obras lexicográficas mais especializadas no léxico de base africana, como Castro (2006), Raimundo (1933) e Mendonça (1948), verificando assim, convergências e divergências entre elas.

Os resultados de nossa pesquisa em Caiana dos Crioulos foram divididos nos três últimos capítulos supramencionados, onde demonstramos a utilização de estruturas fonéticas e morfossintáticas, ora semelhantes à estrutura linguística observada na linguagem popular brasileira de forma geral, ora semelhantes à estrutura linguística diferenciada observada em comunidades negras isoladas como Helvécia, no sul da Bahia. Assim, foram encontrados tanto fenômenos fonéticos comuns à linguagem popular geral, como *apócopies* e *monotongações*, por exemplo, como fenômenos mais característicos da linguagem rural, como *iotizações*, *rotacismos* e determinadas *assimilações* e *dissimilações*, compreendidos por alguns linguistas como resultado do contato com línguas africanas.

No tocante aos fenômenos morfossintáticos, encontramos traços linguísticos marcantes, compreendidos como resultantes do contato com línguas africanas, como por exemplo, determinadas variações da concordância de gênero e a neutralização entre 1ª e 3ª pessoas do singular, assim como, fenômenos mais facilmente detectados no falar da população menos escolarizada de maneira geral, como simplificação da concordância nominal de número e flexões verbais, uso de dupla negação e funções pronominais variáveis.

Os fenômenos fonéticos e morfossintáticos encontrados, bem como o conjunto de lexias de procedência africana levantadas em Caiana dos Crioulos evidenciam, em nossa opinião, a importância da contribuição negra para a modificação da deriva da língua portuguesa e formação do português brasileiro.

# *Capítulo 1*

## A prática da ciranda

A comunidade de Caiana dos Crioulos tem hoje um grupo de coquistas e cirandeiras, o “Ciranda e coco de roda Margarida Maria Alves”, que canta e toca em dias festivos, principalmente em dias de santo, como o São João e o São Pedro, na Semana Santa e ainda para receber amigos e visitantes. Através da prática da ciranda, percebemos que o homem quilombola representa suas experiências, projetando valores, sentidos e significados através do canto e da dança. Os brincantes das cirandas ao se incorporarem à roda, ao se posicionarem ao lado uns dos outros, ao perceberem os sons dos instrumentos e ao entoarem as canções, não apenas festejam, mas se percebem no mundo, comunicando a sua identidade.

“Quanu fala em ciranda, vem sentimento. Quanu tem um grupi de ciranda assim, quatu hora da tadi, assim, pum chamado, Ave Maria! Aí vai tudo contente, tão alegre... puquê vai se divirti cas colega, cuns povo, vai tá com a comunidade, né?”

“Eu era uma pessoa que tinha veigonha de falá, de tudo, num sabe? Hoje eu tô mai distraída... Foi a ciranda que me ajudô mai.”

**“Pai deixava í pá ciranda, num sabe?...  
Pôtu canto ele num deixava não. Tinha tanto  
do namoro. Nesse tempo assim era  
muito namoro, era muito bom...  
Se ajuntava aquele mundo de moça, assim...  
Acendia a lamparina, puquê tinha lamparina... Ficava  
com seus namorado lá... Lá vai...”**

**“Todo sabu tinha ciranda.  
Pai era batedô. A gente ia, ficava tudo alegui,  
eu ficava chique!”**

**“Era munto bom aqueles pessoal antigo,  
era munto animado sabe?  
Aí dançava e a pessoa botava assim, cumé que se diz?  
Que você tá cum namorado, o batido do zabumba ia,  
butava assim, contava uma  
música pá você, seu namorado ia,  
dava um pésente, esse negossu...”**

**“Antigamente, fái que nem di o ditado, a ciranda  
num era reconhecida como ela é hoje, antigamente  
nói brincava aqui, puquê era as tradição que tinha  
aqui na Caiana, cum pócissão... Num existia esses  
negóssu de rádio, num existia televisão, num existia  
nada, os pessoá se divirtia rezanu, qu'er'aqui, a  
comunidade católica, aí, era rezanu pócissão, têço,  
fái que nem di o ditado, saí cáquela pocissão de  
santo num andô, aí quanu chegava na casa do ôto,  
já tava o contrato pá í pá lá cuã bandinha de pífe, aí,  
pronto, quando terminava aquela novena,  
saía pú terrero, aí no terrero se fazia aquela  
roda de coco...”**

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

### 1.1 A INFLUÊNCIA AFRICANA NA CONSTITUIÇÃO DO PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL: A DISCUSSÃO

O debate acerca da relação estabelecida entre as línguas africanas e o Português do Brasil (PB) desenvolveu-se, segundo Bonvini (2008), no século XX, mas, já no início do século XIX, essa relação chamou a atenção dos estudiosos. Nina Rodrigues inaugurou a reflexão sobre esse tema, produzindo entre 1890 e 1905 um inventário das línguas africanas faladas no Brasil que compôs a obra *Os africanos no Brasil*, publicada apenas em 1932.

No século XX, o debate desenvolveu-se a partir de um princípio ideológico de busca da identidade brasileira. Os estudiosos da língua teriam, a partir dessa orientação, que definir as particularidades que caracterizavam o PB e distinguiam-no do Português Europeu (PE). Assim, desenvolveram-se, ainda segundo Bonvini (2008, p. 16), dois tipos de análise: a primeira caracterizada pela “afirmação da influência africana no PB” e a segunda, pela “hipótese da criouliização<sup>1</sup> do português do Brasil em contato com as línguas africanas”.

Os textos que iniciaram essa discussão foram *A influência africana no Português do Brasil* de Mendonça e *O elemento afro-negro na Língua Portuguesa* de Raimundo, publicados ambos em 1933. Esses autores acreditaram que diversos traços linguísticos encontrados nos dialetos falados no interior, principalmente os fonéticos, caracterizavam uma influência das línguas africanas (quimbundo e iorubá principalmente) no PB.

Quando a questão da brasilidade da língua se esvaiu, os esforços linguísticos direcionaram-se para a “unidade cultural e linguística luso-brasileira”, sendo a língua, a partir desse momento, percebida como o reflexo da cultura híbrida formadora do país. Nesse contexto, estudiosos como Silva Neto, Silvio Elia, Melo e Houaiss, admitiram a existência de crioulos<sup>2</sup> ou semicrioulos, no Brasil, provenientes do contato com as línguas indígenas e africanas no início da colonização, que, no entanto, por terem desaparecido posteriormente, não teriam influenciado a constituição do PB. Sobre isso, Houaiss (1985, p. 119) indaga:

Houve no Brasil uma tendência reducionista pan-brasileira de tipo criouliizante, mas há dúvidas quanto às causas: influência do substrato,

---

<sup>1</sup> Processo pelo qual um *pidgin* se expande e se torna linguisticamente mais complexo, tornando-se a língua materna de determinada comunidade (HOUAISS, 2009).

<sup>2</sup> Diz-se de ou cada uma das línguas mistas nascidas do contato de um idioma europeu com línguas nativas, ou importadas, e que se tornaram línguas maternas de certas comunidades socioculturais (HOUAISS, 2009).



adstrato indígena, substrato africano, por ambos os casos, ou será por causa das derivas portuguesas?

A opinião desses estudiosos foi endossada por Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1985), que afirmava ser a influência das línguas africanas, resumida à aceleração de tendências prefiguradas no sistema linguístico do português.

Naro e Scherre (2007), embora sigam uma orientação sociolinguística, também seguem uma concepção semelhante à supracitada. De acordo com esses estudiosos, as particularidades atuais do português brasileiro são provenientes das tendências estruturais existentes já no português europeu.

Em fins da década de 1970 e início da década de 1980, Castro (2001) propõe a retomada da questão da influência africana no português do Brasil, partindo do princípio que, a vinda de quase 5 milhões de falantes africanos provocou interferências inevitáveis ao sistema da língua portuguesa falada em terras brasileiras.

Recentemente, linguistas estrangeiros como G. Guy e J. Holm avigoram o debate sobre a hipótese da criouliização do PB, acreditando, com base na Teoria da Variação, que as diferenças entre o Português Popular do Brasil (PPB) e o PB analisadas a partir de dados morfossintáticos, apontam para um processo de criouliização ocorrido no passado, que deixou vestígios no presente. Guy, para demonstrar seu ponto de vista, considerou aspectos da realidade socioeconômica da época e duas variáveis linguísticas: a Concordância Nominal (CN) no interior do Sintagma Nominal (SN) e a concordância sujeito-verbo (BAXTER, 1992).

Segundo o princípio defendido pelo autor, inicialmente ocorreu a perda das regras de concordância, em decorrência do processo de criouliização prévia, e em seguida, um processo de retomada dessas regras devido ao contato do português popular com o português culto, prefigurando um processo de descriouliização.

Tarallo (1993) diverge desse pensamento, acreditando, com base na análise de dois fenômenos linguísticos: *construções relativas* e *retenção pronominal nas sentenças encaixadas*, que, em oposição à teoria de Guy, as mudanças operadas no português brasileiro não estariam no caminho de uma aproximação com o português europeu, mas sim no caminho para um distanciamento.

Já Baxter (1992), especialista em crioulos de base portuguesa, conduziu entre 1987 e 1988, um estudo que confirmou a permanência de um dialeto com traços do tipo crioulo em uma comunidade afro-brasileira descendente de escravos próxima a Helvécia, no extremo sul

da Bahia. O trabalho apresentado no Colóquio Internacional sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa realizado pela Universidade de Lisboa em 1992, demonstrou uma série de traços morfossintáticos que normalmente não se encontram nos dialetos rurais, como: uso de formas da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo para indicar estados e ações pontuais e contínuas que se situam no passado, marcação variável da 1ª pessoa do singular, dupla negação, variação de concordância de número e gênero do SN e presença variável do artigo definido em SN de referência definida.

Por fim, uma outra linha argumentativa que ainda podemos citar refere-se à hipótese da *transmissão linguística irregular* proposta por Lucchesi (2003). De acordo com o autor, o processo de aquisição de uma segunda língua pelos negros africanos no Brasil teve por consequência um processo de erosão de partes da gramática da língua alvo (PE) que posteriormente foram recompostas, a partir do contato com as futuras gerações com estruturas mais próximas do PE.

O advento desses estudos sociolinguísticos deu um novo fôlego à questão da interferência africana na constituição do PB, inserindo os pressupostos da sociolinguística e da teoria da variação na comprovação dessa interferência.

## 1.1 LINGUAGEM, CULTURA E GRUPOS SOCIAIS

Linguagem, sociedade e cultura são conceitos interligados, uma vez que, a realidade social construída e todas as concepções de mundo são levadas ao homem através da linguagem. De acordo com Sapir (1969, p. 205), “a língua não existe isolada de uma cultura”, sendo a primeira, condição imprescindível para o desenvolvimento da segunda.

Como instituição social, a língua é uma espécie de instrumento de difusão da cultura e da ideologia de um povo, sendo reflexo de um modo de perceber e interpretar o mundo, num dado tempo e lugar na história. Nesse sentido, uma dada estrutura social pode influenciar ou mesmo estabelecer a estrutura da língua a partir das singularidades das práticas comunicativas do dia-a-dia.

Em contexto sócio-cultural, o indivíduo tem uma série de elementos simbólicos internalizados, que podem ser ativados ao som de uma única palavra, que é em si, capaz de impulsionar uma rede de sensações e percepções fundamentadas em experiências passadas, um conhecimento prévio que torna a pessoa apta a interpretar os signos.

Dessa forma, não há como desvincular língua e cultura, uma vez que os sistemas sociais, culturais e linguísticos caminham paralelamente e as mudanças da sociedade são refletidas em sua estrutura linguística.

Sendo assim, estudar a língua a partir dessa perspectiva significa percorrer campos interdisciplinares, como a sociolinguística, a etnolinguística e a dialetologia, que relacionam a fatores externos como o ambiente geográfico, a organização de cada grupo social, a religião, a atividade econômica, as práticas culturais, entre outras coisas. Essas disciplinas do estudo da linguagem, embora apresentem especificidades, não são isoladas em si, pois apresentam pontos de contato e interseção, principalmente ao que se relaciona aos métodos e aos conceitos teóricos, como veremos a seguir.

### 1.2.1 Sociolinguística

A análise sociolinguística não se foca apenas na língua, como faziam os estruturalistas, mas, nas realizações linguísticas das comunidades de fala. Segundo esse campo teórico, a linguagem, com sua natureza heterogênea, é caracterizada como um conjunto de regras variáveis, relacionadas a aspectos sociais que regem seu uso.

Embora o interesse pela ligação entre língua e sociedade tenha-se apresentado mais intenso no início dos anos setenta, foi em meados de 1950, que o termo *sociolinguística* surgiu, referindo-se às perspectivas símeles que linguistas e sociólogos mantinham sobre as questões das influências da linguagem na sociedade e o contexto social nas variedades linguísticas.

Nos anos de 1960, William Labov desenvolve um modelo teórico-metodológico conhecido como *Sociolinguística Variacionista* ou *Quantitativa* a partir de um estudo sobre a centralização dos ditongos em Martha's Vineyard, ilha de Massachussetts, nos EUA. Esse modelo postula a intrínseca relação existente entre a variação e o sistema linguístico, e demonstra que a variabilidade e heterogeneidade linguística é um fenômeno presente em todas as línguas naturais. Dessa forma, a variação linguística passa a ser o objeto dos estudos sociolinguísticos e compreendida como “princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (MOLLICA E BRAGA, 2003, p. 10).

A partir dessa perspectiva, a língua é compreendida como um fato social, concreto e dinâmico, utilizado por uma comunidade de fala real e heterogênea, na qual a variedade pode ser observada na fala dos indivíduos, ou mesmo, de um único indivíduo.



A teoria linguística laboviana procurou estabelecer as relações entre os diversos grupos sociais e as variedades de uso linguístico, e compreender, nas esferas sociais, a direção da mudança, que acaba por transformar o sistema da língua, a partir de processos fonéticos, fonológicos, morfológicos, entre outros. Labov (1972), ao relacionar linguagem e grupos sociais, trata do comportamento dos falantes sob vários prismas, entendendo o pesquisador, que as atitudes linguísticas podem se manifestar em formas, como: tendência regular de adoção da norma de prestígio, reação subjetiva de sensibilidade à norma, reconhecimento explícito de um traço linguístico como estereótipo, entre outros.

Essas orientações direcionaram os estudos sociolinguísticos primeiramente para o estabelecimento das diferenças linguísticas entre as classes sociais. Estudos recentes acrescentam outros fatores como grupos étnicos diferenciados, idade, escolaridade e sexo com o intuito de avaliar a influência desses vetores na variação da língua.

As diversas pesquisas sociolinguísticas têm tentado minimizar alguns preconceitos, ao refletirem sobre as diversidades e transformações inerentes à linguagem. Dessa forma, as línguas e suas variedades são igualmente complexas e eficazes para o exercício das funções a que se designam.

### 1.2.2 Dialetoлогия

Assim como a Sociolinguística, a Dialetoлогия volta-se para a diversidade linguística, rejeitando a ideia de homogeneidade do sistema linguístico. A diferença fundamental entre as duas disciplinas está no fato de possuírem objetos de estudo de natureza distinta, estando a Sociolinguística preocupada com a compreensão dos fatores que regulam as variações, enquanto a Dialetoлогия foca-se em descrever os falares no eixo espacial, localizando e descrevendo, regional e socialmente os dialetos de um dado lugar.

Sobre a definição de dialeto, Dubois (2006, p. 184) ensina que:

O dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua. Empregado correntemente como *dialeto regional* por oposição a *língua*, *dialeto* é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua, independentemente daquela.

No Brasil, segundo Ferreira e Cardoso (1994), a história da Dialetologia inicia-se com a colaboração de Domingos Borges de Barros para o *Atlas Etnográfico do Globo* de Adrien Balbi. Contudo, é com *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral, publicado em 1920, que o estudo do dialeto regional ocupa âmbito mais amplo, sendo considerados então, os aspectos fônicos, morfossintáticos e lexicais.

O trabalho de Amaral (1920) sobre o falar de São Paulo abre caminhos para novas pesquisas que se preocupam com a observação da língua em uma dada localização, como é o caso do estudo de Nascentes (1923) sobre o linguajar carioca, o de Marroquim (1934) sobre a linguagem dos falantes pernambucanos e alagoanos e o de Teixeira (1938) sobre os falares de Minas Gerais e Goiás.

Amaral, como explica Brandão (1991, p. 43), prenuncia “a semente da geografia linguística” a partir da consciência demonstrada por ele quanto à necessidade de sistematização das variedades regionais através de uma metodologia rígida. Essa orientação, de acordo com Mota e Cardoso (2006) direciona as pesquisas dialetológicas para a elaboração de atlas linguísticos, que, caracterizados pela pluridimensionalidade, evidenciam atualmente a imagem da Geolinguística:

O que se espera dos Atlas Linguísticos, hoje, é que possam dar a imagem real da pluralidade e das inter-relações dos fenômenos da variação. A nova configuração do mundo contemporâneo, a mobilidade social, a distribuição demográfica, entre outros, constituem-se em fatores que exigem um redirecionamento dos caminhos da metodologia dialetal, sem, contudo, quebrar-se a fidelidade ao princípio de que à Dialetologia cabe, prioritariamente, investigar a diversidade diatópica (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 239).

No Brasil, Nelson Rossi foi o pioneiro na elaboração de um atlas linguístico regional, concretizando em 1963, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. A confecção desse atlas inaugura, de acordo com Mota e Cardoso (2006), a quarta fase dos estudos dialetológicos no Brasil, que sucedeu a produção de glossários regionais do português brasileiro (primeira fase), a publicação dos trabalhos de Amaral, Nascentes e Marroquim (segunda fase) e o decreto para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (terceira fase).

Ante as dificuldades para elaboração de um Atlas nacional, os estudiosos voltaram-se para a confecção de Atlas regionais. Assim tem-se a publicação em 1963 do *Atlas prévio dos falares baianos*, o *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais* em 1977, o *Atlas linguístico da Paraíba* em 1984, o *Atlas linguístico de Sergipe* em 1987, o *Atlas linguístico do Paraná* em 1995, o *Atlas linguístico do Brasil – AliB* em 1998, o *Atlas linguístico-etnográfico*

*da região sul do Brasil* em 2002, o *Atlas linguístico sonoro do Pará* e o *Atlas linguístico do Amazonas*, ambos em 2004, o *Atlas linguístico de Sergipe II* em 2005, o *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara* e o *Atlas Linguístico Rural do Município de Ponta-Porã – Mato Grosso do Sul*, ambos em 2006, o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*, o *Atlas Linguístico do Paraná II* e o *Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar*, os três últimos em 2007, o *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* em 2008, o *Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco* e o *Atlas Linguístico do Iguatu-CE*, ambos em 2009 e o *Atlas linguístico do Ceará*, no prelo.

Recentemente, o projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) vem retomar o desejo de confecção de um atlas nacional. Suzana Alice Cardoso (UFBA), Jacyra Andrade Mota (UFBA), Abdelhak Razky (UFPA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC/UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Ana Paula Antunes Rocha (UFOP), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS) e Walter Koch (UFRGS) compõem um comitê nacional que coordena as atividades do projeto, que tem, dentre outras metas, descrever a realidade linguística do Brasil a partir da identificação das variações diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas). Segundo dados colhidos através do site do projeto ALiB, até o presente momento<sup>3</sup>, 194 localidades foram percorridas, ou seja, 77,6%, faltando ainda, a realização de inquirições em 64 localidades para que seja concluída a pesquisa.

### 1.2.3 Etnolinguística

A Etnolinguística é compreendida como a disciplina da Linguística que se encarrega das relações estabelecidas entre língua, cultura e sociedade. Os estudos etnolinguísticos surgiram no século XIX, quando pesquisadores norte-americanos voltaram-se para o estudo das línguas de grupos tribais, classificando-as linguística e etnicamente.

Em fins do século XIX, o antropólogo americano Franz Boas realizou um trabalho de descrição de grupos e línguas indígenas, relacionando os fatos culturais aos fatos linguísticos, combinando os princípios da escola humanística com os ideais da ciência. Suas ideias e métodos estatísticos para pesquisa de campo influenciaram estudiosos como Sapir, Kroeber, Whorf e Bloomfield (BIDERMAN, 2001).

---

<sup>3</sup> Consulta realizada em 13/12/2009 no site do projeto ALiB: [www.alib.ufba.br](http://www.alib.ufba.br).

Sapir (1969, p. 20), assim como Boas, acreditava que não havia como desvincular língua e cultura, uma vez que os sistemas sociais, culturais e linguísticos caminham paralelamente e as mudanças da sociedade são refletidas em sua estrutura linguística. Para Sapir, “a trama de padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa”, ou seja, cada língua expressa uma visão particular de mundo, que é organizada e refletida com mais propriedade no plano lexical, como observamos em suas palavras:

Que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo. Se por complexidade de uma língua se entende a série de interesses implícitos em seu léxico, não é preciso dizer que há uma correlação constante entre a complexidade linguística e a cultural (SAPIR, 1969, p. 51).

Sendo assim, a língua é ao mesmo tempo, produto da cultura e condição para que essa seja transmitida, apresentando-se como um conjunto heterogêneo de variedades linguísticas, de cujo estudo tem se ocupado disciplinas como a Sociolinguística e a Etnolinguística.

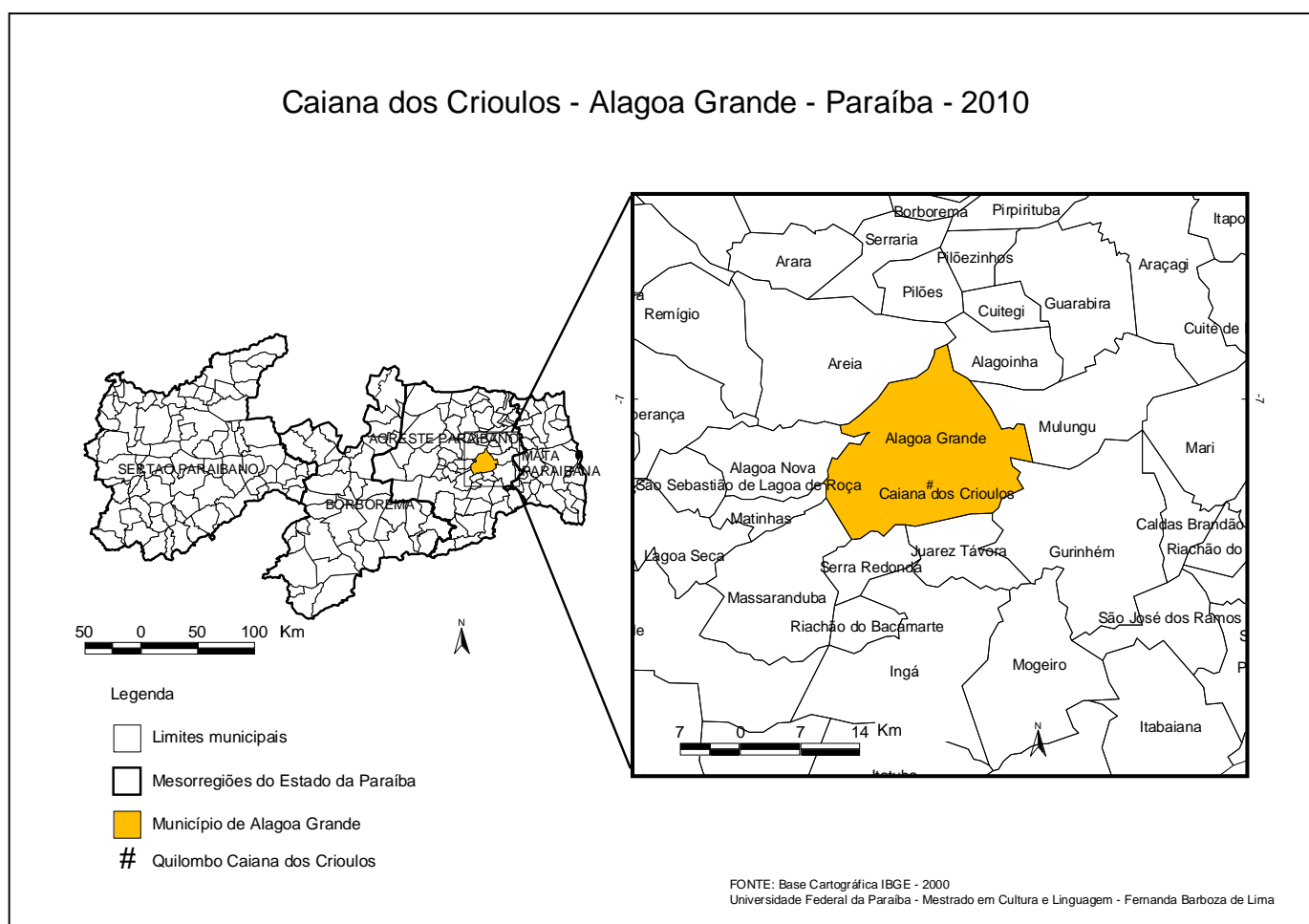
Coseriu (1979), por entender que essas disciplinas são definidas pelos linguistas de forma demasiado ampla, delimitou suas áreas de estudo, distinguindo as diferenças e apresentando os pontos comuns existentes entre elas. Assim, segundo o autor, a Sociolinguística seria o estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades falantes e a Etnolinguística, o estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura.

O pesquisador supramencionado ainda apresentou três planos linguísticos diferentes para cada disciplina: o plano do falar, o das línguas e o do discurso. A Etnolinguística do falar cabe estudar a linguagem definida pelo conhecimento universal do mundo. Já a Etnolinguística da língua preocupa-se com os fatos de uma língua determinados pelos saberes acerca das coisas e estratificação social das comunidades e por fim, cabe a Etnolinguística do Discurso, estudar os discursos, seus tipos e estruturas determinados pela cultura de uma comunidade (COSERIU, 1979).

### 1.3 METODOLOGIA

#### 1.4.1 A comunidade quilombola *Caiana dos Crioulos*

A comunidade de Caiana dos Crioulos situa-se no município de Alagoa Grande, na região do brejo do agreste paraibano. A localidade encontra-se a 12 km do centro de Alagoa Grande e seu acesso dá-se através de uma estrada de terra construída por volta de 1950.



**MAPA 1** – Localização geográfica de Caiana dos Crioulos

A história da região do brejo paraibano reflete os ciclos econômicos que serviram de base para a estrutura fundiária que hoje encontramos na região: ciclo do pau-brasil, ciclo de criação de gado e cana-de-açúcar e ciclo do agave. Já na segunda metade do século XVII, tem-se notícia da existência de engenhos na região e em 1620, à margem da Lagoa do Paó (atual Alagoa Grande) registra-se a instalação das primeiras casas e fazendas (ALMEIDA, 1994).

Os engenhos do brejo, ainda segundo Almeida (1994), conviveram com a escravatura na sua fase de declínio, em que a mão-de-obra escrava já se constituía como anti-econômica. Ainda que haja registros de senzalas nos engenhos, o habitual era a organização triangular: casa-grande, capela e fábrica, onde o sistema produtivo caracterizava-se pelas relações estabelecidas entre morador, escravo e parceria com lavradores.

Apenas em 1865, o município de Alagoa Grande, pertencente à época ao Distrito de Areia, foi emancipado com esse nome. Com relação à ocupação negra em Alagoa Grande, Freire (1996) afirma que em 1701 perseguiu-se no sítio Cumbe, um terrível grupo de pretos fugidos do massacre do Quilombo dos Palmares. Essa é uma das explicações dadas para a origem da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos.

Outra hipótese seria a que afirma que alguns negros se fixaram no trecho da serra que hoje é Caiana, quando a campanha abolicionista de Areia facilitou a fuga e libertação de muitos escravos. Ainda existe uma última explicação para a origem do lugarejo. Essa supõe que os primeiros habitantes de Caiana teriam vindo, no século XVIII, do município de Mamanguape, embrenhando-se na serra, acompanhando o curso do rio Mamanguape, após uma rebelião ocorrida com o desembarque de um navio negreiro que aportou em Baía da Traição, trazendo negros com o propósito de compor a massa trabalhadora dos engenhos da várzea paraibana.

Atualmente, a comunidade de Caiana compreende dois núcleos populacionais: Caiana do Agreste (onde observamos a miscigenação do negro com o índio) e Caiana dos Crioulos (onde há predominância da etnia negra).



**Foto 1 – Caiana dos Crioulos. Fonte: autora.**



**Foto 2 – Caiana do Agreste. Fonte: autora.**

A distinção entre os dois núcleos veio da necessidade de instituição de duas associações comunitárias que assegurariam um maior número de benefícios, como casas de farinha e escolas. De acordo com dados do SUS (Sistema Único de Saúde) existem mais de

200 famílias nas comunidades, que habitam casas distantes umas das outras, construídas em terrenos íngremes, sem arruamentos e com quintais de tamanhos diferentes que demonstram uma história de divisão territorial orientada pela hereditariedade.



**Foto 3 – Casas em Caiana dos Crioulos. Fonte: autora.**

Na organização familiar caianense percebemos o quanto é importante o papel feminino. São as mulheres que assumem todas as atividades relacionadas à região, uma vez que, é comum o fluxo migratório dos homens para cidades como Recife, João Pessoa e principalmente Rio de Janeiro, onde desenvolvem serviços na construção civil. Assim sendo, é função da mulher o cuidado dos filhos, da casa e do roçado, além de coordenarem as atividades culturais e religiosas da comunidade.

Quanto à organização econômica, verificamos que a principal atividade refere-se à agricultura de subsistência, sendo mais comuns as culturas de milho, feijão, fava e mandioca e fruteiras, como mangueira, cajueiro, bananeira, jaqueira e laranjeira. Os excedentes desses alimentos são vendidos por algumas famílias caianenses na feira semanal de Alagoa Grande. Uma outra atividade econômica importante para Caiana refere-se à produção da farinha. Existem casas de farinha particulares e também duas casas coletivas, construídas através das Associações.





Fotos 4 e 5 – Feira em Alagoa Grande. Fonte: autora.



Fotos 6 e 7 – Casa de farinha em Caiana do Agreste. Fonte: autora.

No que concerne à vida social dos moradores de Caiana dos Crioulos, a Igreja Católica de Santa Luzia representa o principal local dos eventos produzidos pela comunidade, que após participar das cerimônias religiosas, promove as festas “profanas” regadas a cocos de roda e cirandas em frente à igreja. Embora exista atualmente uma igreja evangélica, há a predominância da fé católica<sup>4</sup>, que pudemos constatar nas paredes, mesas e santuários das casas visitadas.

<sup>4</sup> De acordo com Anjos (2006, p. 89) desde os tempos coloniais até meados do século XX “as religiões africanas foram perseguidas, desprezadas ou permitidas apenas sob os disfarces do aparente sincretismo, em celebrações que remetiam a adaptações de festividades cristãs ou homenagens a similares católicos do panteão africano. A partir da década de 50 o nosso decantado racismo “brando” requintou-se ante a resistência visível de cultos ‘pagãos’”. (...) “Se nos primeiros tempos a rejeição era absoluta, essa atitude tendia a uma separação de mundos que permitia as práticas originárias do velho continente, embora isoladas ou mesmo escondidas. O movimento de atração dos negros a Igreja com argumentos de sincretismo favorecia o disfarce. A aceitação com ressalvas e branqueamentos, para facilitar a digestão da elite cristã fez com que boa parte da liberdade de culto se acentuasse. Mas o movimento atual visa à extinção de qualquer marca original, o esquecimento total de onde veio”.





**Fotos 8 e 9 – Representações da fé católica. Fonte: autora.**

A comunidade caianense tem hoje um grupo de coquistas e cirandeiras, o “Ciranda e coco de roda Margarida Maria Alves”, que canta e toca em dias festivos, principalmente em dias de santo, como o São João e o São Pedro, na Semana Santa e ainda para receber amigos e visitantes. O nome do grupo foi escolhido para homenagear a líder alagoagrandense Margarida Maria Alves<sup>5</sup>, assassinada há vinte anos. O grupo é composto por várias pessoas da mesma família, que ao som do ganzá de Seu Zuza e puxadas pela cirandeira Dona Edite dançam em um grande círculo entoando as melodias em coro.



**Foto 10 – Ciranda caianense em comemoração ao dia nacional da consciência negra. Fonte: autora.**

<sup>5</sup> De acordo com dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Margarida Maria Alves foi uma das fundadoras do Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural e presidente do Sindicato de Alagoa Grande (PB). Sendo a primeira mulher a ocupar um cargo de presidência de Sindicato no Estado, Margarida Maria Alves moveu mais de 600 ações trabalhistas contra os usineiros e senhores de Engenho da região. No dia 12 de agosto de 1983 foi morta a tiros em frente ao seu marido e filho por pistoleiro da região, contratado por fazendeiros, deputados e prefeitos que faziam parte do “Grupo da Várzea”, contra quem Margarida movia 75 ações trabalhistas.

Sobre Caiana e sua expressão cultural mais forte: as cirandas e cocos-de roda, Socorro Lira, cantora e poetisa paraibana, na contracapa do disco *Desencosta da parede*, escreve:

Caiana dos Crioulos é uma comunidade remanescente de quilombo, que fica numa serra do município de Alagoa Grande, Paraíba. Lá, além de se trabalhar, rezar, estudar, amar e brigar de vez em quando também se brinca e se diverte com o Coco de roda e a Ciranda, manifestações que aliam canto, dança e alegria.

E complementa, no verso da capa do disco *Caiana dos Crioulos: ciranda, coco de roda e outros cantos*, que “o que tem feito de Caiana um povo sobrevivente às condições mais adversas são suas raízes, sua cultura. São os laços de sangue, os valores, costumes e crenças; sua fé, suas festas; sua música, sua dança”, práticas e valores que ajudam a manter viva a esperança de melhores tempos e que permitem ao homem quilombola representar suas experiências, valores, identidade e história de seus antepassados.

#### 1.4.2 Coleta de dados e entrevistas

O *corpus* do presente trabalho é constituído pela fala dos informantes da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos. Os dados foram coletados segundo as orientações para a pesquisa sociolinguística, onde inicialmente foi realizada uma primeira visita à comunidade em questão, com o propósito de conhecer os líderes comunitários e expor nosso desejo de retorno à localidade para a realização de um estudo linguístico.

As entrevistas individuais, coletadas alguns meses depois, tiveram duração aproximada de 30 a 60 minutos. Os informantes foram selecionados segundo sua faixa etária, entre os quais priorizamos o informante com mais de 50 anos e do sexo feminino, por acreditarmos que seria esse público o que melhor resguardaria indícios linguísticos do contato com línguas africanas, uma vez que, é forte a política de migração para centros como Rio de Janeiro e Recife entre os homens.

Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização do informante, que foi antecipadamente informado que se tratava de uma pesquisa que tinha o intuito de melhor conhecer a comunidade caianense, sua história, sua cultura e seu povo. Pedíamos ao final de cada entrevista a autorização para o uso da gravação realizada e das fotos feitas, explicando mais detalhadamente ao fim da inquirição, os objetivos linguísticos pretendidos.

Quanto às questões, e ao estilo das entrevistas, optamos por módulos<sup>6</sup> (ou roteiros) de perguntas. Um questionário-guia foi utilizado, com perguntas que inquirem sobre cotidiano, histórias de casamentos, infância em Caiana, mitos caianenses, questões sociais (trabalho, saúde, educação), questões culturais (capoeira, ciranda, crenças), racismo, fome, origem de Caiana, identidade negra, entre outros. Essas perguntas possibilitavam narrativas das experiências pessoais, que acabavam por envolver o informante numa atmosfera de divagação, onde se desprendiam da forma do relato, esquecendo-se na maioria das vezes, que estavam sendo gravados.

As entrevistas totalizaram aproximadamente 18 horas de gravações. Desse material extraímos os fenômenos fonéticos e morfossintáticos analisados, além dos vocábulos considerados africanismos que elencamos no último capítulo da pesquisa.

Na tabela abaixo, informamos o sexo, a idade e as iniciais dos informantes inquiridos. Não achamos necessário identificar as iniciais no corpo do trabalho, uma vez que, não era nosso interesse realizar nenhum tipo de comparação entre sexo ou faixa etária.

<b>Entrevista</b>	<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>
1.	RNS	feminino	57 anos
2.	JJC	feminino	62 anos
3.	IAS	feminino	51 anos
4.	BMS	feminino	53 anos
5.	CC	feminino	54 anos
6.	NJS	feminino	62 anos
7.	JJS	masculino	66 anos
8.	EUNS	feminino	54 anos
9.	EJS	feminino	65 anos
10.	MNN	feminino	51 anos
11.	MFL	masculino	68 anos
12.	JANA	feminino	69 anos
13.	DBS	feminino	74 anos
14.	SMN	feminino	69 anos
15.	JG	masculino	84 anos
16.	AG	masculino	76 anos
17.	JDS	masculino	86 anos
18.	CJS	feminino	70 anos
20.	HM	feminino	73 anos
21.	SMS	feminino	66 anos
22.	EMC	feminino	96 anos
23.	OJS	feminino	63 anos
24.	JJS	masculino	84 anos
25.	MFT	feminino	64 anos
26.	MDS	feminino	62 anos
27.	MJC	feminino	79 anos

<sup>6</sup> De acordo com Tarallo (1985, p. 22), para atingir os propósitos metodológicos da pesquisa sociolinguística, podem-se formular módulos (ou roteiros) de perguntas: um questionário-guia de entrevista. Esses módulos têm por objetivo provocar entre outras coisas, a narrativa de experiências pessoais, “a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura”.

A expressiva maioria desses informantes é analfabeta. Embora alguns poucos declarem ter estudado uma ou duas séries do ensino primário no próprio local, normalmente só assinam o nome e sabem juntar algumas letras. Possuem entre 51 e 96 anos e normalmente não saem de Caiana. Trabalham na roça para ajudar o próprio sustento e o da família. Os mais velhos são aposentados como agricultores através do Funrural.

### 1.4.3 As variáveis linguísticas e extralinguísticas

Segundo os preceitos da sociolinguística variacionista, a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais. Para os fins dos estudos sociolinguísticos, há a necessidade do estabelecimento de parâmetros de ordem linguística (como os aspectos fonéticos e morfossintáticos, por exemplo) e de ordem extralinguística (como sexo, faixa etária, escolaridade, procedência, dentre outros) (LABOV, 1972).

Assim, os grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos podem explicar a diferença entre a presença de uma dada variação na fala dos diferentes segmentos sociais, ou sua ausência.

Em nosso estudo levamos em consideração, ao que concerne às variáveis extralinguísticas, os fatores *sexo*, *faixa etária* e *localização geográfica*, uma vez que era de nosso interesse a análise de indícios das mudanças ocorridas na estrutura da língua portuguesa. Assim, embora não tenhamos realizado um estudo comparativo entre a linguagem do homem e da mulher caianense, acreditamos que o público feminino idoso, por razões anteriormente citadas, resguardaria com mais propriedade os fenômenos linguísticos investigados. Pelo mesmo motivo, escolhemos uma região geográfica específica, pois entendemos serem as comunidades rurais afro-brasileiras isoladas o lugar mais propício para o encontro de marcas linguísticas que indicam a contribuição negra na formação do PPB.

Ao que se refere às variáveis linguísticas, analisamos fenômenos fonéticos e morfossintáticos. Estudamos alguns fenômenos fonéticos comuns nas diversas áreas rurais, como iotizações, determinadas monotongações, rotacismos, metáteses e apócopies e outros fenômenos menos comuns, como lambdacismos e determinadas assimilações e dissimilações, próteses e síncope mais facilmente encontradas em áreas rurais negras isoladas. Da mesma forma, elencamos fenômenos morfossintáticos comuns à fala popular brasileira, como simplificação das flexões e pluralização dos determinantes, bem como, neutralizações entre 1ª e 3ª pessoa do singular na Concordância Verbal (CV) e formas particulares de colocação de pronomes, compreendidas como consequências do contato com línguas africanas.

## *Capítulo 2*



## Preconceito

A história da escravização de povos africanos, que aqui chegaram aos milhares para servir de mão-de-obra nos canaviais, minas e cafezais, representa um dos traços mais marcantes da estrutura da sociedade brasileira. O esquecimento da força da história negra e a afirmação da superioridade branca e do desprestígio e inferiorização do negro ajudam-nos a compreender o porquê da intolerância, violência e racismo despendidos contra o povo que por muito tempo representou a maioria da população brasileira.

“Antigamente, a gente tinha munto, tinha assim, quando subia pá Lagoa Grande memu, quando passava pela pêmêra rua, aí muita gente dabochava da gente (...) Dizia assim: \_Nega preta... nega preta...n’era? A gente ficava tudo cum raiva, sem pudê dizê mai nada. Ia s’imbora. Agora, hoje tá uma coisa, munto... Ninguém fala mai... mai naquele tempo, era minha fia...

“Até a minha época, quanu um branco queria casá cuã nega, aí tinha aquela discriminação, todo mundo já dizia: \_Ele só qué casá cum tu, puquê ele num presta, se ele fosse uma pessoa que prestasse, num queria uma nega”.



**“(...) Aí chamava muguengo de Caiana...**

**A gente dizia assim:**

**\_ Nói somu preta, mai temu o que cumê,  
amarelo insuado! Eu dizia assim,  
eu mermu eu disse, puquê eu tinha raiva,  
a gente assim, no seu canto quieto, num é? Num tá  
bulinu com ninguém, mexeno cum ninguém. Pá que  
mexê com a vida dos ôtu?”**

**“A gente quandu ia assim, pá cidade,  
aqui em Alagoa Grande, a gente ia assim,  
até pensava como ia,  
puquê a gente era munto,  
assim discriminado,  
a gente sofria munto essa questão.**

**A gente ia e aí, quando a gente chegava assim,  
logo no iníssu da rua, do povoado ali do final da rua,  
vindo de lá pá cá, a gente era chamada de... não só eu,  
mái todo mundo: \_Lá vem os nêgo da Caiana!  
A mata pegou fogo!”**

**“Antigamente era munta discriminação,  
a gente num podia nem í nessa tal de  
Lagoa Grande, puquê quandu ia,  
quandu os pessoá dissia pá Lagoa Grande,  
pronto, quanu a gente ia cheganu na rua,  
os pessoá já ficava dizenu:**

**\_ Eita a mata pegou fogo! Eita, o céu tá tão azul!  
Num morreu boi nem cavalo, d’onde vem tanto  
arubu!?”**

## 2 FENÔMENOS FONÉTICOS ENCONTRADOS EM CAIANA DOS CRIoulos

O processo de interação linguística entre falantes africanos e a língua portuguesa, ocorrido durante os quatro séculos do tráfico transatlântico de negros feitos escravos, influenciou o desenvolvimento interno da língua portuguesa falada no Brasil, afastando-a do PE.

Nesse processo, de acordo com Castro (2001, p. 3), atuou significativamente o negro banto, por sua antiguidade, volume populacional e amplitude territorial alcançada por sua presença, sendo ele, “o principal agente transformador da língua portuguesa em sua modalidade brasileira e seu difusor pelo território brasileiro sob regime colonial e escravista”.

Partindo da observação das evidências linguísticas e extralinguísticas favoráveis ao processo de interação entre línguas africanas e o português, compreendemos que, o PB, naquilo em que se distanciou do PE é consequência de um movimento de africanização do português e aportuguesamento do africano, sobre uma matriz tupi pré-existente (CASTRO, 2001).

Esse intenso processo de interação, de acordo com alguns estudiosos, teria contribuído fortemente para o delineamento dos traços que caracterizam o PB, sendo o determinante de certas particularidades sonoras observadas. A proximidade da estrutura linguística do PE com as línguas faladas na África que aportaram no Brasil, a exemplo do sistema de sete vogais orais e estrutura silábica ideal (CV – consoante/vogal), teria propiciado um ambiente linguístico favorável para diversos fenômenos fonéticos, como iotização, monotongação, determinadas assimilações ou dissimilações, rotacismos, entre outros.

O estudo desses processos fonéticos e de outros processos linguísticos insere-se num contexto mais amplo, que busca definir as atuais particularidades do Português Brasileiro resultantes das interferências mútuas entre a família Indo-Europeia, a família Tupi e a família Niger-Congo.

Assim, é salutar para caracterização da realidade linguística brasileira, conforme Lucchesi (2009), dois tipos de atividade: (1) a pesquisa da documentação histórica disponível e (2) a análise empírica das eventuais características remanescentes do contato entre línguas no Brasil. Sobre a importância da segunda atividade, o autor esclarece que:

[...] a análise da fala das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas assume uma posição crucial. Na fala dessas comunidades podem ser encontrados indícios valiosos acerca das mudanças que teriam ocorrido na estrutura da língua portuguesa ao ser adquirida precariamente por um largo contingente



de escravos africanos e ao ter se nativizado entre os seus descendentes. Em função do seu isolamento anterior, essas comunidades seriam, assim, verdadeiros arquivos vivos de processos que teriam marcado a história da difusão da língua portuguesa pelo território brasileiro (LUCCHESI, 2009, p. 1-2).

Dessa forma, com o intuito de contribuir para a compreensão dos processos de formação histórica da vertente brasileira da língua portuguesa e sua atual realidade, apresentaremos nesse capítulo um estudo sobre determinados fenômenos fonéticos observados no falar de uma, das quase três mil comunidades rurais afro-brasileiras (ANJOS, 2006). Esses fenômenos foram compreendidos, ao longo do processo histórico e pelas várias correntes linguísticas, ora como resultado da influência africana, ora como traços do processo de criouliização do português do Brasil, ora numa direção oposta a essas vertentes, ou seja, como traços originários da forma não-padrão do Português de Portugal que aqui aportou.

Apresentaremos assim, no arcabouço teórico de cada caso fonético, algumas das diferentes visões e tratamentos dados a esses fenômenos, bem como, o resultado das inquirições realizadas em Caiana dos Crioulos, no tocante aos fenômenos fonéticos observados no falar da comunidade remanescente de quilombo que é objeto do nosso estudo.

## 2.1 IOTIZAÇÃO

O fenômeno denominado *iotização* refere-se à mudança da lateral palatal vozeada /ɲ/ para a semivogal /y/. Alguns foneticistas e dicionaristas atribuem outras denominações a esse fenômeno como, *ieísmo*, *iodização*, *ipsilonismo*, *despalatalização* e ainda *vocalização*. Quase todos esses termos, aparecem na descrição da transformação do /ɲ/ em /y/ realizada por Jota (1981, p. 103 e 179):

**Despalatalização** – s.f. Perda da palatalidade de um fonema. O fato não é raro em linguagem descuidada de alguns, que mudam o NH ou LH por N ou L antes do E ou I: companhia (por companhia), muler |(por mulher). Em camadas rurais é comum [véyu] (velho), [muyé] (mulher) etc. Fato, para nós, apenas fonético; no esp., fonológico, na passagem, p. ex., de dixo para dijo.

**Iodização** – s.f. Transformação de um fonema em iode: lactem > laite. leite. No linguajar caipira (sic) ouve-se muyé por mulher (iodização do fonema /lh/). A iodização precede a palatalização: lat. Milia > milya português milha. Na linguagem popular, ocorre, por vezes, a troca - /j / por / y /: hoye. Entre português, intercalação do iode para desfazer o hiato: a y água. V. ieísmo.

Na designação de *ieísmo* encontramos: “s.m – o mesmo que *ipsilonismo*”, que o autor supracitado entende como:

**Ipsilonismo** – s.m. Conversão do [l] palatal na semiconsoante [y]. Apesar de recriminado por alguns, o ieísmo ganha proporção na França e Espanha. No esp., palavra como **calle** tem três realizações, uma das quais com ieísmo: [calhe] [caye] e [caje] (sic). Na passagem do latim para o português contemporâneo, só ocorre em meios incultos: muyé (mulher), fiyu (filho) etc (JOTA, 1981, p. 179).

A despalatalização, iodização, ieísmo ou ipsilonismo são registrados por Jota (1981) como fenômenos fonéticos idênticos resultantes do contato com as línguas africanas. Isso se evidencia quando o autor define o termo africanismo, apresentando exemplos de iotização:

**Africanismo** – s.m. Empréstimo tomado às línguas africanas. No português os africanos se evidenciam, talvez na fonética (fulô por flor, muié por mulher), mas sem dúvida no vocabulário, onde vigem palavras de origem principalmente nagô (ioruba) e banta, o que é fácil de testemunhar na culinária nortista, no linguajar da umbanda e da quimbanda, e no folclore (JOTA, 1981, p. 25).

Para Câmara Jr. (2007, p. 185) o fenômeno de *iotização* é a:

Mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode. Nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas /l/ e /n/ / ex. mulher > muié /, *Nhonhô* > *Ioiô*.

Segundo Aragão (2009, p. 5), “em determinados contextos, por facilidade ou relaxamento de articulação, o /Λ/ pode perder o traço palatal, passando a ser articulado como alveolar /l/, como iode /y/ ou sofrer apagamento, desaparecendo”. De acordo com a linguista, alguns autores entendem esse fenômeno como um problema de influência africana, outros acreditam ser a iotização uma transformação fonética do latim para o português e ainda há os que creem ser um fato fonológico gerador de um novo fonema. A iotização pode ser vista também, segundo Aragão, como “variedade regional, social, estilística ou individual”.

Mendonça (1948) entendendo a vocalização como resultado do contato com o africano, explica-a como uma alteração fonética onde o fonema línguo-palatal *lh* → /Λ/ transforma-se na semivogal /y/. De acordo com o linguista, fenômeno análogo ocorre em Cabo Verde: melhor → meyor; Guiné: filha → fiya; São Tomé: folha → foya e Príncipe: orelha → uriá.

Em seu estudo sobre o falar caipira de São Paulo, Amaral (1982) ressalta a colaboração do negro nas alterações de fenômenos fonéticos observados principalmente em áreas rurais, explicando assim como Mendonça (1948), que a iodização do fonema /Λ/, como em *mulher* → *muié* é a mesma que se verifica na pronúncia dos crioulos de Cabo Verde e Guiné, e nas ilhas de Príncipe e São Tomé.

Contemporâneo de Mendonça (1948) e Amaral (1920; 1982), Raimundo (1933, p. 70), ao fazer a listagem das alterações fonéticas decorrentes da influência linguística exercida pelo elemento negro ao falar português, também entende como vocalização, a queda do [l] seguido de iodização, como em *supêio* (*espelho*), *muié* (*mulher*), *fia* (*filha*), *ôio* (*olho*), *supaiá* (*espalhar*), *famia* (*família*).

Ao discorrer sobre a semivocalização do *l* ou *lh* palatal, Melo (1971) salientou a posição de alguns estudiosos tupinistas, que observaram esse aspecto fonético como fruto da ação de línguas indígenas. Também chamou à atenção para o fato da transformação *lh* > *y* ser românica, podendo assim, ser explicada sem a interferência dos pressupostos da língua geral ou mesmo, dos idiomas africanos. Contudo, o autor mostrou-se inclinado a explicar a mudança *lh* > *y* como consequência da influência africana, uma vez que, segundo ele, esse fato fonético ocorreu de regra nas zonas mais africanizadas do país, em pontos de intenso trabalho negro, como Minas Gerais, no momento histórico-econômico do ciclo do ouro.

Corroborando com os autores supracitados, Castro (2001, p. 77), em pesquisa mais recente sobre a contribuição do negro na constituição do português falado no Brasil, apresenta o fenômeno de iodização como particularidade fonológica resultante de “uma imantação dos sistemas fônicos africanos em direção ao sistema do português”, ocorrendo que:

A palatal lateral, grafada *lh* em português, desconhecida pelas línguas africanas em questão, é então trocada: por /y/, que tem larga distribuição geográfica no campo da interferência afro-românica e já fora atestada na fala do negro em Lisboa, nos princípios do século XVI. Cf. *mulher*, *filho*, *palha* → \**muyé*, \**fyu*, \**paya*, ou por /l/, quando seguida de /e/, também como uma tendência no falar mais educado, informal e descontraído. Cf. *mulher*, *colher* → \**mulé*, \**culé* (CASTRO, 2001, p. 177).

Em inquirição realizada na vila de Helvécia, no extremo sul da Bahia, para confecção do *Atlas Prévio dos Falares Baiano* (APFB), Ferreira (1994) destacou os ieísmos *arco-de-velha* → [arku di'veia] e *vermelho* → [vre'meiu], entendendo-os como traços remanescentes de um falar crioulo com ocorrência em diversas áreas rurais do Brasil.

Seguindo uma outra vertente de pensamento, que não considera de procedência africana o fenômeno estudado, Marroquim (2006) entende serem as modificações sofridas pelo português na América decorrentes do mesmo impulso natural de evolução que orientou as transformações do português falado em Portugal no século XVI.

Essa evolução, condicionada por fatores mesológicos étnicos e geográficos, segundo o autor, seria responsável pela perda do som molhado *lh*, que deixa de ser vibrante e despalataliza-se, como observamos em: milho → mio, filho → fio, atrapalhar → atrapaia, embrulhar → imbruiá, telha → teia. Esse fenômeno é observado, em geral, entre a população mais pobre e não-escolarizada (MARROQUIM, 2008, p. 68).

Abaixo, algumas ocorrências do fenômeno de iotização observadas na comunidade de Caiana dos Crioulos, seguidas de tabela com os substantivos, verbos e adjetivos analisados, bem como dois gráficos demonstrativos do fenômeno em questão. O primeiro refere-se à recorrência da troca da lateral palatal por lateral alveolar ou iode e o segundo gráfico analisa a recorrência da iotização em relação às vogais subsequentes ao fenômeno.

### 2.1.1 Análise das ocorrências de iotização em Caiana dos Crioulos

#### 2.1.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) filha/filho

[fay 'may 'mija 'fia]

['bõ 'pa cũvẽ'sa 'may 'nosus 'fiu]

##### (3) trabalhava

[pu'ke 'nũ trabay'ava 'nẽ 'nada]

##### (5) melhorou

[a'gõra mio'ro 'mũtu]

##### (7) toalha

['ũa tu'aya 'bẽ brã'kĩɲa]

##### (9) orelhão

[ure'iãu da bo'kõna deftã'mãĩ]

##### (11) mulher

['ah muy'ẽ 'fika traba'yãnu]

##### (2) velha/velho

['ela 'ẽ 'mũtu 'may 'vɛya 'ki eʊ]

['ũ 'õmi 'vɛy 'la]

##### (4) ajoelha

['sɔ a 'noyva 'ki azu'eya]

##### (6) palha

['kaza 'di 'paya]

##### (8) brincalhão

[ke'lɛra 'mũtu brĩkay'ãu]

##### (10) milho

[a 'ʒẽɾɪ a'plãta o 'miy]

##### (12) coelho

['tẽ 'u ku'eyu, 'tẽ 'u 'xatu ka'lũga]

## 2.1.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências e transcrições

IOTIZAÇÃO							
Substantivos				Verbos			
Palavra	Ocorrência	Transcrição	Freq.	Palavra	Ocorrência	Transcrição	Freq.
mulher	[mulé]	[mu'le]	15	trabalhava	[trabaiava]	[trabay'ava]	4
mulher	[muié]	[muy'ε]	2	trabalhar	[trabaiá]	[trabay'a]	7
palha	[paia]	['paya]	1	trabalha	[trabaia]	[tra'baya]	3
toalha	[tuaia]	[tu'aya]	1	trabalhando	[trabaiano]	[traba'yānu]	10
milho	[mii]	['miy]	6	trabalhou	[trabaiô]	[trabay'o]	3
milho	[mio]	['miu]	1	ajoelha	[ajoeia]	[aʒu'eya]	1
trabalho	[trabaio]	[tra'bayu]	6	melhorou	[miorô]	[myo'ro]	1
filha	[fia]	['fya]	3	melhorando	[mioranu]	[myo'rānu]	2
orelhão	[ureão]	[ure'āu]	1	Adjetivos			
Guilherme	[guiléme]	[gi'lɛmi]	10	Palavra	Ocorrência	Transcrição	Freq.
Carvalho	[carvalo]	[kah'valu]	1	velha	[véia]	['veya]	2
coelho	[coeio]	[ku'eyu]	1	velhinha	[veinha]	[vɛ'ĩna]	1
olho	[ôio]	['oyu]	1	velho	[véiu]	['veyu]	5
olho	[ôi]	['oy]	1	brincalhão	[brincaião]	[brĩkay'āu]	2
folha	[foia]	['foya]	1				

## 2.1.1.3 Gráficos

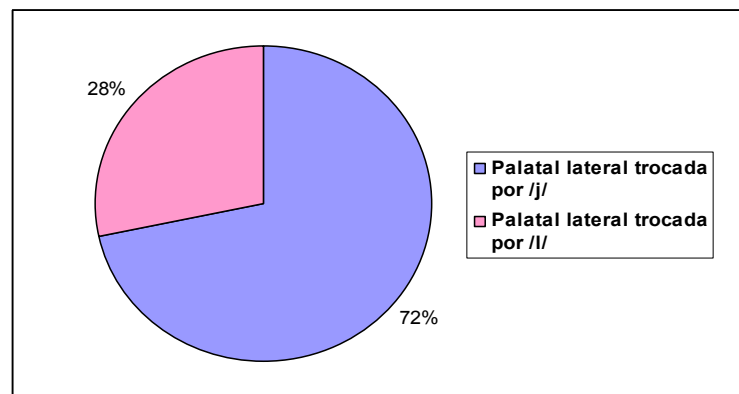


Gráfico 1 - Troca de lateral palatal por /l/ ou /j/

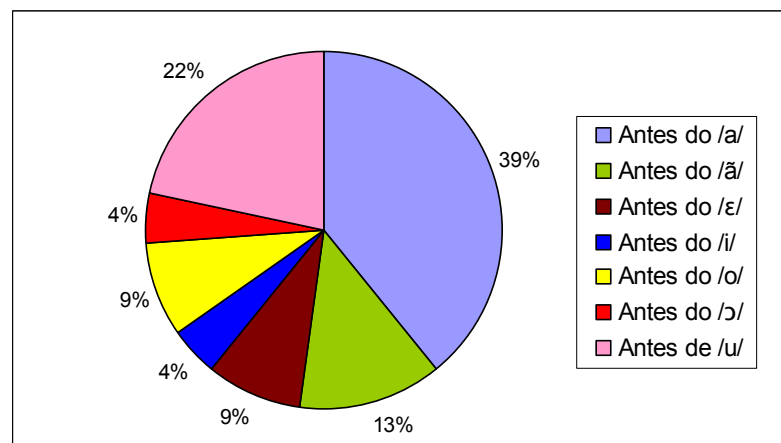


Gráfico 2 - Iotização em relação ao contexto seguinte

#### 2.1.1.4 Comentários

A partir da observação dos 12 substantivos, 3 verbos e 2 adjetivos que colhemos, pudemos perceber, com base na frequência de aparecimento do fenômeno analisado, que 72% do total, referem-se à mudança da palatal lateral /ɲ/ pela vogal /i/ ou semivogal /y/ e 28% desse total representam as ocorrências em que a palatal lateral /ɲ/ foi trocada pela lateral alveolar /l/, demonstrando que, na comunidade analisada, é expressivamente maior, a realização da iotização com transformação da palatal em semivogal (gráfico 1).

Em relação à iotização que precede as vogais (gráfico 2) encontramos, dentre as ocorrências analisadas, as seguintes realizações:

- ✓ Iotização antes do fonema /a/ como em: toalha /tu'aya/ → 39%;
- ✓ Iotização antes do fonema /ã/ como em: brincalhão /brĩkay'ãu/ → 13%;
- ✓ Iotização antes do fonema /ɛ/ como em: mulher /muyɛ/ → 9%;
- ✓ Iotização antes do fonema /i/ como em: velhinha /vɛijna/ → 4%;
- ✓ Iotização antes do fonema /o/ como em: trabalhou /trabayo/ → 9%;
- ✓ Iotização antes do fonema /ɔ/ como em: melhorando /micranu/ → 4%;
- ✓ Iotização antes do fonema /u/ como em: milho /miu/ → 22%;

Percebemos assim, que a iotização é mais recorrente antes da vogal baixa central e da vogal baixa posterior, sendo menos recorrente, antes da nasal baixa central, da média-baixa anterior e média alta posterior. Encontramos o menor índice de ocorrência antes da vogal alta anterior e da vogal média-baixa posterior.

## 2.2 BETACISMO

A troca do **v** por **b** (betacismo) quando inicial, como em *bamo* (vamos) foi compreendida por Raimundo (1933) como uma alteração fonética proveniente do contato com o negro.

Já Marroquim (2008, p. 62) atribui essa mudança à “formação da língua: *vesicam* > bexiga, *vaginam* > bainha, *votum* > bôdo”. O autor explica que essa alteração pode ser observada no nordeste, como nos casos *barrer* (varrer), *bassôra* (vassoura), *bésa* (véspera), *berruga* (verruga) ou *briba* (víbora). Contudo, raramente, segundo ele, o *b* passa a *v*, como em *desenxavido* (desenxabido).

Em seu dialeto caipira, Amaral (1982) observa que a troca entre esses fonemas cria muitas vezes, formas sincréticas, como: *burbuia* e *vevuia*, por borbulha; *berruga* ou *verrua*, *biête* e *viête* por bilhete; *mangaba* ou *mangava*; *bespa* ou *vespa*; *bagaço* ou *vagaço*.

Essa confusão fonética, explica Lausberg (1981), deveu-se à pronúncia de *b* e *v* intervocálicos. A troca de *v* inicial por *b*, segundo o estudioso, se encontra no espanhol, no português do norte, em gascão, em italiano meridional e em romeno antigo. Desses, o espanhol e o gascão não diferenciam *b* e *v* em início de palavra, o que também ocorre com o sardo, o italiano do sul e o catalão. Para esse autor, essa alteração decorre da modificação na passagem do latim para o português.

Entendendo esse fato fonético como próprio de comunidades rurais, Ferreira (1994) registrou na comunidade negra de Helvécia, a ocorrência *subaku* → *sovaco*.

Em Caiana dos Crioulos, encontramos três ocorrências de betacismos, elencadas e transcritas a seguir.

### 2.2.1 Análise das ocorrências de betacismo em Caiana dos Crioulos

#### 2.2.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) *vassoura*

[kɛ'bava 'ũa ba'sora 'nu 'matu]

[pɛ'gava u 'paʊ da ba'sora]

##### (3) *varria*

[ba'xya 'seu te'xeru]

##### (2) *varrer*

[pɛ'zêti 'di ʃe'ga i ba'xe]

#### 2.2.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências e transcrições

BETACISMO							
Substantivos				Verbos			
Palavra	Ocorrência	Transcrição	Freq.	Palavra	Ocorrência	Transcrição	Freq.
vassoura	[bassôra]	[ba'sora]	4	varrer	[barrê]	[ba'xe]	1
				varria	[barria]	[ba'xya]	1

### 2.2.1.3 Comentários

Em Caiana encontramos a realização do betacismo no verbo *varrer*, sua forma conjugada no pretérito perfeito do indicativo, *varria* e no substantivo derivado *vassoura*, sendo essa última ocorrência, observada numa maior frequência de realização.

## 2.3 SUARABÁCTI

Suarabácti é um metaplasmo de adição, que consiste no acréscimo de uma vogal para desfazer um grupo consonantal. Sobre isso, Dubois (et al, 2006, p. 412) explica que: “Chama-se *metaplasmo* uma mudança fonética que consiste na alteração de uma palavra pela supressão, adição ou permuta de fonemas: a elisão e a síncope são exemplos de metaplasmos”.

O autor supracitado entende que o suarabácti é o desenvolvimento de uma vogal no interior de um grupo de consoantes, como ocorre em advogado → *adivogado*, pneu → *pineu*, flor → *fulô* (DUBOIS, et al, 2006, p. 565).

Alguns autores tratam esse fenômeno como anaptixe, entendendo a desunião de duas consoantes por meio de uma vogal, como um processo linguístico de facilitação das pronúncias dos grupos consonantais. Sobre isso, Marroquim (2008, p. 66) elucida:

Um fenômeno geral da dialeção popular é o desdobramento dos grupos consonantais pelo acréscimo de uma vogal entre os dois fonemas. Explica-se isso pela dificuldade de pronúncia. Realmente é mais fácil ao povo alargar a palavra acrescentando-lhe uma sílaba, do que pronunciar duas consoantes juntas.

Os grupos *cl*, *lv*, *lm*, *fl*, enfim, aqueles em cuja composição entre um *l* sofrem esse alargamento, o que por vezes altera de maneira notável a palavra, tornando-a quase irreconhecível.

Há também esse alargamento em grupos formados com *r*, mas é menos vulgar: *ispilicá*, *apalaça*, *uruvaio*, *quilaridade*, *fulorá*, *gulora*, *Guilicéro*, *Silivestre*, *Quelemente*, *álíma*, *ingueleí*, *riculíta*, *quereca*, *irimão*.

Entre os autores que entenderam o suarabácti como fenômeno de procedência africana, Mendonça (1948) foi o primeiro a justificá-lo a partir da hipótese do tratamento semelhante que sofreram os grupos consonânticos entre os angolenses que falavam quimbundo, apresentando os seguintes exemplos: Cláudio → *Culáudio*, Clemente → *Quelemente*, flor → *fulô*, Rodolfo → *Rodolofu*, Cristóvão → *Kirisobo*, Cristina → *Kirixina*.



Raimundo (1933), sob a mesma premissa de alteração fonética de base africana, entende a epêntese como inserção de vogal idêntica à tônica para desfazer os grupos de consoantes *l* ou *r*, ou o grupo *sp*. O autor elenca como exemplo de epêntese: *flor* → *fulô*, *fraco* → *faraco*, *bravo* → *baravo*, *treva* → *tereva*, *bruto* → *buruto*, dentre outros. Mais recentemente, Ferreira (1994) detectou em Helvécia, um único caso de desmanchamento do grupo *cl*: *claro* → *kilaru*.

Embora não entenda a epêntese como traço fonético específico do elemento negro, Elia (1979, p. 241) acredita ser ele decorrente de um adstrato afro-índio, explicando-nos que:

É sabido que tanto indígenas como africanos tendiam a desfazer os grupos consonantais, praticando anaptixes ou suarabáctis. P. ex.: *fulô* (por *flor*), africanismo; *curuçu* (por *cruz*), indigenismo. Isto é, tendiam os falantes negros ou vermelhos para uma estrutura fonotática de sílabas abertas, o que, naturalmente, valorizava as vogais e não as consoantes.

Marroquim (2008), na caracterização dos consonantismos próprios dos falares pernambucanos e alagoanos traz o caso *cruz* → *curuzu* como proveniente do falar indígena. Melo (1971, p. 81) também atribui origem indígena, quando comenta sobre a mesma anaptixe: “(...) lembro que os índios produziram semelhantes anaptixes, como se vê de *curuzu* ou *curuça* por *cruz*”.

Amaral (1982) considera, entre os fenômenos colhidos no falar caipira de São Paulo, que os casos de suarabácti são modificações isoladas ou acidentais, registrando as ocorrências: *reculuta* → *recluta*, *Inglaterra* → *Inglaterra* e *garampo* → *grampo*.

Contrários a hipótese de influência africana e indígena ou a criouliização do português, Naro e Scherre (2007) reexaminam as origens estruturais do Português do Brasil, entendendo que o processo de manutenção da estrutura silábica CV, recorrente no PB, é similar ao que é observado no português europeu não-padrão. Os autores assim apresentam os exemplos *felor* → *flor*, *pelantar* → *plantar*, extraídos do estudo realizado por Leite de Vasconcelos sobre os dialetos continentais e o exemplo *guelória* → *glória*, extraído do estudo de Peixoto sobre o falar de Germil no extremo norte de Portugal, para explicar que a inserção vocálica entre grupos consonantais no PB é uma herança da fala popular de Portugal.

Concordando que os casos de suarabácti encontrados no PB são de procedência do “português de além-mar”, Coutinho (1976, p. 171) ensina que:

Anaptixe ou suarabácti é a epêntese especial que consiste em desfazer um grupo de consoantes pela intercalação de uma vogal, exs.: *grupa* (<*kruppa*,

germ.) > *garupa*, *bratta* (<*blatta*) > *barata*, *fevrairo* (< *febrariu* por *februariu*) > *fevereiro*. Pertencem ao português de além-mar: *carônica* (arc.), *carapinteiro* (pop.), *carapichoso* (pop.), *côngoro* (pop.), *peregalhas* (arc.), *caracunda* (pop.). No Brasil, ouve-se no dialeto caipira *Silivério*, *Silivana*, pronúncia ocorrente também em Portugal, na linguagem do povo. A forma atual caranguejo, antigamente *cangrejo*, em uso ainda entre o povo português, proveio de *cranguejo*.

Os autores supracitados acreditam que os metaplasmos de adição recorrentes no PB descendem da evolução das palavras portuguesas veiculadas pelo povo. Nosso trabalho, contudo, se orienta a partir dos pressupostos de estudiosos como Mendonça (1948), Raimundo (1933) e Castro (2001, p. 105). Essa última, estudando as particularidades fonéticas a partir da observação da linguagem do povo-de-santo<sup>7</sup> em seus cerimoniais religiosos, observou a criação de vogal epentética entre duas consoantes como um item ewe-fon, a exemplo de *àblà* > *abará*<sup>8</sup> e *àzri* → *aziri*<sup>9</sup>, explicando que o banto e o iorubá não conhecem os grupos consonantais e que o vocábulo *candomblé*, com junção *bl*, é formação brasileira, sendo de origem banto, o vocábulo *candombe* ou *candombé*.

A seguir, foram listados casos de inserção do /i/ e /e/ em encontros consonantais detectados nos falantes inquiridos em Caiana dos Crioulos.

### 2.3.1 Análise das ocorrências de suarabácti em Caiana dos Crioulos

#### 2.3.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) claro/clarozinho

[pu'ke di sei'zɔra 'ta ki'laru 'nɛ?]

[gɔf'tava 'di nãmɔ'ra 'nu kilaru'zĩ]

##### (2) dificuldade

[a may'ɔ difikuli'dadi da'ki 'ɛ 'nũ iziʃ'ti tra'balu]

##### (3) igualmente

[u lu'ga 'dus mi'ninu 'mɔra 'ɛ ig'wali'měti a'ki]

<sup>7</sup> Repertório linguístico da comunidade religiosa afro-brasileira (CASTRO, 2001, p. 265).

<sup>8</sup> Abará (kwa)(°BR) –s.m. espécie de bolo de feijão fradinho, preparado com azeite-de-dendê, envolvido em folhas de bananeira e cozido em banho-maria (CASTRO, 2001, p. 136).

<sup>9</sup> Aziri ou Ajiri (kwa)(PS) –s. **vodum** equivalente a **Oxum** (CASTRO, 2001, p. 148).

## 2.3.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências e transcrições

SUARABÁCTIS							
Substantivos				Verbos			
Palavra	Ocorrência	Transcrição	Freq.	Palavra	Ocorrência	Transcrição	Freq.
advogado	[adêvogado]	[adevo'gadu]	1	ignoro	[inguinoro]	[ĩginɔ'ru]	2
dificuldade	[dificuldade]	[difikuli'dadi]	1	ignorar	[inguinorá]	[ĩginɔ'ra]	1
				ignorava	[inguinorava]	[ĩginɔ'rava]	1
Adjetivos				Advérbios			
Palavra	Ocorrência	Transcrição	Freq.	Palavra	Ocorrência	Transcrição	Freq.
claro		[ki'laru]	2	igualmente	[igualmente]	[igʷali'mêti]	2
clarozinho		[kilaru'zi]	1				

## 2.3.1.3 Gráfico

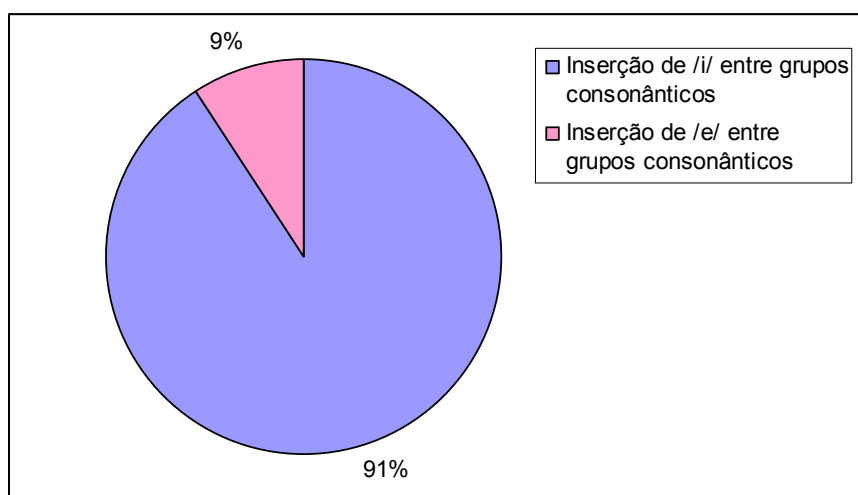


Gráfico 3 - Inserção de fonema vocálico em grupo consonantal

## 2.3.1.4 Comentários

Nas ocorrências de suarabáctis encontradas no falar caianense, temos que, em quase 100% dos casos ocorre a inserção da vogal alta anterior /i/ entre grupos consonânticos como *ld*, *gn*, *cl* e *lm*; ocorrendo um aparecimento de inserção da vogal média-alta anterior /e/ entre o grupo *dv*.

## 2.4 MONOTONGAÇÃO

O ditongo é uma sequência de segmentos vocálicos no interior de uma sílaba, em que um dos segmentos é entendido como uma vogal (ápice da sílaba) e o outro é interpretado

como semivogal ou glide, ou seja, a parte sem proeminência acentual no ditongo (SILVA, 2002).

O glide é representado pelos símbolos [y] e [w], que são diferentes das vogais [i] e [u] porque são levemente acentuados sem esforço muscular e não constituem sílabas independentes. De acordo com Dubois (et al, 2006, p. 308):

O termo *glide*, tomado de empréstimo à fonética inglesa, designa os fonemas tradicionalmente chamados, e com uma grande imprecisão, semiconsoantes ou semivogais. Esses fonemas, como o [y] de [sɛPyu] “sério”, o [w] de [aɡ<sup>w</sup>a] “água”, constituem uma classe de fonemas como as consoantes e as vogais, caracterizados pelo fato de que não são nem vocálicos nem consonânticos.

Temos dois tipos de ditongos, os crescentes, que se formam de semivogal + vogal e os decrescentes, que formam de vogal + semivogal. Entretanto, autores como Câmara Jr. (1985), consideram somente a existência dos ditongos decrescentes. Para ele, o que chamamos *ditongo*, muitas vezes, é um hiato, ou seja, duas vogais contíguas que pertencem a sílabas diferentes, o que ocorre pela existência ou não de pares opostos mínimos, onde a vogal tônica é seguida de vogal átona, ou a vogal átona é seguida da tônica. Segundo o autor, existem onze ditongos decrescentes orais (/a<sup>i</sup>/, /a<sup>u</sup>/, /êi/, /êi/, /éu/, /êu/, /i<sup>u</sup>/, /ô<sup>i</sup>/, /ô<sup>i</sup>/, /ô<sup>u</sup>/, /u<sup>i</sup>/) e apenas um crescente, a vogal assilábica /u/ após a plosiva labial diante de vogal silábica: /k, g<sup>u</sup>/, como em *quais* → /k<sup>u</sup>ais/, em que um ditongo crescente mais um decrescente com uma vogal assilábica formam o que conhecemos por *tritongo*.

No Brasil, a representação escrita do ditongo se distancia de sua configuração na fala, uma vez que, é comum o apagamento de semivogais como [y] e [w]. O fenômeno de redução dos ditongos, o que chamamos monotongação, vem chamando à atenção de estudiosos desde longas datas. Alguns linguistas relacionam-no a uma herança latina, outros, atribuem-no procedência africana.

Coutinho (1976), por exemplo, afirma que a tendência ao apagamento das semivogais vem do latim vulgar, onde os ditongos (ae, oe, au, eu) eram reduzidos a vogais simples. De acordo com o autor, a redução pode ter-se dado por distintas razões, como 1. queda de um fonema interno (amai → ameí), 2. transposição do –i– (metátase) para uma sílaba anterior (aria → area → eira; baijo → basiu → beijo), 3. vocalização do *c* antes de *t* e *s* (lacte → leite; laixar → laxare → leixar).

A partir da mesma lógica, Melo (1971, p. 82) afirma vir do latim a tendência a redução do ditongo no português, um fenômeno que também pode ser observado nas línguas de base

românica, francês e espanhol:

Reduções são fatos comuníssimos no latim (cf., por ex., *agustu-* por *augustu*) e nas línguas românicas. O francês reduziu sistematicamente os antigos ditongos *ai*, *au*, *ei*, *eu* e *ou*, e o mesmo fez o espanhol, desde a época pré-literária, com os ditongos românicos *ei* e *ou*, transmudados em *e* e *o*, o que produziu as formas *primero*, *toro*, *oro*, *poço*, *he*, *beso*, *caldera* etc. etc., exatamente como sucede no português do Brasil.

Da mesma forma que o ditongo *au* latino transformou-se em *ó* (*thesaurum* → tesouro), o *au*, no PPB, consoante Marroquim (2008, p. 25), passou a *ó* (automóvel → otómove). Essa “volta aos primeiros passos da língua” também é observada no ditongo *ei*, que perde a semivogal na linguagem mais popular brasileira (meia → mêa, feia → fêa), o que segundo o autor, era pronúncia regular no português antigo (arenam → arêa → arêa; telam → têa; coenam → cêa → cêa).

Essa opinião também é enfaticamente defendida por Bueno (1963), que acredita que “nunca poderemos atribuir a monotongação a influências africanas”, uma vez que, segundo o autor, idêntico fenômeno pode ser observado em quase todo sul de Portugal.

Para Amaral (1982, p. 25), a tendência à redução é “puramente fonética”. O autor chama à atenção para o apagamento de /w/ diante dos sons *r*, *v*, *k* e *x* (lôco, bassôra, frôxo, lavôra, côro, estôro) e permanência do /y/ diante de *s*, *ç*, *z*, *t* (noite, coisa, foice, biscoito).

Entre os que entendem a redução dos ditongos como influência africana, Mendonça (1948, p. 124) cita exemplos retirados da língua popular do Brasil, como cheiro → *chêro*, peixe → *pêxe*, beijo → *bêjo*, lavoura → *lavôra*, couve → *côve*, e louco → *lôco*; afirmando que a redução dos ditongos *ei* e *ou* operou-se “na mesma direcção entre os dialectos crioulos da África”, como ocorreu em **Cabo Verde**: leite → *lête*, pouco → *pôco*; **Guiné**: ligeiro → *ligêro*, pouco → *pôco*; **São Tomé**: primeiro → *plumêlo* e **Ano Bom**: terceiro → *tercelo*, outro → *otulu*.

Também Raimundo (1933) e Castro (2001) caracterizam como de origem africana, o fenômeno de apagamento das semivogais. Castro (2001, p. 125) acredita que a redução do ditongo *Vv* → *V* é o “resultado de um processo de dupla interação”, onde ocorre a tentativa de manutenção da estrutura CV.

Abaixo, é apresentado o levantamento de ocorrências de monotongação, coletadas entre os falantes de Caiana dos Crioulos. As três tabelas a seguir, listam as ocorrências de redução do ditongo *ei*, *ou*, *ai*, *ia*, *ua* e *au*, com gráficos respectivos, que demonstram quantitativamente, a frequência dessas ocorrências.

### 2.4.1 Análise das ocorrências de monotongação em Caiana dos Crioulos

#### 2.4.1.1 Ocorrências em contexto frasal

DITONGO /EI/

**(1) maleiro**

[‘ɛɾa ‘ah ‘mala ‘du ‘noyvu ‘i ‘da ‘noyva, ‘u ma‘leru]

**(2) satisfeita**

[‘a ‘ʒɛti fi’kava fati‘feta]

**(3) feixe**

[lɛ‘vava ‘feʃi ‘di ‘leɲa]

**(4) feijão**

[eʊ aprātu mio, feʒãu, gõdu]

**(5) poeira/poeirão**

[‘i a‘kela ‘nuvi ‘di pu‘ɛɾa ‘nu ‘mũdu, a‘keli pue‘rãu]

DITONGO /OU/

**(6) vassoura**

[kɛ‘bava ‘ũa ba‘soɾa ‘nu ‘matu]

**(7) doutor**

[pu‘ke ‘ki ‘nũ ‘mɔʃtra ‘ũa nɔ‘vɛla mɔʃ‘trãnu ‘ũ ‘negu do‘to?]

**(8) afrouxou**

[‘si afro‘fo ‘tudu, nĩ‘gẽ ‘liga ‘may ‘pa ‘vida]

DITONGOS /AI, IA, UA, AU/

**(9) embaixo**

[‘la ĩ‘baʃu, ‘nu sa‘pɛ]

**(10) história**

[‘nũ ‘tĩɲa ‘ɛsa iʃ‘tɔɾa ‘nãʊ]

**(11) d’água**

[kõʃtru‘ĩdu ‘ũa ‘kaʃa ‘daga]

**(12) auxiliar**

[‘eʊ ‘so asili‘a ‘di si‘visus gɛ‘ɾays]

## 2.4.1.2 Tabelas com vocábulos e transcrições

Redução do ditongo <i>ei</i>					
Antes do /P/			Antes do /t/		
Palavra	transcrição	freq	Palavra	transcrição	freq
maleiro	[ma'leru]	3	satisfeita	[ʃati'feta]	2
dinheiro	[di'neru]	8	leite	[ʔ'leti]	1
dinheirinho	[diɲe'rĩ]	2	Antes do /f/		
companheiro	[cõpã'neru]	1	Palavra	transcrição	freq
costureira	[cuʃtu'rɛru]	1	deixa	[ʔ'dɛʃa]	1
terreiro	[te'xeru]	5	feixe	[ʔ'fɛʃi]	1
capoeira	[kapu'era]	2	deixou	[de'ʃo]	1
brincadeira	[brĩka'dera]	5	Antes do /ʒ/		
besteira	[beʃ'tera]	4	Palavra	transcrição	freq
primeira	[pri'mera]	3	feijão	[fe'ʒãu]	4
primeiro	[pri'meru]	4	beijo	[ʔ'beʒu]	3
feira	[ʔ'fera]	1	beijar	[be'ʒa]	3
carreira	[ka'Xera]	3	Antes do /a/		
carreirão	[kaXe'rãu]	2	Palavra	transcrição	freq
janeiro	[ʒa'neru]	1	areia	[a'rea]	2
solteira	[sou'tera]	1			
solteiro	[sou'teru]	1			
cadeira	[ka'dera]	3			
chiqueiro	[ʃi'keru]	3			
poleiro	[pu'leru]	2			
macaxeira	[maka'fɛra]	1			
pedreiro	[pe'deru]	2			
carpinteiro	[kahpĩ'teru]	1			
maneira	[ma'nera]	3			
barreira	[baXera]	1			
geladeira	[ʒɛla'dera]	1			
peixeira	[pe'fɛra]	1			
enfermeira	[ĩfeh'mera]	1			
poeira	[pu'era]	1			
poeirão	[pue'rau]	1			
pedreira	[pe'dera]	1			
barreiro	[ba'Xeru]	1			
parteira	[pah'tera]	1			
fazendeiro	[fazẽ'deru]	1			
padroeiro	[padu'eru]	1			
merendeira	[mɛrẽ'dera]	1			
banheiro	[ba'neru]	1			
sanfoneiro	[sãfõ'neru]				

Redução do ditongo <i>ou</i>					
Antes do /P/			Antes do /t/		
Palavra	transcrição	freq	Palavra	transcrição	freq
couro	['koru]	1	outro	['otu]	45
tesouro	[ti'zoru]	1	outra	['ota]	7
vassoura	[ba'sora]	2	outras	['otas]	1
			noutro	['notu]	1
			doutor	[do'to]	1
Antes do /p/			Antes do /l/		
Palavra	transcrição	freq	Palavra	transcrição	freq
roupa	['xopa]	5	crioulo	[ki'olu]	8
roupinha	[xo'pĩna]	1			
Antes do /k/			Em final de flexões verbais		
Palavra	transcrição	freq	Palavra	transcrição	freq
pouco	['poku]	4	ganhou	[ga'no]	1
pouca	['poka]	2	botou	[bu'to]	1
pouquinho	[po'ki]	2	deixou	[de'fo]	2
pouquinha	[po'kĩna]	2	afrouxou	[afro'fo]	1
			tirou	[ti'ro]	1
			melhorou	[mio'ro]	1
Redução do ditongo <i>ai</i>			Redução do ditongo <i>ia</i>		
Antes do /ʃ/			Final de sílaba		
Palavra	transcrição	freq	Palavra	transcrição	freq
baixo	['baʃu]	2	história	[iʃ'tɔra]	3
abaixo	[a'baʃu]	1	vivência	[vi'vêsa]	1
embaixo	[ẽ'baʃu]	2			
Redução do ditongo <i>ua</i>			Redução do ditongo <i>au</i>		
Final de sílaba			Início de sílaba		
Palavra	transcrição	freq	Palavra	transcrição	freq
d'água	['daga]	2	auxiliar	[asili'a]	1
água	['aga]	1			

### 2.4.1.3 Gráficos

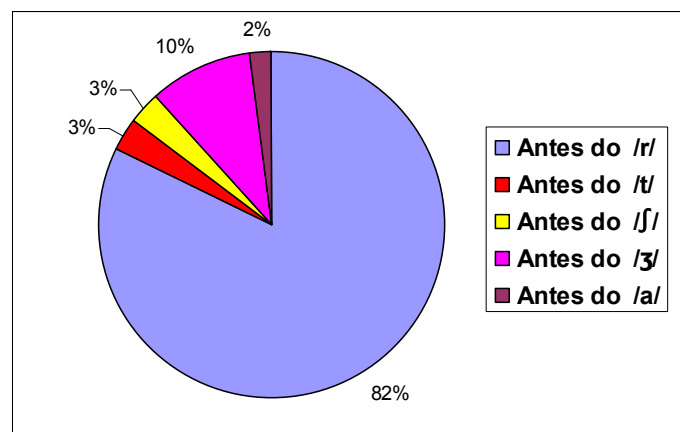
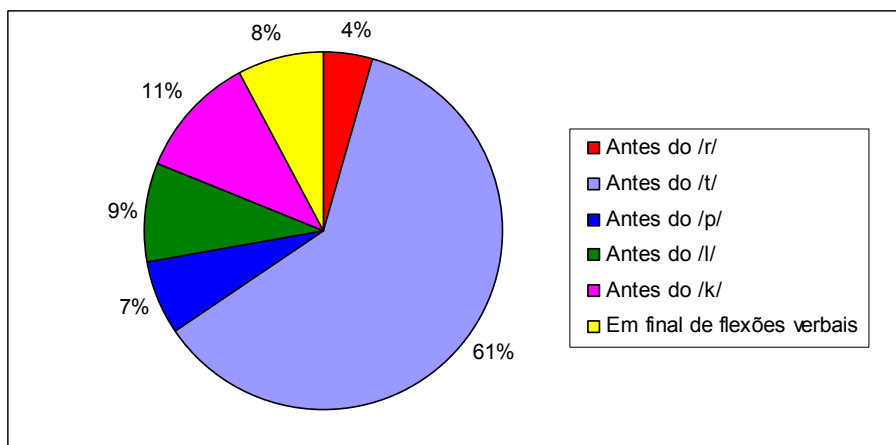
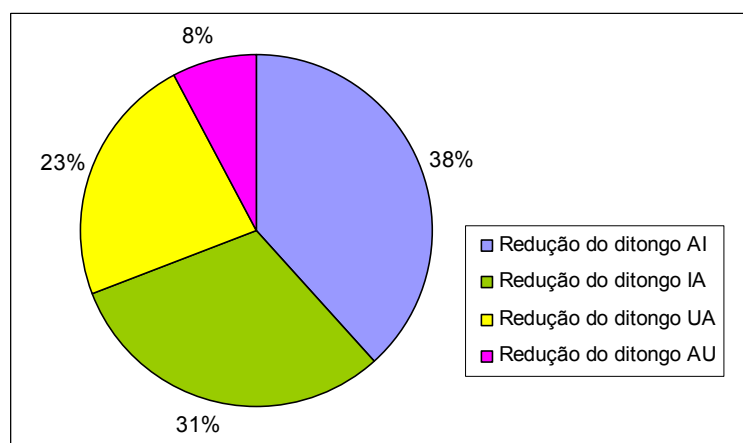


Gráfico 4 - Redução do ditongo *ei*



Gráfico 5 - Redução do ditongo *ou*Gráfico 6 - Redução dos ditongos *ai, ia, ua, au*.

#### 2.4.1.4 Comentários

Percebemos que 82% das ocorrências de monotongação de *ei* (gráfico 4), ou seja, a expressiva maioria, ocorrem em posição antecedente ao tepe alveolar, como em *capoeira* → [kapu'era]. Essa supressão pode ocorrer devido ao fato da consoante /r/ e a semivogal /y/ partilharem os seguintes traços distintivos: [+soantes, + contínuas, +vozeadas]. A segunda maior ocorrência, ou seja, 10% do total, deu-se antes da fricativa alveopalatal sonora [ʃ], como em *feijão* → [fe'ʒãu], que compartilha com /y/, os traços [+soante, +alto, +vozeada]. A menor incidência de monotongação (3% e 2%), observamos antes da oclusiva alveolar /t/, da fricativa alveopalatal sonora /ʃ/, e da vogal central baixa /a/.

A supressão da semivogal /w/, no ditongo /ou/ (gráfico 5) antes da oclusiva alveolar surda /t/, como em *doutor* → [do'to], foi observada em 61% dos casos, ou seja, 55 dos 90 vocábulos colhidos. 11% das ocorrências de apagamento do /w/ foram observadas antes da

oclusiva velar surda /k/, como em pouco → ['poku]. Registramos ainda, ocorrências de monotongação do *ou* antes da lateral alveolar /l/ – 9% , em finais de flexões verbais de 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo – 8%, antes da bilabial oclusiva surda /p/ – 7% e antes do tepe /P/ – 4%.

Na última tabela trouxemos as ocorrências de supressão das semivogais nos ditongos *ai*, *ia*, *ua* e *au*, onde verificamos que (gráfico 6):

- ✓ Em 38% das ocorrências ocorreu o apagamento da semivogal /y/ antes da fricativa alveopalatal surda;
- ✓ Em 31% das ocorrências ocorreu o apagamento da semivogal /y/ em final de sílaba de paroxítonas;
- ✓ Em 23% das ocorrências ocorreu o apagamento da semivogal /w/ em final de sílaba de paroxítonas;
- ✓ Em 8% das ocorrências ocorreu o apagamento da semivogal /w/ em início de sílaba.

## 2.5 ROTACISMO

Embora seja corrente a definição de *rotacismo* como fenômeno fonético que consiste na substituição de /d/, e, sobretudo /l/ pela vibrante /r/, observamos nas definições dicionarizadas que alguns autores, como Câmara Jr. (2007, p. 264-265) entendem o fenômeno como uma transformação do /s/ em /r/:

**Rotacismo** – Mudança do /s/ entre vogais para /r/ dental. Foi uma lei fonética (v.) em latim arcaico. Por causa dela, uma série de nomes da 3ª inclinação (v.), neutros, apresentam radical diferente no nominativo e acusativo, sem vogal temática e sem desinência, em face dos outros casos com desinência começando por vogal, onde /s/ do radical passou a /r/: *corpus* (lat. arc. *corpus* – *corporis*).

Dubois (2006, p. 523) apresenta definição similar, embora explique que, por extensão, o fenômeno também designa a mudança do /d/ e /l/ em /r/:

Chama-se *rotacismo* a transformação da sibilante sonora [z] em [r] apical. Este processo se observa na fonética histórica do latim, onde os infinitivos *amare*, *legere*, *audire* etc., são originários da raiz verbal à qual se acresce uma desinência do infinitivo –*se*, onde o [z] intervocálico se torna [r]. Por extensão, o termo *rotacismo* designa a transformação do [r] a partir de outras consoantes, como [d] e sobretudo [l].

O rotacismo, para Silva Neto (1956), esteve presente desde a passagem do latim para o português arcaico, podendo já ser encontrado, no item 77 do Appendix Probi. Esse documento, segundo Cardeira (2006, p. 21), é:

[...] um dos mais importantes para o estudo do Latim Vulgar. Cerca do ano 700 d. C. uns monges italianos copiaram um tratado gramatical atribuído a Valério Probo (que viveu em meados do século I d. C.) e juntaram-lhe alguns apêndices. Um destes apêndices é uma lista de 227 correcções elaborada, provavelmente, por um professor de gramática.

No item 77 dessas correções temos “flagellum non fragellum”, ou seja, provavelmente falava-se com a lateral alveolar, quando se deveria pronunciar, segundo o documento, com a vibrante.

No que concerne ao português falado no Brasil, tratados como “O linguajar carioca” de Nascentes (1953, p. 53) também se referem à alternância entre lateral e vibrante como um fenômeno que ocorre “tal como na passagem do latim para o português”. Para o estudioso, esse fenômeno é de natureza fonológica.

Já na observação do falar paulista caipira, Amaral (1982, p. 82), quando descreve os fenômenos consonantais de diferenciação fonética que caracterizam o dialeto, comenta que o /l/ em final de sílaba, “muda-se em r”, como em *quarquér*, *papér*, *mér*, *arma*. O mesmo fonema, quando junto à outra consoante, “igualmente se muda em r”, como *craro*, *cumpreto*, *cramô(r)*, e *frô(r)*. Segundo o autor, essa troca é um dos “vícios de pronúncia” mais arraigados no dialeto paulista, sendo habitual no falar tanto dos mais cultos quanto dos mais rudes.

A alternância do /r/ e /l/, como explica Castro (2001, p. 96) é “comum nos dialetos de quicongo e quimbundo” (línguas bantas), entendendo que, o que ocorre com vocábulos como *problema*, *falta* e *aluguel*, que no falar popular brasileiro, podem tornar-se *pobrema*, *farta* e *aluguer* é o mesmo que acontece com vocábulos quimbundos como *calulu* ou *caruru*<sup>10</sup> e *malafo*<sup>11</sup> ou *marafó*.

A alternância r-l observada no PPB também foi explicada por Mendonça (1948) como uma influência exercida pelas línguas bantas que entraram em contato com o português falado no Brasil. De acordo com o autor, a inexistência do /r/ forte nas línguas bantas originou a

<sup>10</sup> Caruru (banto) l. s.m. iguaria feita à base de quiabo cortado, temperado com camarões secos, **dendê**, cebola, pimenta, prato típico da cozinha baiana (CASTRO, 2001, p. 203).

<sup>11</sup> Malafo (banto) s.m. **cachaça**, bebida votiva de **Exu** e **caboc(l)ão** (CASTRO, 2001, p. 272).

substituição do /r/ forte português por /l/ ou pelo /r/ fraco. A essa troca ele deu o nome de *rotacismo*.

A posição de Mendonça foi duramente censurada por Bueno (1963, p. 241), que afirmou está errada a definição de rotacismo dada pelo autor, bem como a procedência africana que ele atribuiu ao fenômeno:

O Sr. Mendonça e muitos com ele denominam *rotacismo* o fenômeno de alternância das vibrantes *r*, *l*. Não está correto. *Rotacismo* foi o fenômeno da substituição do *s* por *r* intervocálico, no latim pré-arcaico: *honoris*, *laboris*, *roris* em lugar de *honosis*, *labosis*, *rosis*. A alternância das vibrantes *r*, *l*, como *pranta*, *planta*, *praneta*, *planeta* nunca foi rotacismo. A substituição de *l* por *r* (*cabaro*, *cavalo*) é do tupi que não possuía *l*. (...) Os japoneses, que falam a nossa língua, incorrem nos mesmos defeitos: *Alala*, *Alalaquala* por *Arara*, *Araraquara*. Será também devido à influência dos negros?

Naro e Scherre (2007), ao discorrer sobre a alternância entre as líquidas /l/ e /r/, também partem de um posicionamento contrário à influência crioula. Para demonstrar a “fragilidade” da hipótese de Holm (*apud* Naro e Scherre, 2007), os autores traçam um quadro comparativo entre os dados colhidos por Holm, em seu estudo comparado das expressões idiomáticas do Português Vernacular Brasileiro (PVB) com línguas africanas e crioulos e os dados de pesquisadores como Leite de Vasconcelos, Peixoto, Alves e Ratinho<sup>12</sup>, que discorrem sobre a alternância /r/-/l/, a partir de ocorrências do português europeu dialetal.

Holm (*apud* Naro e Scherre, 2007) apresenta a ocorrência *surtão* (sultão) para exemplificar o processo de alternância /r/ por /l/ em coda silábica. Naro e Scherre (2007) apresentam *azur* (azul), *carcar* (calcar) de Leite de Vasconcelos; *farta* (falta), *arfasia* (alface) de Peixoto, e *purmões* (pulmões) de Alves para explicar o mesmo processo.

A alternância entre /r/ por /l/ em grupos consonantais não é apresentada por Holm, mas é demonstrada a partir das pesquisas de Alves, *frutuar* (flutuar), *crausto* (claustro) e Ratinho, *nebrina* (neblina).

Os dados de nossa pesquisa também demonstram a realização de rotacismos em coda silábica e em grupos consonantais, como podemos verificar logo abaixo, nas tabelas e gráfico que ilustram a frequência de realização da mudança do /l/ em /r/ nos dois processos mencionados.

<sup>12</sup> Os exemplos elencados fazem parte das obras de Leite de Vasconcelos (1987/1901), para os dialetos continentais; de Peixoto (1968) para o falar de Germil, no extremo norte de Portugal; de Alves (1965), para a linguagem dos pescadores de Ericeira, no sudoeste de Portugal; e de Ratinho (1959), para o falar de Monte Gordo, no extremo sul de Portugal (NARO E SCHERRE, 2007, p. 122).

### 2.5.1 Análise das ocorrências de rotacismo em Caiana dos Crioulos

#### 2.5.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) solteira

[‘si ‘eu ‘fosi ‘ũa ‘mosa soh‘tera, ‘pa ‘vĩ be‘ʒa ‘na ‘mĩɲa ‘boka, ‘eu ki‘ɾya ‘nada!]

##### (2) almoçar

[‘eu ‘ẽtu ‘pa ‘dẽtu, ‘vo ahmu‘sa, tu‘ma ‘bãĩ]

##### (3) explicação

[‘i ‘da a‘kela isprika‘sãu ‘i ‘prõtu]

##### (4) reflexão

[‘na ‘mĩɲa xɛfrɛki‘sãu, ‘suʒi ‘mũtas ãtɛxɔga‘sõys]

##### (5) clara

[ka‘zo ‘cõ ‘ũa mi‘nina ‘kɾaɾa, a‘sĩ ‘ki ‘nẽ vo‘seys]

#### 2.5.1.2 Tabela com vocábulos e transcrições

ROTACISMO EM CODA SILÁBICA								
Substantivos		Freq	Verbos		Freq	Adjetivos		Freq
Palavra	Transcrição		Palavra	Transcrição		Palavra	Transcrição	
volta	[‘vɔhta]	2	voltou	[voh‘to]	3	alvinha	[ah‘viɲa]	1
solteira	[soh‘tera]	4	voltar	[voh‘ta]	1	revoltada	[xɛvɔh‘tada]	2
solteiro	[soh‘teru]	2	volto	[‘vɔhtu]	1	Pronome		Freq
almoço	[ah‘mosu]	2	voltado	[vɔh‘tadu]	1			
			voltava	[vɔh‘tava]	2	Palavra	Transcrição	Freq
			voltando	[vɔh‘tanu]	1			
			alcancei	[ahkã‘sey]	1	qualquer	[k‘ah‘kɛ]	1
			almoçar	[ahmu‘sa]	1			
			faltar	[fah‘ta]	1			
			soltar	[sɔh‘ta]	1			
			maltratou	[mahtra‘to]	1			

ROTACISMO EM GRUPOS CONSONANTAIS								
Substantivos		Fre	Verbos		Fre	Adjetivos		Fre
Palavra	Transcrição		Palavra	Transcrição		Palavra	Transcrição	
problema	[pɔ‘brema]	1	completei	[kõpre‘tey]	1	claro	[‘kraru]	1
público	[‘pubriku]	5	plantar	[prã‘ta]	1	clara	[‘krara]	2
planta	[‘prãta]	3	planto	[‘prãtu]	1			
explicação	[esprika‘sãu]	1	explicar	[espri‘ka]	5			
exclamação	[eskrama‘sãu]	1	explicou	[espri‘ko]	1			
reflexão	[xɛfrɛki‘sãu]	1	refletir	[xɛfri‘ti]	1			
planejamento	[praneʒa‘mẽtu]	1	refletindo	[xɛfri‘tĩdu]	1			
exemplo	[ɛ‘zẽpru]	1	complica	[kõ‘prika]	1			
flecha	[‘frɛʃa]	1	reclamado	[xɛkra‘madu]	1			

### 2.5.1.3 Gráfico

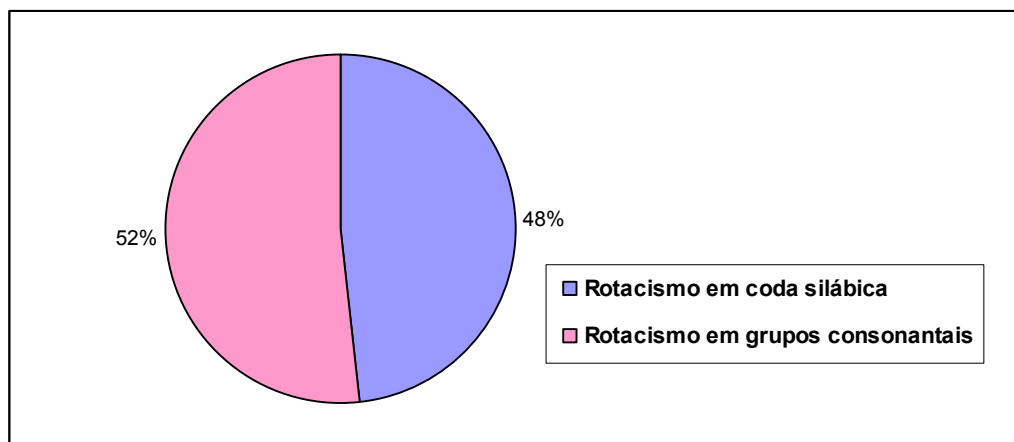


Gráfico 7 - Processos de alternância do /r/ por /l/.

### 2.5.1.4 Comentários

Verificamos a ocorrência de 38 rotacismos, sendo 13 substantivos, 12 verbos flexionados, 4 adjetivos e 1 pronome. Embora seja pequena a diferença, verificamos que 52% das realizações ocorreram em grupos consonantais, como em *planta* → [‘prãta] e 48% em coda silábica, como em *almoço* → [ah‘mosu].

## 2.6 LAMBDACISMO

Lambdacismo é a articulação da lateral em lugar da vibrante. Como ensina Bagno (1999, p. 92), essa troca “ocorre no português não-padrão, em variantes como *calvão*, *celveja*, *galfo*”. Para o autor, tanto o rotacismo como o lambdacismo ocorrem “em ambientes fonéticos específicos”, como diante de consoantes ou em determinadas posições do fonema na palavra.

Como já explicado anteriormente, Mendonça (1948, p. 122) atribui essa ocorrência no português popular falado no Brasil ao contato com o africano, entendendo o autor, que a ausência da vibrante nas línguas bantu “originou a substituição do *r* forte português por *l*”, como em *rapaz* → *lapassi*, *carro* → *calo*, *era* → *ela*, *fora* → *folá*.

Embora declare que esse tipo de ocorrência “não se encontra na fala do Brasil”, Bueno (1963, p. 241) diz aceitar como “africanismo” o fenômeno de troca do /r/ por /l/, entendendo, contudo, que essa troca “só se averigua na língua dos negros quando tiveram de empregar tais palavras”.

Holm (*apud* Naro e Scherre, 2007, p. 126)) apresenta as ocorrências *lapassi* (rapaz) e *lato* (rato) para exemplificar o processo de alternância /l/ por /r/ em posição pré-vocálica. Naro e Scherre (2007, p. 126) apresentam *pelegrino* (peregrino) de Peixoto, *ralidade* (raridade), *ralu* (raro) de Alves e *qargulejo* (gargarejo) de Ratinho para explicar o mesmo processo. A alternância de /l/ por /r/ em grupos consonantais é exemplificada pela ocorrência *esclavo* (escravo) em Holm, *planto* (pranto) em Alves e *sacário* (sacrário) em Ratinho.

A troca de /l/ por /r/ em coda silábica não foi registrada por Holm e é apresentada por Naro e Scherre (2007, p. 126) a partir das ocorrências encontradas por Peixoto (*almazaim* → armazém) e Ratinho (*almairus* → armários).

Temos o registro, no falar caianense, de ocorrências de lambdacismo em posição pré-vocálica e em encontros consonantais. Não foi registrada nenhuma troca de /l/ por /r/ em coda silábica, como podemos observar nos quadros e gráfico abaixo.

## 2.6.1 Análise das ocorrências de lambdacismo em Caiana dos Crioulos

### 2.6.1.1 Ocorrências em contexto frasal

#### (1) horário

[‘todas ‘zɔʔa ‘eu ‘pasu ‘la, ‘sɔ ‘nãʊ ‘pasu ‘esi ɔ‘laliʊ]

#### (2) marido

[‘meʊ ma‘lidu ‘ɛ ‘sɔ ‘di fa‘ze ‘masa]

#### (3) amarelo

[kõ‘pava ‘tĩta ‘veʔi, ‘tĩta a‘zu, ama‘lelu]

#### (4) secretária

[‘a ‘ʒẽti ‘tava ‘nũa xɛuni‘ãʊ ‘cũ ‘a sɛkle‘taʔya ‘di sa‘udi]

#### (5) fraco

[‘si ‘u xɔ‘sadu ‘fo ‘flaku, a‘i ‘põtu!]

### 2.6.1.2 Tabelas com vocábulos e transcrições

LMBDACISMO EM POSIÇÃO PRÉ-VOCÁLICA								
Substantivos		Freq	Verbos		Freq	Adjetivos		Freq
Palavra	Transcrição		Palavra	Transcrição		Palavra	Transcrição	
espera	[es'pɛla]	1	era	['ɛla]	1	amarelo	[ama'lelu]	1
horário	[ɔ'laliʊ]	2	saíram	[as'ilu]	1	Advérbio		Freq
marido	[ma'lidu]	1				Palavra	Transcrição	
						agora	[a'gɔla]	2

LAMBdacISMO EM GRUPOS CONSONANTAIS					
Substantivos		Freq	Adjetivos		Freq
Palavra	Transcrição		Palavra	Transcrição	
secretária	[sekɫɛ'tarya]	2	fraco	['flaku]	1

### 2.6.1.3 Gráfico

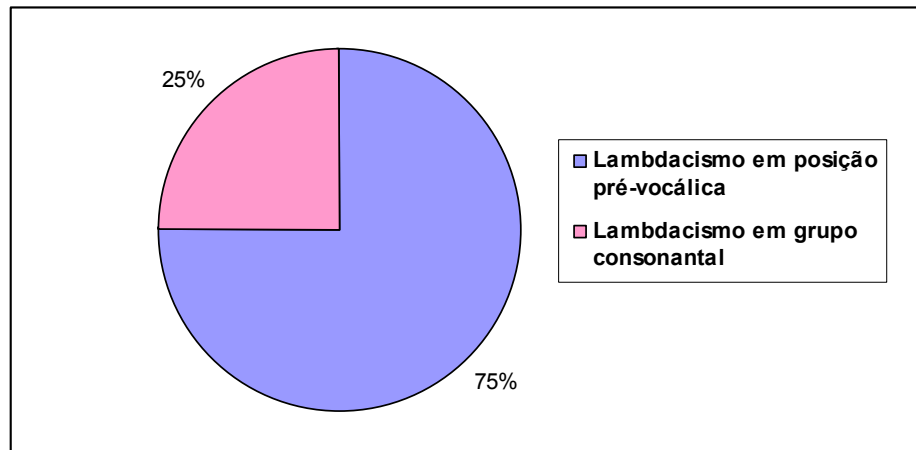


Gráfico 8 - Processos de alternância do /l/ por /r/.

### 2.6.1.4 Comentários

Significativa maioria das ocorrências de lambdacismo encontradas em Caiana dos Crioulos, 75%, refere-se ao processo de alternância do /l/ por /r/ em posição pré-vocálica, como em *horário* → [ɔ'laliu]. Foram registrados ainda, dois casos de lambdacismos, nos grupos consonantais (cr e fr): *secretária* → [sekɫɛ'tarya] e *fraco* → ['flaku].

Além das ocorrências transcritas acima, constatamos os seguintes casos, que não foram registrados como lambdacismos em coda silábica, por não haver na pronúncia caianense, a separação entre os dois vocábulos, havendo de outro modo, a assimilação entre eles:

- ✓ “por uma” → [po'luã] e [pe'luã];
- ✓ “por um” → [po'lũ];
- ✓ “por aqui” → [pula'ki];



## 2.7 ASSIMILAÇÃO

A assimilação é um dos processos fonológicos mais comuns, resultante da influência que um fonema exerce sobre o outro. Através da assimilação, um segmento assume um traço ou alguns traços de um segmento vizinho.

De acordo com Coutinho (1976), a assimilação pode ser vocálica e consonantal, total e parcial, progressiva e regressiva.

Uma assimilação é vocálica, quando o fonema que se assimila é uma vogal: *palumba* > *poomba* > *pomba*; consonantal, quando o fonema que se assimila é uma consoante: *persona* > *pessoa* > *pessoa*. Total, quando se identifica o fonema assimilado com o assimilador, *per+lo* > *pello* > *pelo* e parcial, quando há semelhança entre o fonema assimilado e assimilador, mas não há identidade completa entre eles: *faito* > *factu* > *feito*, *auru* > *ouro*. A assimilação progressiva ocorre quando o fonema assimilador está em primeiro lugar: *amaramlo* > *amaram-no*, *mollairo* > *moleiro* e a regressiva, quando o fonema assimilador está depois: *capseu* > *casceu* > *queixo* (COUTINHO, 1976, p. 167-168).

A assimilação tem um papel fundamental no processo de evolução das línguas, tendo exercido função importante na evolução da língua portuguesa, como explica Câmara Jr. (2007, p. 74):

Na evolução da língua portuguesa, a assimilação desempenhou um papel importantíssimo, como fenômenos de sonorização, vocalização, palatalização, e ainda no fechamento de timbre da base de um ditongo decrescente assimilada pela semivogal (/aw/ > /ôw/, /ay/ > /êy/).

Raimundo (1933, p. 71), ao listar os fenômenos fonéticos encontrados no Brasil, que ele considera resultado do contato com as línguas africanas, cita a assimilação de vogal (o-e > e-e) e de *n* em *d*: *premissa* (promessa), *drumino* (dormindo), se *arrivirano* (virando-se), *quano* (quando), etc.

Da mesma forma, Mendonça (1948, p. 119), ao listar as alterações fonéticas que ele considera de origem africana, cita a assimilação do fonema /ʒ/ pela sibilante /z/, como em *Jesus* → *Zezuís* e *José* → *Zuzé*. De acordo com ele, é comum no dialeto carioca, que antes de *e* e *i*, o /ʒ/ se transforme em /z/: *genebra* → *zinebra*, *registro* → *rezisto*.

Processos de assimilação, como ocorre de /d/ em /-nd/ e /b/ em /-mb/, conforme Naro e Scherre (2007) fazem parte de um processo natural fonológico de manutenção da estrutura silábica CV da língua. Para eles, o exemplo *voano* (voando), citado por Holm como produto

de um processo de africanização, é o mesmo que se observa no estudo dos dialetos continentais de Peixoto: *acabano* (acabando), *munu* (mundo) e *funu* (fundo).

Marroquim (2008, p.67-68) corrobora que a assimilação operada de grupos como /nd/ e /mb/ não deve ser atribuída à influência africana. De acordo com o autor, “os africanos teriam sentido dificuldade em pronunciar o grupo e, por menor esforço, tê-lo-iam modificado, como o simplificou pelo mesmo motivo o resto da população”.

Verificamos diversos casos de assimilação no falar caianense, mas listamos abaixo, apenas alguns casos de assimilação vocálica e consonantal que encontramos com mais frequência.

### 2.7.1 Análise das ocorrências de assimilação em Caiana dos Crioulos

#### 2.7.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) caminho

[‘nu ‘mey ‘du ko‘minu pe‘di ‘u di‘neɾu]

##### (2) arame

[bu‘to ‘ũ a‘rõmi a‘sĩ, atrave‘sey ‘u a‘rõmi, a‘i sa‘i]

##### (3) debochava

[di‘zya a‘sĩ: ‘nega ‘peta, dabɔ‘java ‘da ‘ʒẽti]

##### (4) seguidão

[ba‘teu ‘u vɛ‘rãu, ‘ũ siki‘dãu ‘desi, ‘kabasi ‘tudu]

##### (5) outubro

[sɛ‘sẽta ‘i ‘sĩku ‘ãnu, kɔpre‘tey a‘gɔɾa, ‘nu ‘dya ‘oytu ‘di oy‘tubu]

##### (6) conversa

[‘a ‘ʒẽti kũ ‘vɛsa ‘kũs ‘fiu]

## 2.7.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências e transcrições

ASSIMILAÇÃO VOCÁLICA					
CASO 1: /a/ → /o/			CASO 2: /ε/ → /a/		
Mudança do <i>a</i> para a labial <i>ô</i>			Mudança do <i>é</i> para <i>a</i>		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
caminho	[côminhu]	[kõ'miɲu]	debochava	[dabochava]	[dabo'java]
Campina	[Compina]	[kõ'pina]	educação	[aducção]	[aduka'sãu]
caminhão	[cominhão]	[kõmi'ɲãu]	mergulho	[magulho]	[ma'guɫu]
arame	[arome]	[a'rõmi]	CASO 3: /e/ → /i/		
família	[fômilha]	[fõ 'miɫa]			
camiseta	[cômiseta]	[kõmi'zeta]	Mudança do <i>ê</i> para <i>i</i>		
também	[tomém]	[tõmẽ]			
companheira	[compõnhera]	[kõpõ'ɲera]	palavra	ocorrência	transcrição
jogando	[jogõnu]	[ʒõ'gonu]	embaixo	[imbaxu]	[ĩ'baɟu]
candomblé	[côndombé]	[kõdõ'bɛ]	recebia	[ricibia]	[xisi'bia]
ganhou	[gõnhô]	[go'ɲo]	retirava	[ritirava]	[xiti'rava]
maneira	[mônera]	[mo'ne ra]	debaixo	[dibaxu]	[di'baɟu]
ano	[ôno]	[ʼonu]	sequidão	[siquidão]	[siki'dãu]
antes	[ôntis]	[ʼõtis]	recurso	[ricusso]	[xi'kusu]
avanço	[avõnssu]	[a'võsu]			

CASO 4: /u/ → /i/			CASO 5: /o/ → /u/		
Mudança do <i>u</i> para <i>i</i>			Mudança do <i>ô</i> para <i>u</i>		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
supor	[sipô]	[si'po]	conversa	[cunvesa]	[kũ'vesa]
quando	[quandi]	[ʼkʷãdi]	cozinha	[cunzinha]	[kũ'zĩɲa]
outubro	[oitubu]	[oy'tubu]	consentia	[cunsintia]	[kũsi'tya]

ASSIMILAÇÃO CONSONANTAL					
CASO 1: /nd/ → /n/			CASO 2: /k/ → /g/		
Mudança do grupo <i>nd</i> para a nasal <i>n</i>			Mudança do fonema /k/ para o /g/		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
falando	[falano]	[fa'lãnu]	música	[músiga]	[muziga]
mexendo	[mexeno]	[mɛ'ɟenu]			
quando	[quano]	[ʼkʷãnu]			
amarrando	[amarrano]	[ama'xãnu]			
agarrando	[agarrano]	[aga'xãnu]			
brincando	[brincano]	[brĩ'kãnu]			
sabendo	[sabeno]	[sa'benu]			
dizendo	[dizeno]	[di'zenu]			
correndo	[correno]	[ko'xenu]			
trabalhando	[trabalhano]	[trabaɫ'anu]			
tapiando	[tapiano]	[tapi'ãnu]			
poupando	[pôpano]	[po'pãnu]			
chovendo	[choveno]	[ɟu'venu]			
xingando	[xingano]	[ɟĩ'gãnu]			

## 2.7.1.3 Gráfico

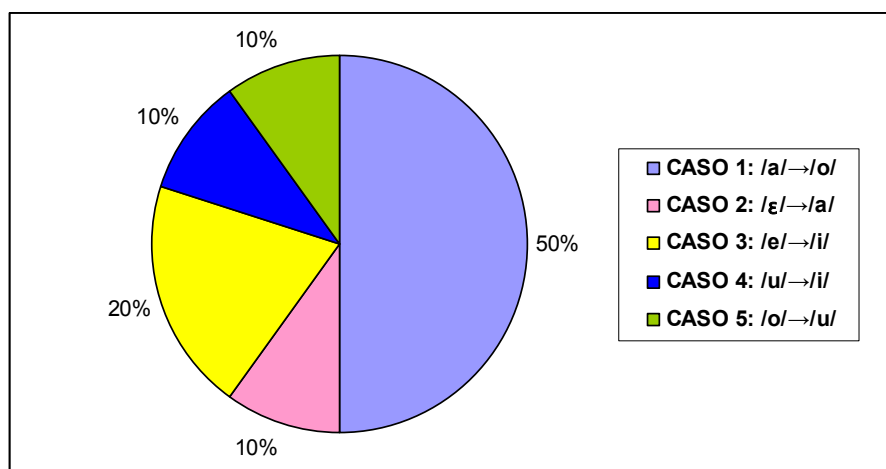


Gráfico 9 - Assimilações vocálicas

## 2.7.1.4 Comentários

A maioria dos casos de assimilação vocálica, 50%, ocorre com a mudança da vogal baixa central /a/ para a média-alta posterior /o/. Nas ocorrências observadas, percebemos a influência das nasais *m* e *n*, que na ocorrência /*tomem*/, absorve a bilabial *b*, quando temos assim, uma dupla assimilação.

Percebemos ainda, 20% de assimilação da média alta anterior /e/ pela alta anterior /i/; principalmente em posição posterior às fricativas /s/ e /x/, como em /*ricibia*/; 10% de assimilação da média-baixa anterior /ɛ/ pela baixa central /a/; 10% de assimilação da alta posterior /u/ pela alta anterior /i/ e 10% de assimilação da vogal média alta /o/ posterior pela alta posterior /u/, que nas ocorrências observadas sofrem a influência da nasal alveolar (Gráfico 9).

No caso 1 das assimilações consonantais, observamos a passagem da obstruinte nasal /nd/ para a homorgânica soante /n/, principalmente, nas formas gerundiais, como poupando → *pôpanu*. Segundo Castro (2001), esse fenômeno, recorrente no falar popular brasileiro é um dos casos de conservação do sistema linguístico africano. Esse caso, especificamente, é comum em muitas línguas bantos.

Além dessas ocorrências, destacamos o caso de passagem da oclusiva velar surda /k/ para a oclusiva velar sonora /g/ em música – *muziga*. Acreditamos que essa ocorrência se dá pela influência da sibilante sonora /z/ que em coda silábica leva seu traço de vozeamento para o fonema seguinte.

## 2.8 DISSIMILAÇÃO

A dissimilação é o processo contrário à assimilação. Nesse caso, ocorre uma procura por desfazer a identidade de um determinado som. Alguns processos de dissimilação ocorrem para evitar uma repetição entre dois fonemas idênticos, como explica Coutinho (1976, p. 168): “Dissimilação é a diversificação ou queda de um fonema por já existir fonema igual ou semelhante na palavra, exs.: *calamellu* > caramelo; *lobellu* > novelo”.

Assim como a assimilação, a dissimilação pode ser vocálica, como em *poçonha* > peçonha; consonantal, como em *anima* > alma; progressiva, como *prora* > proa e regressiva, como em *melimellu* > marmelo (COUTINHO, 1976, p. 168-169).

Mendonça (1948), ao citar as alterações fonéticas que ele considera de procedência africana, apresenta as ocorrências *nego* (negro) e *alegue* (alegre) como casos de dissimilação, entendendo o autor, que essa alteração é mais comum entre os grupos consonânticos de elocução difícil.

Sobre a tendência de apagamento de consoante em grupos consonantais e inserção de vogal para conservação da estrutura CV, Castro (2001, p. 116) ensina que:

[...] em banto e em iorubá, ao contrário do português padrão, as sílabas são abertas, sempre terminam em vogal (V), e não existem consoantes contíguas (CC). Por isso mesmo, a tendência do falante brasileiro é omitir a consoante em final de sílaba e desfazer os grupos consonantais pela intromissão de uma vogal (CC → CVC), através de um processo de adaptação morfofonológica, comparável ao das importações do português pelas línguas bantos.

Endossando a questão da simplificação dos padrões silábicos no português popular brasileiro, como influência das línguas africanas, Holm (*apud* Naro e Scherre, 2007) acredita que:

Há evidência na estrutura silábica do português brasileiro popular de que ele surgiu de uma variedade previamente crioulezada do português que tinha uma forma canônica de CV, uma consoante e uma vogal. Isto é similar a regras fonotáticas de muitas línguas de substrato africano relevantes (por exemplo, iorubá), e não do português padrão.

Para o pesquisador, essa tendência à manutenção da estrutura CV explica a realização das formas *nego* (negro), *alegue* (alegre) e *fásidade* (falsidade) no português brasileiro popular moderno e das formas *fulô* (flor) e *lapassi* (rapaz), em variedades mais arcaicas do português brasileiro popular (HOLM *apud* NARO e SCHERRE, 2007).

Contestando essa opinião, Bueno (1963, p. 242) explica que a tendência de evitar o “grupo *momentânea + r* (*cr, dr, fr, pr, tr*) vem do latim vulgar e encontra-se como fenômeno românico nas línguas neolatinas”, ocorrendo muito antes de qualquer influência negra.

Da mesma forma, Naro e Scherre (2007) afirmam que os mesmos processos de manutenção da estrutura silábica CV podem ser encontrados em Portugal. Assim como foi encontrado *nego* e *alegue* por Holm no falar de Helvécia; registrou-se *próprio* (próprio) por Leite de Vasconcelos e Alves. O registro *agadecidos* (agradecidos) foi coletado por Peixoto no norte de Portugal e *dento* (dentro), *lembe* (lembre), *refiado* (resfriado), por Ratinho, no extremo sul de Portugal.

Em Caiana, coletamos casos de dissimilação em grupos consonantais e dissimilação das fricativas, como demonstrado a seguir.

### 2.8.1 Análise das ocorrências de dissimilação em Caiana dos Crioulos

#### 2.8.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) presente

[‘u ‘noyvu ‘gaŋa pɛ‘zẽti ‘nãu, ‘sɔ ‘a ‘noyva]

##### (2) dezembro/novembro

[‘kʷãnu ba’tya a’sĩ ‘u ‘tẽpu ‘di dɛ‘zẽbu ‘pa nɔ‘vẽbu, ‘afi ma’rya]

##### (3) quatro

[ẽ’trey ‘pa tɾabay’a ‘ʒa ‘tava ‘kũ ‘kʷatu ‘ãnu]

##### (4) ladrão/criação

[a’gɔɾa ‘tevi ‘ũ ‘tẽpu ‘ki apare’sya la’dãu, ‘as ‘veys sũ’mya kia’sãu puɾa’ki]

##### (5) chifre

[‘a ‘mosa ‘ki ka’za ‘cũ mɔɾe’nĩŋu ‘ɛ ‘pa lɛ’va ‘ʃifi, sa’bya?]

##### (6) negra/preta

[‘nega ‘peta ‘ɛ ‘ũa ‘nɔta ‘di ‘seys ‘kõtu]

##### (7) crioulo

[‘foy ‘õdi foh’mo ‘ɛsa kōmuni’dadi kay’ãna ‘dus ki’olu]

##### (8) satisfeita

[‘a ‘ʒẽti fi’kava ‘tudu ʃati’feta]

## 2.8.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências e transcrições

DISSIMILAÇÃO NOS GRUPOS CONSONANTAIS					
Dissimilação do grupo <i>pr</i>			Dissimilação do grupo <i>br</i>		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
comprar	[compá]	[kõ'pa]	lembro	[lembu]	['lêbu]
pronto	[pontu]	['põtu]	quebrava	[quebava]	[kɛ'bava]
aproveitava	[apuweitava]	[apuvey'tava]	sobre	[sôbi]	['sobi]
aproveita	[apuveja]	[apu'veyta]	quebraram	[quebaram]	[kɛ'barãu]
aproveito	[apuveito]	[apu'veytu]	dezembro	[dezembu]	[dɛ'zêbu]
comprado	[compádo]	[cõ'padu]	novembro	[novembu]	[nɔ'vêbu]
primeira	[pêmêra]	[pe'mera]	sobra	[sóba]	['sɔba]
pra aquilo	[páquilo]	[pa'kilu]	pobre	[póbi]	['pɔbi]
aprender	[apender]	[apê'de]	outubro	[oitubu]	[oi'tubu]
projeto	[pojeta]	[pɔ'ʒetu]			
comprimido	[compimido]	[kõpi'midu]			
problema	[póbrema]	[pɔ'brema]			
preta	[pêta]	['peta]			
prefeito	[pêfeito]	[pe'feytu]			
presente	[pesente]	[pɛ'zêti]			
procissão	[pócissão]	[pɔsi'sãu]			
Dissimilação do grupo <i>tr</i>			Dissimilação do grupo <i>dr</i>		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
quatro	[quatu]	['k'atu]	padre	[padi]	['padi]
letra	[lêta]	['leta]	pedra	[pêda]	['pɛda]
dentro	[dentu]	['dêtu]	pedrinha	[pédinha]	[pɛ'dina]
outra	[ôta]	['ota]	comadre	[cumadi]	[ku'madi]
noutro	[nôtu]	['notu]	ladrão	[ladão]	[la'dãu]
entro	[entu]	['êtu]	pedreiro	[pederu]	[pe'deru]
trabalha	[tabaia]	[ta'baya]	madrugada	[madugada]	[madu'gada]
registrado	[registado]	[xɛʒi'tadu]	padrinho	[padim]	[pa'di]
encontrava	[encontava]	[êkõ'tava]			
cadastro	[cadasto]	[ka'daftu]			
demonstrado	[demonstado]	[demõ'f'tadu]			
contrário	[contário]	[kõ'tariu]			
Dissimilação do grupo <i>fr</i>			Dissimilação do grupo <i>gr</i>		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
frente	[fenti]	['fêti]	negra	[nega]	['nega]
chifre	[chifi]	['fifi]	negro	[nego]	['negu]
			graças	[gaças]	['gasas]
			agradeço	[agadeçu]	[aga'desu]
			igreja	[igêja]	[i'geʒa]
			negrinho	[neguinho]	[ne'gĩ]
			grupo	[gupo]	['gupu]
			sogra	[sóga]	['sɔga]
			sogro	[sôgu]	['sogu]
			grande	[gandi]	['gãdi]
Dissimilação do grupo <i>cr</i>			Dissimilação do grupo <i>vr</i>		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
crioulo	[quiôlo]	[ki'olu]	palavra	[palava]	[pa'lava]
criança	[quiança]	[ki'ãsa]			
criação	[quiação]	[kia'sãu]			

OUTROS CASOS DE DISSIMILAÇÃO					
CASO 1: /z/ → /ʒ/			CASO 2: /s/ → /ʃ/		
Mudança do fonema /z/ para o /ʒ/			Mudança do fonema /s/ para o /ʃ/		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
exigir	[ijji]	[iʒiʒi]	satisfeita	[chatifêta]	[ʃatifeta]
exagerada	[ijajerada]	[iʒaʒɛrada]	situação	[chituação]	[ʃituasãu]
			disse	[diche]	[diʃi]

### 2.8.1.3 Gráfico

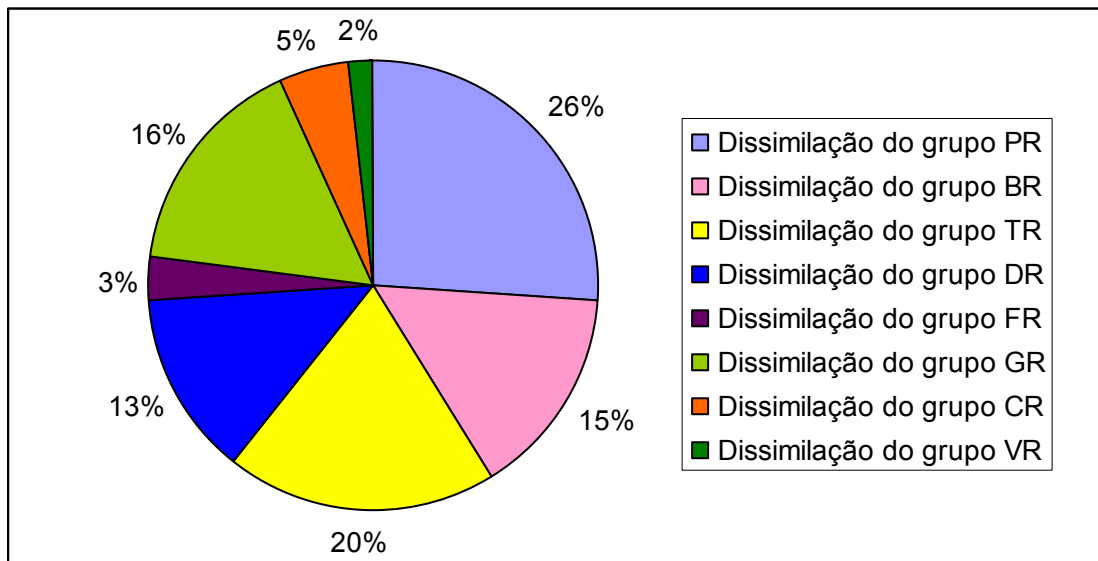


Gráfico 1 - Dissimilações em grupos consonantais

### 2.8.1.4 Comentários

Encontramos no falar caianense, grande incidência de dissimilação nos grupos consonantais *pr* (26%), *tr* (20%), *gr* (16%), *br* (15%) e *dr* (13%). Esses grupos consonantais possuem em comum a formação: oclusiva + *r*, o que nos faz imaginar que as consoantes orais propiciam um melhor ambiente para o apagamento da vibrante (Gráfico 10).

Ainda encontramos, em menor frequência, a dissimilação dos grupos consonantais *cr* (5%), *fr* (3%) e *vr* (2%) (Gráfico 10).

Em outros casos de dissimilação encontrados no falar caianense, observamos as fricativas vozeadas alveolares surda e sonora /s/ e /z/ serem transformadas nas fricativas alveopalatais surda e sonora /ʃ/ e /ʒ/, como em *exigir* → *ijji* e *disse* → *diche*, respectivamente.



## 2.9 METÁTESE

O termo “metátese” vem do grego *metáthesis* (*meta*: mudança; *thesis*: posição → mudança de posição), sendo assim, a troca de posições dos sons dentro de uma sílaba. Dubois (2006, p. 412) entende a metátese como uma troca de fonemas que estão longe um do outro:

Fenômeno de *metátese* é aquele pelo qual certos fonemas mudam de lugar na cadeia falada. Limita-se, às vezes, este termo aos casos em que os fonemas estão à distância, e emprega-se o termo *interversão* se se encontram em contato. Assim se explica em português a formação da palavra *sempre* (do latim *semper*), em francês a palavra *fromage* (de *formaticum*), em italiano as palavras *chioma* (de *comula*), *fiaba* (de *fabula*), em espanhol as palavras *peligro* (de *periculum*), *milagro* (de *miraculum*).

Câmara Jr. (2007, p. 207) destaca dois tipos de metáteses, que segundo ele, são deveras importantes na evolução da língua portuguesa:

1) transposição de um /i/ ou um /u/, feito prepositiva de um ditongo crescente, para a sílaba precedente tônica, onde passa a constituir um ditongo decrescente com a vogal silábica; exs.: *primariu* > *primairo* (donde – *primeiro*), *capio* > *caibo*, *habui* > *haube* (donde – *houve*); 2) transposição do /r/, como segundo membro de um grupo consonântico, de uma sílaba interna ou final para a sílaba inicial; exs.: *fenestra* > *fresta*, *pigritia* > *preguiça*, *tenebras* > *trevas*.

No Appendix Probi, já citado anteriormente, podia-se encontrar ocorrências de metátese no *sermo vulgaris* (o latim falado), como em “*glatri non cracli*”. Na passagem do latim para o português há ocorrências de transposição de segmentos, como as consoantes coronais /r, l, n, s/, como em *super* > *supre*; de vogais e de glides, como em *haube* > *houve* e de sílabas, *chantar* > *tanchar* (SILVA NETO, 1956).

Sá Nogueira (1958, p. 109) divide os fenômenos de metátese em três variedades: *progressiva* (quando ocorre transposição de um fonema da esquerda para direita → *bridão* > *bidrão*); *regressiva* (quando há transposição de fonema da direita para a esquerda → *festra* > *fenestra*) e *recíproca* (quando envolve a transposição entre dois fonemas de um mesmo vocábulo → *canalização* > *calanização*).

Na linguagem popular brasileira, de acordo com Marroquim (2008, p. 50), as metáteses são comuns entre os prefixos *per*, *pre* e *pro*. Segundo o autor, há quase sempre, entre o povo, certa confusão no uso do *per*, que é habitualmente trocado, principalmente em começo de sílaba, como em: *proguntá*, *preguntá*, *prefume*, *expromentá*, *premissão*,

*perfeitamente*. Também o *pre* e o *pro* são trocados algumas vezes, como em *percurá*, *preposta*, *prepósito*, *porteger*, *perjuízo*, *potreção*.

Amaral (1982, p. 22) também elenca alguns casos de metátese dos prefixos supracitados no falar caipira paulista, entendendo-os como “modificações acidentais” da língua: *perciso*, *pertende*, *purcissão*.

Dois tipos de metáteses, encontradas entre os falantes do PB, são tratadas como fenômenos fonéticos de procedência africana pelos estudiosos Raimundo e Mendonça. A primeira refere-se à metátese do *r*, que segundo Raimundo (1933, 71) ocorre em sílabas átonas, como *dormir* → *drumi*, *febre* → *freve*, *verdade* → *vredade*. A segunda seria a transposição do *es* prostético da sílaba para *se*, como em *escuta* → *secuta*. De acordo com Mendonça (1948, p. 121), esse tipo de ocorrência é semelhante ao que ocorre com as “palavras portuguesas iniciadas por *es*, que passaram para o cafre<sup>7</sup>”, como: *escova* → *sikova*, *escola* → *sicora*, *escaler* → *silarera*, *espada* → *supada*, *espoleta* → *supoleta*.

Na comunidade pesquisada, encontramos metáteses progressivas e regressivas, ocorrendo principalmente através da transposição da vibrante /r/ em início de palavra, como demonstrado a partir da análise a seguir:

## 2.9.1 Análise das ocorrências de metátese em Caiana dos Crioulos

### 2.9.1.1 Ocorrências em contexto frasal

#### (1) perguntaram

[ĩ'tɛ a'ki 'nũ prɛgũ 'taɾu 'ɛsa iʃ'tɔɾa 'dus kilõ'bɔla 'nãu]

#### (2) termina

[tudu tɾɛ'mina 'kʷãnu 'da 'fomi]

#### (3) porque

[pɾu'ke 'nu 'meuʃ 'tẽpu 'as kɾi'ãsa 'tjɲa 'mays aduka'sãu]

#### (4) terceiro

[ʒa 'ɛ 'u tɾɛ'sɛɾu 'onu]

#### (5) martelando

[a 'ʒɛti 'fika 'si matɾɛ'lãnu]

<sup>7</sup> Cafre: o natural ou habitante da Cafraria, denominação que, no passado, se dava à região entre o rio Kei e os limites da província de Natal, na África do Sul. (FERREIRA, 2004).

## 2.9.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências e transcrições

METÁTESES					
Metáteses regressivas (transposição de um fonema da direita para esquerda)			Metáteses progressivas (transposição de um fonema da esquerda para direita)		
Palavra	Ocorrência	Transcrição	Palavra	Ocorrência	Transcrição
perguntaram	[preguntaru]	[pɾɛ̃ũˈtaru]	procurar	[percurá]	[pɐ̃hkuˈra]
termina	[tremina]	[trɛˈmina]	martelando	[matrelanu]	[matɾɛˈlānu]
porque	[pruque]	[pɾuˈke]			
durmo	[drumu]	[ˈdrumu]			
terceiro	[trecêro]	[trɛˈseru]			
depois	[despoi]	[desˈpɔi]			
encontrava	[encrontava]	[ɛ̃krõˈtava]			
encontro	[encronto]	[ɛ̃ˈkrõtu]			
encontra	[encronta]	[ɛ̃ˈkrõta]			

## 2.9.1.3 Gráfico

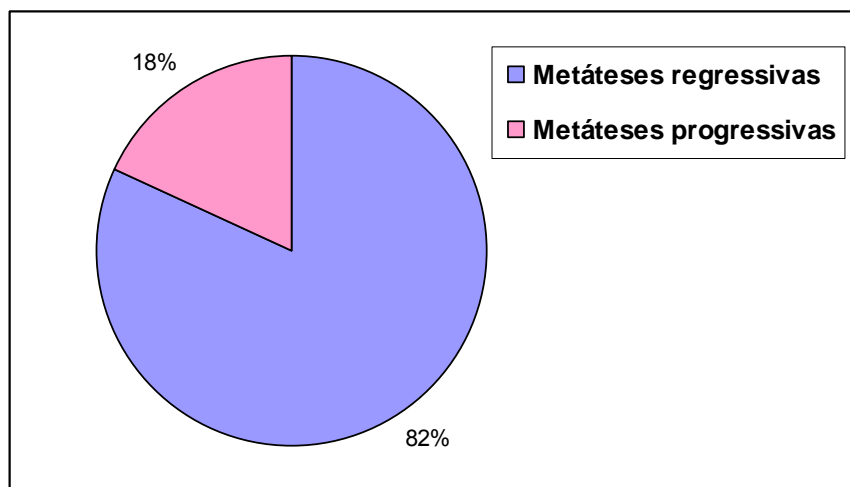


Gráfico 2 - Metáteses progressivas e regressivas

## 2.9.1.4 Comentários

A maioria expressiva das ocorrências de metátese (82%) deu-se na transposição da vibrante /r/ da direita para esquerda, observada tanto no deslocamento da vibrante na primeira sílaba da palavra, como no exemplo: *terceiro* → *trecero*, como também, no deslocamento da vibrante da terceira sílaba para segunda sílaba, como em *encontro* → *encronto*. Observou-se também uma ocorrência de transposição da fricativa surda alveolar /s/ da segunda sílaba para primeira sílaba: *depois* → *despoi*.

Encontrou-se ainda, dois casos de deslocamento da vibrante /r/ da esquerda para direita (18%). O primeiro, em início de sílaba e o segundo deslocando-se da primeira para segunda sílaba.

## 2.10 APÓCOPE

Apócope é um metaplasmo por subtração, que se caracteriza pela queda de um fonema no fim do vocábulo. De acordo com Câmara Jr. (2007, p. 66), duas espécies de apócope são importantes na história da evolução da língua portuguesa:

[...] 1) a das consoantes finais, não sendo líquidas ou sibilantes: *amat* > *ama*; *ad* > *a*, etc.; 2) a do –e depois de consoante líquida, sibilante ou nasal dental; passando a consoante a formar sílaba com a vogal precedente: *amare* > *amar*, *legale* > *leal*, *mense* > *mês*, *sermone* > *sermon*, arc., donde – *sermão*.

Dubois (*et al*, 2006, p. 62-63), de outro modo, entende a apócope, como “uma mudança fonética que consiste na queda de um ou mais fonemas ou sílabas no fim de uma palavra”. De acordo com ele, a maior parte das apócope corresponde a um fenômeno de sandhi<sup>8</sup> e se originam do costume de tratar algumas palavras da frase como se fizessem parte da palavra que antecede ou que segue. O estudioso chama a atenção ainda, para a apócope que sofre o infinitivo em vários dialetos românicos, como o itálico (canta por *cantare*), o francês (*chanter* – pronúncia sem o –r) e o português do Brasil (*cantá*, *vê*, *parti*, *pô*).

O fenômeno de apagamento do *r* no português do Brasil foi entendido por Elia (1979, p. 213) como “erosão”, ocorrendo, segundo ele, na língua popular e culta de forma ampla, atingindo do norte ao sul do país. Para o estudioso, a apócope do *r* no PB é oriunda de um processo de valorização das vogais por parte dos falantes africanos e indígenas, que tendiam a uma “estrutura fonotática de sílabas abertas”. Esse fato, para o autor, acabou por influenciar a queda das líquidas pós-vocálicas como em *fazer* → *fazê*, *calor* → *calô*.

Essa tendência ao apagamento do *r* final, de acordo com Mendonça (1948), aparece nos dialetos crioulos da África, como o caboverdiano (*chegar* → *chegá*), o são tomense (*colher* → *cuiê*), o da Ilha do Príncipe (*verder* → *vendê*) e o da Ilha de Ano Bom (*matar* → *matá*). Mendonça, embora entenda a apócope no PB, como fenômeno de procedência

<sup>8</sup> Sândi – o termo sândi (sânscrito: sandhi) foi herdado dos antigos gramáticos da Índia; significa, literalmente, “colocar junto, reunir”. Este termo designa os traços de modulação e de modificação fonética que afetam a inicial e/ou o final de certas palavras, morfemas ou sintagmas (DUBOIS, *et al*, 2006, p. 525).

africana, ressalta que desde o século XVI observa-se o desaparecimento do *r* final no infinitivo dos verbos franceses, como *aime (r)* e *porte (r)*.

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Mendonça e Elia, Raimundo (1933, p. 70), ao elencar os fenômenos fonéticos que ele considera de base africana, evidencia a “queda ou ensurdecimento do *l* e *r* finais”, como em *bêrá* (beiral), *gerá* (geral), *picurá* (procurar), *spaiá* ou *sipaiá* (espalhar), *mé* (mel), *muié* (mulher), *frevê* (ferver) *sô* ou *siô* (senhor), *fulô* (flor), etc., incluindo na listagem das apócope também, o desaparecimento do *s* final, como em *ma* (mas) e *bamo* (vamos).

Amaral (1982), quando lista os fenômenos fonéticos observados no falar caipira de São Paulo também destaca a apócope do *s*, entendendo que é mais corriqueira quando em final de palavra paroxítona ou proparoxítona, como *arfere* (alferes), *pire* (pires), *bamo* (vamos), *imo* (imos).

As semelhanças mais evidentes entre os sistemas vocálicos e as estruturas silábicas do português do Brasil e das línguas africanas são, segundo Castro (2001, p. 115-116), as sete vogais orais (*i* e *ε* a *ɔ* o *u*) e a estrutura silábica CV, “onde a vogal (V) é sempre centro de sílaba”, razão pela qual, conforme a pesquisadora, há uma “tendência do falante brasileiro em omitir a consoante em final de sílaba”, como em *falá*, *lugá*, *dizê*, *amô* e *dô*.

Contrário a essa posição, Bueno (1963, p. 241) explica que as consoantes finais, em regra geral, desapareciam em sua passagem pra qualquer das línguas românicas como vemos no francês, que se caracteriza pela não pronúncia das consoantes finais, e o português. Dessa forma, segundo o autor, é possível explicar o fenômeno de apócope tanto pelo tupi, que o tinha acentuadamente, principalmente no guarani, como pelo “cunho rústico da linguagem”.

Melo (1971, p. 81), da mesma forma, prefere explicar o “escurecimento” do *r* no fim dos vocábulos como uma “tendência românica desenvolvida no Brasil”. Para ele, o ensurdecimento do *r* final é fato “muito frequente em toda a região linguística da antiga Romênia”.

Essa inclinação para supressão das consoantes finais *s* e *r*, consoante Marroquim (2008, p. 62), é observada na língua do povo, que tende a terminar todo vocábulo em vogal, podendo também ser percebida no falar descuidado e cotidiano das classes cultas, principalmente, “quando à palavra, em meio da frase, se segue outra que comece por consoante: ‘vou *pedi licença* ao *professô pra* sair’”.

Ainda com relação à linguagem do povo, Amaral (1982) chama a atenção para o “vício” de apagamento da consoante final *r*, que “cai sempre” nos verbos, ainda que sejam monossílabos, o que provavelmente, segundo o pesquisador, é uma influência niveladora da analogia: *vê*, *í*, *pô*. Amaral observa, entretanto, que esse fonema é conservado “em alguns monossílabos acentuados, tendo de certo influído nisso a posição proclítica habitual: *dôr*, *cór*, *côr*, *par*”.

Em Helvécia, comunidade negra baiana, Ferreira (1994) registrou ocorrências de apagamento da líquida lateral (siná) e da vibrante (regadô), além de apócope de sílaba formada pela consoante nasal palatal sonora /*ɲ*/ mais vogal extrema /*u*/, como em *cabritim* (cabritinho), *canerim* (carneirinho), *camim* (caminho).

Os casos de apócope encontrados no falar da comunidade negra de Caiana dos Crioulos foram listados abaixo. Assim como em Helvécia, registramos o apagamento da vibrante /*r*/ nos verbos infinitivos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, além de alguns substantivos. Também encontramos o apagamento da lateral /*l*/, da sibilante /*s*/ e de sílaba, principalmente formada pela nasal palatal /*n*/ mais vogal /*u*/, como demonstramos a seguir através das tabelas e gráficos.

### 2.10.1 Análise das ocorrências de apócope em Caiana dos Crioulos

#### 2.10.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) deitar/assentar/lavar

[‘nɔsu se‘no ‘mi dɛ‘fẽda, ‘eu ‘nũ ‘vo ‘la dey‘ta puku‘la, ‘nẽ ‘mi asẽ‘ta, ‘nẽ la‘va ‘ropa]

##### (2) conhecer

[‘vĩ kõne‘se kapu‘era ‘ũ ‘tẽpu ‘desi]

##### (3) for

[‘kʷanu ‘fo ‘kõ seh‘mey, ‘seti ‘mey, ‘ta kɔ‘xẽnu ‘pa ‘ka]

##### (4) leitor

[‘nũ ‘tevi ‘ũ ley‘to ‘ki disku‘brisi ‘nada]

##### (5) título

[‘teju ‘u ‘titu ‘di pah‘teɾa, ‘teju ‘tudu]

**(6) fogãozinho/ jacarezinho**

[ˈtɨɲa ˈfugãuˈzi ˈdi ʒakaɾɛˈzi ˈki a ˈʒɛti kôˈpava]

**(7) somos/temos**

[ˈnɔɪ ˈsomu ˈpɾeta, ˈmay ˈtemu ˈu ˈki kuˈme]

**(8) difícil**

[ˈvay ˈse diˈfisi diˈmay]

## 2.10.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências e transcrições

Apócope do /r/					
Em verbos infinitivos de 1ª conjugação			Em verbos infinitivos de 2ª conjugação		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
falar	[falá]	[faˈla]	conhecer	[conhecê]	[kõɲeˈse]
comprar	[compá]	[kõˈpa]	dizer	[dizê]	[diˈze]
casar	[casá]	[kaˈza]	puder	[pudê]	[puˈde]
tirar	[tira]	[tiˈra]	bater	[batê]	[baˈte]
chegar	[chegá]	[ʃeˈga]	esconder	[escondê]	[iskõˈde]
escutar	[escutá]	[iskuˈta]	fazer	[fazê]	[faˈze]
amarrar	[amarrá]	[amaˈxa]	amanhecer	[amanhecê]	[amãɲeˈse]
deitar	[deitá]	[deyˈta]	quiser	[quisé]	[kiˈzɛ]
assentar	[assentá]	[asẽˈta]	tiver	[tivé]	[tiˈvɛ]
lavar	[lavá]	[laˈva]	aprender	[aprendê]	[aprẽˈde]
botar	[botá]	[bɔˈta]	supor	[supô]	[suˈpo]
contar	[contá]	[kõˈta]	entender	[entendê]	[ẽtẽˈde]
parar	[pará]	[paˈra]			
arrancar	[arrancá]	[axãˈka]			
confiar	[confiá]	[cõfiˈa]			
plantar	[prantá]	[prãˈta]			
ganhar	[ganhá]	[gaˈɲa]			
suar	[suá]	[suˈa]			
trabalhar	[trabaiá]	[trabaˈya]			
Em verbos de 3ª conjugação			Em substantivos		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
for	[fô]	[ˈfo]	batedor	[batedô]	[bateˈdo]
cair	[caí]	[kaˈi]	cantador	[cantadô]	[kãtaˈdo]
dormir	[durmi]	[duhˈmi]	cantor	[cantô]	[kãˈto]
			leitor	[leitô]	[leyˈto]
			lugar	[lugá]	[luˈga]
			melhor	[melhó]	[meˈɫɔ]
			líder	[lídi]	[ˈlidi]

Apócope de sílaba					
Substantivo			Adjetivos		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
sábado	[sábu]	[ˈsabu]	verde	[veri]	[ˈveri]
pouquinho	[pôquim]	[poˈkĩ]	novinho	[novim]	[noˈvĩ]
copinho	[copim]	[koˈpĩ]	fofinho	[fofim]	[foˈfĩ]
dinheirinho	[dinhêrim]	[dĩɲeˈrĩ]	caidinho	[caidim]	[kayˈdĩ]
caminho	[camim]	[cãˈmĩ]	Pronome		
bebezinho	[bébézim]	[bɛbɛˈzĩ]			
vasinho	[vasim]	[vaˈzĩ]	palavra	ocorrência	transcrição
tiquinho	[tiquim]	[tiˈkĩ]	tudinho	[tudim]	[tuˈdĩ]
banquinho	[banquim]	[bãˈkĩ]			
pauzinho	[pauzim]	[paʊˈzĩ]			
foguinho	[foguim]	[foˈgĩ]			
molequinho	[mulequim]	[mulɛˈkĩ]			
presepinho	[presepin]	[prɛzɛˈpĩ]			
banho	[bãim]	[ˈbãĩ]			
troquinho	[troquim]	[troˈkĩ]			
cafezinho	[cafezim]	[kafɛˈzĩ]			
povinho	[povim]	[poˈvĩ]			
golinho	[golim]	[goˈlĩ]			
minutinho	[minutim]	[minuˈtĩ]			
casalzinho	[casalzim]	[kazauˈzĩ]			
saquinho	[saquim]	[saˈkĩ]			
pertinho	[pertim]	[pɛhˈtĩ]			
remediozinho	[remedim]	[xɛmɛˈdĩ]			
vizinho	[vizim]	[viˈzĩ]			
trabalhinho	[trabalhim]	[trabaˈlĩ]			
netozinho	[netozim]	[nɛtuˈzĩ]			
parênteses	[parentis]	[paˈrɛtis]			
título	[titu]	[ˈtitu]			
pirãozinho	[pirãozim]	[pirãʊˈzĩ]			
fogãozinho	[fogãozim]	[fugãʊˈzĩ]			
jacarezinho	[jacarezim]	[ʒakaPɛˈzĩ]			
grupinho	[grupim]	[gruˈpĩ]			
lugarzinho	[lugazim]	[lugaˈzĩ]			
cavaquinho	[cavaquim]	[kavaˈkĩ]			

Apócope do /s/					
Verbos			Advérbios		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
vamos	[vamu]	[ˈvãmu]	mais	[mai]	[ˈmay]
somos	[somu]	[ˈsômu]	depois	[depoi]	[deˈpoy]
temos	[temu]	[ˈtêmu]	antes	[anti]	[ˈãti]
discutimos	[discutimu]	[diskuˈtimu]	demais	[dimai]	[diˈmay]



Apócope do /l/					
Substantivos			Advérbios		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
final	[finá]	[fiˈna]	difícil	[difíci]	[diˈfisi]
Miguel	[Migué]	[miˈgɛ]			
Rafael	[Rafaé]	[ʁafaˈɛ]			

### 2.10.3 Gráficos

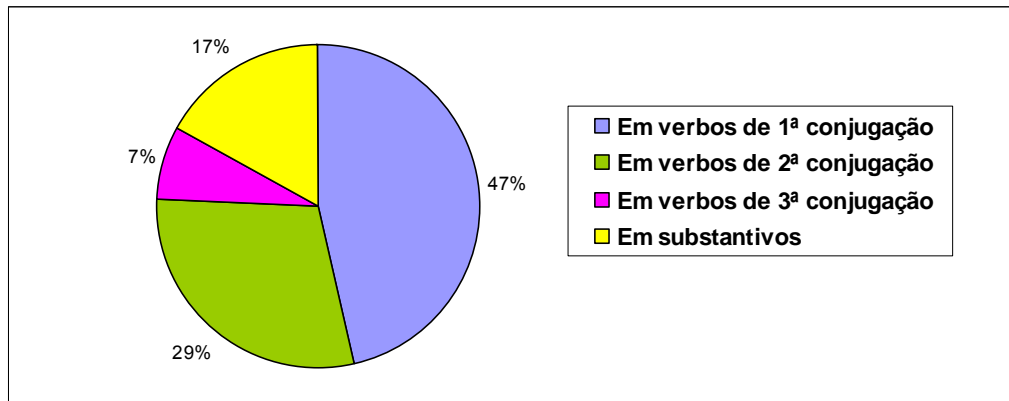


Gráfico 3 - Apócope do /r/

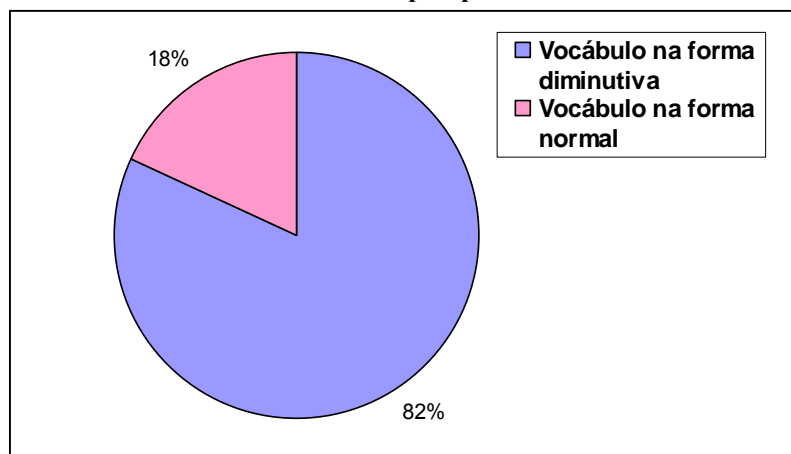


Gráfico 4 - Apócope de sílaba

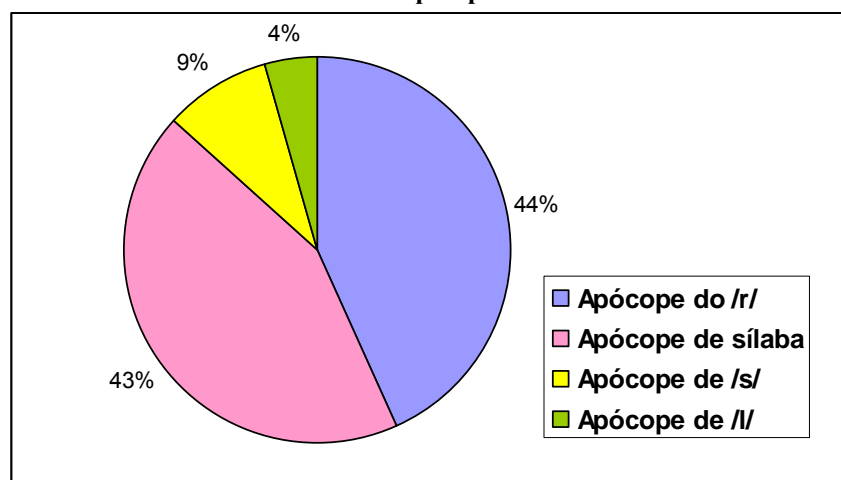


Gráfico 5 - Apócoses em Caiana dos Crioulos

#### 2.10.4 Comentários

Percebemos que em Caiana, assim como ocorre de forma geral, tanto na linguagem culta, quanto na popular brasileira, o /r/ é apocopado em todos os verbos infinitivos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação (gráfico 12). Com relação às terminações, observamos que a maioria dos verbos empregados no falar caianense são de 1ª e 2ª conjugação, sendo assim, verificamos 47% de apócope em *-ar* e 29% de apócope em *-er*. Sobre a apócope do /r/ em substantivos, verificamos que a maioria ocorre em oxítonos, como leitor → *leitô*.

Registramos, também, expressivo número de apócope em sílabas (Gráfico 13), principalmente, em vocábulos na forma diminutiva (82%), como em grupinho → *grupim*. Mesmo no pequeno número de apócope de sílaba em vocábulo na forma normal (18%), observamos que quase metade dessa percentagem refere-se a vocábulos que terminam com consoante nasal palatal sonora /ɲ/ mais vogal alta posterior /u/, como *caminho*, *vizinho* e *banho*, ou seja, com a mesma terminação dos vocábulos no diminutivo, à exceção de parêntesis → *parentis*, título → *títu*, verde → *veri* e sábado → *sábu*.

Com relação à apócope do /s/, percebemos que é comum o apagamento da sibilante /s/ em verbos conjugados na 1ª pessoa do plural do presente do indicativo, como vamos → *vamu*, além de alguns advérbios. A queda da lateral /l/ foi observada em substantivos próprios, comuns e em adjetivo.

A partir das ocorrências registradas e analisadas, percebemos que o fenômeno de apagamento da vibrante (44%) e da última sílaba dos vocábulos diminutivos é mais expressivo em Caiana, do que o apagamento da sibilante /s/ (9%) e da lateral /l/ (4%), o que decorre do fato, como dito anteriormente, de haver apócope em todos os verbos infinitivos (Gráfico 14).

#### 2.11 AFÉRESE

A Aférese é a queda de fonema no início da palavra, fenômeno que, segundo Coutinho (1976, p. 172) era comum no antigo português: *geriza* (ojeriza), *lambique* (alambique), *laúde* (alaúde), *licate* (alicate), *lameda* (alameda), *letria* (aletria), *vogado* (advogado), *bondar* (abundar), *menagem* (homenagem), *nemiga* (inimiga), etc.

A língua portuguesa, conforme explica Câmara Jr. (2007, p. 49), possui uma “tendência à aférese da vogal inicial que constitui sílaba simples, por causa da força expiratória que se dá à consoante que começa a sílaba seguinte”. Leite de Vasconcelos (*apud*

Coutinho, 1976, p. 172) chama essa queda de *deglutinação*. Nesse caso estão, segundo o autor, *liado* (oleado), *deleite* (odeleite), *relógio* (orológiu), *batina* (abbatina), etc.

Para Câmara Jr. (2007, p. 49), na aférese de um *-a* ou *-o* deve-se levar em conta “a confusão da sílaba inicial, assim constituída, com o artigo definido (o, a)”, como *episcopu* > *abispo* > *bispo*; *horologiu* > *rologio* > *relógio*.

Dubois (2006, p. 29), por outro lado, entende que a aférese pode ser compreendida pela queda de um fonema ou mesmo uma sílaba inicial, fenômeno comum, segundo ele, nos vocábulos populares ou gírias, como *você* e *senhor* por *cê* e *nhô*.

Essa supressão “violenta” de fonemas ou sílabas foi explicada por Mendonça (1948, p. 120) como contribuição africana. Segundo o autor, os negros pronunciavam *tá*, *ocê*, *cabá*, *Bastião*, no lugar de *estar*, *você*, *acabar*, *Sebastião*. Com a mesma opinião, Raimundo (1933, p. 71) apresentou os exemplos *spaiá* (espalhar), *tá* (estar), *tô* (estou), *prito* (espírito), *querdito* (acredito), *fessô* (professor) e *bedecê* (obedecer), entendendo que a aférese de *a*, *e*, *es*, *o* ou de *sílaba inteira* fora muito observada no falar africano.

Mais recentemente, Holm (*apud* Naro e Scherre, 2007) afirmou que a queda das vogais iniciais átonas seria um processo de simplificação dos padrões silábicos semelhante ao que ocorre em línguas africanas. Em Helvécia, o pesquisador encontrou a forma *magina*, no lugar de *imagina*, e Ferreira (1994), na mesma comunidade negra, encontrou *tremeso* (atravessou) e *lezadu* (aleijado).

A compreensão da aférese no contexto do PB como contributo do falar africano foi chamada de “ingênua” por Bueno (1963). O autor entende que “as línguas africanas que funcionaram como superstrato, nada puderam conseguir além de uma pequena deixa de palavras”. Assim, posicionando-se contra o pensamento de Mendonça, Bueno (1963, p. 240) contesta e interroga:

[...] diz ainda o Sr. Mendonça: “Ao negro se devem as aféreses violentas: *tá* = *está*; *ocê* = *você*; *cabá* = *acabar*; *Bastião* = *Sebastião*”. Santa ingenuidade! *Tá* por *está* é corrente na fala rústica de Portugal (Alandroal). *Bastião* já encontramos nos “Cronicões” da Idade Média; *ocê* e até *óce* podem ser ouvidos em Portugal e na Espanha *ustê*. Em latim vulgar encontramos: *scalciare*, *spiratio*, *scariare* por *excalceare*, *inspiratio*, *excoriare* que são casos de aférese. Andariam os pretos por lá?

Da mesma forma, Naro e Scherre (2007) opõem-se ao pensamento de Holm. Os estudiosos acreditam que as quedas vocálicas iniciais, existiam nos dados de entrada que chegaram ao Brasil no período colonial, no português europeu não-padrão. Para confirmar sua

afirmação, os autores apresentam os seguintes exemplos: *poteca* → hipoteca (Leite de Vasconcelos); *marelo* → amarelo (Peixoto); *sucra* → açúcar (Alves) e *bençoado* → abençoado (Ratinho).

Na linguagem popular brasileira, como exemplifica Amaral (1982), é corrente a supressão da vogal inicial, como em *parece* → aparece, *magina* → imagina, *ranca* → arranca, *lambique* → alambique, *gibêra* → algibeira. A aférese da vogal, para Marroquim (2008), é “vulgar e conhecida” no falar nordestino. Comuníssimo, segundo o autor, a realização de termos como *Zidoro*, *borná*, *versidade* ao invés de *Izidoro*, *embornal* e *diversidade*, da mesma forma que o verbo *estar*, em todos os seus tempos, perde a primeira sílaba: *tá*, *tô*, *tamos*, *tava*, *tive*, etc.

Em Caiana, assim como ocorre de forma geral na linguagem popular brasileira, observamos que é corrente a aférese de sílaba nas várias conjugações do verbo *estar*, bem como, a queda da vogal baixa central /a/ em certos verbos, substantivos, pronomes e adjetivos, conforme organizamos na tabela e gráfico abaixo.

### 2.11.1 Análise das ocorrências de aférese em Caiana dos Crioulos

#### 2.11.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) estou

[‘oʒi ‘ĩ ‘dya ‘ʒa ‘to ‘may diʃtra‘ida]

##### (2) atrasado

[trabay‘o a‘ki ‘õnu tra‘zadu]

##### (3) estando

[‘tānu ‘ĩ ‘kaza, ‘elis ‘bɔta]

##### (4) apanhar/apanhava

[‘nũ ‘tĩʒa ‘u di‘jeɾu ‘pa pā‘na, ‘nũ pā‘nava]

##### (5) esteja

[taʊ‘veys ‘a ‘ʒẽti ‘nãʊ ‘teʒi ‘mũtu a‘lehta ‘pus ‘kazu diskɾavi‘dãʊ]

##### (6) agricultor

[‘mĩʒa pɾɔfi‘sãʊ ‘ɛ gɾiku‘to]

## 2.11.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências e transcrições

AFÉRESE					
Verbos			Substantivos		
Palavra	Ocorrência	Transcrição	Palavra	Ocorrência	Transcrição
estou	[tô]	[ˈto]	associação	[sociacão]	[sɔsiaˈsãu]
estar	[tá]	[ˈta]	agricultor	[gricutô]	[grikuˈto]
estava	[tava]	[ˈtava]	Pronomes		
estando	[tanu]	[ˈtānu]	Palavra	Ocorrência	Transcrição
estamos	[tamu]	[ˈtāmu]	você	[cê]	[ˈse]
acabou-se	[cabôsse]	[kaˈbosi]	vocês	[cês]	[ˈseys]
apanhar	[panhá]	[pãˈɲa]	aqueles	[queles]	[ˈkelis]
apanhava	[panhava]	[pãˈɲava]	Adjetivos		
apanha	[panha]	[ˈpãɲa]	Palavra	Ocorrência	Transcrição
esteja	[têja]	[ˈteja]	atrasado	[trasado]	[traˈzadu]
esteja	[têje]	[ˈteji]			

## 2.11.1.3 Gráficos

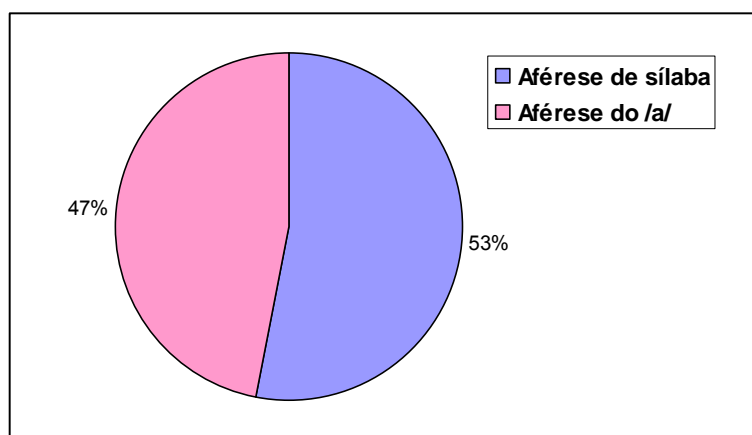


Gráfico 6 - Aféreses em Caiana dos Crioulos

## 2.11.1.4 Comentários

Observamos que em Caiana é comum a aférese da sílaba no verbo *estar*, e em suas diversas formas verbais e flexões, assim como observamos a queda de sílaba inicial no pronome de tratamento *você*, no singular e plural, totalizando 53% de ocorrências de aférese em sílaba. Registramos ainda, a aférese do /a/, 47%, no verbo *apanhar* e suas flexões, bem como nos substantivos *associação*, *agricultor* e no pronome *aqueles* (gráfico 15).

## 2.12 PRÓTESE

A prótese é um metaplasmo por adição que consiste na inserção de um fonema no início

da palavra. De acordo com Botelho (1993), algumas próteses estão dicionarizadas, como *arrenegar* (renegar), *alagoa* (lagoa), *avoar* (voar) e *assoar* (soar), além do caso de aglutinação *acerca de* (a cerca de).

Para Dubois (2006, p. 493) a prótese desenvolve-se através da colocação de um elemento não etimológico na inicial da palavra, como no francês e no português observamos a inserção de um [e] no início de todas as palavras que começam pelos grupos consonantais [sp], [st], [sk], como *etóile* e *estrela* de *stella*; *épaule* e *espádua* de *spatullam*, *écu* e *escudo* de *scutu*. A inserção do [e], conforme Câmara Jr. (2007, p. 252) é um processo importante na história do português. Sobre isso, o autor explica que:

Na evolução da língua portuguesa, é particularmente importante a prótese de um /e/ diante de um /s/ inicial em grupo consonântico: *stare* > *estar*, *splendida* > *esplêndido*, *scutu* > *escudo*. Esse /s/ era o primeiro elemento de um grupo pré-vocálico, de tensão silábica crescente, e separou-se da outra consoante para entrar numa nova sílaba, em que figura como consoante pós-vocálica decrescente.

Câmara Jr. (2007) ainda salienta a importância de casos de próteses de –o e –a por aglutinação, como *amora* (lat. *mora*). Coutinho (1976, p. 170) ao discutir sobre os metaplasmos por aumento também evidencia a aglutinação do artigo, citando os casos: *abantesma* de *phantasma*, *ameaça* de *minacia*, *aleijão* de *laesione* e *amora* de *mora*.

Além desses casos, o último autor elenca próteses que remontam ao latim, como *stare* → *estar*, *scribere* – *scribere* → *escrever* e *scutu* → *escudo*, citando ainda, próteses que já existiam no português arcaico, como *atambor*, *acredor*, *acipreste*, *alagoa*, *arrefêm*, *arruído*, *arrecife*.

Para Marroquim (2008, p. 75), a prótese é o fenômeno oposto à aférese, sendo igualmente essa, comuníssima nos falares nordestinos. O autor apresenta como exemplos, os casos *avexame* (vexame), *incolocá(r)* (colocar), *desafastar* (afastar), *apois* (pois), que se encontra dicionarizado e *descontratempo* (contratempo). Não sendo característico apenas da variante nordestina, Amaral (1982), na observação dos falares paulistas caipiras, também encontrou os registros: *alembra* (lembrar), *avoá* (voar) e *arripiti* (repetir).

Esse último registro destacado por Amaral, já tinha sido salientado por Raimundo (1933, p. 70) quando esse apresenta os traços fonéticos remanescentes dos falares africanos. Além desse exemplo, o autor elenca: *alambê* (lamber), *anaváia* (navalha), *assossego* (sossego) e *jigúia* (agulha), indicando que a prótese do *a* é comum em palavras começadas por *l*, *n*, *r*, *s* e *g*, depois de aferizadas.

Encontramos em Caiana dos Crioulos, prótese do *a* em alguns verbos e no advérbio *depois* → *adepoi*. A seguir, listamos esses casos em situação frasal e em tabela.

### 2.12.1 Análise das ocorrências de prótese em Caiana dos Crioulos

#### 2.12.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) depois

[‘foy ade‘poy ‘ki ‘eu ‘sobi ‘du sa‘patu]

##### (2) planta/planto

[‘a ‘ʒɛti a‘plāta ‘u ‘miy]

[tra‘balu ‘todu ‘dya, a‘prātu ‘u ‘miy, xe‘koy tu‘dĩ ‘di ‘novu]

##### (3) levantar

[pu‘ke ‘nũ ‘sabi alevã‘ta ‘kaza]

##### (4) esqueceu

[‘a ‘ʒɛti ‘si aseske‘seu ‘das ‘zɔŋa]

##### (5) rodeava

[‘nũ ‘tĩŋa ‘u di‘neŋu ‘pa pã‘ŋa... ‘sɔ axudi‘ava ‘nɛʔ]

##### (6) visitei

[a‘i ‘eu avizi‘tey tã‘bẽ ‘u katũ‘bi]

##### (7) voar

[ātiga‘mẽti ‘nũ ‘tĩŋa ‘esa iʃ‘tɔŋa ‘dah ‘mosa avu‘a ‘u ‘kaʃu ‘pas ‘ota pɛ‘ga ‘nãu]

#### 2.12.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências, transcrições e contextos

PRÓTESE DO /A/			
Palavra	Ocorrência	Transcrição	Contexto
depois	[adepoi]	[ade‘poy]	Antes do /d/
planta	[aplanta]	[a‘plāta]	Antes do /p/
planto	[apranto]	[a‘prātu]	Antes do /p/
levantar	[alevantar]	[alevã‘ta]	Antes do /l/
esqueceu	[assesqueceu]	[aseske‘seu]	Antes do /s/
rodeava	[arrudiava]	[axudi‘ava]	Antes do /r/
visitei	[avisitei]	[avizi‘tey]	Antes do /v/
voar	[avoar]	[avu‘a]	Antes do /v/

## 2.12.1.3 Gráfico

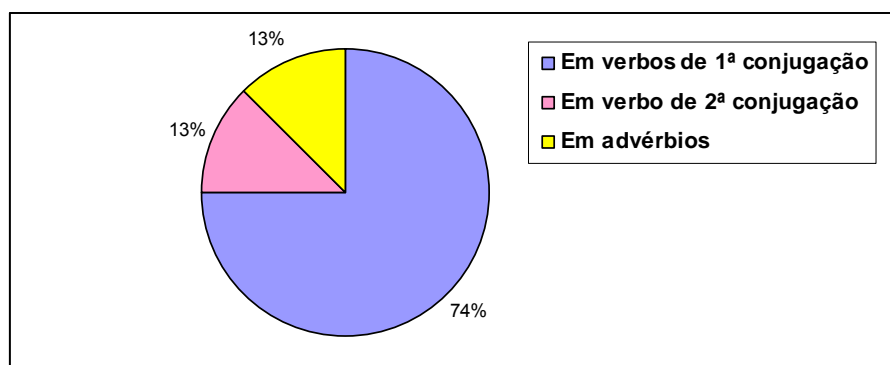


Gráfico 7 - Próteses do /a/.

## 2.12.1.4 Comentários

Em Caiana dos Crioulos, percebemos que a prótese do /a/ ocorre em verbos, principalmente de 1ª conjugação, 74% (Gráfico 16) distribuindo-se antes dos fonemas consonantais /d/, /p/, /l/, /r/, /s/, /l/, /v/. Além dos verbos terminados em *-ar*, que listamos na tabela, registramos também prótese em *esquecer* → *assesquecê* e em *depois* → *adepois*.

## 2.13 SÍNCOPE

É o nome dado ao fenômeno de supressão de um ou mais fonemas no meio de vocábulos. É o que ocorre com algumas palavras, quando proferidas pelas camadas menos escolarizadas da população, como: *horóspo* → *horóscopo*, *bêbo* → *bêbado*, *coscas* → *cócegas*, *tamém* → *também*, *memo* → *mesmo*, *expremento* → *experimento*, *padinho* → *padrinho*, *cumpadi* → *compadre*, *nego* → *negro* (esses últimos com dissimilação dos grupos consonantais) (BOTELHO, 1993).

Na evolução do romance lusitano, consoante Câmara Jr. (2007, p. 274), existem duas sínopes importantes:

[...] 1) síncope da vogal postônica dos proparoxítonos latinos, com a redução do vocábulo a paroxítono e possível evolução posterior do grupo consonântico resultante; ex.; *apícula* > *apicla* (donde port. *abelha*), *teneru* > *tenru* (donde port. *tenro*); 2) síncope de consoante sonora entre vogais: *mala* > *maa* (donde port.mod. – *má*), *pede* > *pee* (donde port. mod. – *pê*).



Ainda segundo o autor, houve no português moderno, a síncope da oclusiva ou construtiva labial, como primeiro membro de grupo consonântico, em vocábulos eruditos; ex.: *excepção* > *exceção*, *aritmética* > *arimética*, etc.

De acordo com Dubois (2006, p. 552), as vogais e as sílabas átonas estão mais propensas a sofrerem síncope, o que aconteceu, segundo o autor, com a passagem do latim *calidus*, *verecundiam*, respectivamente ao português *caldo* e *vergonha*.

Coutinho (1976, p. 107) apresenta exemplos sincopados, como *malu* > *mau*, *mediu* > *meio*, *lepore* > *lebre*, *veritate* > *verdade*, *pulica* > *pulga*, *gallicu* > *galgo*, *manica* > *manga*, *opera* > *obra*, *liberare* > *livrar*, entendendo o autor, que a síncope no latim vulgar é mais propícia, se a vogal estiver: [...] a) depois de uma consoante oclusiva e antes de uma lateral ou vibrante *oc[u]lus* → *oc[ø]lus*; b) entre uma labial e uma consoante *lam[i]na* → *lam[ø]na*; c) entre uma vibrante ou lateral e outra consoante *sol[i]dus* → *sol[ø]dus* e d) depois de *s* e outra consoante *pos[i]tus* → *pos[ø]tus*.

No latim vulgar, a síncope acontecia, geralmente, na penúltima vogal de palavras proparoxítonas e na vogal de sílabas intertônicas. De acordo com Williams (1991, p. 18), o contexto favorável ao apagamento das vogais postônicas ocorria nos seguintes casos: [...] a) quando seguidas de *l* ou *r*; b) quando precedidas de *l* ou *r* e seguidas de *d*, *m* ou *p*; c) quando precedidas de *s* e seguidas de *t*; d) quando precedidas de uma labial; e) e numas poucas palavras inclassificáveis.

A dificuldade de pronunciar as palavras proparoxítonas, de acordo com Marroquim (2008, p. 74) “alargou de maneira notável” o fenômeno da síncope no falar nordestino. Assim, segundo ele, é comum ouvirmos *poiva* (pólvora), *prinspe* (príncipe), *poliça* (polícia), *aua* (água), *aqetá* (aquietar), *embraçá* (embaraçar) e *braiá* (embaralhar) na língua do povo. Amaral, mesmo sem ressaltar o uso corrente de síncope em proparoxítonas, apresenta como exemplos desse fenômeno no falar caipira, os seguintes vocábulos proparoxítonos: *pêssego* → *pesco*, *música* → *musga*, *espírito* → *isprito*, *Jerônimo* → *Jeromo*, *ridículo* → *ridico*.

Raimundo (1933, p. 69), embora não apresente nenhum exemplo sob a denominação “síncope”, elenca como traço fonético remanescente dos falares africanos, as seguintes substituições encontradas na linguagem popular: *principiar* → *prinspiá*, *cócega* → *cosca*, *música* → *musga*, *oscilou* → *oslô*.

Em Caiana, percebemos que as síncopes mais registradas referem-se à supressão do /r/ e /s/ em coda silábica, como demonstrado na análise a seguir.

### 2.13.1 Análise das ocorrências de síncope em Caiana dos Crioulos

#### 2.13.1.1 Ocorrências em contexto frasal

**(1) nasce**

[‘tẽ pe’soa ‘ki ‘nasi a’ki ‘i ‘muytu ‘nasi ‘na si’dadi]

**(2) mesmo**

[‘elis ‘memu brĩ’kavu ‘kũ ‘a fã’mya ‘toda]

**(3) porque**

[pu’ke ‘tĩna lâpa’rina]

**(4) parte**

[‘da ‘pati ‘da ‘noyva ‘i ‘da ‘pati ‘du ‘noyvũ]

**(5) também**

[a’ki ‘tĩna ‘pa fa’ze tã’mẽ]

[a’tẽ ‘sĩku ‘ɔ’a ‘eũ ‘vo ‘pa ‘mĩna is’kɔla tõ’mẽ]

**(6) caboclo**

[a’ki ‘ɛ tɔ’xãũ ‘du ka’boku ‘brabu]

**(7) naturalidade**

[‘eũ pa’sava na’kela may’ɔ natu’ri’dadi]

#### 2.13.1.2 Tabela com vocábulos, ocorrências e transcrições

SÍNCOPES			
Síncope do /r/ em coda silábica			
palavra	ocorrência	transcrição	classe gramatical
perguntava	[péguntava]	[pɛgũ’tava]	verbo
surge	[sugi]	[‘suʒi]	verbo
parte	[páti]	[‘pati]	substantivo
cerveja	[ceveja]	[se’veʒa]	substantivo
conversa	[cunvéssa]	[kũ’veʒa]	substantivo
cirurgia	[cirugia]	[siru’ʒya]	substantivo
perto	[petu]	[‘petu]	advérbio
tarde	[tadi]	[‘tadi]	advérbio
porque	[puquê]	[pu’ke]	conjunção
Síncope do /s/ em coda silábica			
palavra	ocorrência	transcrição	classe gramatical
nasce	[naci]	[na’si]	verbo
mesmo	[memu]	[‘memu]	adjetivo
descendente	[decendenti]	[desẽ’dẽti]	substantivo
raspagem	[rapagi]	[xa’paʒi]	substantivo
Síncope do /b/			
palavra	ocorrência	transcrição	classe gramatical
também	[tamém]	[tãmẽ]	advérbio
também	[tomém]	[tõmẽ]	advérbio

## 2.13.1.3 Gráfico

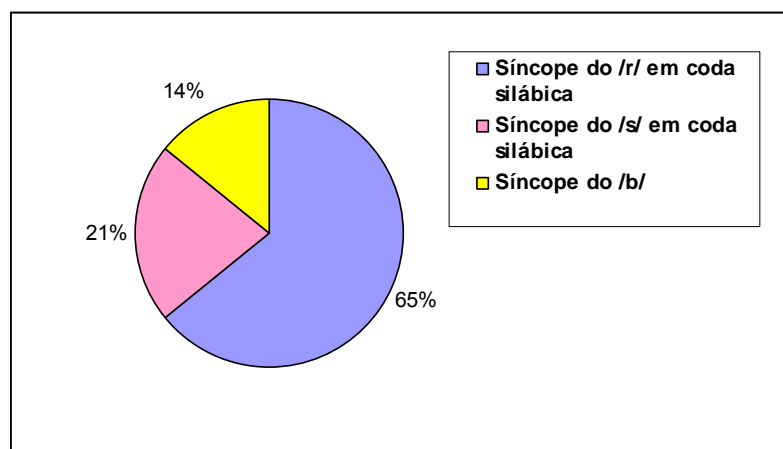


Gráfico 8 - Síncopes em Caiana dos Crioulos

## 2.13.1.4 Comentários

Percebemos que em Caiana é recorrente a síncope do /r/ em coda silábica (65%), ocorrendo principalmente em verbos, substantivos e na conjunção *porque* → *puquê*. Também percebemos grande incidência de supressão do /s/ em coda silábica (21%), principalmente em frases com o adjetivo *mesmo* → *memu*. A síncope do /b/ (14%) é forma comuníssima na pronúncia do advérbio *também* → *tamém*, *tomém*. Além desses casos de supressão de fonema em meio de vocábulo registramos a síncope do /l/ em *caboclo* → *cabôcu*, a síncope de sílaba na proparoxítona *bêbado* → *bebo* e na paroxítona *naturalidade* → *naturidade*.

## 2.14 PERDA DA NASALIZAÇÃO FINAL

A perda da nasalização final é um aspecto fonético-fonológico considerado por alguns estudiosos como influência do negro africano. Castro (2001, p. 117) salienta que a desnasalização das nasais em posição final também ocorre na África “com as importações portuguesas pelas línguas bantos e sob influência delas” que desconhecem as vogais nasais. Assim, são comuns as formas: *benção* → *bença*, *sótão* → *sótu*, *camisão* → *camisu*, *homem* → *homi*, *coragem* → *coragi*.

Raimundo (1933, p. 69) destacou como influência do negro, a mudança do ditongo *ão* postônico, como em *tocaram* → *tocaru*, *órfão* → *órflu*, *se arrivezáro-se* → *vezaram-se* (*o mesmo que enraivecér-se*). Essa pronúncia também foi mencionada por Mendonça (1948, p. 126), quando o autor destaca os vestígios deixados pelos negros na morfologia:

“Temos, outrossim, ouvido, no Distrito Federal, a terminação *am* da 3ª pessoa do perfeito do indicativo soar o átono na pronúncia dos pretos e gente de sua classe: amaram → *amaro*, fizeram → *fizero*, disseram → *dissero*”.

Os fenômenos de desnasalização e suas consequências foram tratados por Holm (*apud* Naro e Scherre, 2007, p. 128) como originalmente morfossintáticos, que teriam se transformado em uma regra fonológica:

Sabe-se também que “desnasalização” (isto é, a falta de nasalização na indicação da terceira pessoa plural na flexão verbal) teve um efeito profundo na morfologia do português brasileiro popular [...]. Tem sido demonstrado que este fenômeno tem motivação fonológica e sintática, mas, assumindo que a variação maciça das flexões verbais nasalizadas e não-nasalizadas se desenvolveu historicamente como parte de um padrão geral de descrioulização, este fenômeno – embora completamente morfossintático na origem – poderia ter se transformado em uma regra apenas fonológica para a mesma alternância nas vogais nasalizadas não-morfêmicas.

Naro e Scherre (2007) discordam desse posicionamento. Os autores acreditam que todos os fatos que se referem aos fenômenos de desnasalização e suas consequências para a variação na concordância verbo/sujeito indicam que sua origem se deu na fonologia, com posterior expansão para a morfologia, ou seja, exatamente o contrário da hipótese de Holm.

Segundo esses pesquisadores, algumas obras do português europeu não-padrão apontam para a origem fonológica do fenômeno de desnasalização, como o texto de Peixoto (*apud* Naro e Scherre, 2007, p. 129), que apresenta como exemplos fonológicos de desnasalização, os seguintes casos de redução da 3ª pessoa do plural: eles amam → *eles amo*, eles comeram → *eles comero*, eles punham → *eles punho*, eles comem → *eles come*, eles dizem → *eles diz*, eles fazem → *eles faz*<sup>9</sup>.

Igual fenômeno de desnasalização, segundo Marroquim (2008, p. 55), ocorre na pronúncia nordestina da terceira pessoa do plural do indicativo, que tende a desfazer o grupo *am*, como em fizeram → *fizero*, amaram → *amaro*, correram → *correro*, foram → *foro*, mataram → *mataro*.

Muito habitual no nordeste, também, é a redução do ditongo *ão* átono como em sôtão → *sótu*, órfão → *órfo*, órgão → *órgo*, Estevão → *Estevo* e Cristóvão → *Cristóvo*. Na observação do falar pernambucano e alagoano, Marroquim (2008, p. 55) ainda ressalta o desaparecimento da nasalidade nos ditongos átonos finais, como virgem → *virgi*, homem →

<sup>9</sup> Esses exemplos foram retirados da obra de Peixoto (1968) sobre o falar de Germil, no extremo norte de Portugal. Esse texto faz parte das obras pesquisadas por Naro e Scherre (2007).

*homi*, ontem → *onti*, anteontem → *antonti*, coragem → *coragi*, vargem → *vági*, camaradagem → *camaradagi*.

Na comunidade de Caiana, observamos a perda da nasalização final em verbos na 3ª pessoa do plural na 1ª, 2ª e 3ª conjugação, assim como, percebemos o desaparecimento da nasalidade nos ditongos átonos finais, como *passagem* → *passagi*.

### 2.14.1 Análise das ocorrências de perda da nasalização final em Caiana dos Crioulos

#### 2.14.1.1 Ocorrências em contexto frasal

##### (1) brincavam

[‘elis ‘memu brĩ‘kavu ‘cũ ‘a fã‘mya ‘toda]

##### (2) fizeram

[a‘i ‘kada ‘ka fi‘zɛru ‘seu ka‘xĩ]

[kõʃtu‘iru ‘aʃu ‘ki ‘ũa ‘kaʃa ‘daga ‘i fi‘zɛru ‘a ãkãna‘sãu ‘da ‘aga]

##### (3) vieram

[vi‘ɛru disku‘brĩ ‘ũa... ‘ũa... ku‘mɛ ‘ki ‘diy... ti‘zoʀu]

##### (4) coragem

[‘may nĩ ‘gẽ ‘tevi kɔ‘raʒi a‘ĩda]

##### (5) coletagem

[‘nũka ‘fi ‘ũa siru‘ʒya, ‘nũka ‘fi ‘ũa kɔlɛ‘taʒi]

##### (6) lobisomem

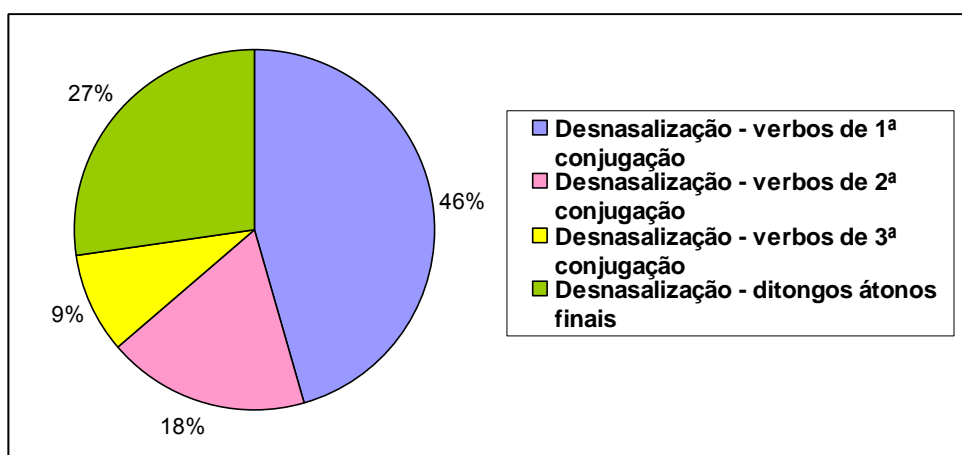
[‘a ‘ʒẽti ‘nũka ‘viu ‘nãu, ‘may ‘tĩna ‘esi lubi‘zomi]

#### 2.14.1.2 Tabelas com vocábulos, ocorrências e transcrições

PERDA DA NASALIZAÇÃO FINAL					
Desnasalização em verbos de 1ª conjugação			Desnasalização em verbos de 2ª conjugação		
palavra	ocorrência	transcrição	palavra	ocorrência	transcrição
habituar	[habituaru]	[abitu‘aru]	tiveram	[tiveru]	[ti‘veru]
arrumaram	[arrumaru]	[axu‘maru]	resolveram	[resolveru]	[xezou‘veru]
brincavam	[brincavu]	[brĩ‘kavu]	perceberam	[perceberu]	[pese‘beru]
arrancaram	[arrancaru]	[axã‘karu]	fizeram	[fizeru]	[fi‘zeru]
entraram	[entáru]	[ẽ‘taru]	disseram	[disseru]	[di‘seru]
tiraram	[tiraru]	[ti‘raru]	morreram	[morreru]	[mo‘xeru]
deixaram	[dexaru]	[de‘faru]			

colocaram	[colocar <u>u</u> ]	[kɔlɔ'karu]			
quebraram	[quebraru]	[kɛ'braru]			
chegaram	[chegar <u>u</u> ]	[ʃe'garu]			
falaram	[falar <u>u</u> ]	[fa'laru]			
botaram	[botaru]	[bɔ'taru]			
consideraram	[consideraru]	[kõside'raru]			
perguntaram	[perguntaru]	[pɾegũ'taru]			
separaram	[separaru]	[sɛpa'raru]			
<b>Desnasalização em verbos de 3ª conjugação</b>			<b>Desnasalização nos ditongos átonos finais</b>		
<b>palavra</b>	<b>ocorrência</b>	<b>transcrição</b>	<b>palavra</b>	<b>ocorrência</b>	<b>transcrição</b>
construíram	[constu <u>í</u> ru]	[kõʃtu'iru]	passagem	[passagi]	[pa'saʒi]
vieram	[vieu <u>u</u> ]	[vi'ɛru]	viagem	[viaji]	[vi'aʒi]
foram	[foru]	[ʃ'oru]	ordem	[ordi]	[ʔhdi]
			coletagem	[coletagi]	[kɔlɛ'taʒi]
			raspagem	[rapagi]	[xa'paʒi]
			coragem	[coragi]	[kɔ'raʒi]
			lobisomem	[lobisomi]	[lubi'zomi]
			jovem	[jovi]	[ʒɔvi]
			homem	[homi]	[ʔomi]

#### 2.14.1.3 Gráfico



**Gráfico 9 - Perda da nasalização final em Caiana**

#### 2.14.1.4 Comentários

Observamos que o processo de perda da nasalização final entre os falantes caianenses ocorre nos verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, na 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo. A maior incidência dessa perda dá-se nos verbos de 1ª conjugação (46%). Além desses casos, também constatamos, como acontece na fala nordestina geral, que é comum a perda da nasalização nos ditongos átonos finais (27%) (Gráfico 18).

# *Capítulo 3*

## Os casamentos em Caiana

A cerimônia de casamento na comunidade de Caiana dos Crioulos realiza-se através de uma série de rituais conservados por gerações, que inclui a ida para Alagoa Grande, para a cerimônia religiosa na igreja católica e a volta para a comunidade, onde familiares e amigos aguardam para os festejos e cortejo dos noivos.

“Antes aqui o pessoal ia de pés, dois quilômetu daqui lá. Dependendo da caminhada da pessoa. Quem andasse mai apressado era duas hora, duas e meia. Aqui sempre saía a madrugada. Umas duas hora. Levava a roupa numa bôsa. Se hospedava na casa de um amigo, da família, de lá se banhava todo mundo, trocava de roupa e ia pá igreja. Aí depoi do casamento, vinha todo mundo de pé, andando pelo mundo. E o poerão... A nuvem de poera no mundo. Chegava em casa todo sujo.”

“Fiquei a noite todinha cum vestido. Fui tirá em casa, quando cheguei na minha casa. Hoje em dia é tudo pesado, eu passei a noite todinha, tirei no ôto dia. Hoje é muito pesado! Pia o rabo! Agora, as vez num dá nem meia noite dereito, já tá tirano. Tá errado! Tem que amanhecê o dia pá pagar o dinhêro.”



“Antigamente era em sanfona né?  
Kônu os noivo tava cheganu, chegava ali:  
\_ Viva os noivo senhor!!!  
Agora ninguém nem fala nada disso.  
Tudo de pé, tocador acompanhanu de sanfona, era  
munto lindo! Agora mudou munto. Aquela música né?  
Antigamente num era essas musica chata que tem  
agora não. As música tudo esquisita né?  
Era só de sanfona”.

“Os casamento de antigamente era diferente dos de  
hoje, im tudo pú tudo, puque, antigamente, a gente  
kandia casá, assim como eu, que eu fui uma vítima  
disso, a gente tinha que saí daqui de pé pá Lagoa  
Grande, pá casá ia de pé, e vortava de pé. Num tinha  
carro, tinha estrada, mái, os carro, fái que nem di o  
ditado, carro era pá quem era mar melhorado... Ôta  
coisa, que na época que a gente casava, num existia  
essa história de bota-fora, nem de dispidida de  
sortero, nem de receber presente, tombém num tinha  
isso. Nem no dia do casamento nós ricibia presente,  
presente que a gente recebia era o noivo”.

“Eu fiquei de vestido de noiva até nôto dia,  
que no meu tempo, nói comprava o vestido,  
aí eu num tirava o vestido não,  
só ia usar uma vez, deixa rasgar!  
Meu vestido era longo, comprido, no meu tempo já  
tinha armação, godêzado”.

“Teve forró de vuá puera.  
Nessa hora o cába inda tava enrolado. Naquele  
tempo cê num via confusão. Caía um bêbo,  
embebedava, a gente pegava, butava esse debaxu  
d’uma sombra, na biquêra de casa, dava um bõe nele,  
ficava todo muiado...”

### **3 FENÔMENOS MORFOSSINTÁTICOS ENCONTRADOS EM CAIANA DOS CRIoulos**

A influência das línguas africanas sobre o português do Brasil fez-se sentir também na morfologia e sintaxe. A simplificação das flexões, a tendência de pluralização dos determinantes, a ausência de concordância entre o sujeito plural e o verbo e a particularíssima forma de colocação dos pronomes são características compreendidas por alguns linguistas como as mais importantes consequências do contato com o negro africano.

Os que atribuem tais características à convivência com línguas de base africana acreditam que tais transformações morfofossintáticas ocorridas no PB relacionam-se à estrutura de algumas línguas africanas que possuem formas únicas para indicar pessoa, gênero, número e tempo, como as línguas banto e o iorubá.

O estudo das singularidades que hoje caracterizam a realidade morfofossintática do PPB, como explicado no capítulo anterior, insere-se num contexto maior, que pretende melhor compreender a realidade do português falado no Brasil. Assim, nesse capítulo, continuando nosso intuito, apresentamos um estudo sobre alguns fenômenos morfofossintáticos encontrados no falar da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, discutindo dessa forma, aspectos da concordância nominal e verbal, estrutura de negação e colocação de pronomes a partir do resultado das inquirições realizadas na comunidade remanescente de quilombo que é objeto do nosso estudo.

#### **3.1 CONCORDÂNCIA NOMINAL**

A simplificação das flexões é um vestígio deixado pelo negro africano, explicado, conforme Mendonça (1948, p. 125) “pela diferença profunda entre as línguas indo-européias e as africanas”. Para o autor, o mais notável desses vestígios encontra-se na conservação do plural no primeiro elemento do sintagma, que se acompanha normalmente de um substantivo invariável.

Para Melo (1971, p. 78), a simplificação e a redução das flexões é a influência mais profunda das línguas africanas. O autor afirma que:

Realmente, em nossas linguagens populares rareiam as desinências de plural, que tendem a se restringir ao primeiro determinante da frase. E isso tão mais amplamente quanto mais baixa a camada popular. Assim se ouvem frases como estas: “Os home tá i”; “as prima já chegaro” (ou “já chego”); “ele

brigo c'os fiyo”; “esses minino são endiabrado” (ou “é endiabrado”); “são uns diabo os negrinho da cumádi Cândia”, etc.

Essa variabilidade do sistema de concordância nominal (CN) foi citada por Coelho (1967) e Guy (1989) como sendo de procedência crioula, ou seja, “um resultado da africanização do português [...], da reestruturação gramatical do português, de acordo com algum modelo africano em terras brasileiras”, uma vez que, línguas crioulas e certas línguas da África Ocidental não admitem modificações para indicar noções subsidiárias do tipo pessoa, gênero, número e tempo, por exemplo (NARO E SCHERRE, 2007, p. 32).

Em banto, por exemplo, conforme elucida Castro (2001, p. 94), a oposição entre singular e plural é feita através de prefixos classificatórios (“mu.ntu x ba.ntu”) e em iorubá, por um pronome enfático precedendo o nome (“àwon okunrin”, homens).

A pesquisa de Guy (1981), sob a perspectiva da Sociolinguística Quantitativa, analisa aspectos relativos à fonologia e sintaxe do PB em falantes semi-analfabetos do Rio de Janeiro. Sobre o fenômeno do apagamento de *-s* final como marca de plural e em realização não morfêmica, Guy entende que as principais restrições envolvem tonicidade e segmento seguinte. Segundo o autor, sílabas átonas tendem a cancelar mais o *s* final do que as tônicas. Sobre o segmento seguinte, a consoante aparece como fator mais atuante no fator de apagamento que a vogal. Sobre a variação “posição”, a frequência encontrada foi de 95% de marca na primeira posição, 28% na segunda, 21% na terceira e 11% na quarta e quinta posição.

Para Guy, os resultados obtidos para o fenômeno de CN representam um processo de descrioulização do PB, uma vez que, “as mesmas características de localização da marca formal do plural no início do sintagma nominal também se encontram em diversos pidgins/crioulos, bem como em algumas línguas africanas e no português popular do Brasil” (NARO E SCHERRE, 2007, p. 34-35).

A vertente contrária a essa posição considera que o fenômeno da falta variável de concordância tem origem “na antiga deriva secular das línguas indo-européias em geral, e das línguas românicas em particular, em direção a uma gramática com menos flexão”. Nessa corrente encontram-se Sapir, Naro e Tarallo.

Os estudos acerca do comportamento da regra de CN foram iniciados no Brasil por Braga (1977) e Scherre (1978). Braga (1977) inquiriu falantes do Triângulo Mineiro e comparou os resultados obtidos com o falar carioca. Ao fim, constatou que a aplicação da regra de concordância era condicionada pelos seguintes fatores: a) posição que o elemento

considerado ocupa no SN; b) grau de saliência fônica na oposição singular/plural; c) natureza fonológica do contexto seguinte; d) categoria morfológica do primeiro elemento do SN e e) grau de formalismo da gravação. Dentre outros resultados, Braga (1977) constatou que o comportamento linguístico quanto à aplicação da regra do CN é semelhante entre os falantes da classe média alta e classe média, enquanto os falantes da classe baixa distanciam-se desse comportamento (BRAGA, 1977, p. 13).

Scherre (1988) também estudou o fenômeno da CN na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, a partir de pesquisa realizada junto a falantes do Rio de Janeiro. Foram analisados os seguintes fatores que influenciam a formação do plural do SN: a) processos morfofonológicos da formação do plural; b) tonicidade dos itens lexicais singulares; c) número de sílabas dos itens lexicais singulares; d) a posição linear do elemento do SN; e) classe gramatical do elemento nominal; f) marcas precedentes ao elemento nominal analisado; g) contexto fonético/fonológico seguinte ao elemento nominal sob análise e h) função sintática do SN.

Com base nos seus dados e na revisão de diversos trabalhos realizados a respeito da variável *posição linear*, a autora afirma que:

Todos os pesquisadores envolvidos concluem que a variação Posição é a mais importante de todas, no sentido de exercer uma influência polarizada e uniforme sobre a regra de concordância de número entre os elementos do SN em Português (SCHERRE, 1988, p. 146-147).

Sobre a classe gramatical do elemento nominal, a autora conclui que a primeira posição do SN é a mais marcada independentemente da classe gramatical, embora, o substantivo apresente-se menos marcado que as demais classes.

O dialeto nordestino, segundo Marroquim (2008, p. 81), é indicado apenas pelo determinativo. O substantivo ou adjetivo qualificativo, estando no singular ou plural, permanece no singular. Essa “uniformidade”, para o autor, simplifica de maneira salutar o dialeto matuto, levando a ocorrências como *o home, os home, o rio, os rio, o mêi, os mêi, dois mi ré, vinte mi ré*.

No dialeto caipira, Amaral (1982) elenca alguns exemplos em que vocábulos paroxítonos e proparoxítonos perdem o sinal da pluralidade, como: *os arfêre, os pire, dois home, os cavalo*, por exemplo. Os oxítonos, para o autor, conservam o *s* final, como em *nóis, vêis, dois, três, paiz*; salvo quando sinal de pluralidade, como: *os pau, os papé, as frô, os urubu*.

Assim como Marroquim (2008), Amaral (1982) assinalou que a pluralidade é indicada pelos determinativos (*os rei, duas dama, certas hora, aqueles menino*), fugindo o qualificativo à forma pluralizadora (*os rei mago, duas casa vendida, boas hora*).

Ao que se refere à concordância nominal de gênero, Naro e Scherre (2007, p. 76), chamam à atenção para recorrência do fenômeno em variedades do português não-padrão, “sejam elas brasileiras ou européias, sejam elas de comunidades isoladas de origem africana e de origem européia”.

Entendendo o fenômeno da variação de concordância nominal como traço criouliizante de origem africana, Ferreira (1994) e Lucchesi (1997) elencam os seguintes dados encontrados no português brasileiro de Helvécia na Bahia: “cabelo grossa”, “éla é muito saído”, “téra meio moiado”, “ó meu sobrinha”, “uma duas arquerim de terra”.

Para Amaral (1982), os adjetivos deixam normalmente de sofrer a flexão genérica, quando não aparecem contíguos aos substantivos, como ocorre nesses exemplos retirados do falar paulista caipira: “essas coisarada bunito”, “as criança távum quétu”, “as criação ficarum pestiado”.

Em Caiana, a partir da análise de 119 casos, observamos as variáveis *posição linear*, *classe nuclear e não-nuclear*, e *classe gramatical* dos elementos do Sintagma Nominal, com o intuito de perceber o papel que essas variáveis exercem no processo de determinação da quantidade de marcas formais de plural na concordância de número. Ainda listamos quatro ocorrências de variação de concordância nominal de gênero registradas na comunidade que estudamos.

### 3.1.1 Concordância nominal em Caiana dos Crioulos

#### 3.1.1.1 Ocorrências levando-se em conta: posição linear, classe nuclear e não-nuclear e classe gramatical

- └─ classe não-nuclear anteposta na primeira posição (artigo definido)
- (1) As partêra
- └─ classe nuclear na segunda posição (parteira – substantivo)
- └─ classe não-nuclear anteposta na primeira posição (pronomes demonstrativos)
- (2) Aqueles tempo
- └─ classe nuclear na segunda posição (substantivo)

→ classe não-nuclear anteposta na primeira posição (artigo definido)  
 (3) Os pai da gente

→ classe não-nuclear posposta na terceira posição (preposição)  
 → classe nuclear na segunda posição (substantivo)

→ classe não-nuclear anteposta na primeira posição (artigo definido)  
 → classe não-nuclear anteposta na segunda posição (pronomes possessivos)  
 (4) As minhas irmã todinha

→ classe não-nuclear posposta nas demais posições (adjetivo)  
 → classe nuclear na terceira posição (substantivo)

→ classe não-nuclear anteposta na primeira posição (artigo definido)  
 → classe nuclear na segunda posição (figado – substantivo)  
 (5) Os figo das quiança

→ classe não-nuclear posposta nas demais posições (substantivo)  
 → classe não-nuclear posposta na terceira posição (preposição)

→ classe não-nuclear anteposta na primeira posição (pronomes demonstrativos)  
 → classe nuclear na segunda posição (substantivo)  
 (6) Aqueles pessoal antigo

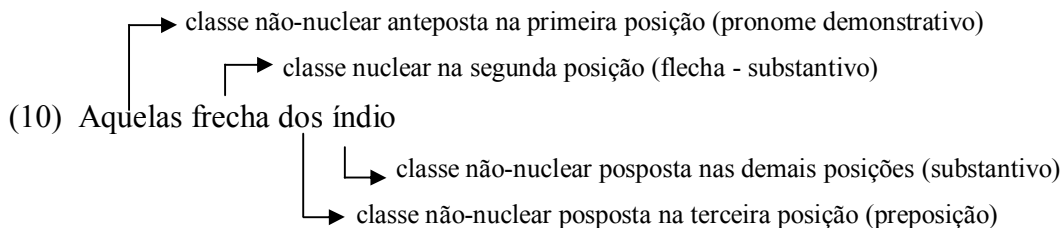
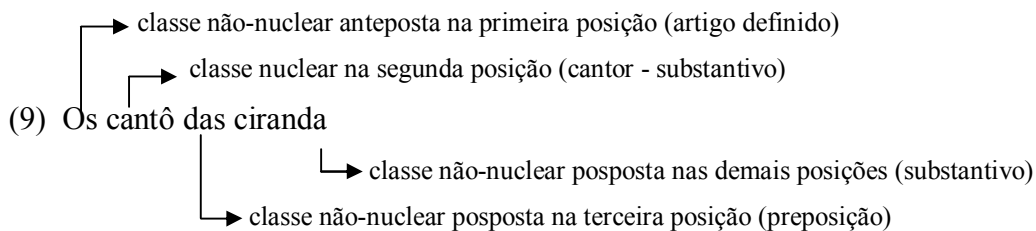
→ classe não-nuclear posposta na terceira posição (adjetivo)

→ classe não-nuclear anteposta na primeira posição (numeral)  
 → classe nuclear na segunda posição (substantivo)  
 (7) Duas barriga gêmei

→ classe não-nuclear posposta na terceira posição (gêmea - adjetivo)

→ classe não-nuclear anteposta na primeira posição (artigo definido)  
 → classe nuclear na segunda posição (substantivo)  
 (8) As chegada dos antepassado

→ classe não-nuclear posposta nas demais posições (substantivo)  
 → classe não-nuclear posposta na terceira posição (preposição)



3.1.1.2 Tabelas com resultados da variável *posição linear/classe nuclear e não-nuclear e classes gramaticais dos elementos do Sintagma Nominal* em Caiana

CLASSE NÃO-NUCLEAR							
Anteposta na 1ª posição		Anteposta na 2ª posição		Posposta na 3ª posição		Posposta nas demais posições	
singular	plural	singular	plural	singular	plural	singular	plural
04	115	01	06	08	06	10	0

CLASSE NUCLEAR					
1ª posição		2ª posição		3ª posição	
singular	plural	singular	plural	singular	plural
0	0	111	0	08	0

Classe gramatical do 1º elemento do Sintagma Nominal					
Artigo definido	Artigo indefinido	Pronome possessivo	Pronome demonstrativo	Numeral	Adjetivo
73	11	09	13	09	04

Classe gramatical do 2º elemento do Sintagma Nominal			
Substantivo	Adjetivo	Pronome possessivo	Pronome indefinido
113	02	03	01

Classe gramatical do 3º elemento do Sintagma Nominal			
Substantivo	Preposição	Adjetivo	Pronome indefinido
05	11	04	02

Classe gramatical do 4º elemento do Sintagma Nominal		
Substantivo	Advérbio	Adjetivo
08	01	01

## 3.1.1.3 Gráficos

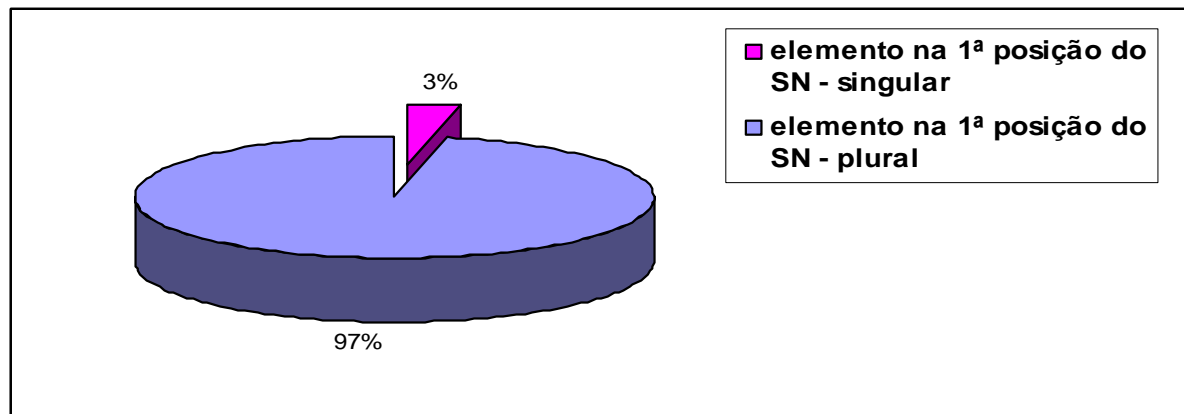


Gráfico 19 – Marca de número na classe não-nuclear anteposta na primeira posição do Sintagma Nominal.

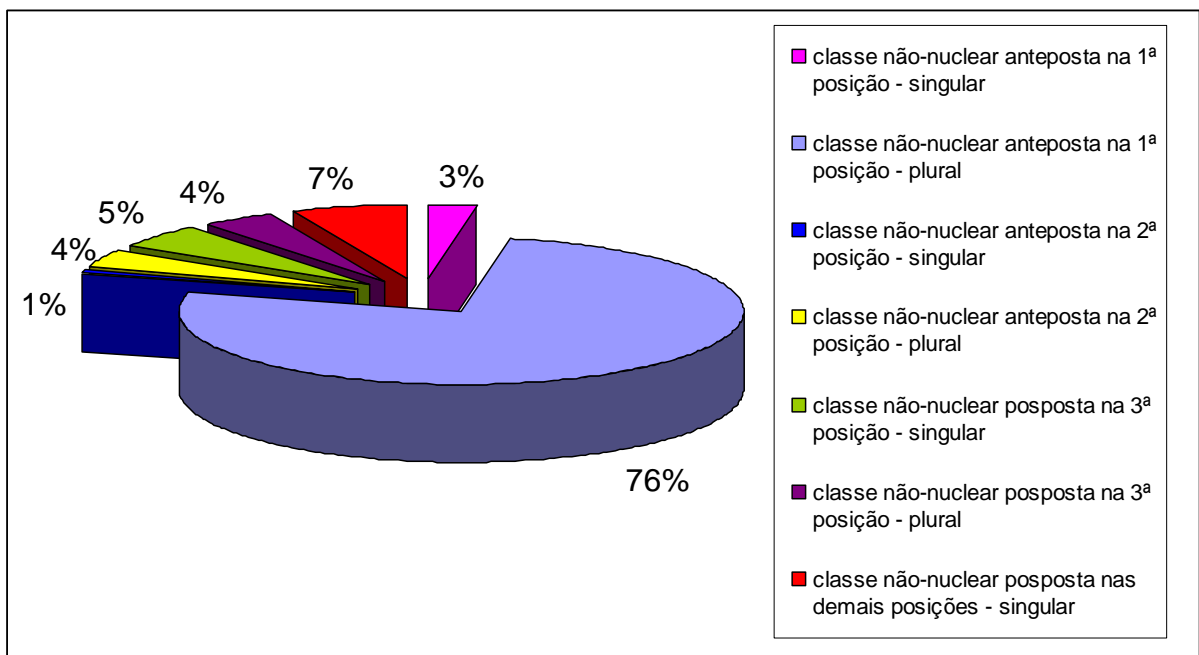


Gráfico 20 - Relação das variáveis *posição linear* e *classe não-nuclear*.

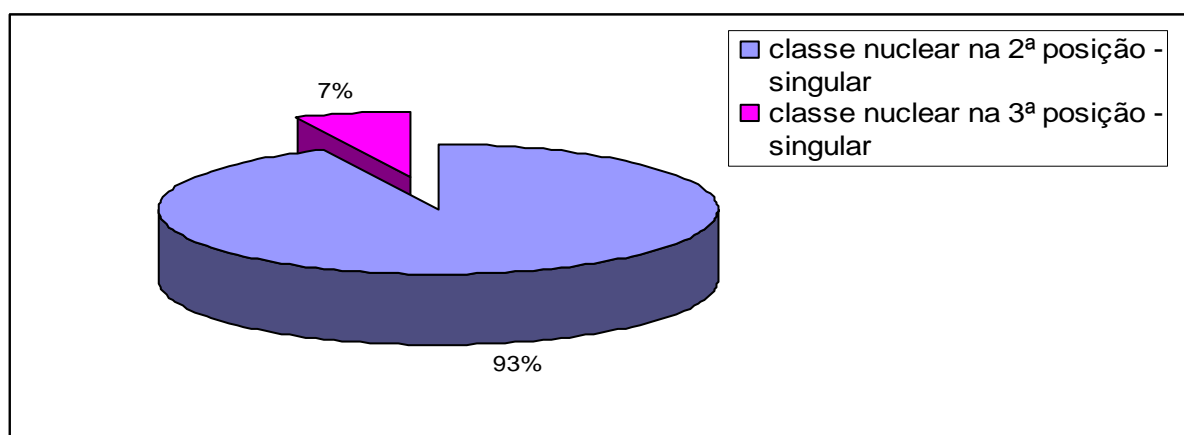


Gráfico 21 – Relação das variáveis *posição linear* e *classe nuclear*.



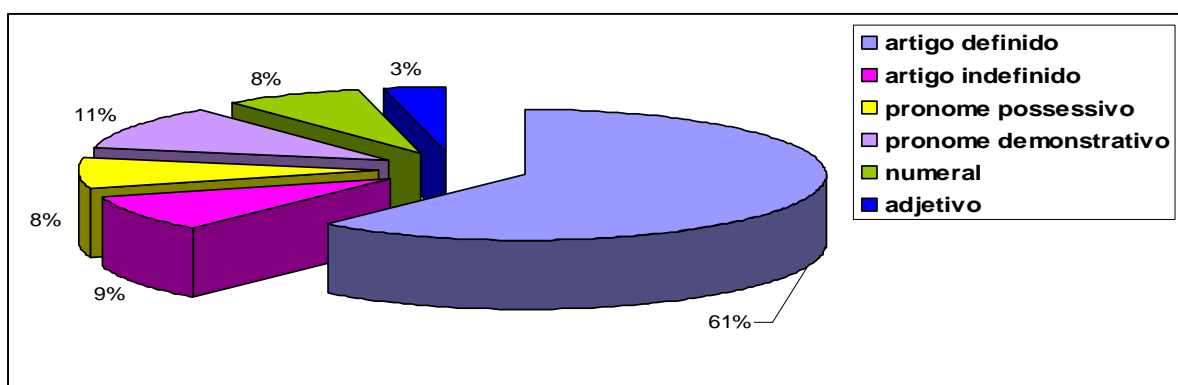


Gráfico 22 – Classe gramatical do 1º elemento do SN.

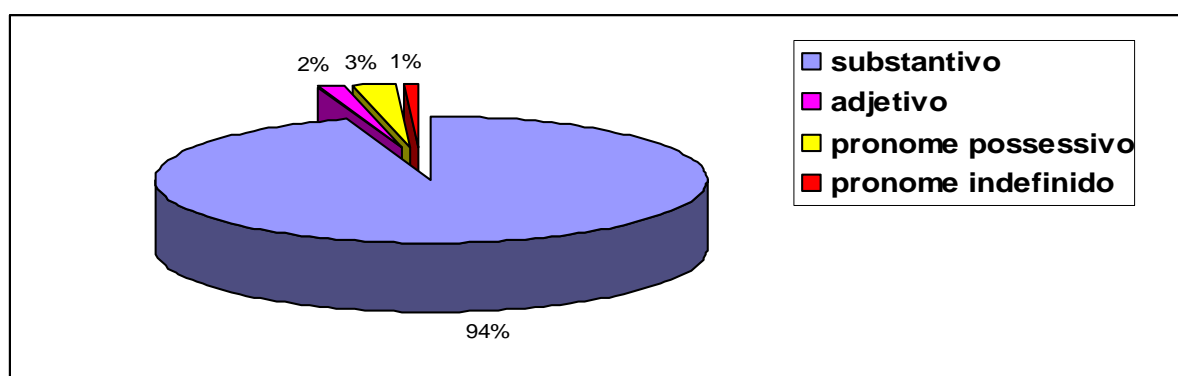


Gráfico 23 – Classe gramatical do 2º elemento do SN.

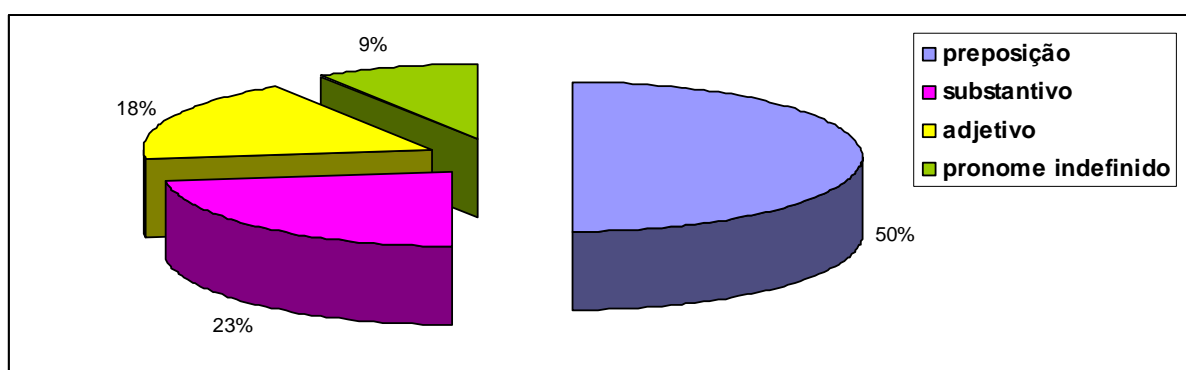


Gráfico 24 – Classe gramatical do 3º elemento do SN.

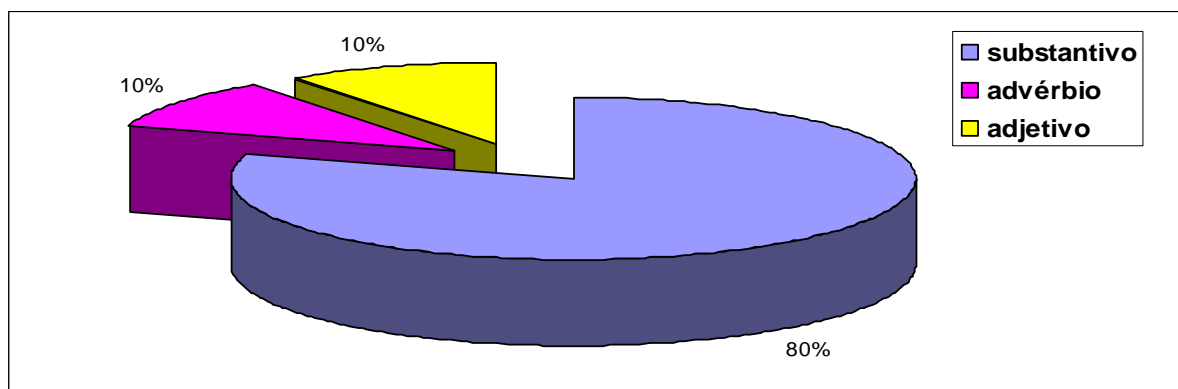


Gráfico 25 – Classe gramatical do 4º elemento do SN.

#### 3.1.1.4 Comentários

Com base nos dados do gráfico 19, percebemos que a classe não-nuclear anteposta na primeira posição do SN costumeiramente pluraliza-se. Dos 119 casos analisados, 97%, ou seja, 115 casos apresentaram a marca do plural.

Na observação das classes não-nucleares do SN, também constatamos que a primeira posição não-nuclear anteposta é a mais favorável à presença da marca do plural, uma vez que, em comparação a outras classes não-nucleares, a primeira posição apresentou 76% de pluralização, contra 4% de pluralização da classe não-nuclear anteposta na segunda posição e posposta na terceira posição do SN (gráfico 20). Esse resultado está de acordo com o resultado apresentado por Scherre (1988, p. 147, grifo nosso), quando expõe que:

[...] o mecanismo da concordância não constitui uma necessidade lógica das línguas, pois uma marca formal ou semântica de plural em algum ponto no SN é suficiente para se transmitir a informação desejada [...] Como se afirma que em português marca-se preferencialmente a 1ª posição, as demais marcas tornam-se desnecessárias.

Com relação à classe nuclear na segunda posição do SN, temos que, 94%, ou seja, 113 dos 119 casos tratam-se de substantivos (gráfico 23) em que ocorre ausência de marca de plural (gráfico 21). Percebemos que essa posição e classe gramatical favorecem a falta de concordância com o primeiro elemento do SN. Nos oito casos (7%) em que temos classe nuclear na terceira posição do SN, também há total ausência de marca pluralizadora (gráfico 21).

O gráfico 22 indica que, na classe não-nuclear anteposta na primeira posição, temos o aparecimento de 73 artigos definidos no plural, ou seja, 61% da amostra, contra 11 artigos indefinidos (9%), nove pronomes possessivos (8%), 13 pronomes demonstrativos (11%), nove numerais (8%) e quatro adjetivos (3%). Esse resultado corrobora com a assertiva de Tarallo (1985, p. 37, grifo nosso), quando esse afirma que: “a retenção do < s > pode está condicionada à posição da variável no SN, isto é, no determinante [...] posição geralmente preenchida pelo artigo”.

Constatamos ainda, que dos 22 casos em que se observou a variável *classe não-nuclear posposta na 3ª posição do SN*, 50% da amostra, ou seja, 11 casos tratavam-se de preposições (gráfico 24). Nos doze casos analisados da variável *classe não-nuclear posposta nas demais posições*, temos a maioria (80%) formada por substantivo no singular (gráfico 25).

Por fim, registramos em Caiana, no tocante à variação da concordância nominal de gênero, as seguintes ocorrências:

- ✓ A moça solteiro;
- ✓ Gosta mái da pessoa moreno daqui;
- ✓ Uma dia eu vou ligá pá ela;
- ✓ É uma água cuado;
- ✓ Cada um tem seu cisterna.

### 3.2 CONCORDÂNCIA VERBAL

Os primeiros trabalhos de natureza dialetológica sobre o português falado no Brasil já apresentaram aspectos do comportamento de determinadas variáveis linguísticas. Os principais trabalhos nessa linha mencionam a questão da concordância verbal (CV) e registram que a regra de CV costuma se manter na língua das classes cultas e se simplificar na língua das classes com menos tempo de escolarização.

O processo de analogia entre as formas singular e plural dos verbos é, para Teixeira (1938, p. 36), a causa da simplificação das flexões verbais: “Nas flexões verbais, mais que em qualquer outro campo, se exerce a ação niveladora da analogia. A determinação das pessoas é dada quase que só pelos pronomes”.

O estudioso explica que este traço linguístico é comum na língua das classes incultas mineiras:

O facto mais comum na língua popular mineira é a invariabilidade do verbo na concordância em número e pessoa com seu sujeito – *os home oiava, nois teve, tu foi* (enfático). Isto porque, como vimos, se processou uma redução no número e pessoas do tempo verbal, por efeito da analogia. (...) O facto é que a regra geral é a invariabilidade flexional do verbo na concordância com seu sujeito, seja este de que pessoa e número for, venha anteposto ou posposto (TEIXEIRA, 1938, p. 73).

Num segundo estudo, agora sobre a linguagem goiana, Teixeira (1944, p. 102) relaciona a redução da flexão verbal ao contato do português com línguas indígenas e africanas. Segundo ele:

Sem dúvida que a velha tendência do indo-europeu para redução das flexões de número e pessoa encontrou novas condições favoráveis à sua

manifestação, pois que tanto as línguas indígenas como as africanas possuíam esta uniformidade flexional na expressão das pessoas verbais [...] A ausência da ação disciplinadora da escola concorreu para que os processos das línguas indígenas e africanas se generalizassem na língua popular dialetal, uniformizando as pessoas verbais.

Lucchesi (2003, p. 279), também elenca um conjunto de estruturas do PB como provenientes do contato entre línguas que marcou os primeiros séculos da história sociolinguística do Brasil. Segundo o autor, os níveis de erosão da morfologia nominal de número e verbal de pessoa/número foram provocados por um processo de transmissão linguística irregular, que pode ser observado, sobretudo, em localidades de grande concentração de mão-de-obra escrava, como é o caso de Helvécia, no extremo sul da Bahia, onde o pesquisador observou entre outros fenômenos morfossintáticos incomuns, a variação na concordância verbal com a 1ª pessoa do singular, como no exemplo: “*Eu trabalha na roça desde menino*”.

Na mesma comunidade, Ferreira (1994, p. 30) registrou oito exemplos de variação na concordância verbal com a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e doze casos em que se observa a forma na 3ª pessoa pela 1ª no pretérito perfeito:

<b>Presente do indicativo</b>	<b>Pretérito perfeito</b>
‘bébi (A)*	‘io bati‘zo (A)
‘io ‘faz (A)	‘io eske‘seu (A)
‘io nã‘domi (A)	‘io foi (A)
‘io ‘kõmi (B)*	‘io nã ka‘io (A)
‘io ‘sabi (A, duas vezes)	‘io ko‘reu (B)
‘io nã‘sabi (B)	‘io na‘seu (A,B)
‘io ‘vai (A)	‘io pa‘ro (A)
	‘io ti‘ro (A)
	‘io zó‘go (A,B)
	‘io ‘teve (A)

\*A: informante do sexo feminino.

\*B: informante do sexo masculino.

Para Naro e Scherre (2007, p. 91-93), “a neutralização entre 1ª e 3ª pessoas do singular é um fenômeno perfeitamente encaixado na configuração geral do português, incluindo o português padrão”. De acordo com os estudiosos, fenômeno similar foi bem delimitado em sete dos 12 trabalhos pesquisados por eles, onde se puderam registrar em comunidades portuguesas, ocorrências como: “*Eu na quinta-feira apanhou...*”, “*eu foi...*”, “*eu pôde...*”.

A ausência de flexão verbal, consoante Melo (1971), é particularidade mais facilmente encontrada entre os falantes das camadas sociais mais baixas. Em sua pesquisa, o autor observou que há uma relação entre observância da regra de concordância e distribuição social dos falantes. Um dos traços destacado por ele, refere-se a não-aplicação da regra entre o verbo e o sujeito plural, quando posposto.

Muito comum, na linguagem coloquial, é deixar-se no singular um verbo referido a sujeito plural que se lhe pospõe: “*chegou* três pessoas”, “*aconteceu* dois casos graves”, “*caiu* dois aviões o mês passado” (MELO, 1971, p. 79).

Em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, como Helvécia, o nível de variação na concordância verbal com a terceira pessoa do plural é da ordem de 84% com sujeito anteposto ao verbo, como “eles *ganha* pouco” e “as mulé num *vai*”. O nível de variação cai para aproximadamente 60% entre os falantes da norma popular do interior do estado do Rio de Janeiro e para pouco mais de 50% na capital (LUCCHESI, 2008, p. 377).

Os resultados demonstrados por Lucchesi (2008, p. 377) apontam para uma variação na norma culta, condicionada pela posposição do sujeito em 52% de frequência de realização, o que se distancia do observado no português afro-brasileiro, “em que a diferença na frequência de aplicação da regra de concordância entre o sujeito anteposto e posposto não passa de três pontos percentuais”.

Para esse estudioso, as distintas variações encontradas entre os falantes da norma culta e os falantes da linguagem popular, principalmente os afro-brasileiros, apontam para a existência de dois processos históricos diferentes.

Sobre a variação *posição do sujeito em relação ao verbo*, dos 12 autores portugueses pesquisados por Naro e Scherre (2007), nove apresentaram exemplos de ausência de concordância plural com sujeito à direita do verbo, como nos exemplos: “...morria pessoas de família...”, “...retalha-se as fibras”, “tava lá já as criadas”, etc. A frequência de variação com sujeito à esquerda do verbo também pôde ser encontrada em nove dos 12 trabalhos observados, como percebemos nos exemplos: “duas camas dá oito mestras”, “os nossos agasalhos é estes”, “o pai e a mãe nunca bai pro rio”, etc.

Em Caiana, a partir da análise de 186 casos, pudemos fazer um exame sobre a variação na concordância verbal, em perspectivas como: posição do sujeito em relação ao verbo, natureza da oposição singular/plural, características morfofonológicas de algumas ocorrências e neutralização da 1ª e 3ª pessoas do singular.

### 3.2.1 Concordância verbal em Caiana dos Crioulos

#### 3.2.1.1 Ocorrências com sujeito anteposto ao verbo

- └─> Sujeito (terceira pessoa do plural)
- (1) As partêra é ôta  
└─> Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo
- └─> Sujeito (terceira pessoa do plural)
- (2) Meus pai era privinido  
└─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo
- └─> Sujeito (terceira pessoa do plural)
- (3) Minhas perna butou uma berruga  
└─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- └─> Sujeito (forma popular da primeira pessoa do plural que normalmente concorda com verbos no singular)
- (4) A gente temu aqui  
└─> Verbo na primeira pessoa do plural do presente do indicativo
- └─> Sujeito (terceira pessoa do plural)
- (5) Os papa-figo carregava os menino  
└─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo
- └─> Sujeito (pronome na primeira pessoa do plural)
- (6) Nós namorava de olho  
└─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo
- └─> Sujeito (terceira pessoa do plural)
- (7) Os casamento era diferente dos de hoje  
└─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo

└─> Sujeito (pronome na segunda pessoa do plural)

(8) Como foi que vós falou?

└─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo

└─> Sujeito (terceira pessoa do plural)

(9) Os tocador entrava pá dentu

└─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo

└─> Sujeito (terceira pessoa do plural)

(10) Os minino fizeram carrêra

└─> Verbo na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo

└─> Sujeito (terceira pessoa do plural)

(11) Os antepassado chegaru aqui

└─> Verbo na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo

└─> Sujeito (terceira pessoa do plural)

(12) Os novato butaru o nome de ciranda

└─> Verbo na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo

└─> Sujeito (terceira pessoa do plural)

(13) Os povo quebaru as lêta

└─> Verbo na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo

### 3.2.1.2 Ocorrências com sujeito posposto ao verbo

└─> Sujeito (terceira pessoa do plural)

(1) Quem toca mais é os home

└─> Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo

- └─> Sujeito (terceira pessoa do plural)
- (2) Aí vinha aqueles caba
- └─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo

- └─> Sujeito (terceira pessoa do plural)
- (3) Quem tá é as ôta mulé
- └─> Verbos na terceira pessoa do singular do presente do indicativo

- └─> Sujeito (terceira pessoa do plural)
- (4) Tá mioranu as coisa
- └─> Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo

- └─> Sujeito (terceira pessoa do plural)
- (5) É difícil as coisa
- └─> Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo

### 3.2.1.3 Ocorrências de variação na concordância verbal com a 1ª pessoa do singular

- └─> Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo
- (1) Eu tem chegado lá e tem vortado

- └─> Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo
- (2) Eu só vende na fêra, mii

- └─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- (3) Eu já pegô ônibu

- └─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo
- (4) Eu passô um ano aqui

- └─> Verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo
- (5) Eu vem pá casa



└─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo

(6) Eu parô de estudar nêga

└─> Verbo na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo

(7) Eu trabaiô munto no roçado

3.2.1.4 Tabela com resultados do nível de variação na concordância verbal com a primeira e terceira pessoa do plural em Caiana dos Crioulos

Concordância Verbal			
3ª pessoa do plural			
Sujeito anteposto ao verbo		Sujeito posposto ao verbo	
Ausência de concordância	Presença de concordância	Ausência de concordância	Presença de concordância
54	11	17	0
1ª pessoa do plural			
A gente (forma coloquial)		Nós	
Ausência de concordância	Presença de concordância	Ausência de concordância	Presença de concordância
04	74	16	10

3.2.1.4 Gráficos

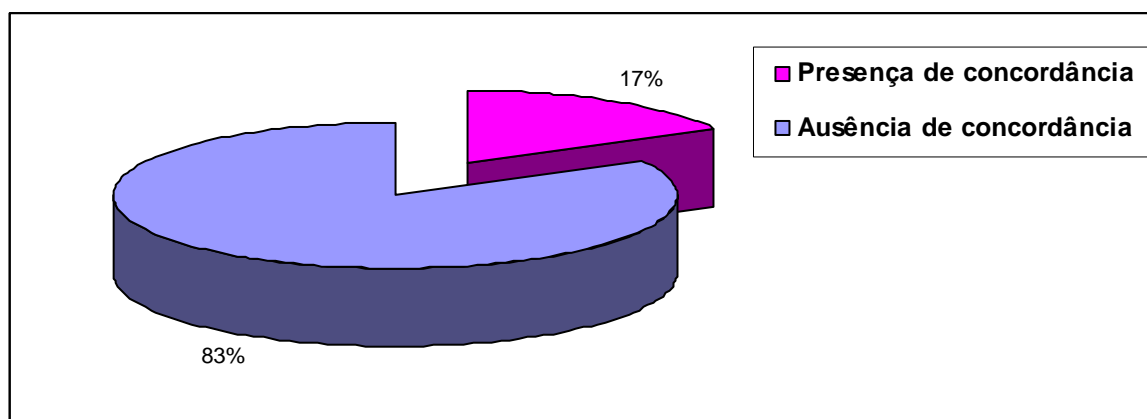


Gráfico 26 – Variação da concordância verbal com sujeito (terceira pessoa do plural) anteposto ao verbo

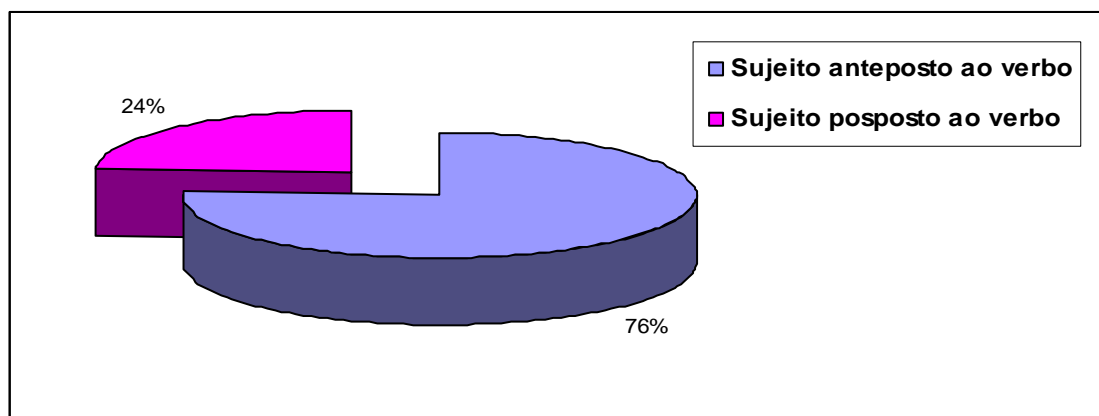


Gráfico 27 – Ausência de concordância entre sujeito na terceira pessoa do plural e verbo.

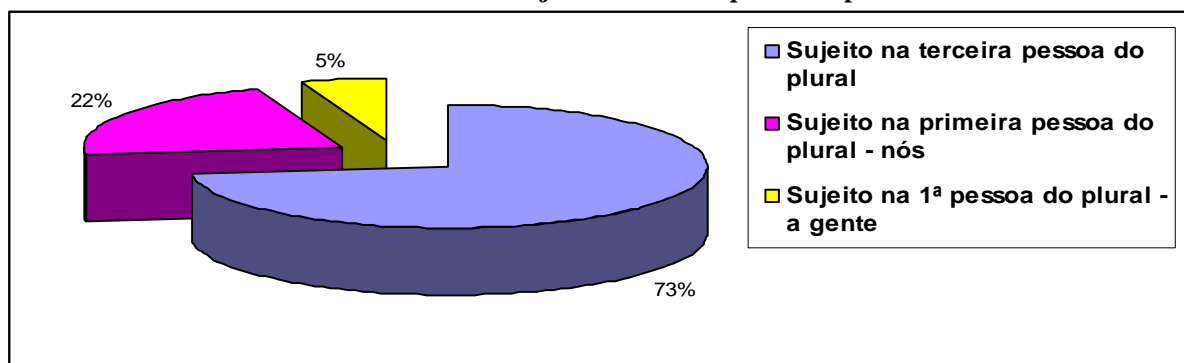


Gráfico 28 – Ausência de concordância – sujeito anteposto ao verbo

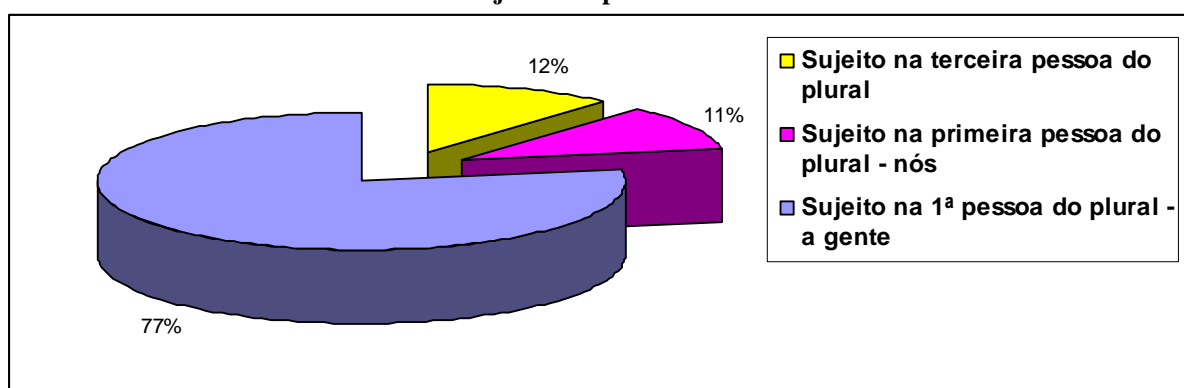
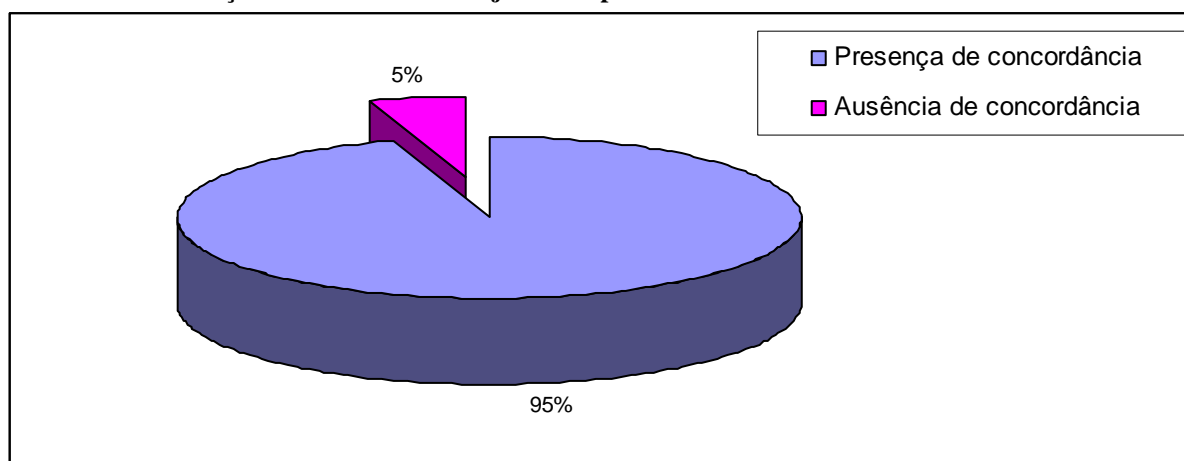


Gráfico 29 – Presença de concordância – sujeito anteposto ao verbo

Gráfico 30 – Variação da concordância com a 1ª pessoa do plural – forma coloquial *a gente*

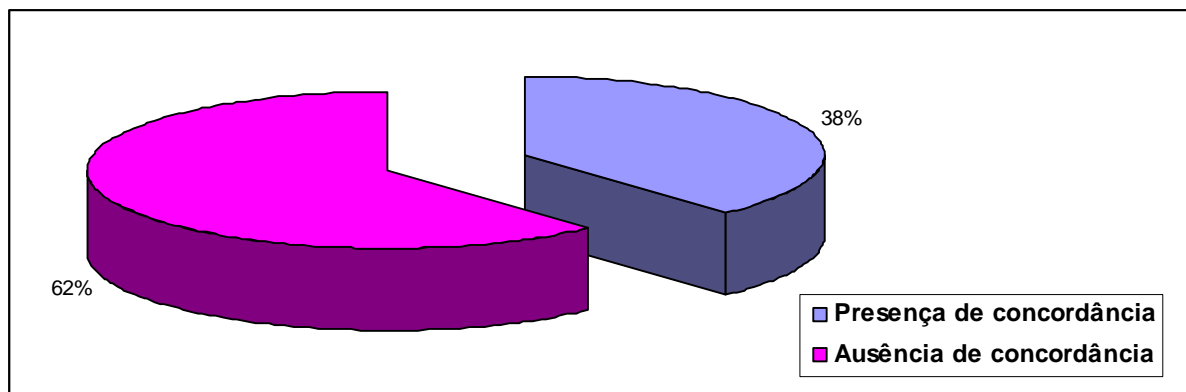


Gráfico 31 – Variação da concordância com a 1ª pessoa do plural – forma *nós*

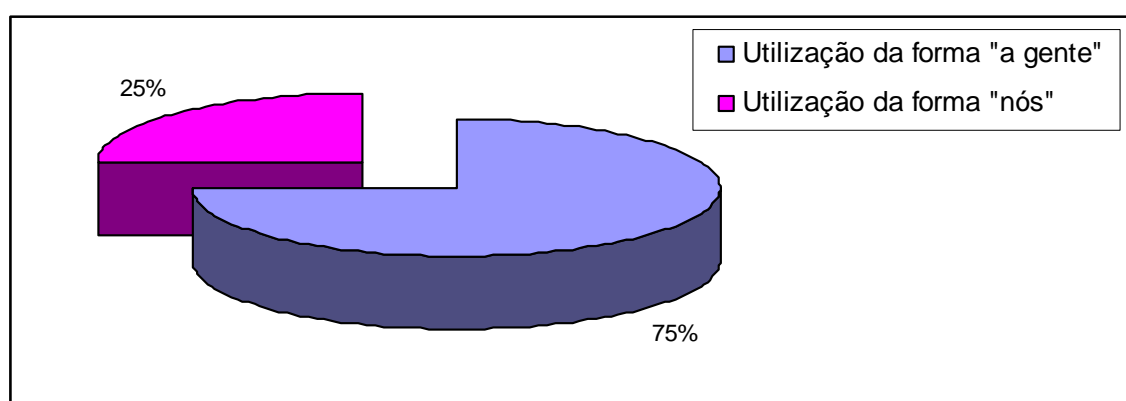


Gráfico 32 – Resultado da utilização das formas *nós/a gente*

### 3.2.1.5 Comentários

Pudemos observar, já nos exemplos elencados de sujeito no plural anteposto ao verbo, que, em Caiana, é marcante que o sujeito na terceira pessoa do plural não concorde com os verbos no presente do indicativo, pretérito perfeito ou imperfeito. No gráfico 26, temos que 83% da mostra, ou seja, 54 das 65 ocorrências observadas, apontam para a incidência da falta de concordância plural. Também podemos percebermos, ainda a partir desse gráfico, que 17% da mostra revelam a presença da marca plural no sujeito e verbo respectivo. Nessas ocorrências constatamos a perda da nasalidade na marca de plural, principalmente em verbo da 1ª conjugação no pretérito imperfeito do indicativo (*brincavam* → *brincavu*, *falavam* → *falavu*, *plantavam* → *plantavu*) e em verbos das três conjugações no pretérito perfeito do indicativo (*falaram* → *falaru*, *brincaram* → *brincararu*, *beberam* → *beberu*, *comeram* → *comeru*, *foram* → *foru*).

Com relação a sujeito posposto ao verbo, percebemos variante zero de plural. Na tabela onde apresentamos os números da CV em Caiana, podemos observar que todas as

ocorrências onde o sujeito na terceira pessoa do plural aparece depois do verbo apresentam verbos na forma singular.

Com relação à ausência de concordância entre o sujeito na terceira pessoa do plural e o verbo, temos, com base no gráfico 27, que das 71 ocorrências analisadas, 76%, ou seja, 54 casos referem-se a sujeito anteposto ao verbo, enquanto que 24%, ou seja, 17 ocorrências são de sujeito posposto ao verbo. Esse resultado contrasta com a afirmação de Scherre e Naro (2007, p. 99), quando esses comentam que: “Já é de conhecimento de todos nós que, no português brasileiro, o sujeito à esquerda do verbo favorece de forma robusta mais variante explícita de plural no verbo do que sujeito à sua direita”. Os dados encontrados em Caiana revalidam a posição de Lucchesi (2008, p. 377), quando este afirma, com base nos resultados da concordância verbal segundo a posição do sujeito no português afro brasileiro, que:

A variação observada no português afro-brasileiro diferencia-se estruturalmente da observada na norma culta por não estar fortemente condicionada pela posição do sujeito [...] em que a diferença na frequência de aplicação da regra de concordância entre o sujeito anteposto e posposto não passa de três pontos percentuais.

Os gráficos 28 e 29 têm o propósito de ilustrar a variação da concordância verbal com sujeitos no plural antepostos ao verbo. Os dados do gráfico 28 demonstram que a terceira pessoa do plural é a mais propensa à ausência de concordância (73%, ou seja, 54 das 74 ocorrências observadas são de sujeitos femininos e masculinos na terceira pessoa do plural). Já no gráfico 29, percebemos que, o sujeito no plural mais propenso a concordar com o verbo é a forma coloquial da primeira pessoa do plural *a gente*, que apresentou, com relação aos outros sujeitos observados, o maior índice de concordância com o verbo (77%, ou seja, 74 das 95 ocorrências analisadas). Lembrando que, a expressão nominal *a gente* concorda com verbos no singular; portanto, quando destacamos no gráfico 30, a ocorrência de 5% de ausência de concordância entre o sujeito *a gente* e verbos, referíamos-nos a ocorrências desse sujeito e verbos no plural: “*a gente temo aqui*”, “*a gente somu das ponta da rama*”, “*a gente criam...*”, “*a gente cremu...*”.

No gráfico 31, demonstramos a variação da concordância com a primeira pessoa do plural, na forma *nós*. Foram coletados 26 casos em que temos o emprego desse sujeito. Desses, (62%), ou seja, 16 não apresentam concordância com o verbo. Nos 10 casos em que temos a concordância sujeito/verbo, ou seja, 38% da mostra, percebemos supressão do *s* final, como em: *nós somu/somos*, *nós discutimu/discutimos*, *nós temu/temos*; e em alguns casos, supressão do *s* e aféreses, como em: *nós tamu/estamos*.

Por fim, ainda observamos o grau de utilização das formas nós e a gente. O gráfico 32 revela que em Caiana, assim como ocorre de forma geral entre os falantes do português popular do Brasil, há uma inclinação ao uso da forma pronominal *a gente*. Das 104 ocorrências em que há emprego do sujeito na primeira pessoa do plural, 75%, ou seja, 78 casos referem-se à utilização de *a gente*, contra 25%, o equivalente a 26 casos em que há emprego do *nós*. Sobre isso, Amaral, na observação do falar paulista caipira já havia mencionado, que o *a gente* ao invés do *nós* e o *você* no lugar do *tu* são formas pronominais correntes na linguagem popular brasileira.

### 3.3 ESTRUTURAS DE NEGAÇÃO

A estrutura de negação da variante do português falado no Brasil apresenta-se sob três formas diferentes: negação pré-verbal (*não* tem comida), dupla negação (*não* tenho tempo *não*) e negação pós-verbal (quero isso *não*).

O uso da dupla negação foi interpretado por Baxter (*apud* Fiorin e Petter, 2008, p. 19) como um traço morfossintático que sugere “um processo irregular de aquisição e de transmissão de língua do tipo característico das línguas crioulas”. Raimundo (1933) elenca esse fenômeno entre os traços fonéticos brasileiros provindos do contato com as línguas africanas, explicando que nas duplas negações temos uma desditongação da negativa *não*, quando aparece antes de verbo, como: *num quero não*.

Amaral (1982), ao discutir sobre sentenças negativas, lembra que o advérbio *já*, comum nas proposições de negação do PE é totalmente desconhecido com esse fim no PB. O autor destaca a dupla negação como obrigatória no falar caipira, salientando seu desuso na língua popular de Portugal e na língua culta do Português Brasileiro. Para ele, a negativa *não* repetida depois do verbo, como em *não vou não*, é puro brasileirismo.

Essa duplicação da negação na linguagem popular, para Marroquim (2008), vem de uma necessidade de reforçar a negação, pois o povo, conforme explica, não consegue sentir a força da negação antes do verbo, sendo assim, necessário uma reprodução desse advérbio no fim das frases. Para o autor, também influem nesse processo, questões fonéticas e questão de ritmo, uma vez que, a sonoridade do monossílabo tende a arrastar a tonicidade do advérbio para o final da frase.

Marroquim (2008, p. 142) ainda salienta que a “necessidade de reforço da negativa faz-se sentir igualmente depois de outras palavras de valor negativo”, como *nunca*, *ninguém*, *nada*.

Em Caiana dos Crioulos, a partir da análise de 275 orações negativas em sintagmas verbais pudemos perceber aspectos das três distintas estruturas de negação existentes no PB. Dessa forma, levamos em consideração não apenas as estruturas de dupla negação, comuns na fala popular, e compreendidas por alguns teóricos como traço morfossintático proveniente do contato com falares africanos, mas, também, as estruturas de negação pré-verbal e pós-verbal dentro de orações absolutas, principais, subordinadas, reduzidas e adverbiais, onde destacamos a partícula negativa *não* e a variante fônica *num* como caracterizadoras da negação e os vocábulos *nem*, *nada*, *ninguém*, *nenhum* e *nunca*, como reforçadores do valor negativo da mensagem. Nos exemplos abaixo, as partículas negativas *não* e *num* estarão em *itálico*, os verbos que compõem as orações estarão sublinhados, os vocábulos de reforço negativo, indicados por setas e o complemento verbal entre parênteses.

### 3.3.1 Estruturas de negação em Caiana dos Crioulos

#### 3.3.1.1 Estrutura de negação pré-verbal

##### ORAÇÕES ABSOLUTAS

- (1) *Não* vi nada → vocábulo de reforço negativo
- └─→ vocábulo de reforço negativo
- (2) nada de lá *num* disseru
- (3) a gente *num* serta a casa da gente (asserta)
- (4) ali *num* tem uma barriguda
- (5) a terra *num* ajuda
- (6) *num* trabaio nessa terra
- (7) a gente *num* sabia de nada → vocábulo de reforço negativo
- (8) agora *não* é seca
- (9) a gente *não* fica calado
- (10) as testemunha *não* dava apresente

##### ORAÇÕES PRINCIPAIS (Em orações subordinadas e reduzidas)

- (11) *num* sei qué que foi  
└─→ o que é
- (12) eu *num* sabia o que era

(13) *num* deixava eu dançar

(14) eu *num* saio pra olhar

(15) a gente *num* tem terra pá trabaiá

### ORAÇÕES SUBORDINADAS

(16) eu disse que *num* ia

### ORAÇÕES ADVERBIAIS

(17) se a gente *não* aplanta *num* tinha

(18) se *num* tem trabaio é pá sofrê

#### 3.3.1.2 Estrutura de negação pós-verbal

### ORAÇÕES ABSOLUTAS

(1) eu tinha esses gasto *não* (verbo transitivo direto – complemento verbal realizado)

(2) a gente nunca viu *não* (verbo intransitivo – complemento verbal inexistente)

└─> vocábulo de reforço negativo

(3) ninguém nunca buliu com esse negóssu *não* (verbo transitivo indireto – complemento verbal realizado)

└─> vocábulos de reforço negativo

(4) nunca gostei *não* (verbo transitivo direto ou indireto – complemento verbal não-realizado)

└─> vocábulo de reforço negativo

(5) eu sou pedêru *não* (verbo predicativo)

(6) gosto de crente *não* (verbo transitivo indireto – complemento verbal realizado)

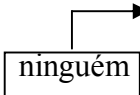
(7) nunca fii consulta *não* fia (verbo transitivo direto – complemento verbal realizado)

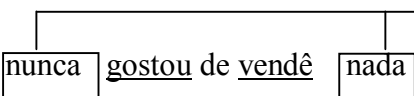
└─> vocábulo de reforço negativo

└─> fiz

### ORAÇÕES SUBORDINADAS

(8) bota pá eu fazê *não* (verbo transitivo direto – complemento verbal não-realizado)

(9)  ninguém inguinorava que eu tava ijagerada *não* (verbo predicativo)

(10) minha mãe  nunca gostou de vendê nada em fêra *não* (verbo transitivo direto – complemento verbal realizado)


### 3.3.1.3 Estrutura de dupla negação

#### ORAÇÕES ABSOLUTAS

(1) pôtu canto ele *num* deixava *não* (verbo transitivo direto – complemento verbal não-realizado)

(2) *não* era *não* cumádi! (verbo intransitivo – complemento verbal inexistente)

(3) eu *num* falo *não* fia (verbo intransitivo – complemento verbal inexistente)

- (4) *num* aprendi  *não* (verbo transitivo direto – complemento verbal realizado)
- (5) *num* falta munta água *não* (verbo intransitivo – complemento verbal inexistente)
- (6) *num* tem raça de africano *não* (verbo transitivo direto – complemento verbal realizado)
- (7) ela *num* era branca *não* (verbo predicativo)
- (8) eu *num* sô nêga *não*! (verbo predicativo)
- (9) *num* passsei munta fome *não* (verbo transitivo direto – complemento verbal realizado)
- (10) *num* tem crente salvo *não* (verbo transitivo direto – complemento verbal realizado)

#### ORAÇÕES REDUZIDAS

(11) ela *num* deixava eu ir *não* (verbo intransitivo – complemento verbal inexistente)

#### ORAÇÕES SUBORDINADAS

(12) acho que nesse tempo *num* tinha *não* (verbo transitivo direto – complemento verbal não-realizado)

#### ORAÇÕES PRINCIPAIS

(13) *num* fã isso *não* que é pecado (verbo transitivo direto – complemento verbal não-realizado)



## 3.3.1.4 Gráficos

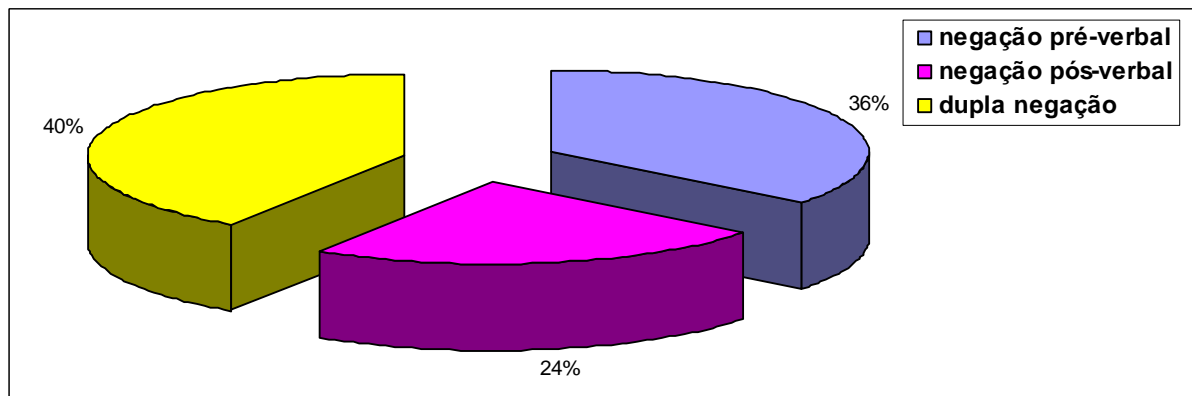


Gráfico 33 – Distribuição das estruturas de negação em Caiana dos Crioulos.

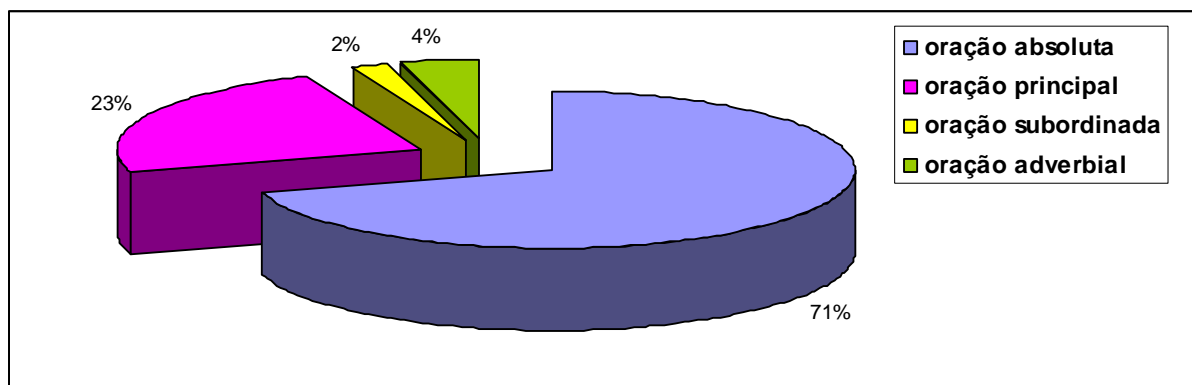
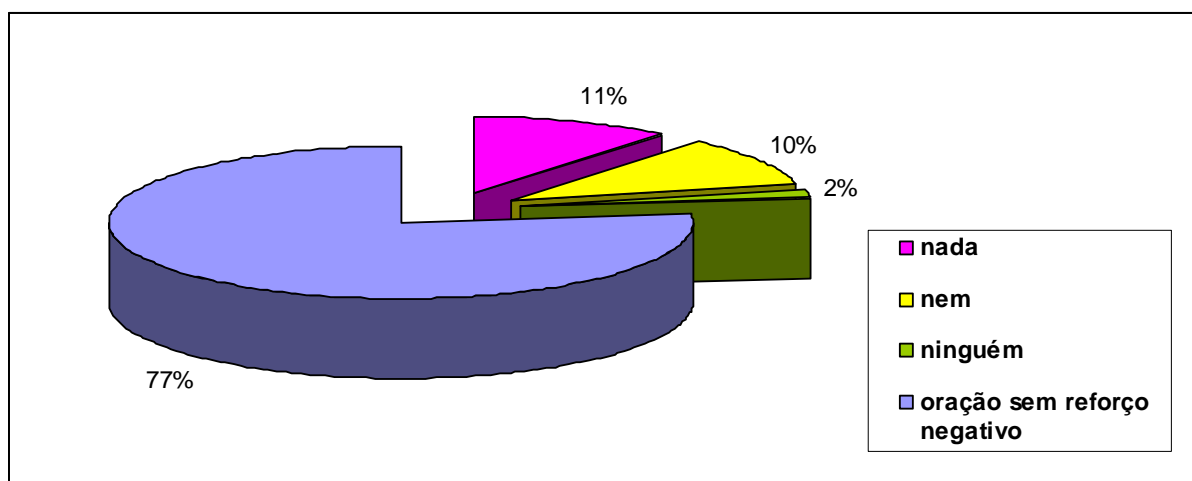
Gráfico 34 – Negação pré-verbal segundo a variável *tipo de oração*

Gráfico 35 – Palavras que reforçam o valor negativo em orações com negação pré-verbal

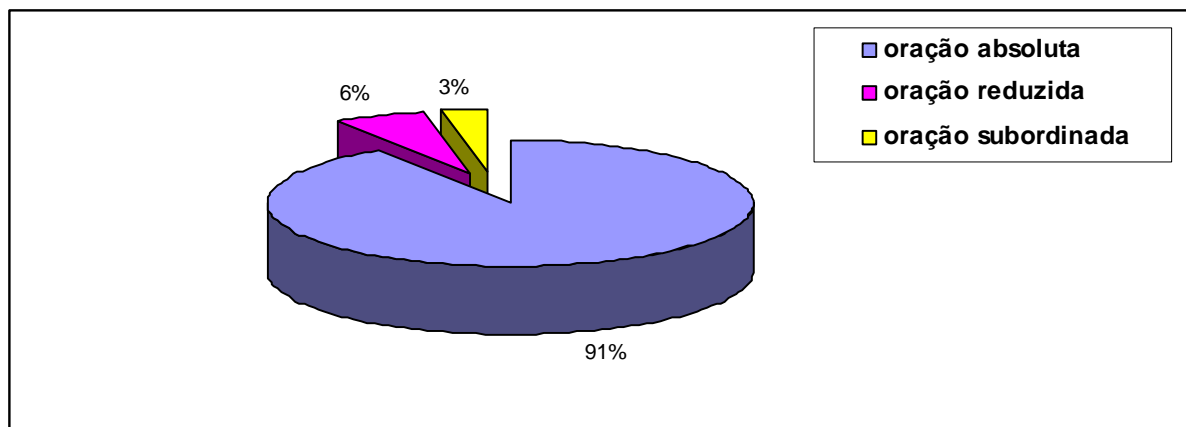


Gráfico 36 – Negação pós-verbal segundo a variável *tipo de oração*

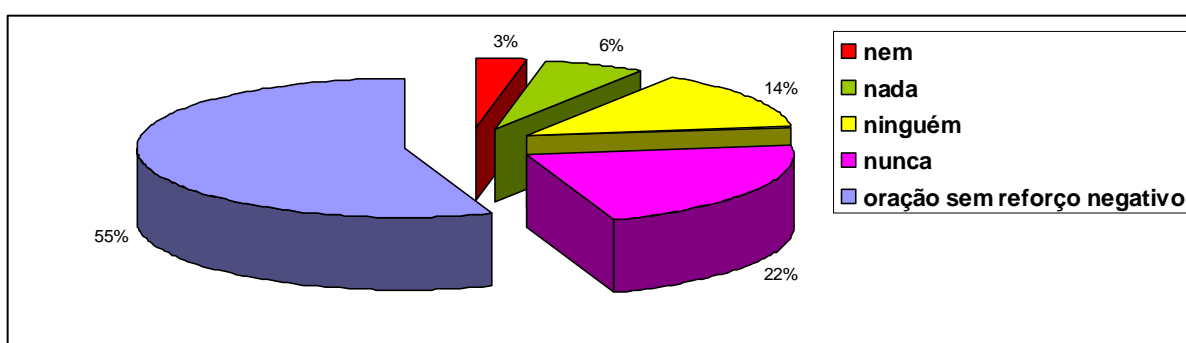


Gráfico 37 – Palavras que reforçam o valor negativo em orações com negação pós-verbal

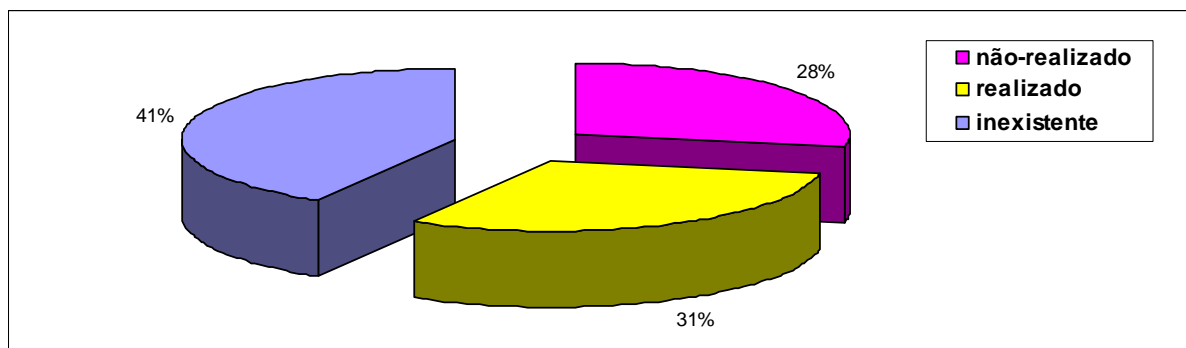


Gráfico 38 – Complemento verbal em orações com negação pós-verbal

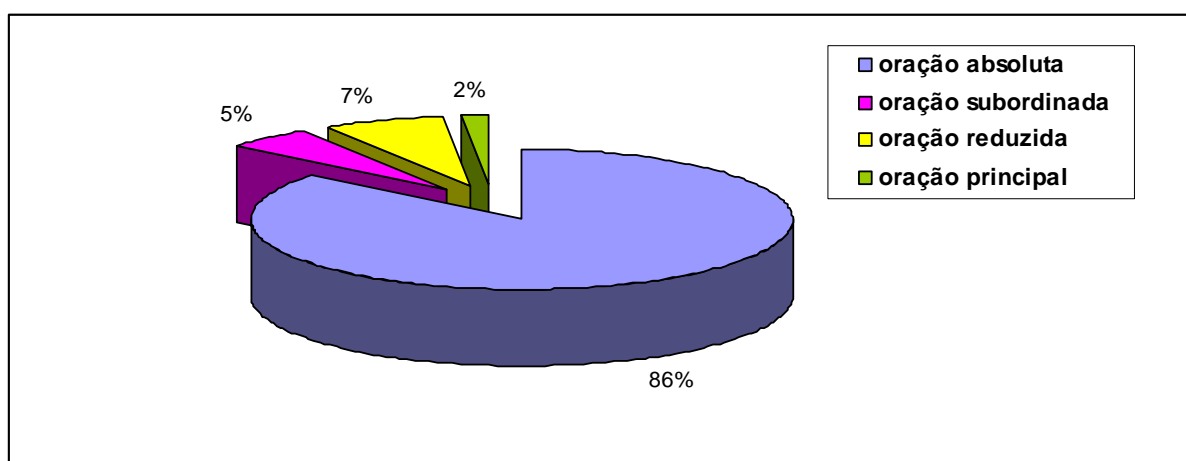


Gráfico 39 – Estrutura de dupla negação segundo a variável *tipo de oração*

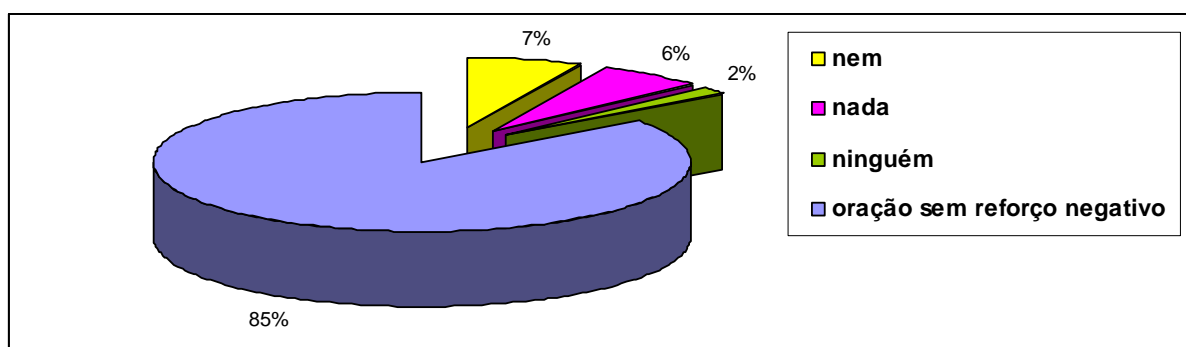


Gráfico 10 – Palavras que reforçam o valor negativo em orações com dupla negação

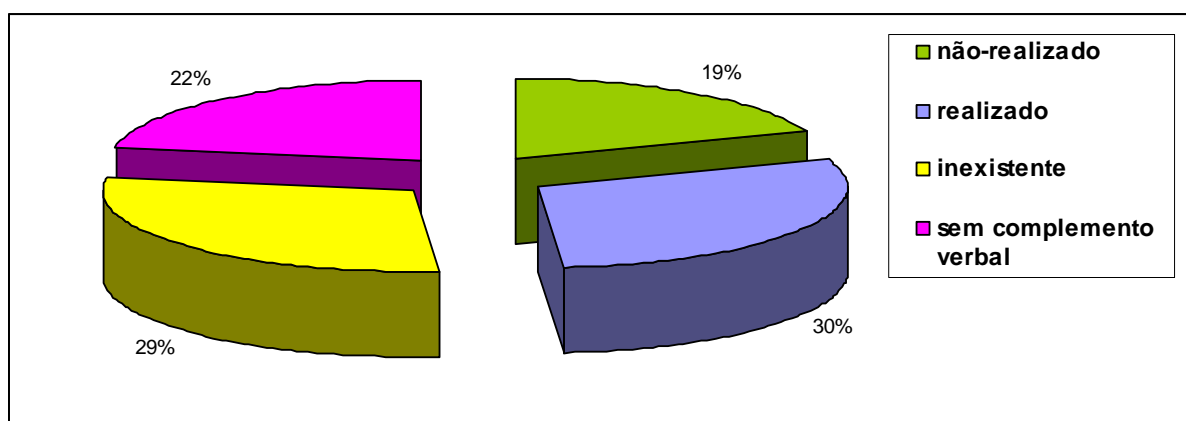


Gráfico 11 - Complemento verbal em orações com dupla negação

### 3.3.1.5 Comentários

Foram analisadas 276 estruturas de negação dentro do sintagma verbal. Focalizamos a partícula *não* e sua variante fônica *num*. Outras palavras de valor negativo como *nem*, *nada*, *ninguém*, *nenhum* e *nunca* foram consideradas apenas como vocábulos de reforço ao sentido negativo da frase. No gráfico 33 percebemos a distribuição das estruturas de negação em Caiana, donde tiramos que: o falar caianense apresenta as três formas distintas para se negar existentes no português brasileiro, com distribuição aproximada, onde as diferenças quantitativas entre estrutura de dupla negação e estrutura de negação pré-verbal são suaves. Da mostra, uma pequena maioria, 40%, ou seja, 113 ocorrências referiam-se à estrutura de dupla negação, seguida por orações com estrutura de negação pré-verbal (36%, ou seja, 98 orações). As orações com estrutura pós-verbal ocorreram com menor frequência (24%, ou seja, 65 orações).

Primeiramente analisamos as orações com estrutura de negação pré-verbal, onde consideramos a variante *tipos de orações e vocábulos que reforçam o valor negativo das estruturas de negação*. Dessa forma, temos, no gráfico 34, que as orações que mais favorecem

a ocorrência de estrutura negativa pré-verbal são as orações absolutas, como *eu não digo* ou *a gente num usa*, que totalizaram 71% das ocorrências, ou seja, 69 das 98 orações com negativas pré-verbais analisadas. No tocante às palavras que reforçam o valor negativo das orações com negação pré-verbal, percebemos que há o aparecimento dos vocábulos *nada*, *nem* e *ninguém* entre as estruturas analisadas, sendo *nada* e *nem*, os vocábulos mais recorrentes, com 11% e 10% respectivamente. Contudo, constatamos que o aparecimento desse reforço negativo não é tão recorrente nas estruturas negativas pré-verbais, uma vez que, 77% das orações apresentam apenas a partícula *não* ou *num* para indicar a negação.

As estruturas de negação pós-verbal foram analisadas a partir de três perspectivas: variável *tipos de orações*, relevância de vocábulos que reforçam o valor negativo da oração e a relevância do tipo de complemento pós-verbal. Assim sendo, temos, a partir do gráfico 36, que das 65 orações com estrutura de negação pós-verbal analisadas, 91%, ou seja, 59 do total são orações absolutas, referindo-se o restante (6%) a orações subordinadas e reduzidas de infinitivo. Percebemos também, com base nos dados do gráfico 37, que os vocábulos que reforçam o valor negativo são significativos nessa estrutura, pois 45% da mostra apresentaram pelo menos uma dessas palavras: *nem* (3%), *nada* (6%), *ninguém* (14%) e *nunca* (22%). Quanto à relevância do tipo de constituinte pós-verbal, verificamos que, os verbos intransitivos e consequentes complementos inexistentes (41%, ou seja, 27 orações) favorecem a realização da estrutura negativa pós-verbal. Mas, na mostra também encontramos ocorrências onde verbos transitivos diretos e indiretos ora apresentaram complementos (31%, ou seja, 20 orações), ora não apresentaram, sendo considerados assim, complementos não realizados (28%, ou seja, 18 orações) (gráfico 38).

Por fim, analisamos as estruturas de orações com dupla negação, novamente a partir das três perspectivas supracitadas. Dessa forma, percebemos, com base na observação de 113 orações com dupla negação, que mais uma vez, é proeminente a realização dessa estrutura de negação em orações absolutas, uma vez que, 86% das frases analisadas, ou seja, 97 orações apresentaram períodos simples formados por verbo ou por locução verbal (gráfico 39). Ao que se refere a palavras que reforçam o valor negativo da oração, temos em Caiana, um índice pequeno de realização dos vocábulos *nem* (7%), *nada* (6%) e *ninguém* (2%) como agentes fortalecedores da dupla negatividade oracional, totalizando apenas 15%, ou seja, 17 casos de aparecimento desses vocábulos, contra 85%, ou seja, 96 casos de ausência (gráfico 40). Quanto ao tipo de constituinte pós-verbal, percebemos que há uma distribuição aproximada entre os tipos de complemento verbal, onde, 30% (33 orações) referem-se a casos de transitividade direta ou indireta com consequentes objetos diretos e indiretos realizados, 29%

(32 orações) referem-se a verbos intransitivos e complementos inexistentes, 22% (25 orações) não apresentam complementos verbais, pois se tratam de orações com verbos predicativos e 19% (22 orações) tratam-se de verbos transitivos diretos ou indiretos sem complemento realizado.

### 3.4 OS PRONOMES PESSOAIS

As diversas gramáticas da língua portuguesa concordam, de um modo geral, que o pronome pessoal do caso reto é aquele que exerce a função de sujeito. Bechara (2002, p. 134), por exemplo, nos informa que:

As formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas*, que funcionam como sujeito, se dizem retas. A cada um destes pronomes pessoais retos corresponde um pronome oblíquo que funciona como complemento e pode apresentar-se em forma átona ou forma tônica.

Contudo, na linguagem falada, é comum o uso dos pronomes pessoais retos e oblíquos em sentenças que contrariam os preceitos da gramática normativa, ocupando posições e exercendo funções que, *a priori*, não lhes caberia, como é o caso do uso do pronome reto como objeto direto (OD). Sobre isso, Almeida (1979) explica que:

No Brasil, até mesmo entre doutos, comete-se na conversação o mezinho erro de dar para objeto direto o pronome do caso reto (caso nominativo, caso do sujeito), ouvindo-se a cada passo solecismos como estes: “Só vejo *ele* de tarde” – “Pegue *eu*” – “Olhe *ele* ali”.

Os distintos posicionamentos dos pronomes já haviam sido discutidos por Mendonça (1948), quando esse, revigorando a posição de Gonçalves Viana, atribuiu essa característica sintática à influência crioula, especialmente cafre<sup>16</sup>. Mendonça (1948, p. 129) ainda lembra que “a mesma vacilação existente na colocação dos pronomes no Brasil” é percebida no português de Angola e Goa.

Elia (1979, ps. 241-242) concorda com a posição do autor supracitado, admitindo uma influência afronegra indireta à questão da colocação do pronome. O uso do pronome *ele* como objeto direto também pode ser, segundo o estudioso, um “afronegrismo”, uma vez que, é corrente nas línguas crioulas, “uma tendência para o uso universal da forma nominativa”. Ao

---

<sup>16</sup> Ver p. 77.

exemplificar casos de nominalização, Elia chama de “paralelos” casos como: “ele viu *eu*” e “ela chamou *tu*”, afirmando que “tais formas não ocorrem” nem mesmo no registro coloquial distenso do português do Brasil.

Contudo, na observação das flexões dos pronomes pessoais encontrados no português afro-brasileiro, Lucchesi (2008, ps. 382-383) destaca variações nas flexões de 1ª pessoa do singular e plural encontradas em comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, como em: “o marido num quis *eu* não”, com pronome da 1ª pessoa do singular na função de OD e “ela atendeu *nós*”, com pronome da 1ª pessoa do plural também na função de OD. O autor organizou os pronomes pessoais do português afro-brasileiro, de acordo com a tabela abaixo:

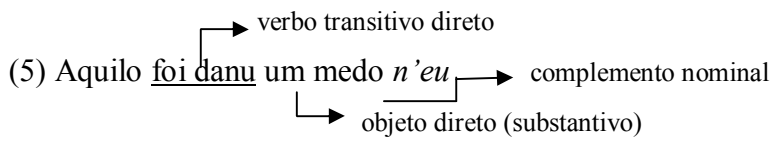
Os pronomes pessoais no português afro-brasileiro				
pessoa	Função sintática			
	sujeito	OD	OI	oblíquo
1ª pess.sing.	eu	me ~ eu	me ~ para mim	de/ni/pra mim ~de/ni eu ~ comigo ~ mais eu
2ª pess.sing.	você ~ tu	te ~lhe ~você ~ tu	te ~lhe ~a você	pra/com/de você ~com tu
3ª pess.sing.	ele/a	ele/a	(pra ele)/a	de/pra/ni/com ~mais ele/a
1ª pessoa pl.	nós ~ a gente	a gente ~ nós	pra/a a gente ~ nós	pra/de/com ~mais a gente ~ nós
2ª pessoa pl.	vocês	---	pra vocês	pra/mais vocês
3ª pessoa pl.	eles/as	elas/eles	pra (a) eles	de/ni/pra/com ~ mais eles/as

Os pronomes pessoais no português afro brasileiro.

Lucchesi (2008, p. 379) observa que nem o *eu*, “o mais pronominal dos pronomes” escapa do processo de variação no português afro-brasileiro rural, podendo também ele, ocorrer na função de objeto direto, concorrendo com o clítico *me* e na função de oblíquo ou adverbial, concorrendo com o *mim* e o *comigo*. Essa última forma, consoante Marroquim (2008, p. 86) é pouco usada, sendo mais comum, no falar popular pernambucano e alagoano, as formas *cum eu* e *mais eu*, sendo esta última também registrada por Lucchesi.

Importante ainda destacarmos a variação da segunda pessoa do singular. Ainda conforme Lucchesi (2008, p. 379), “o pronome *tu*, praticamente desaparecido no uso culto na grande maioria do território brasileiro, guarda vitalidade na norma popular”, junto à forma verbal não marcada da terceira pessoa, como em: “*tu* fala demais” ou “*tu* foi na festa ontem?”. A forma oblíqua *contigo* é substituída por *com você* ou *com tu*. O uso da primeira pessoa do plural varia entre *nós* e *a gente*, não havendo o oblíquo *conosco*, mas, a utilização da forma *mais a gente*.



**Como complemento nominal:****CASO OBLÍQUO ÁTONO – ME*****Junto a verbo pronominal***

- (6) Eu me lembu de um casamento  
 (7) Quando eu me entendia de gente  
 (8) Me criei no quilombo

***Como objeto direto***

- (9) Se ele tivesse me convidado  
 (10) Só me chamava D. Finha

***Como objeto indireto***

- (11) O dotô me deu remédio  
 (12) A ciranda me ajudou mái

**CASO OBLÍQUO TÔNICO – MIM*****Como objeto indireto***

- (13) Esse que é o tempo pá mim  
 (14) Eu sei de mim  
 (15) Os povo deu razão a mim  
 (16) Ela ligou pá mim

***Como sujeito***

- (17) Não deu pá mim vê  
 (18) Aí dá um saquim pá mim cumê

**CASO OBLÍQUO TÔNICO – COMIGO*****Como objeto indireto***

- (19) Falaru comigo assim  
 (20) O povo fica falanu cum eu



(21) Tá folanu *cum eu* bem pu Finha

(22) Você aqui cunvessanu *mais eu*

(23) Eu e uma menina que tabaiava *mais eu*

#### 3.4.1.2 Segunda Pessoa do Singular

##### CASO RETO – TU/VOCÊ

###### ***Como sujeito em orações principais***

(1) *Tu* sôi amarelo insuado

(2) *Tu* só qué ser branca né menina?

(3) *Tu* é nêga tamém

(4) *Você* não tem um trabaio

(5) *Você* tá aqui

(6) *Você* vem na minha casa

###### ***Como complemento em orações subordinadas***

(7) Ninguém olha (se *você* tem namorado bonito)

(8) Ninguém tá reparanu (se *você* briga)

###### ***Como objeto indireto***

(9) Eu num digo a *você*?

##### CASO OBLÍQUO ÁTONO – TE

###### ***Como objeto direto***

(10) Eu *te* ajudo visse?

###### ***Como objeto indireto***

(11) Tô *te* dizenu hômi!

##### CASO OBLÍQUO TÔNICO – CONTIGO

(12) Ele só qué casá *cum tu* puquê ele num presta

(13) Ninguém bulia *cum você*

## 3.4.1.3 Terceira Pessoa do Singular

## CASO RETO – ELE/ELA

**Como sujeito**

- (1) *Ele* num deixava ir pôtu canto não
- (2) *Ele* sempi trazia a garrafa dele
- (3) *Ela* num ia cum vestido de noiva
- (4) *Ela* era toda intera

**Como objeto direto**

- (5) Eu acho *ele* munto pagador
- (6) Nunca vi *ele* atender
- (7) Num pude visitar *ela* no mei da semana
- (8) Num posso deixar *ela* só

**Como objeto indireto**

- (9) Eu briguei com *ele*
- (10) A gente olhava pá *ele*
- (11) Eu cheguei e disse a *ela*
- (12) A gente só ia cum *ela*

## 3.4.1.4 Primeira pessoa do plural

## CASO RETO – NÓS/ A GENTE

**Como sujeito**

- (1) Antigamente *nói* brincava aqui
- (2) *Nói* fumu ajeitá
- (3) *A gentes* dua que fica sempi
- (4) *A gente* namorava im todo canto mulhé
- (5) *A gente* olhava pá ele e já se gostava

**Como objeto direto**

- (6) Jesui alumiou *nós* todo
- (7) Os pai chamava *a gente*

### *Como objeto indireto*

- (8) Não tá junto com *a gente*  
(9) Tem muitas pessoa (que lutou com *a gente*)

### 3.4.1.5 Segunda pessoa do plural

## CASO RETO – VOCÊS


### *Como sujeito*

- (1) *vocês* tão venu comé a vida aqui na comunidade

### *Como objeto direto*

- (2) O reinado vai pegar vocês

### *Como objeto indireto*

- (3) Eu vou falá a vedádi *pocês*  
 pra vocês

### 3.4.1.6 Terceira pessoa do plural

## CASO RETO – ELES/ELAS

### *Como sujeito*

- (1) *Eles* memu brincavu com a famia toda
- (2) *Eles* butaru o pé atrái dos mininu
- (3) *Elas* mora tudo aí pertim
- (4) *Elas* fica mais em casa mermu

### *Como objeto direto*

- (5) Eu tem zeles dôi e a menininha que tá durminu  
(6) Nunca vi eles

### *Como objeto indireto*

- (7) Fizeru a encanação d'água pra *elas*  
(8) E eu passava pra *elas*

## 3.4.1.7 Gráficos

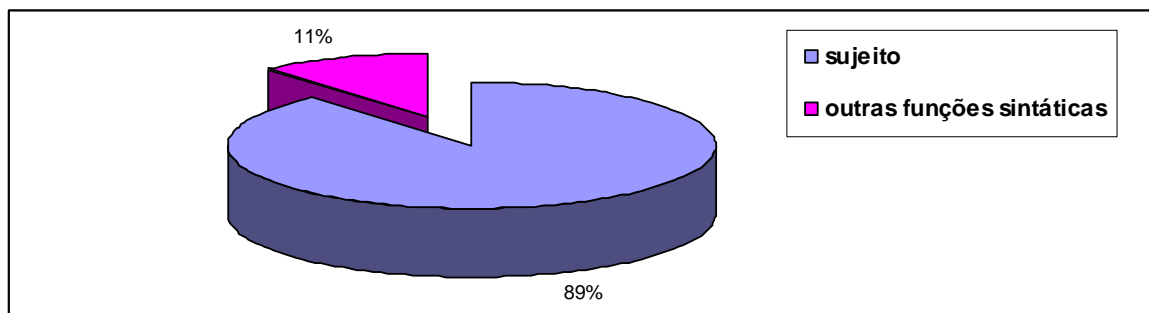
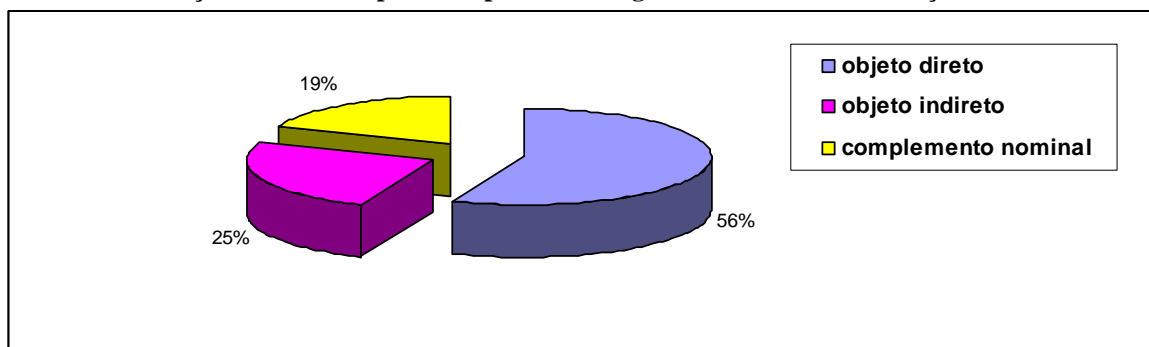
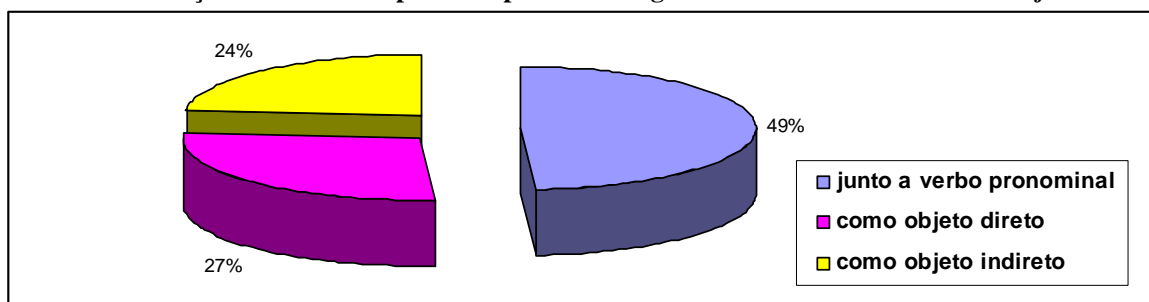
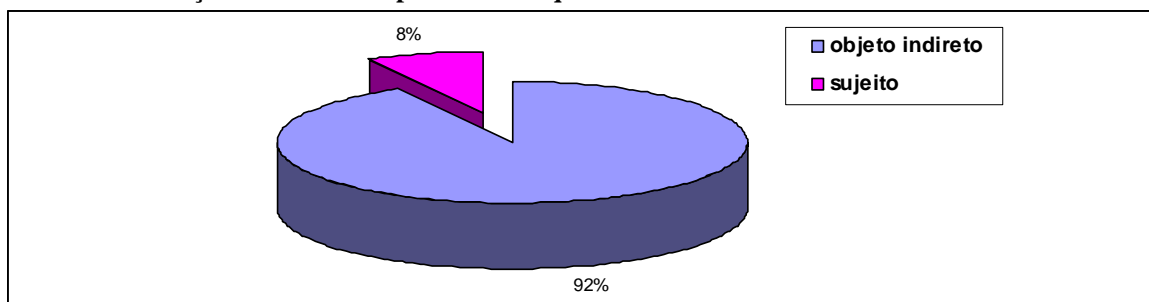


Gráfico 12 – Função sintática da primeira pessoa do singular do caso reto nas orações analisadas.

Gráfico 13 – Funções sintáticas da primeira pessoa do singular do caso reto diferentes de *sujeito da oração*.Gráfico 44 – Funções sintáticas do pronome oblíquo átono *me*.Gráfico 45 – Funções sintáticas do pronome oblíquo tônico *mim*

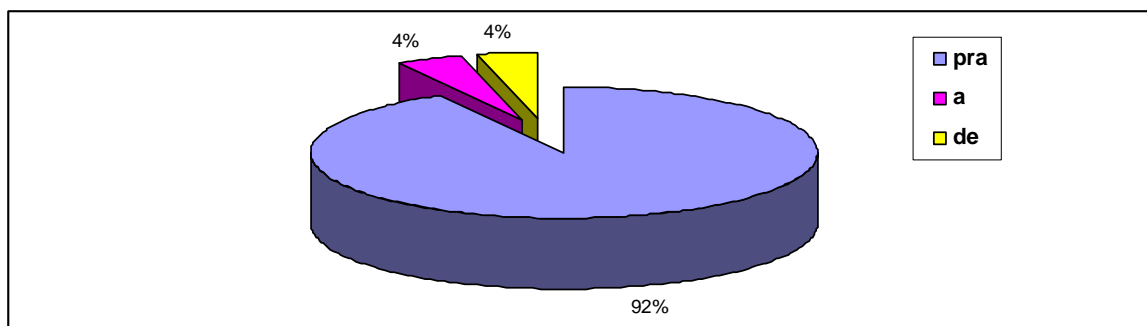
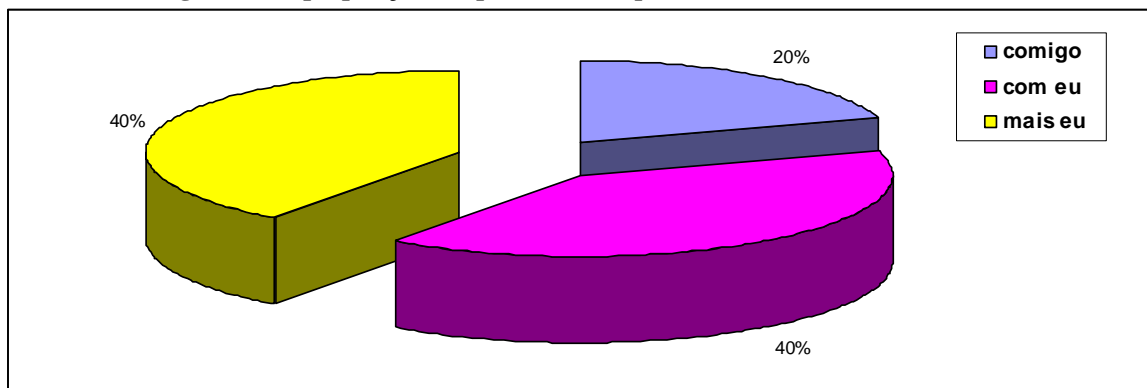
Gráfico 46 – Regência das preposições no pronome oblíquo tônico *mim*

Gráfico 47 – Formas do pronome oblíquo tônico

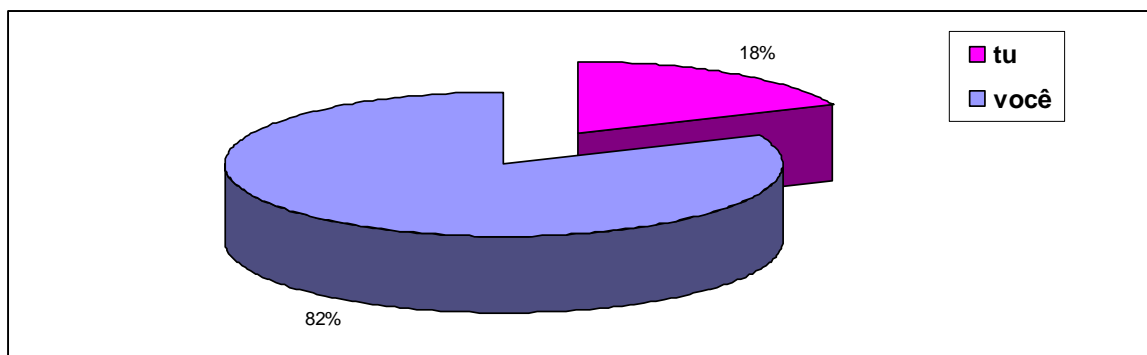
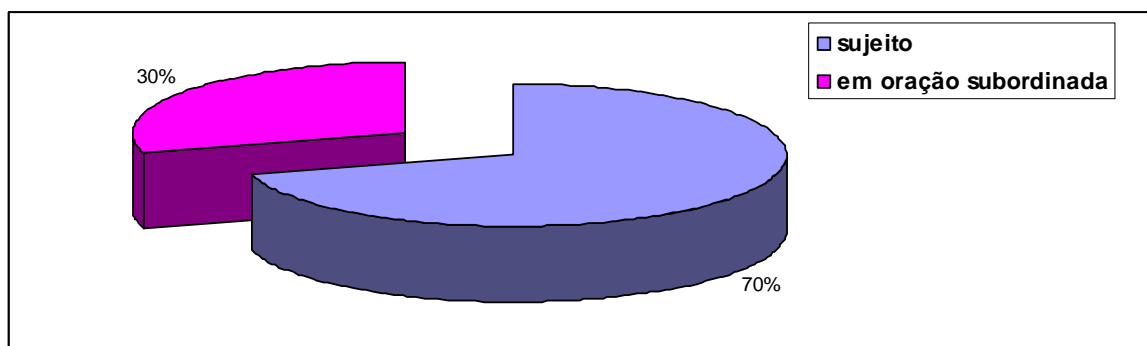


Gráfico 48 – Segunda pessoa do singular na função de sujeito da oração.

Gráfico 49 – Posição do pronome *você* como segunda pessoa do singular no Sintagma Verbal.

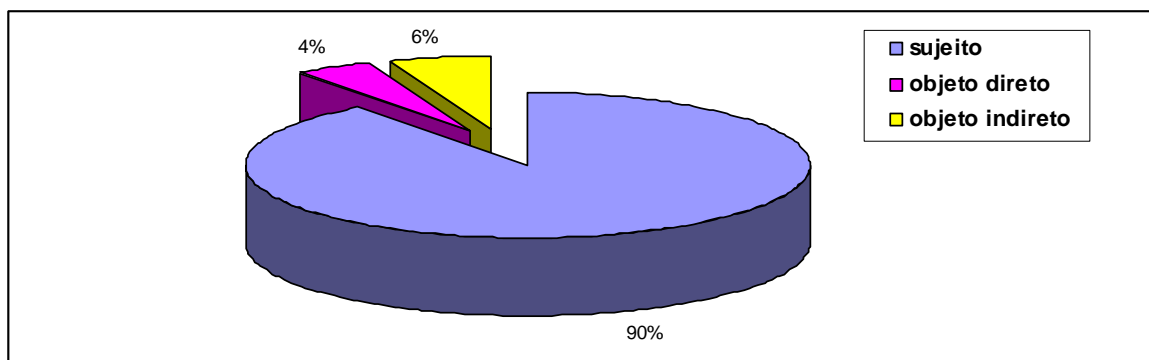


Gráfico 50 – Função sintática da 3ª pessoa do singular do caso reto.

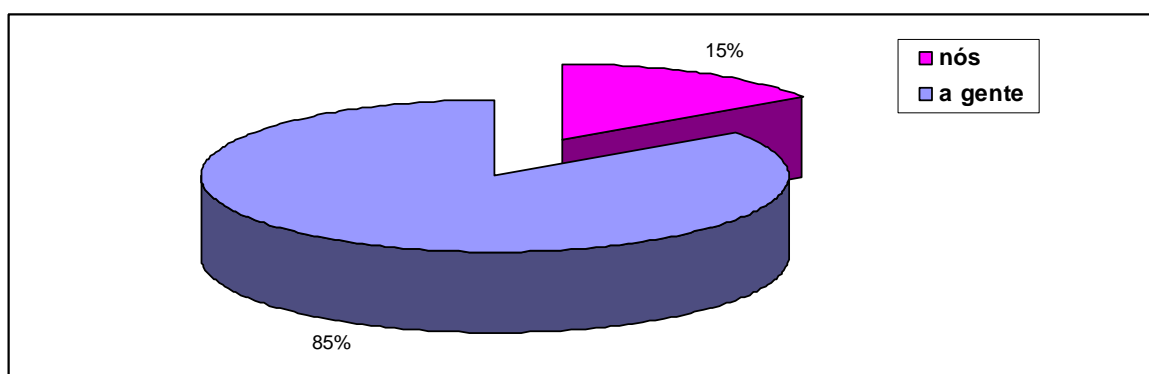


Gráfico 51 – Realização da primeira pessoa do plural *nós* e a forma nominal *a gente* como sujeito da oração.

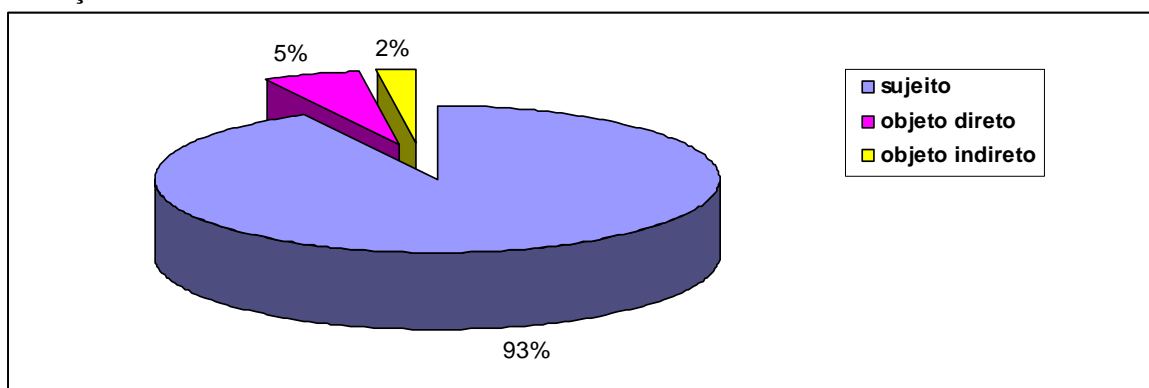


Gráfico 52 – Funções sintáticas da primeira pessoa do plural *nós* e a forma nominal *a gente*.

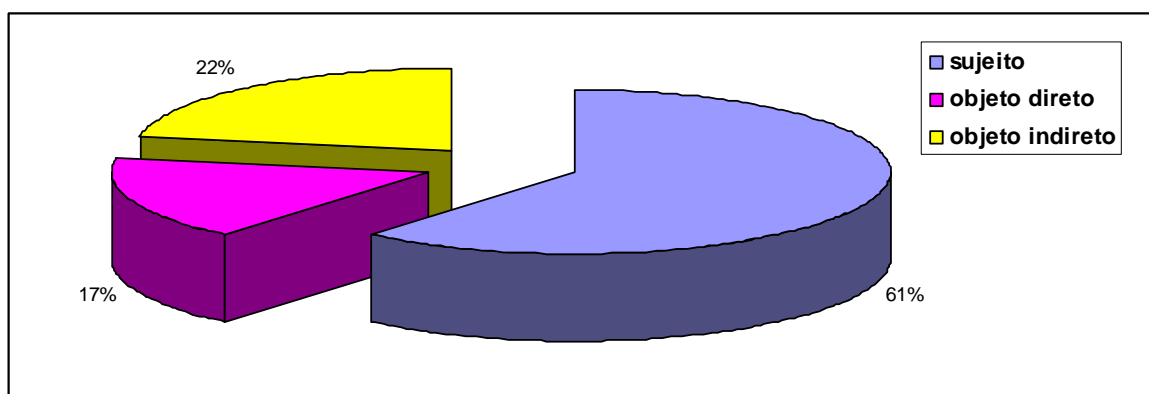
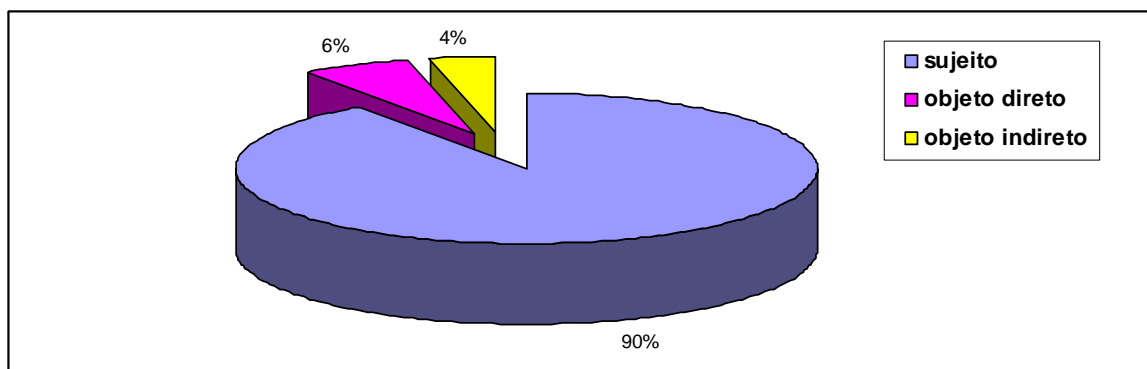


Gráfico 53 – Funções sintáticas da segunda pessoa do plural – *vocês*.



**Gráfico 54 – Funções sintáticas da terceira pessoa do plural nas formas masculina e feminina.**

#### 3.4.1.8 Comentários

Ainda que não seja expressivo o aparecimento do pronome da 1ª pessoa do caso reto (eu) em funções sintáticas diferentes de ‘sujeito da oração’, percebemos em Caiana, que, das 142 orações analisadas, 16 (11%) referem-se ao “eu” em funções como objeto direto, indireto e complemento nominal (gráfico 42). Das 16 orações, 9 (56%) referem-se ao “eu” como objeto direto da oração (gráfico 43), como ocorre no exemplo (3) do tópico *primeira pessoa do singular – caso reto*, anteriormente elencado.

Com relação ao pronome oblíquo átono *me*, observamos que em Caiana, é comum seu aparecimento acompanhando verbos pronominais, como *casar*, *aposentar*, *lembrar*, *acostumar*, etc. Das 51 orações registradas, 25 (49%) são constituídas por verbos pronominais, contra 14 orações com verbos transitivos diretos e 12 com verbos transitivos indiretos, onde o *me* funciona como objeto direto e indireto, respectivamente (gráfico 44). O pronome oblíquo tônico *mim* apareceu em 25 orações, sendo em 23 (92%) com função de objeto indireto e em 2 orações, ou seja, apenas 2 ocorrências (gráfico 45) como sujeito antes de verbos na forma infinitiva (exemplos 17 e 18). Sobre esse último pronome, ainda observamos que prevaleceu a preposição *pra* (92%) como elemento que liga o pronome ao verbo (gráfico 46). O pronome oblíquo tônico *comigo* e suas formas populares *cum eu* e *mais eu* apareceram em apenas 10 orações. Mesmo sendo pequena a amostragem, podemos dizer que o coletado em Caiana corrobora com o encontrado por Marroquim (2008) nos falares pernambucano e alagoano, pois foi mais recorrente o uso de *cum eu* (40%) e *mais eu* (40%), como nos exemplos 20 a 23, do que o uso do *comigo* (20%) (gráfico 47).

A segunda pessoa do singular do caso reto foi analisada em 52 orações. Em apenas sete casos pudemos encontrar a forma *tu* como sujeito da oração (exemplos 1, 2 e 3 do item

*segunda pessoa do singular*). Nas outras 45 ocorrências analisadas, prevaleceu a forma *você*, tanto como sujeito da oração principal (exemplos 4, 5 e 6), como participante da oração subordinada (exemplos 7 e 8). No gráfico 48 percebemos que, das 38 orações com *tu* ou *você* como sujeitos, é a forma nominal que prevalece, com 82% das ocorrências, ou seja, em 31 frases. No gráfico 49 temos a ocupação do pronome *você* no sintagma verbal, onde percebemos que, em 70% dos casos, vemo-lo como sujeito e em 30%, em orações subordinadas, principalmente adverbiais. Registramos apenas um caso em que o *você* aparece como objeto indireto (exemplo 9).

O pronome oblíquo *te* aparece somente em duas orações, uma, como objeto direto do SV (exemplo 10) e outra como objeto indireto (exemplo 11). Em Caiana, não registramos o uso do pronome *contigo*. Em seu lugar, como exemplificamos nas orações 12 e 13, utilizou-se *cum tu* e *com você*, complementando o sentido do verbo transitivo indireto.

O uso da terceira pessoa do singular no masculino e feminino foi observado em 255 orações. Dessas, 90%, ou seja, 229 orações apresentaram os pronomes *ele* e *ela* como sujeitos do sintagma. Os outros 10% dividiram-se nas funções de objeto direto (4%) e objeto indireto (6%) (Gráfico 50), como podemos notar nos exemplos 5 a 12 do tópico *terceira pessoa do singular*.

A primeira pessoa do plural *nós* e sua forma nominal *a gente* foram observadas em 186 orações. Em 169 dessas orações, temos as duas formas como sujeito do SV, onde observamos que prevaleceu o uso do *a gente* (85%), sendo registrado o *nós* e sua variante fônica *nói* em apenas 26 (15%) dessas orações (gráfico 51). No gráfico 52 podemos observar as funções sintáticas do *nós* e do *a gente*, onde temos que: em 93% dos casos, o *nós* e o *a gente* aparecem como sujeito (como nos exemplos de 1 a 5), em 5% dos casos, como objeto direto (como nos exemplos 6 e 7) e em apenas 2%, como objeto indireto (exemplos 8 e 9). Não há registro do pronome oblíquo *conosco*, em seu lugar figura a forma *com a gente*, mais comum na linguagem coloquial de maneira geral.

A segunda pessoa do plural *vós* foi encontrada em apenas uma oração: “*Como foi que vós falou?*” Assim como nos falares pernambucano e alagoano, esse pronome foi empregado conservando-se o verbo na terceira pessoa do singular, o que, segundo Marroquim (2008) é comum no tratamento cotidiano. Em substituição a essa forma, encontramos *vocês*, pronome comum nas linguagens popular e culta brasileiras. Em 18 orações, o pronome *vocês* se dividiu entre as funções de sujeito (61%, ou seja, em 11 orações), objeto indireto (22%, ou seja, em 4 orações) e objeto direto (17% ou seja, em 3 orações) (gráfico 53).



Por fim, analisamos em 85 orações, os pronomes da terceira pessoa do plural *eles/elas*. Foi predominante o aparecimento desses pronomes como sujeitos da oração (90%), embora também tenhamos registrado-os como objeto direto (exemplos 5 e 6 do item *terceira pessoa do plural*), em 6% das orações. Em função de objeto indireto do SV, os pronomes apareceram em 4% das orações (como nos exemplos 7 e 8). Também é digno de nota, a posposição do pronome ao plural *s*, resultando em formas como “eu tem *zeles* dois”, “aí *zeles* se alimentava”, “*zeles* nunca se assume”. Amaral (1982) já havia encontrado formas similares no dialeto caipira de São Paulo: “zele fôro zimbóra”. Mendonça (1948, p. 126) também chamou à atenção para esse fato, explicando que esse tipo de fonema nasce da ligação de um *s* prostético a palavras no sintagma como: *os óio* → *u.zó.io* ou *os êles* → *zeles*.

### 3.5 O GRAU DIMINUTIVO

Diegues Júnior (1976) afirmou que o amolecimento e o adoçamento da linguagem foi o legado cultural mais forte deixado pelo contato com o negro africano no Brasil. Esse “adoçamento” da linguagem é percebido tanto no processo de reduplicação das sílabas tônicas, como ocorre em *dodói*, como pelo uso de diminutivos que não indicam somente uma ideia de pequenez, mas principalmente, carinho e afetividade.

Em *Casa Grande e Senzala*, Gilberto Freyre (2004) discorre sobre os muitos aspectos consequentes da relação estabelecida entre brancos e negros, ressaltando a atuação socializadora do negro ladino junto aos negros cativos e aos filhos dos senhores, e da mulher africana no núcleo da família colonial, como agentes facilitadores da confluência entre línguas negro-africanas com o português antigo:

Algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. [...] O “dói” dos grandes tomou-se o “dodói” dos meninos. Palavra muito mais dengosa. A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é um das falas mais doces deste mundo. Sem *rr* nem *ss*; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: *cacá*, *pipi*, *bumbum*, *tentem*, *nenen*, *tatá*, *papá*, *papato*, *lili*, *mimi*, *au-au*, *bambanho*, *cocô*, *dindinho*, *bimbinha*. Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco (FREYRE, 2004, p. 216).

Ao tratar sobre os aspectos da linguagem popular alagoana e pernambucana, Marroquim (2008, ps. 83-84) elenca casos curiosos de gradação, que ele chama “fenômeno de contágio”, como é o caso da combinação das formas analítica e sintética nos adjetivos *mais mió*, *mais maió*, *mais pió* e *mais menó*. O aumentativo e o diminutivo, segundo ele, fazem-se com os sufixos *ão*, *ona*, *inho* e *inha*; podendo o diminutivo também ser realizado pela junção de dois e até três sufixos, como *pequininho*, *pichitinho* e *pequeninhinho*. Os sufixos *ito*, *ita*, *ico* e *ica* são desconhecidos pelos falantes da linguagem popular de Alagoas e Pernambuco.

Em Caiana dos Crioulos é comum o uso da forma diminutiva principalmente em substantivos e adjetivos, tanto no feminino como no masculino. Diferentemente de Marroquim (2008) colhemos a palavra *pequenito* como diminutivo do adjetivo *pequeno*. Percebemos que a pronúncia do sufixo no feminino não costuma sofrer variação, o que difere do masculino, onde percebemos a apócope do sufixo<sup>17</sup>, como veremos abaixo.

### 3.5.1 Tabela com diminutivos encontrados em Caiana dos Crioulos

USO DO GRAU DIMINUTIVO EM CAIANA DOS CRIoulos							
SUBSTANTIVO FEMININO		SUBSTANTIVO MASCULINO		ADJETIVO FEMININO		ADJETIVO MASCULINO	
grau diminutivo	grau normal	grau diminutivo	grau normal	grau diminutivo	grau normal	grau diminutivo	grau normal
coisinha	coisa	dinherim	dinheiro	todinha	toda	moreninho	moreno
pédinha	pedra	gatinho	gato	branquinha	branca	pretim	preto
bonequinha	boneca	carrim	carro	arvinha	alva	prontim	pronto
panelinha	panela	acessozim	acesso	bunitinha	bonita	piquininho	pequeno
mesinha	mesa	recessozim	recesso	feitinha	feita	bonzim	bom
casinha	casa	milhim	milho	milhózinha	melhor	caladinho	calado
Mariquinha	Maria	terrenim	terreno	pôquinha	pouca	pôquim	pouco
Ritinha	Rita	roçadim	roçado	arrumadinha	arrumada	quilaruzim	claro
Finha	Severina	papézim	papel	branquinha	branca	novim	novo
tardezinha	tarde	barraquim	barraco	moreninha	morena	fofim	fofo
carrerinha	carreira	copim	copo	veínha	velha	nêguim	negro
mocinha	moça	vazim	vazo	pequininha	pequena	pertim	perto
portinha	porta	tiquim	tico	igualzinha	igual	diretim	direito
burrinha	burra	foguim	fogo	prontinha	pronta	caidim	caído
vaquinha	vaca	mulequim	moleque	graudinha	graúda	taludim	taludo
cômpinha	compra	presépm	presépio	cansadinha	cansada	piquinim	pequeno
enxadinha	enxada	jumentim	jumento	bãozinha	boa	fraquim	fraco
lutinha	luta	cafézim	café	boazinha	boa	quentim	quente
lagoinha	lagoa	povim	povo	limpinha	limpa	molim	mole
pareinha	pareia	bébézim	bebê			feitim	feito
escapulidinha	escapulida	bunequim	boneco			divagázim	devagar
bandinha	banda	banquim	banco			piquinito	pequeno
escolinha	escola	pauzim	pau				

<sup>17</sup> A apócope do sufixo foi tratada no capítulo 2 desse trabalho, no item 2.10, na página 79.

				<b>ADVÉRBIO MASCULINO</b>		<b>PRONOME MASCULINO</b>	
				<b>grau diminutivo</b>	<b>grau normal</b>	<b>grau diminutivo</b>	<b>grau normal</b>
				cedim	cedo	tudim	tudo
cestinha	cesta	carrim	carro				
menininha	menina	rapazim	rapaz				
oraçãozinha	oração	troquim	troco				
Elzinha	Elza	poiquim	porco				
aguinha	água	golim	gole				
cisterninha	cisterna	minutim	minuto				
migalhinha	migalha	pedacim	pedaço				
bolinha	bola	saquim	saco				
terrinha	terra	fugãozim	fogão				
rôpinha	roupa	remedózim	remédio				
ajudinha	ajuda	recursim	recurso				
quiancinha	criança	pirãozim	pirão				
bestêrinha	besteira	trabalhim	trabalho				
crisinha	crise	ramim	ramo				
perninha	perna	grupim	grupo				
barriguinha	barriga	lugarzim	lugar				
pipoquinha	pipoca	casalzim	casal				
cachoêrinha	cachoeira	jacarézim	jacaré				
falinha	fala	bichim	bicho				
ferinha	feira	garranchim	garrancho				
flôzinha	flor	bucadim	bocado				
favinha	fava	cantim	canto				
		mutirãozim	mutirão				
		lotim	lote				
		bãezim	banho				

# *Capítulo 4*

## Os tempos de fome

Os moradores da comunidade de Caiana dos Crioulos têm o local da casa de morada e seus quintais, que variam conforme a história de ocupação de cada família. Nesses quintais, os caianenses plantam milho, fava, feijão, mandioca e algumas fruteiras, que servem ao consumo familiar, normalmente complementado com recursos vindos das aposentadorias e do trabalho de quem migra para o sudeste. Contudo, ainda é recente em suas lembranças, épocas ainda mais difíceis, em que a total carência de recursos trouxe fome e morte.

“A história daqui de Caiana, foi munto sofrida, fáí que nem di o ditado, no tempo do meus pai que eu arcancei, e antes do meus pai inda foi mais pior ainda, na chegada dos pessoá aqui, nas chegada dos antepassado que chegaru aqui, aí foi munto rim, a vida deles aqui, era munto, fáí que nem di o ditado, sofrida, sofrida memu, puquê num tinha nada, nem tinha terra pá morar, nem tinha ricussu. Kônu batia esses tempo, era só pá trabaio pus patão e os que tava im casa ficava cum fome, eles trabaia de dia e comia de noite, aí zeles se alimentava máí, cum caça do mato, puquê, num tinha o dinheiro suficiente pá cumê carne, a alegria das carne, só era de ano im ano, pelo natal e pelo sã joão, e pela sexta fêra da paxão, puquê na sexta fêra da paxão eles arrumava um dinherim, pá comprá o pêxe, puquê nesse tempo ninguém num cumia carne, durante a corerma”.

“Em noite de sã joão puquê era uma noite munto festiva, aí pronto, eles arrumavum dinherim, pá sortá fogo e cumê aquele pirãozim do sã joão, e pelo natal também. Aí, ele, já vinha trabáianu e ajuntanu aquela migalhinha de dinhero pá quanu fosse pela festa, cumê um pedaço de carne. Agora, que pedaço de carne? Era cabeça de boi, ou miúdo, que num podia comprá carne do porco e quanu os marido tava im casa, eles se tacava nur mato caçar caça do mato... Era preá, era tatu, era peba, era o que fosse de caça do mato, eles pegava, camaleão, teju, pumaré, que tem o preá e o pumaré, tem o cuêio, tem o rato calunga, tem o rato de cana, isso tudo, eles pegava, o que pegasse, era carne, era mistura, aí ar mulé que ficava im casa, fazia umas bolinha de barro, quêra pumó deles caçari no final de semana, eles caçava cum tal dum badoque, que era aquelas frecha dos índio. Era de que os pessoa vivia antigamente.”

“Teve uma época que foi pesado. Num chegou na minha época não. Meu sôgo que cantava munto. Qu’ele fazia batata de cavatá pá cume lá, côro véi de chinela pá cozinhá pá cumê. Ele cantava munto. Comia rato de cana. Foi im cinquenta e trêi, deu uma crsinha pesada aqui tamém. Eu já era já taludim já, mas eu num passei fome não. Meus pai era privinido. Sempre prantava munto esse negóssu de roça, deixava aqueles capitão, nego ia, rancava aqueles capitão, fazia aquele golado e comia né? Pá escapar... Muntos morreu de fome, vou dizer que morreu não, que morreu.. Tinha nada pá comer. Saía p’essas mata, arrancá aquelas maniçoba braba que tem nos mato pá fazer o beiju, pá comer, pá escapar, se não morria...”

#### 4 PRESENÇA DE AFRICANISMOS EM CAIANA DOS CRIoulos: UMA ANÁLISE DAS CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE OBRAS LEXICOGRÁFICAS

O léxico de uma língua é composto por uma junção de vocábulos que representa a herança sócio-cultural de uma comunidade, tornando-se o reflexo da própria história de um povo e traduzindo todas as suas transformações. Sobre isso, Vilela (1994, p. 6, grifo nosso) afirma que:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralingüística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertos e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico.

O sistema lexical de uma língua é, pois, um conjunto dinâmico de vocábulos que representa o conhecimento partilhado por falantes de um grupo sócio-linguístico-cultural e que se define a partir de fatores, como a localização geográfica e as diversas situações de comunicação vivenciadas ao longo dos tempos (ISQUERDO, 1996).

No Brasil, depois do predomínio do uso da chamada *língua geral*<sup>18</sup> no século XVI e posterior convívio dessa, com a língua portuguesa no século XVII, temos, no século XVIII, uma definitiva implantação da língua do dominador (PE), enriquecida a partir de então, com contribuições de base indígena e africana.

Com relação às contribuições de base africana para o léxico da língua portuguesa falada no Brasil, temos, de acordo com Castro (2001, p. 74), que as línguas africanas do grupo banto foram as mais importantes “na configuração do perfil do português brasileiro”, estando a maioria dos aportes bantos “completamente integrada ao sistema linguístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma raiz banto (cf. *molambo*, *esmolambar*, *esmolambento*)”.

Sendo um dos objetivos desse estudo, perceber léxicos de origem africana no falar de uma comunidade negra isolada, tivemos o intuito, neste capítulo, de fazer um levantamento diacrônico de africanismos e termos afins<sup>19</sup>, encontrados na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos. Para tanto, foram analisadas as transcrições das entrevistas realizadas na

<sup>18</sup> Denominação que se foi firmando ao longo dos séculos XVI e XVII para línguas tupis faladas em grande extensão da costa brasileira, e em parte do sertão; língua brasileira (FERREIRA, 2004).

<sup>19</sup> O que chamamos *termos afins* são as palavras, que, embora não sejam identificadas por nenhum lexicólogo como “de procedência africana”, são peculiares ao falar baiano ou fazem parte das práticas litúrgicas negras, e dessa forma, também compõem o vocabulário elaborado por Castro (2001), primeiro glossário utilizado na pesquisa.



comunidade e identificados os termos considerados africanismos. Depois, comparamos os registros encontrados com o vocabulário organizado em obras que se dedicaram a estudar a influência africana na formação da língua portuguesa, como *Falares Africanos na Bahia* (CASTRO, 2001), *O elemento afro-negro na Língua Portuguesa* (RAIMUNDO, 1933) e *A influência africana no português do Brasil* (MENDONÇA, 1948). Feito isso, analisamos como esses africanismos apareceram em compilações mais recentes como *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2004) e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2009).

Buscamos perceber dessa forma, como as acepções analisadas foram trazidas em obras lexicográficas mais consultadas, como Ferreira (2004) e Houaiss (2009) e compará-las com obras lexicográficas mais especializadas no léxico de base africana, como Castro (2001), Raimundo (1933) e Mendonça (1948), verificando assim, convergências e divergências entre essas obras.

Com o intuito de facilitar o entendimento da organização dos verbetes em cada glossário examinado, elencamos abaixo as listas de abreviaturas utilizadas por cada pesquisador consultado:

Organização do vocabulário de *Falares africanos na Bahia* de Yeda Pessoa de Castro.

<b>Organização Castro (2001)</b>	
Advertência da autora. A ordem de apresentação dos étimos africanos está de acordo com a precedência histórica de introdução das línguas bantos (Kik./Kimb./Umb.) e kwa (Fon e Iorubá) no Brasil; suas ortografias estão de acordo com as fontes escritas nos dicionários africanos consultados. O Umb. só é indicado, eventualmente, para reforçar as etimologias (2001, p. )	
<b><i>Estrutura de um verbete</i></b>	
entrada/ etimologia/ abreviatura utilizada em função de uma ordem de pressuposição/ classe gramatical/ definição/ variantes	
<b><i>Abreviaturas</i></b>	<b><i>Convenções</i></b>
<b><i>adj.</i></b> – adjetivo <b><i>BA</i></b> – falar corrente, regional e familiar da Bahia <b><i>BR</i></b> – português do Brasil <b><i>Cf.</i></b> – conferir, comparar <b><i>f.</i></b> – feminino <b><i>FB</i></b> – formação brasileira (híbridos, decalques; derivados) <b><i>fig.</i></b> – sentido figurado <b><i>Ind</i></b> – Indígena brasileiro <b><i>Kik.</i></b> – quicongo e seu conjunto de dialetos	<b><i>( ° )</i></b> – dicionarizado no AURÉLIO <b><i>X &lt; Y</i></b> – x deriva de y <b><i>X / Y</i></b> – x ou y



(quitando, quitari, etc) <b>Kimb.</b> – quimbundo e seu conjunto de dialetos. <b>LP</b> – linguagem popular da Bahia, incluindo termos de manifestações folclóricas e alguns ocorrentes em outros falares regionais brasileiros. <b>°LP</b> – linguagem popular, regional brasileira, termo dicionarizado <b>LS</b> – língua-de-santo, linguagem religiosa afro-brasileira <b>m.</b> – gênero masculino <b>pl.</b> – plural <b>PO</b> – língua portuguesa em geral <b>PS</b> – povo de santo, comunidade religiosa afro-brasileira <b>s.</b> – substantivo <b>sing.</b> – singular <b>Umb.</b> – umbundo <b>v.</b> – verbo <b>Ver</b> – verificar <b>Var.</b> – variante <b>Yor.</b> – ioruba	
--	--

Organização de *A influência africana no Português do Brasil* de Renato Mendonça

Organização Mendonça (1942)
Advertência do autor. Este vocabulário só contém termos africanos usados no Brasil ou empregados por escritores brasileiros. Sempre que possível procuramos dar a abonação respectiva (1942, p. 187).
<i>Estrutura de um verbete</i>
entrada/ classe gramatical/ etimologia
<i>Abreviaturas</i>
<b>abon.:</b> abonação <b>adj.:</b> adjetivo <b>etim.:</b> etimologia <b>sf.:</b> substantivo feminino <b>sm.:</b> substantivo masculino <b>v. int.:</b> verbo intransitivo

Organização de *O elemento afro-negro na língua portuguesa* de Jacques Raimundo

Organização Raimundo (1933)
Advertência do autor. A fartura, sobremodo do elemento afro-banta, impressiona, espanta, e certamente não nos fôra possível exagerar o tamanho dêste volume, com o registo extenso ou minucioso de todos os vocábulos, quer primários, quer derivados, quer mulatizados, por enxerto, mutilação ou cruzamento (1933, p. 92).

<i>Estrutura de um verbete</i>
entrada/ classe gramatical/ etimologia
<i>Abreviaturas</i>
<i>adj.</i> : adjetivo <i>ders.</i> : palavras derivadas <i>etim.</i> : etimologia <i>fig.</i> : sentido figurado <i>sf.</i> : substantivo feminino <i>sm.</i> : substantivo masculino <i>v.int.</i> : verbo intransitivo <i>v.tr.</i> : verbo transitivo

Organização da versão eletrônica do *Novo Dicionário Aurélio* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

<b>Organização Aurélio (2004)</b>	
Advertência do autor. Cada verbete do Dicionário Aurélio constitui-se numa unidade estruturada de informações. Essas informações são classificadas de diferentes formas, todas identificadas por sua apresentação gráfica ou por sinais especiais.	
<i>Estrutura de um verbete</i>	
entrada/ ortoépia/ etimologia/ categoria gramatical/ regência/ número de definição/ definição/ rubrica/ remissiva/ achega/ exemplo/ abonação/ locução/ índice	
<i>Abreviaturas, siglas e sinais convencionais</i>	
<i>acepç.</i> - acepção, acepções <i>afr.</i> - africano(s), africana(s); africanismo(s) <i>angol.</i> - angolano(s), angolana(s); angolanismo(s) <i>AL</i> - Alagoas <i>AM</i> - Amazonas <i>aum.</i> - aumentativo <i>BA</i> - Bahia <i>Bras.</i> - brasileiro(s), brasileira(s); brasileirismo(s) <i>C.</i> - centro <i>Cabo-verd.</i> - Cabo-verdianismo <i>Cap.</i> - Capoeira <i>CE</i> - Ceará <i>Cf.</i> - confronto, compare <i>deprec.</i> - depreciativo(s) <i>Dev.</i> - deverbal <i>esp.</i> - especial, especialmente <i>express.</i> - expressivo(s), expressiva(s) <i>etnôn.</i> - Etnônimo <i>ex.</i> - exemplo(s) <i>F. red.</i> = Forma reduzida <i>fam.</i> - familiar <i>fig.</i> - figurado <i>Folcl.</i> - folclore	<i>med.</i> - medicina <i>MG</i> - Minas Gerais <i>moç.</i> - moçambicano(s), moçambicana(s); moçambicanismo <i>N.</i> - Norte <i>N.E</i> - Nordeste <i>O.</i> - Oeste <i>onom.</i> - onomatopéia; onomatopéico <i>or.</i> - origem <i>p. ex.</i> - por exemplo <i>P. ext.</i> - por extensão <i>PA</i> - Pará <i>PB</i> - Paraíba <i>PE</i> - Pernambuco <i>pl.</i> - plural <i>Pop.</i> - Popular <i>poss.</i> - possessivo/ possivelmente <i>q. v.</i> - queira ver <i>quimb.</i> - quimbundo <i>Rel.</i> - Religião <i>Restr.</i> - Restritivo <i>RJ</i> - Rio de Janeiro <i>S.</i> - Sul <i>santom.</i> - santomense(s); santomensismo(s)

<b>gír.</b> - gíria <b>gloss.</b> - glossônimo <b>GO</b> - Goiás <b>guar.</b> - guarani <b>Guin.</b> - Guineensismo <b>Impr.</b> - impróprio <b>lat.</b> - latino(s), latina(s); latim; latinismo <b>lat. med.</b> - latim medieval <b>m. us</b> - mais usado <b>MA</b> - Maranhão	<b>sin.</b> - sinônimo <b>SC</b> - Santa Catarina <b>top.</b> - topônimos <b>v.</b> - veja <b>V.</b> - Verbo <b>Var.</b> - Variante(s) <b>voc.</b> - vocábulo(s) <b>Zool.</b> - Zoologia <b>~</b> - remissiva
---	---

Organização da versão eletrônica *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* de Antônio Houaiss

Organização Houaiss (2009)	
<i>Estrutura de um verbete</i>	
entrada → ortoépia → classificação gramatical → datação → definições → elementos mórficos → remissões → elementos periféricos → rubrica temática → regionalismo → nível de uso → registro diacrônico → observação → derivação estrangeira → sinônimos e variantes → topônimos <sup>20</sup>	
<i>Lista de reduções</i>	
<b>afr.</b> - africanismo, termo africano <b>agr.</b> - agricultura, horticultura, agronomia <b>design.</b> - designação <b>esp.</b> - espanhol, espanholismo, especialmente <b>fam.</b> - família <b>fem.</b> - feminino <b>fr.</b> - francês <b>freq.</b> - frequente, frequentemente <b>galg.</b> - galego <b>gên.</b> - gênero (em taxonomia) <b>ger.</b> - geral, geralmente <b>gót.</b> - gótico <b>hind.</b> - hindustâni <b>lat.</b> - latim, latina/o, latinismo <b>lat.escl.</b> - latim escolástico <b>lat. medv.</b> - latim medieval, médio latim <b>lat. vulg.</b> - latim vulgar <b>m.q.</b> - mesmo que <b>obsc.</b> - obscura/a <b>onom.</b> - onomatopaico/ onomatopeia	<b>orig.</b> - origem <b>orig. contrv.</b> - origem controversa <b>orig. duv.</b> - origem duvidosa <b>part.</b> - participio <b>pl.</b> - plural <b>port.</b> - português <b>prov.</b> - provavelmente, provérbio, proverbialmente <b>quicg.</b> - quicongo <b>quimb.</b> - quimbundo <b>red.</b> - redução, reduzida/o, forma reduzida <b>regr.</b> - regressivo, derivação regressiva, derivado regressivo, forma regressiva, deverbal <b>sing.</b> - singular <b>subfam.</b> - subfamília <b>substv.</b> - substantivação, substantivado <b>tb.</b> - também <b>top.</b> - topônimo <b>var.</b> - variante, forma variante <b>us.</b> - usada/o(s), usa-se, usam-se

<sup>20</sup> Elencamos os principais elementos que compõem a organização do verbete, podendo esse, possuir mais características que não foram detalhadas.

## Africanismos e termos afins

	<p><b>Angu</b></p> <p><i>“E aí nós preparava aquele <b>angu</b> pá leva.”</i></p>
<b>Castro</b>	(kwa) 1. (°BR) –s.m. pirão de farinha de mandioca, de milho ou de arroz temperado com sal e cozido para ser comido com carne, peixe, camarão. Ver anguzô, ebá. Cf. barriga-de-angu. Fon <i>àgun</i> , pirão de inhame ou de mandioca, sem tempero.
<b>Mendonça</b>	sm.: massa feita de fubá de milho ou mandioca. Etim.: termo africano.
<b>Raimundo</b>	sm. Massa feita de farinha de milho, arroz ou mandioca, cozida em panela, para ser comida com carne, peixe, camarão ou marisco. // Bolo de farinha de mandioca, de milho, de batata, fervida n’água, com o qual se come a carne, o peixe, o caruru, o feijão, o quingombô, etc. // Etim.: M. Soares acredita que é palavra brasileira transportada para a África, mas não indica a língua americana de que procede; lembra, porém, que na Ilha de Santo Tomé, no golfo da Guiné, se chama <i>angu</i> a papas semelhantes ao infunde angolês.
<b>Ferreira</b>	<p>[De or. afr.]</p> <p>Substantivo masculino</p> <p>1. Bras. Massa consistente de farinha de milho (fubá), de mandioca, ou de arroz, com água e sal, escaldada ao fogo. [Cf. <i>polenta</i>.]</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo masculino</p> <p>Regionalismo: Brasil.</p> <p>Etimologia: orig. africana, mas étimo obsc.</p> <p>1. Rubrica: culinária. Massa espessa que se faz misturando, ao fogo, farinha de milho (fubá), de mandioca ou de arroz, com água e, às vezes, sal.</p> <p>2. Rubrica: culinária. Banana cozida, formando massa compacta.</p> <p>3. Rubrica: culinária. Papa adoçada de farinha de milho.</p>

Embora Mendonça (1948), Raimundo (1933), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) concordem quanto à origem africana do termo, apenas Castro (2001) registra o grupo a que pertence a palavra *angu*. No glossário dos cinco autores consultados, o termo refere-se a preparado culinário que utiliza farinha de milho ou mandioca. Castro (2001) e Raimundo

(1933) acrescentam a utilização de carnes, peixes ou frutos do mar ao preparado. Em Caiana, o termo também se refere a um preparado, feito normalmente à base de fubá.

	<b>Auê</b> <i>“... de tudo pu tudo fazia um <b>auê</b>”.</i>
<b>Castro</b>	(kwa) 1.(LS) –exp. Saudação em queto equivalente a “meu camarada”. Cf. macuero. Yor. àwé, saudação a um desconhecido. 2. (LS) –exp. Saudação precedida de “com licença”, muito frequente nas cantigas de caboc(l)o e congo-angola... 3. (°BA) –s.m. confusão, tumulto. Ver arerê, quizumba. Fon awè/ Yor. awé.
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Voc. express.] Substantivo masculino 1. Tumulto, confusão.
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Etimologia: prov. afr. Situação dominada por grande alvoroço; confusão, tumulto, rebelião. Ex.: <i>armou um a. pelo serviço malfeito</i>

Em Caiana dos Crioulos o termo *auê* foi registrado como equivalente a *confusão*, *balbúrdia*. Castro (2001) registra a origem kwa para o termo *auê*, quando equivalente a saudação (primeira e segunda definições). Na terceira definição apresentada pela autora, contudo, ela apresenta a definição “confusão, tumulto” como própria do falar corrente e familiar da Bahia. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) convergem com a terceira definição de Castro (2001), mas o primeiro apenas diz que se trata de um vocalismo expressivo, não especificando provável etimologia e o segundo, que é de provável origem africana. O termo não consta nos glossários de Raimundo (1933) e Mendonça (1948).

	<b>Bagunça</b> <i>“Um menino destâmaim querenu fazer <b>bagunça</b>.”</i>
<b>Castro</b>	(banto) (°BR) –s.f. desordem, confusão, baderna, remexido; pândega ruidosa, bangunce(i)ra. Var. bagunçada, brungunça. Cf. cavunza. Kik. <i>Bulugusa/ Kik. Bulungunza</i> .
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	De or. express., poss.] Substantivo feminino 1. Bras. Máquina para remover aterro. 2. Gír. Desordem, confusão, baderna, bagunçada. 3. Gír. Pândega ruidosa; bagunçada.
<b>Houaiss</b>	Substantivo feminino Etimologia: prov. orig. expressiva 1. Regionalismo: Brasil. Máquina de remover aterro. 2. Uso: informal. Falta de ordem; confusão, desorganização. 3. Uso: informal. Farra ruidosa; baderna, bagunçada.

Para Castro (2001) *bagunça* é um termo de origem banto. Aurélio (2004) e Houaiss (2009) divergem dessa opinião, concordando que o termo é de origem expressiva<sup>21</sup>, ressaltando os dois, que *bagunça*, significando *desordem*, é uma gíria ou uso informal da palavra. Em Caiana, o termo foi registrado significando *falta de ordem* ou *confusão*. Mendonça (1948) e Raimundo (1933) não trazem o termo.

	<b>Batucada</b> <i>“Eu fico tão impogada só em cantá, que me esqueço da <b>batucada</b>.”</i>
<b>Castro</b>	(FB) (°BR) –s.f. ato ou efeito de batuca(r); ritmo ou canção do batuque; reunião popular, geralmente nas ruas, onde se toca o samba em instrumentos de percussão, com acompanhamento vocal ou sem ele; conjunto de instrumentos de percussão que toca samba. Cf. batuca(r) + Port. <u>-ada</u> .

<sup>21</sup> Cujá estrutura é apenas aparentemente onomatopaica ou imitativa, não podendo sua origem explicar-se desse modo (diz-se de palavra) (HOUAISS, 2009).

<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[De <i>batucar</i> + <i>-ada</i> <sup>1</sup> .] Substantivo feminino Bras. Angol. Cabo-verd. Guin. Moç. Santom. 1. Ato ou efeito de batucar; batuque. 2. Ritmo ou canção do batuque. 3. Reunião popular, geralmente nas ruas, onde se toca o samba em instrumentos de percussão, com acompanhamento vocal ou sem ele. 4. Batuque (2). [Cf. <i>batocada</i> .]
<b>Houaiss</b>	Substantivo feminino Regionalismo: Brasil. Etimologia: fem. substv. do part. de <i>batucar</i> 1. Ato ou efeito de batucar; batuque. 2. Ritmo do batuque. 3. Derivação: por extensão de sentido. Canção que acompanha o batuque. 4. Diversão popular com instrumentos de percussão, podendo haver dança e canto.



Foto 11. Batucada. Fonte: autora.

Castro (2001) assinala que o termo *batucada* é uma formação brasileira derivada do termo banto *batucar*. Já Ferreira (2004) apresenta o termo como um brasileirismo, angolanismo, caboverdianismo, guineensismo, moçambicanismo e santomensismo. Houaiss (2009) o apresenta como particípio do verbo *batucar*, que segundo ele, tem origem controversa. Os três pesquisadores apresentam definições consoantes entre eles, e com o significado apresentado pelos caianenses. O termo não consta nos glossários de Mendonça (1948) e Raimundo (1933).

	<p><b>Batuque</b></p> <p>“Eu escutei memu... Onde é esse <b>batuque</b> meu Deu?!.”</p>
<b>Castro</b>	(FB) (°BR) –s.m. ruído, som muito forte; ação de fazer ruído com batimentos rítmicos. Cf. baticum. Ver batuca(r). kik.; Kimb. <i>vutuki(la)</i> + Port. <i>bater</i> .
<b>Mendonça</b>	sm.: dança com sapateados e palmas. Etim.: termo africano do landim <i>batchuque</i> , tambor, baile e nada tem que ver com o verbo bater (Dalgado).
<b>Raimundo</b>	sm. Dança de negros com sapateados, palmas, cantigas e toque de tambor. // Qualquer barulho com pancadas repetidas e frequentes. // Etim.: é bailado originário de Angola e do Congo, mas, em que pese a opinião do Cardeal Saraiva, não lhe chamavam os negros <i>batuque</i> , mas os portugueses; a dança é feita com cantos em que entra a expressão <i>kubat’uku</i> , nesta casa aqui. Daí proveio <i>batucu</i> , alt. Em <i>batucum</i> , <i>batecum</i> e <i>batecu</i> , já por influência do verbo port. <i>bater</i> . De <i>bat’uku</i> originou-se o verbo <i>batucar</i> : <i>batuco</i> + <i>ar</i> ; de <i>batucar</i> o deverbais <i>batuque</i> , que, levado à ContraCosta, foi adoptado pelos landinos sob a forma <i>batchuque</i> (P. Raposo, Dic. Land.). // Ders.: <i>batucada</i> , <i>batucador</i> , <i>batucante</i> , <i>batuqueira</i> .
<b>Ferreira</b>	<p>[De <i>bater</i>.]</p> <p>Substantivo masculino</p> <p>1. Designação comum a certas danças africanas e brasileiras acompanhadas de cantigas e de instrumentos de percussão. 2. Baile popular ao som de instrumentos de percussão; batucada. 3. Batucada (1). 4. O ato de bater repetidamente, de martelar, de fazer barulho. 5. Bras. BA Cap. V. <i>pernada</i> (7). 6. Bras. PA MA Rel. Culto, relacionado com o babaçuê, que incorpora ao ritual jejê-nagô elementos rituais e entidades dos candomblés de caboclo, da pajelança, do catimbó e da umbanda.</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo masculino</p> <p>Etimologia: orig. contrv.</p> <p>Ato ou efeito de batucar, de bater com reiteração, de fazer ritmo ou barulho desta maneira; batucada.</p> <p>1. Rubrica: dança, música. Regionalismo: Brasil. Denominação genérica de algumas danças afro-brasileiras acompanhadas de percussão e, por vezes, tb. canto</p> <p>2. Rubrica: dança, música. Baile popular acompanhado por instrumentos de percussão; batucada.</p> <p>5. Rubrica: religião. Regionalismo: Amazônia. Designação genérica de cultos afro-brasileiros</p> <p>5.1 Rubrica: religião. Regionalismo: Pará, Maranhão. Uso: informal. Variedade sincrética de babaçuê que atualmente mescla elementos jejês-nagôs</p>



	com divindades dos candomblés de caboclo, da pajelança, do catimbó e da umbanda.
--	--

De acordo com Castro (2001), o termo batuque é uma formação brasileira de batucar (de origem banto), assim como batucada. Mendonça (1948), embora concorde que o termo tem origem africana, acredita que provém do landim<sup>22</sup>. Raimundo (1933) também ressalta a adoção do termo pelos landinos sob a forma *batchuque*. Segundo o autor, a dança é feita com cantos originários na Angola e Congo, em que entram a expressão *kubatuku*, de onde provém *batuku*. Ferreira (2004) não apresenta a etimologia do termo, dizendo apenas, que provém do verbo bater e Houaiss (2009) acredita que sua etimologia é de origem controvertida. Todos os autores concordam que o termo refere-se a som, ritmo musical, assim como também o é em Caiana dos Crioulos.

	<p><b>Berimbau</b></p> <p><i>“E o <b>berimbau</b>, o que é meu camarada? É meu irmão, meu irmão do coração camarada.”</i>  <i>Letra de música de capoeira</i></p>
<b>Castro</b>	(banto) 1. (°BR) –s.m. arco-musical, instrumento indispensável na capoe(i)ra, constituído de um arco de madeira retesado por um fio de arame, com uma cabaça presa ao dorso da extremidade inferior e cuja caixa de percussão é a barriga. Toma o nome de berimbau-viola, quando acompanhado pelo gunga e o contra-gunga. Var. berimbau-de-barriga, urucungo. Cf. berimbau-de-boca. Kik./Kimb/ Umb. (o) <i>madimbaw</i> .
<b>Mendonça</b>	BIRIMBAU: sm.: instrumento músico. Etim.: corrupção de <i>marimbau</i> . MARIMBAU: sm.: o mesmo que <i>birimbau</i> . Etim.: do quimbundo <i>mbirimbau</i> , com a simplificação do grupo consonântico <i>mb</i> .
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Do quimb. <i>mbirimbau</i> .] Substantivo masculino 1. Pequeno instrumento de ferro, semelhante a uma ferradura, no centro do qual há uma lingüeta, e que se toca pondo a parte curva entre os dentes e

<sup>22</sup> Diz-se de ou natural ou habitante da antiga Lourenço Marques (hoje Maputo – capital de Moçambique) (HOUAISS, 2009).

	fazendo vibrar com o indicador a extremidade livre da lingüeta; marimbau. 2. Bras. Instrumento de percussão, de origem africana, com o qual se acompanha a capoeira e que é uma haste de madeira arqueada por um fio de arame, com uma cabaça presa ao dorso da extremidade inferior.
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo masculino</p> <p>Etimologia: orig.duv., prov. quimb. <i>mbirim'bau</i></p> <p>1. Rubrica: música. Regionalismo: Brasil.</p> <p>Instrumento idiofone de origem banta que consiste num arco de madeira retesado por um fio de arame e com uma meia cabaça (caixa de ressonância) presa ao dorso da extremidade inferior [A abertura dessa cabaça o tocador aplica sobre o seu peito ou barriga, enquanto faz vibrar a corda, ger. com uma vareta, aproximando e afastando a cabaça do corpo para modificar o som, e utilizando para o mesmo fim, mas sobre o fio, uma moeda ou objeto similar, que segura com os dedos polegar e indicador da mão que sustenta o instrumento.]</p> <p>2. Derivação: sentido figurado. Uso: pejorativo. Diacronismo: antigo. Indivíduo de baixa extração.</p>



Foto 12 – berimbau. Fonte: autora.

Castro (2001), Mendonça (1948), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) concordam que *berimbau* é um vocábulo originário do quimbundo, corruptela de *marimbau/ madimbaw*, ressaltando Houaiss (2009), contudo, que sua origem é duvidosa. Raimundo (1933) não lista o termo em seu glossário. Para todos os autores, *berimbau* é um instrumento musical. Em Caiana, *berimbau* é instrumento de percussão utilizado no jogo da capoeira.

	<p><b>Bumba</b></p> <p><i>“Eu vim meu <b>bumba</b> êh! Eu vi meu <b>bumba</b> ah! Eu vi meu amor, foi simhora e me deixou...”</i></p> <p><i>Letra da ciranda ‘Eu vi meu bumba’</i></p>
<b>Castro</b>	(banto) (°BR) –s.f. pancada, surra; tambor, bombo. Cf. zabumba. Ver bumba(r).
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Voc. onom.] Interjeição 1. Imitativa de pancada, estouro, queda, etc. 2. Zás.
<b>Houaiss</b>	Interjeição orig. contrv.; prov.onom.; há que se considerar a hipótese de orig. no quicg. <i>mbumba</i> 'bater' 1. m.q. <sup>1</sup> <i>bum</i> ('palavra que reproduz ruído forte') 2. palavra imitativa de uma batida rápida ou de uma ação rápida e decidida; zás

Castro (2001) apresenta origem banto ao termo *bumba*. Ferreira (2004), por sua vez, diz apenas que se trata de um vocábulo onomatopéico. Houaiss (2009) demonstra dúvida sobre a origem do termo, dizendo que é controvertida, podendo ser termo onomatopéico ou mesmo, vocábulo originário da língua quicongo. A palavra não aparece nos glossários de Mendonça (1948) e Raimundo (1933). Os três autores definem *bumba* como palavra referente à pancada, batida, o mesmo que encontramos em Caiana dos Crioulos.

	<p><b>Cachaça</b></p> <p><i>“As vez saía com a garrafa de <b>cacheça</b>.”</i></p>
<b>Castro</b>	(banto) 1. (°BR) –s.f. aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel ou borras de melaço; qualquer bebida alcoólica. Var. cacheça, quixaxa. Cf. cumalaia, camunheca, cunuá, ominfunfum. Kik. ( <i>kunua</i> ) <i>kisasa</i> , lit. água ardente, que fermenta, excitante.

<b>Mendonça</b>	sf.: aguardente. Etim.: termo africano (M. Maciel, 1918, pág. 244; A. Amaral, 1920, pág. 43; e N. de Sena, 1921, pág. 160).
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[De or. controvertida.] Substantivo feminino Bras. 1. Aguardente que se obtém mediante a fermentação e destilação do mel ou borras do melaço 2. P. ext. Pop. Qualquer bebida alcoólica. [M. us. no pl.] 3. Dose (3) de cachaça. 4. Bras. Espuma grossa que, na primeira fervura, se tira do suco da cana na caldeira. 5. Fig. Paixão, inclinação, gosto (por pessoa ou coisa).
<b>Houaiss</b>	Substantivo feminino Etimologia: orig. contrv. 1. Espuma grossa que se forma durante a primeira fervura do caldo de cana us. na produção de açúcar, e dele retirada para servir de alimento (ger. na forma de beberagem fermentada) ou para obtenção de bebida alcoólica. 2. Aguardente que se extrai, por fermentação e destilação, das borras do melaço da cana-de-açúcar; aguardente de cana. 5. Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Qualquer bebida alcoólica, esp. Destilada. 6. Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. Preferência, paixão, mania, vício.

Castro (2001) e Mendonça (1948) concordam que o termo *cachaça* tem procedência africana, mas só a autora especifica que o termo vem da língua banto. Já Ferreira (2004) e Houaiss (2009) discordam dessa procedência, afirmando ambos, que a origem do termo é controvertida. Todos os autores dizem tratar-se de aguardente, como também o é, em Caiana dos Crioulos, afirmando Castro (2001), Ferreira (2004) e Houaiss (2009), que o líquido é obtido a partir de fermentação e destilação do mel. Raimundo (1933) não apresenta o termo em seu glossário.

	<b>Cacimba</b> “...levantava de meia noite, pá í p’essas <b>cacimba</b> buská água.”
<b>Castro</b>	(banto) ( <sup>o</sup> BR) –s.f. poço de água potável; fonte, vasilha. Cf. caçamba. Kik./Kimb. <i>kisima</i> , <i>kisimbu</i> , vasilha.

<b>Mendonça</b>	sf.: poço artificial ou escavação para atingir lençóis de água subterrâneos. Etim.: do quimbundo <i>kixima</i> , poço, com substituição do prefixo <i>ki-</i> por <i>ka-</i> e evolução do <i>xi</i> para <i>ci</i> . Ar. Geog.: África Portuguesa e Norte do Brasil.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Do quimb. <i>kixima</i> .] Substantivo feminino 1. Cova que recolhe a água dos terrenos pantanosos. 2. Bras. Angol. Poço cavado até um lençol de água. [Sin. (bras., CE), nesta acepç.: <i>bebedor</i> .] 3. Bras. N.E. Escavação em baixadas úmidas ou no leito de um rio, na qual a água se acumula como num poço. 4. Bras. S. Olho-d'água, fonte.
<b>Houaiss</b>	Substantivo feminino Etimologia: quimb. <i>kixima</i> 'poço' 1. Cova aberta em terreno úmido ou pantanoso, para recolher a água presente no solo que nela se acumula por ressumação. 2. Buraco que se cava até atingir um lençol de água subterrâneo; poço, cisterna. 3. Regionalismo: Nordeste do Brasil. Escavação, semelhante a um poço, em local baixo e úmido ou em leito seco de rio, onde a água do solo se acumula. 4. Regionalismo: Sul do Brasil. Olho-d'água, fonte de água potável; vertente.

Castro (2001), Mendonça (1948), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) concordam que o termo *cacimba* é originário do quimbundo *kixima*. Apenas Raimundo (1933) não traz o termo em seu glossário. Sobre a significação, Castro (2001) e Mendonça (1948) adotam a palavra “poço”, Ferreira (2004) e Houaiss (2009), tanto o termo “cova”, como o termo “poço”, mas todos, dizem referir-se a lugar de recolhimento e armazenamento de água. Entre os caianenses a *cacimba* é um reservatório de água da chuva, que serve ao consumo humano nos períodos de estiagem.

	<b>Cafundó</b>  “ <i>Eu tenho uma irmã que mora im João Pessoa, num <b>cafundó</b> que só você venu.</i> ”
<b>Castro</b>	(banto) ( <i>°BR</i> ) –s.m. lugar distante e atrasado, na expressão popular “onde Judas perdeu as botas”. Var. <i>cafundó-de-juda(s)</i> , <i>cafundório</i> , <i>fundão</i> , <i>fundo</i> . Cf. <i>jebejebe</i> , <i>mufumbo</i> . Kik./ Kimb. ( <i>ka</i> ) <i>mfundu</i> .

<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	sm. Lugar ermo e distante.// Etim.: do amb. <i>ka-nfundo</i> , com acutiz. Como em <i>quingombô</i> , ou com a soma do demonstrativo, reduzido no Brasil a um apenas, <i>ió</i> ou <i>ó</i> , com o qual se indicava a distância, a lonjura: <i>ka-(n)fundu-ó</i> . Em amb. <i>nfunda</i> é um pequeno abrigo à margem da estrada para pouso dos viajantes. // Existe também <i>cafundório</i> , formado com <i>ório</i> , outra forma do demonstrativo.
<b>Ferreira</b>	[De or. afr., poss.] Substantivo masculino Bras. 1. V. <i>cafua</i> (3). 2. Baixada estreita, entre lombadas sensivelmente altas e íngremes. 3. Lugar ermo e afastado, de acesso difícil, normalmente entre montanhas.
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Regionalismo: Brasil. Etimologia: orig.africana, porém contrv. 1. Baixada estreita entre encostas ou lombas altas e íngremes. 2. Local de difícil acesso, esp. quando situado entre montanhas ou quando longínquo e pouco habitado (tb. us. no pl.). 3. Parte ou aposento de prédio ou habitação sem muita iluminação. 4. Derivação: por extensão de sentido. m.q. <i>cafua</i> ('aposento').

Castro (2001) e Raimundo (1933) concordam que *cafundó* é palavra de origem banto, especificamente do quimbundo como assim trazem. Embora Ferreira (2004) e Houaiss (2009) concordem que se trata de termo de origem africana, Houaiss (2009) afirma que sua origem é controvertida. Mendonça (1948) não traz a palavra em seu glossário. Os quatro autores dizem referir-se a lugar distante ou de difícil acesso, exatamente como encontramos no falar caianense. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) também trazem como significado “baixada estreita entre encostas ou lombadas”.

	<b>Calunga</b> “...tem o rato <i>calunga</i> , tem o rato de cana.”
<b>Castro</b>	(banto) 1. (LS) –s. o mar; o fundo da terra, o abismo; divindade poderosa; seus símbolos. 2. (°LP) –s.f. bibelô, qualquer imagem pequena, estatueta. 5. (°BA) –s.m. rato pequeno, doméstico; (p.ext.) vadio, sabido, gatuno. Var. calungo, canunga. Ver camundongo, catito, ecutê, impuco. Cf. calungage(m). Kik./Kimb. <i>kalúnga</i> .

<b>Mendonça</b>	sm.: boneco. Etim.: M. Soares deriva do quimbundo <i>kalunga</i> , mar, nome que os negros aplicaram ao deus incognoscível dos missionários e para eles vago como a extensão do mar. Representavam-no por figuras e bonecos.
<b>Raimundo</b>	sm. Ente imaginário e privilegiado; quiteque, ídolo, fetiche, manipaço; boneco, gravura; indivíduo de pouca altura; qualquer rato (Baía), ratinho do mato (R. de Jan.); vadio, ratoneiro; ajudante de carroceiro (Pern.); peixe, o mesmo que pargo (Cabo Frio). // Etim.: do amb. <i>kalunga</i> , nome com que se designa o mar, a morte, certas divindades, além de ser o tratamento que se dá a pessoas ilustres.
<b>Ferreira</b>	[De língua banta.] Substantivo feminino 1. Bras. Rel. Divindade secundária do culto banto. 2. Bras. P. ext. O fetiche dessa divindade. 3. Bras. Coisa qualquer de tamanho reduzido (...) Substantivo masculino 6. Bras. Boneco (1) pequeno. 7. Bras. Figuras humanas, nos desenhos infantis. 8. Bras. Pessoa de pouca estatura. 9. Bras. Desenho sumário, representação da figura humana, que os arquitetos fazem para dar a idéia de escala ou dimensão da obra que projetam. 10. Bras. GO SC Indivíduo preto. 11. Bras. AL PE Ajudante de caminhão de carga; calunga de caminhão. 12. Bras. PE Folcl. Nos maracatus, cada uma das duas bonecas (Dom Henrique e Dona Clara) que vão nas mãos dançantes das negras, e que recebem as espórtulas dos admiradores. 13. Bras. Zool. V. <i>camundongo</i> <sup>1</sup> . [Var., nesta acepç.: <i>calungo</i> .]
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Regionalismo: Brasil. Etimologia: quimb. <i>ka'lunga</i> 'mar', nome com que os negros designaram o Deus dos missionários, por considerarem-no vago como a imensidão do mar. 1. Rubrica: religião. Entre os bantos, entidade espiritual que se manifesta como força da natureza, esp. associada ao mar, à morte ou ao inferno. 2. Rubrica: religião. Cada uma das entidades de importância secundária que, na umbanda popular de influência banta, formam um conjunto subordinado a Iemanjá e são associadas ao mar e à água. 3. Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: religião. Imagem ou fetiche de uma dessas entidades 4. Rubrica: mastozoologia. m.q. <i>camundongo</i> ( <i>Mus musculus</i> ) 5. Rubrica: ictiologia. Regionalismo: Rio de Janeiro. m.q. <i>pargo</i> ( <i>Pagrus pagrus</i> ) 6. Rubrica: etnografia. Regionalismo: Pernambuco. Cada uma das figuras que passam, nos maracatus, pelas mãos da dama do paço e da rainha, e que encarnam a força dos antepassados do grupo.

O termo *calunga* em Caiana dos Crioulos foi registrado como um tipo de rato. A informante fala: "...tem rato *calunga*, rato de cana". Castro (2001) traz *calunga* como rato em

seu quinto item, elencando anteriormente significados como: “mar, abismo ou bibelô, imagem pequena”. Mendonça (1948) não traz o significado compatível com o observado em Caiana. De acordo com o autor, *calunga* seria o “deus dos missionários: mar”, representado por figuras e bonecos. Raimundo (1933), embora traga primeiramente os significados compatíveis com os trazidos por Mendonça (1948), refere-se à *calunga* como ratinho do mato, uma expressão utilizada entre os falantes cariocas. Ferreira (2004), em seu 13º item, faz referência a *camundongo*, mas antes, elenca definições como: “divindade do culto banto, boneco, indivíduo pequeno” ou mesmo, seu significado em alguns estados brasileiros. As definições apresentadas por Houaiss (2009) assemelham-se ora com Mendonça (1948): “mar, deus dos missionários”, ora com Raimundo (1933): “imagem ou fetiche de uma entidade”, ora com Ferreira (2004): “entidade espiritual do culto banto”, trazendo também em seu quarto item, o termo *camundongo*, como o mesmo que *calunga*. Os cinco autores consultados dizem que *calunga* é originário da língua banto, especificando Castro (2001), Mendonça (1948), Raimundo (1933) e Houaiss (2009), a procedência quimbunda do termo.

	<b>Candombé/Candomblé</b> <i>“Eu acho que é <b>condomblé</b>... acho que é, eu ouvi o pessoal falanu.”</i>
<b>Castro</b>	(banto) 1. (°BR) –local de adoração e de práticas religiosas afro-brasileiras da Bahia; o culto ou o conjunto de crenças religiosas dedicadas a divindades africanas (santos); a cerimônia pública festiva; (pejorativo) cerimônia de magia negra, de feitiçaria, macumba. Var. canombé. Cf. candombe, candombelê, canzuá, ilê-orixá. Kik./Kimb. / Umb. <i>Kandombele</i> < <i>kulombela</i> < <i>lomba</i> , rezar, invocar, pedir pela intercessão dos deuses e local onde se realiza o culto.
<b>Mendonça</b>	sm.: primitivamente era um baile africano, e em seguida suas práticas religiosas. Etim.: origem onomatopáica.
<b>Raimundo</b>	sm. Batuque de negros. // Também tem este nome uma rede para a pesca do camarão. // Étim.: <i>ndombe</i> é um adj. No amb., <i>preto</i> ou <i>negro</i> ; é, portanto, ou o adj. Com a concordante <i>ka</i> aglutinada, ou, se foi tomado substantivamente, com a prep. <i>(k)ia</i> aglutinada, perdido o nome do possuidor. A acutização é como em <i>quipokê</i> . Existe a forma <i>candomblé</i> , hoje generalizada, com epentese do <i>l</i> .
<b>Ferreira</b>	De or. afr.] Substantivo masculino Bras. Rel.



	1. Religião introduzida no Brasil com escravos, principalmente de regiões dos atuais estados da Nigéria e do Benim, na qual crentes novos e ancestrais, reais ou míticos, eram divinizados em cultos públicos ou secretos.
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. Etimologia: orig. banta contrv. 1. Religião animista, original da região das atuais Nigéria e Benin, trazida para o Brasil por africanos escravizados e aqui estabelecida, na qual sacerdotes e adeptos encenam, em cerimônias públicas e privadas, uma convivência com forças da natureza e ancestrais. 2. Derivação: por extensão de sentido. Qualquer das seitas derivadas do candomblé ortodoxo, que sofreram processo de inclusão de heterodoxias (elementos de origem banta, do baixo espiritismo, de mitos ameríndios etc.). 4. Local ou construção onde se pratica essa religião ou se cultuam essas seitas.

O termo *candomblé*, em Caiana dos Crioulos, refere-se a uma prática religiosa afro-brasileira, assim como também o é, na definição de Castro (2001), Ferreira (2004) e Houaiss (2009). Mendonça (1948) também se refere a *candomblé* como prática religiosa, acrescentando, porém, que “primitivamente era um baile africano”. Castro (2001) também se refere ao significado festivo do termo, que é mencionado por Raimundo (1933), além desse acrescentar “rede para pesca do camarão” como significado. Castro (2001), Raimundo (1933), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) acreditam que o termo tem origem africana, especificando Castro (2001), Raimundo (1933) e Houaiss (2009) a procedência banto do termo. Mendonça (1948) diz que *candomblé* tem origem onomatopaica.

	<b>Capoeira</b> “ <i>Vim conhecê <b>capoêra</b> um tempo desse.</i> ”
<b>Castro</b>	(FB) 1.(°BR) –s.f. jogo atlético de origem banto, constituído por um sistema de ataque e defesa, de caráter individual, acompanhada pelo toque de berimbau, e que, apesar de intensamente perseguido até as primeiras décadas do séc. XX, sobreviveu à repressão e hoje se amplia e se institucionaliza como prática desportiva regulamentada. Consta de duas modalidades: capoeira-angola, capoeira regional. Ver jogo-de-capoeira, roda-de-capoeira. Kik./Kimb. <i>kambulila</i> > <i>kambulela</i> , ação de repelir, esquivar-se, aparar, rechaçar mutuamente, aos pares, com rasteiras e golpes de pé.
<b>Mendonça</b>	Não consta.

<b><i>Raimundo</i></b>	Não consta.
<b><i>Ferreira</i></b>	[Do tupi = ‘mata que foi’.] Substantivo feminino 1. Bras. Terreno em que o mato foi roçado e/ou queimado para cultivo da terra ou para outro fim. 2. Bras. Santom. Mato que nasceu nas derrubadas de mata virgem. 3. Bras. Cap. Jogo acrobático constituído por movimentos.
<b><i>Houaiss</i></b>	Substantivo feminino Etimologia: orig. contrv. Arte marcial de ataque e defesa introduzida no Brasil por escravos bantos; capoeiragem [Atualmente praticada como jogo e esporte.]



**Foto 13. Capoeira. Fonte: autora.**

De acordo com Castro (2001), o termo *capoeira* é uma formação brasileira e sua prática tem origem banto. Em Caiana dos Crioulos, o termo *capoeira* refere-se a jogo ou luta acrobática acompanhada pelos sons do berimbau, assim como explica Castro (2001) em sua definição. Ferreira (2004), além de trazer essa mesma definição, também cita “terreno ou mato” como significação, atribuindo a origem do termo ao tupi. Houaiss (2009) afirma que a origem de capoeira é controvertida, e em sua definição refere-se à “arte marcial introduzida por escravos”. Mendonça (1948) e Ferreira (1933) não apresentam o vocábulo em seus glossários.

	<b>Catimbó</b> <i>“Os pessoá adoece e acha que é <b>catimbó</b>.”</i>
<b>Castro</b>	(banto) (OS) –s.m. atabaque. Ver. Timbau.
<b>Mendonça</b>	sm.: o mesmo que catimbau. Etim.: termo africano. Abon.: <Catimbó é palavra comumente usada no Nordeste para designar o culto afro-brasileiro, também conhecido por candomblé (Baía) e por xangô (no Recife). CATIMBAU: sm.: prática de feitiçaria ou baixo espiritismo.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Var. de <i>catimbau</i> ] Substantivo masculino 1. Bras. Feitiçaria, feitiço. 2. Bras. N. Ritual sincrético, com elementos de magia européia associados a elementos negros, ameríndios, espíritas e cristãos. CATIMBAU [De or. afr., poss.] Substantivo masculino Bras. N. N.E. Rel. 1. Culto e rito onde se mesclam elementos da pajelança, do candomblé angola-congo, da feitiçaria e do baixo espiritismo.
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Regionalismo: Brasil. Etimologia: orig. contrv. 1. Rubrica: etnografia. Culto de feitiçaria que combina a magia branca europeia com elementos negros, ameríndios e católicos; catimbau, catimbaua [É chefiado por um 'mestre' que defuma os assistentes com seu cachimbo, e a quem se recorre para resolver problemas diversos, seja para o bem, seja para o mal.]

Em Caiana, o termo *catimbó* foi registrado como prática de feitiçaria, bruxaria, assemelhando-se às definições de Ferreira (2004) e Houaiss (2009). Esses autores, assim como Mendonça (1948), também referem-se a *catimbó*, como culto afro-brasileiro. Sobre a etimologia da palavra, Castro (2001), Mendonça (1948) e Ferreira (2004) dizem provir da língua africana, especificando Castro (2001), a procedência banto do termo. Essa autora é a única que não relaciona o significado do vocábulo à prática de feitiçaria ou culto afro, mas a atabaque, tambor. Raimundo (1933) não traz o termo.

	<p><b>Catinga</b></p> <p><i>“Todos os dias com uma cômisa só é pra saí com uma <b>catinga</b> de urubu.”</i></p>
<b>Castro</b>	(banto) 1. (BR) –s.f. cheiro fétido e desagradável do corpo humano, de certos animais e de comidas deterioradas. Cf. buzum, inhaca. Ver catingar, catingoso, catingudo, catinguento. Var. caxinga. Kik. <i>Kananga/ Kimb. katinga</i> .
<b>Mendonça</b>	sf. mau cheiro. Etim.: Saraiva ( <i>Glossário</i> , pág. 245), Pacheco Júnior ( <i>Gram. Port.</i> , pág. 156) consideram o termo africano. Pensamos todavia que o termo se prende ao radical tupi <cati, olor pesado> (Montoya)
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Do guar. <i>kati</i> , ‘cheiro forte’.] Substantivo feminino Bras. 1. Cheiro forte e desagradável que se exala do corpo humano suado ou pouco limpo; bodum; morrinha.
<b>Houaiss</b>	Substantivo feminino Etimologia: orig.contrv. Odor desagradável ou nauseante.

Todos os pesquisadores estudados, exceto Raimundo (1933), que não traz o termo, concordam quanto à significação do termo *catinga*, que assim como em Caiana dos Crioulos, quer dizer “mau cheiro, odor desagradável”. Quanto à origem, apenas Castro (2001) acredita ser de origem banta, Mendonça (1933) e Ferreira (2004) concordam quanto à procedência indígena, dizendo tratar-se de termo da família tupi-guarani. Houaiss (2009), por sua vez, acredita que a origem do vocábulo é controvertida.

	<p><b>Entidade</b></p> <p><i>“Aí tem a mesa ali com as image deles, com as coisa ali, que são justamente as <b>entidade</b> deles, preto velho por exemplo.”</i></p>
<b>Castro</b>	(FB) (°PS) –s.f. denominação genérica dada a preto-velho, caboc(l)o e erê, que não estão na categoria de santo. Cf. port. entidade, ente, ser, tudo que existe ou pode existir.

<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	Do lat. med. <i>entitate</i> .] Substantivo feminino 6. Bras. Rel. Ser espiritual passível de devoção, como, p. ex., orixá, vodum, inquice, caboclo, preto-velho, etc.
<b>Houaiss</b>	Substantivo feminino Etimologia: lat.escl. <i>entitas, átis</i> 'o que existe na essência' 1. Aquilo que constitui a existência de algo real; essência. 4. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. Ser espiritual que é objeto de culto (freq. us. para mitônimos do panteão afro-brasileiro: orixás, pretos velhos, encantados, caboclos etc.)

Castro (2001) afirma que *entidade* é termo utilizado pela comunidade religiosa afro-brasileira, que denomina “povo-de-santo”, mas não define sua procedência. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) concordam quanto à origem latina do termo, definindo-o Ferreira (2004), como vocábulo originário do latim medieval e Houaiss (2009), como do latim escolástico<sup>23</sup>. Sobre a significação, assim como em Caiana, *entidade*, de acordo com Castro (2001), é a denominação dada aos orixás que não estão na categoria de santo, como caboclos e pretos-velhos. Ferreira e Houaiss, no item *religião*, convergem com a definição de Castro. Mendonça e Raimundo não trazem o termo.

	<b>Forró</b>  “ <i>Meu casamento teve <b>forró</b> de vuá puera.</i> ”
<b>Castro</b>	(banto) (°BR) –s.m. arrasta-pé, farra; folia. Ver forrobodó. Kik. <i>Fwo (fwo)</i> , confusão, folia, dança com requebros.
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.

<sup>23</sup> Aquela que, desde o início do cristianismo, passou a constituir a língua oficial da Igreja (FERREIRA, 2004).

<b>Ferreira</b>	[F. red. de <i>forrobodó</i> .] Substantivo masculino 1. Bras. Santom. Pop. V. <i>arrasta-pé</i> (1). 2. Bras. N.E. Pop. Música originalmente apenas instrumental, e dança aparentada ao baião, porém com andamento mais acelerado.
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Etimologia: segundo Evanildo Bechara, var. atual do galg. <i>forbodó</i> , termo privativo da região, mas comum a todo o Portugal, associando-o Joseph Piel a <i>farbodão</i> , do fr. <i>faux-bourdon</i> , figuradamente 'sensaboria, desentonação'. 1. Rubrica: dança. Baile popular, em que se dança aos pares com música de origem nordestina; arrasta-pé. 2. Rubrica: música. Essa música, de gêneros variados (coco, baião, xote etc.) 3. Regionalismo: Sudeste do Brasil. Baile popular, em que se dança aos pares, com músicas de gêneros variados, esp. sertanejas e ger. ao som de sanfona.

Castro (2001) acredita que o termo *forró* tem origem quiconga, sendo redução de *forrobodó*. Ferreira (2004) também menciona essa redução. Houaiss (2009), por sua vez, cita Evanildo Bechara para explicar a origem do termo. Para o último autor é uma variação atual do galego *forbodó*. Quanto à significação, os três autores dizem tratar-se de dança e música, compatíveis com o significado encontrado entre os caianenses.

	<b>Fubá</b>  “Aí é só moiá a <i>fuba</i> .”
<b>Castro</b>	(banto) (°BR) –s. farinha de milho ou arroz. Kik./ kimb. <i>mfuba</i> .
<b>Mendonça</b>	sm.: farinha de milho ou de arroz. Etim.: do quimbundo <i>fubá</i> , farinha, com acutização.
<b>Raimundo</b>	sm. Farinha de milho, mandioca ou arroz. // Etim.: do amb. <i>fuba</i> , acutizado; <i>fuba</i> é o nome da farinha feita de milho, mandioca ou maçambala (milho muito miúdo a que Serpa Pinto chamou <i>alpisto</i> ).
<b>Ferreira</b>	[Do quimb. <i>fuba</i> , com hiperbibasmo.] Substantivo masculino 1. Bras. Farinha de milho ou de arroz

<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Etimologia: quimb. <i>fuba</i> , quicg. <i>mfuba</i> 'fêcula, farinha' 1. Regionalismo: Brasil. Farinha de milho ou de arroz com a qual se faz angu; fuba. 2. Regionalismo: Brasil. Situação confusa; desordem, rolo.
----------------	--

O termo *fubá*, de acordo com os cinco autores pesquisados, tem origem quimbunda. Os cinco estudiosos também concordam quanto à significação, sendo definição de todos: “farinha de milho ou arroz”, assim como o é em Caiana dos Crioulos.

	<b>Ganzá</b> “É o zabumba, o <b>gózá</b> (ganzá) e três cantadô.”
<b>Castro</b>	(banto) (°BR) –s.m. chocalho de bambu. Ver canza. Cf. xequerê. Kik. <i>nkwanza</i> /Kimb. <i>dikanza</i> .
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Do quimb.] Substantivo masculino 1. Bras. Espécie de chocalho de folha-de-flandres e formas variadas: 2. Bras. AM Dança cujo nome provém desse instrumento. 3. Bras. V. <i>reco-reco</i> (1).
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Etimologia: quimb. <i>nganza</i> 'cabaça' 1. Rubrica: música. Regionalismo: Norte do Brasil. Espécie de chocalho formado por um cilindro de metal contendo sementes ou seixos; canzá. 2. Rubrica: música. Regionalismo: Amazonas. Tambor cilíndrico de tronco escavado; canzá.

O termo *ganzá* foi definido por Castro (2001), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) como uma espécie de chocalho. Os dois últimos autores também o relacionaram a dança e música, respectivamente. Sobre a etimologia do termo, os três pesquisadores concordam que se trata de vocábulo de origem quimbunda. Em Caiana, o *ganzá* é um instrumento de percussão (chocalho) que acompanha o triângulo e o zabumba nas batucadas e rodas de ciranda. Mendonça (1948) e Raimundo (1933) não trazem o vocábulo em seus glossários.

	<p><b>Guandu</b></p> <p>“<i>Pranta assim, mii, fava, feijão, <b>ghandu</b>, jiimum, quiabo, só pá comê mermu.</i>”</p>
<b>Castro</b>	<p>(banto) (°BR) –s.m. topônimo. Ver andu.</p> <p>ANDU (banto) (°BR) –s.m. fruto do anduzeiro (<i>Cajanus Indicus Lin.</i>), leguminosa, espécie de lentilha. Var. ervilha-de-angola, ervilha-do-congo, guandu. Cf. macundê. Kik./Kimb./Umb. <i>wandu, gwandu</i>.</p>
<b>Mendonça</b>	<p>sm.: fruto de guandueiro, planta leguminosa. Etim.: tanto o nome como o vegetal são importações da África.</p>
<b>Raimundo</b>	<p>sm. Fruto do <i>guandueiro</i>, planta da família das leguminosas (<i>Cajanus indicus, cajanus flavus, bytisis cajanus</i>. // Do amb. guandu, acutizado.</p>
<b>Ferreira</b>	<p>[De or. afr.]</p> <p>Substantivo masculino</p> <p>1. Bras. V. <i>andu</i><sup>1</sup>. [Var.: <i>guando</i>.]</p> <p>ANDU</p> <p>Substantivo masculino</p> <p>1. Bras. Fruto do anduzeiro; guando, guandu, feijão-guando.</p>
<b>Houaiss</b>	<p>GUANDO<sup>24</sup></p> <p>Substantivo masculino</p> <p>Etimologia: quicg. <i>uandu</i> 'ervilha'</p> <p>1. Rubrica: angiospermas. Subarbusto ereto de até 3 m (<i>Cajanus cajan</i>), da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, provavelmente nativo da África e cultivado em várias regiões, pelas vagens lineares, forrageiras, esp. pelas sementes, us. como alimento básico por diversos povos, e por inúmeros usos medicinais; anduzeiro, guandueiro.</p> <p>2. Rubrica: angiospermas. Semente dessa planta, ger. orbicular e amarelada.</p>

Os cinco autores consultados concordam que *guandu* é um fruto ou semente do anduzeiro/guandueiro, como também ocorre entre os caianenses. Encontramos a definição mais completa no dicionário de Houaiss (2009), que especifica características da planta, sua família e subfamília. Os pesquisadores também convergem quanto à origem africana do vocábulo, divergindo apenas sobre sua especificação. Para Castro (2001) e Raimundo (1933)

<sup>24</sup> *Guandu* mesmo que *guando* (HOUAISS, 2009).



trata-se de termo do quimbundo e para Houaiss (2009), vocábulo proveniente da língua quiconga. Mendonça (1948) e Ferreira (1933) não especificam a origem africana desse termo.

	<p><b>Guia</b></p> <p><i>“Alguns <b>guia</b> que abaixa ali pede pá fumá ou cumê.”</i></p>
<b>Castro</b>	<p>(FB) 1.(PS) –s.m. a divindade protetora de cada um. Ver ajunto. Cf. Port. guia, condutor. 2. (PS) –s.f. espécie de rosário para o pescoço, formado de colares de contas rituais nas cores do santo, geralmente tendo uma conta maior (firma) como fecho. Ver fio-de-conta, ilequé, miçanga, volta. Cf. lavagem-das-conta(s). Port. guia, corrente.</p>
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	<p>[Dev. de <i>guiar</i>.] Substantivo feminino 14. Bras. Rel. Nas religiões afro-brasileiras, colar consagrado, de 1 a 16 fios, feito de contas de vidro ou louça, ou de miçangas, e cujas cores são emblemáticas do orixá ou entidade que cada um venera. Substantivo masculino 20. Bras. Rel. Na umbanda, entidade de elevado grau de evolução espiritual, que encarna num médium para orientar os crentes.</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo feminino Etimologia: regr. de <i>guiar</i> - prov. do gót. <i>*widan</i> 'juntar-se', pelo lat. medv. <i>*guidáre</i> 15. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. Colar de contas coloridas de vidro ou de louça us. por indivíduos das religiões de origem afro-brasileira; suas cores são simbólicas do orixá ou entidade espiritual esp. venerada por cada um deles. 24. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. Na umbanda, cada um dos seres espirituais, já em elevado nível de evolução, que orientam, através dos médiuns, os que os consultam quanto ao seu caminho ao aperfeiçoamento, funcionando tb. como entidades protetoras dos médiuns e de seus terreiros</p>

Para Castro (2001), trata-se de um termo próprio do povo de santo, podendo referir-se tanto a entidade espiritual quanto a uma espécie de colar nas cores de cada santo/orixá. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) trazem os mesmos significados no item ‘religião’. Para

Ferreira (2004) trata-se de substantivo derivado do verbo *guiar*. Houaiss (2009) acredita que é proveniente do gótico<sup>25</sup>. Em Caiana dos Crioulos, registramos o termo *guia*, referindo-se a entidade sobrenatural que encarna nos médiuns no ritual religioso. Mendonça (1948) e Raimundo (1933) não trazem o vocábulo.

	<b>Macaco</b> <i>“Aqui nem tem <b>macaco</b>, nem <b>elefante</b>.”</i>
<b>Castro</b>	(banto) 1. ( <i>°PO</i> ) –s.símio; (p.ext.) adj. esperto, finório, feio, horrendo. Ver macaco-velho. Kik. <i>makaaku</i> , pl. <i>de kaaku</i> , espécie de macaco vermelho e cinza, de rabo muito comprido/ <i>makaaka(ta)</i> , chimpanzé.
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[De or. afr.] Substantivo masculino 1. Zool. Designação comum a todas as espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral.
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Etimologia: orig. duv.; prov. afr. 1. Rubrica: mastozoologia. Design. comum aos primatas, com exceção do homem e dos prossímios; símio.

Apenas Castro (2001) registra o grupo a que pertence a palavra *macaco*. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) não especificam o grupo, apenas dizem que o vocábulo possui possível origem africana. Em Caiana, o termo *macaco* foi registrado como espécie de primata ou símio, primeira definição também encontrada em Castro (2001), Ferreira (2004) e Houaiss (2009). Mendonça (1948) e Raimundo (1933) não elencam o termo em seus glossários.

<sup>25</sup> Rubrica: linguística. Diz-se de ou língua do ramo germânico da família linguística indo-europeia, sub-ramo oriental, que foi falada pelos godos (HOUAISS, 2009).

	<p><b>Macumba</b></p> <p><i>“Se você tá com a <b>macumba</b> ali chega e ele dii: <i>_fizeru p’ocê uma macumba no valor de tanto, se quiser eu desmancho....</i>”</i></p>
<b>Castro</b>	<p>(banto) (<i>°PS</i>) –s.f. denominação genérica para as manifestações religiosas afro-brasileiras de base congo-angola, que incorporaram orientações ameríndias, católicas e espíritas, com predominância do culto ao caboc(l) e preto-velho. Prevalciam no Rio de Janeiro e, ainda hoje, nas zonas rurais. Cf. candomblé, umbanda. Kik./Kimb. <i>makuba</i>, reza, invocação. 2. (<i>°BR</i>) –s.f. sessão de feitiçaria, de magia-negra; despacho. Ver quimbanda. Cf. macumbeiro.</p>
<b>Mendonça</b>	<p>1: sf.: feitiçaria, candomblé. Etim.: termo africano. Há também o adj. <i>Macumbeiro</i>. 2: sf.: instrumento músico dos negros.</p>
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	<p>[Do quimb. <i>ma’kôba</i>.] Substantivo feminino Bras. 1. Rel. Designação genérica dos cultos sincréticos afro-brasileiros derivados de práticas religiosas e divindades de povos bantos, influenciadas pelo candomblé e com elementos ameríndios, do catolicismo, do espiritismo, do ocultismo, etc. 2. O ritual desses cultos. 3. Rel. Denominação atribuída à quimbanda (q. v.) pelos seguidores da umbanda da chamada <i>linha branca</i>. 4. Rel. Impr. Magia negra. 5. Rel. Pop. Bruxaria.</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo feminino Etimologia: orig. contrv. 2. Rubrica: religião. Designação genérica dos cultos afro-brasileiros originários do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas, e tb. ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas. 5. Designação leiga desses cultos quando supostamente praticam a magia negra. 6. Derivação: por metonímia. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. Oferenda a Exu, esp. nas encruzilhadas; despacho. 7. Derivação: por extensão de sentido. Em sentido lato, magia negra, feitiçaria; feitiço, despacho.</p>

Castro (2001) e Ferreira (2004) trazem a palavra como originária do quimbundo. Mendonça (1948), embora afirme ser termo africano, não especifica o grupo a que pertence. Houaiss (2009), por sua vez, apresenta-o como “de origem controvertida”. A palavra é empregada em Caiana, como prática de feitiçaria, relacionada à magia negra. Essa

significação é a mesma apresentada por Castro (2001), Mendonça (1948), Ferreira (2004) e Houaiss (2009). Raimundo (1933) não apresenta o termo.

	<p><b>Mandinga</b></p> <p>“<i>Quem sente o problema vai pra ele, pra ele tirar as <b>mandinga</b>..</i>”</p>
<b>Castro</b>	<p>(banto) 1. (<i>°BR</i>) –s.f. bruxaria, ardil; (p.ext.) mau-olhado. Cf. mandraca. Ver mandingar, mandingado, mandingaria, mandingueiro, mandinguento. Kik./Kimb. <i>mazinga</i>, ação de complicar, de impedir também por feitiço.</p>
<b>Mendonça</b>	<p>sf.: feitiço, talismã para &lt;fechar&gt; o corpo. Etim.: provém do nome geográfico <i>Mandinga</i>, na Guiné, lugar onde havia insígnies feiticeiros. Houve a extensão do sentido e o termo passou de &lt;terra do feitiço&gt; ao próprio &lt;feitiço&gt;. Há o adj. <i>mandigueiro</i>.</p>
<b>Raimundo</b>	<p>sf. Feitiçaria, sortilégio. // Dificuldades, embaraços para a realização de qualquer coisa, os quais aparecem como por feitiçaria. Castilho-António usou a palavra nesse sentido. // Etim.: é o mesmo nome com que se designa o povo, que é muito dado à prática de feitiçarias.// Ders.: (<i>em</i>)-<i>mandigado</i>, (<i>em</i>)<i>mandigar</i>, (<i>em</i>)<i>mandigamento</i>, <i>mandingueiro</i>, <i>mandinguice</i>. // Fras.: <i>botar</i> ou <i>fazer mandinga</i>, <i>ter mandinga</i> (ser azarado).</p>
<b>Ferreira</b>	<p>[Do top. <i>Mandinga</i> (África).] Substantivo de dois gêneros 1. Etnôn. Indivíduo dos mandingas, povo de religião predominantemente maometana, que vive na parte norte da África ocidental; <i>mande</i>. Substantivo masculino 2. Gloss. Língua falada pelos mandingas. V. <i>mandê</i> (3). Substantivo feminino 3. V. <i>bruxaria</i> (1 e 2).</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo feminino Etimologia: top. <i>Manding</i> (Guiné-Bissau), conhecido por designar 'terra de feiticeiros' 1. Ato ou efeito de mandingar; feitiço, feitiçaria. Substantivo de dois gêneros Rubrica: etnologia. 3. Indivíduo do grupo étnico dos mandingas Substantivo masculino Rubrica: linguística. 4. Ramo de línguas do grupo nigero-congolês, muito disseminado na África ocidental, desde a Mauritânia até a Nigéria.</p>

Mendonça (1948), Raimundo (1933), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) concordam que *mandinga* deriva do topônimo Mandinga, na Guiné. Castro (2001) acredita ser palavra banto. Os cinco autores apresentam a mesma definição encontrada entre os caianenses: “feitiço, bruxaria”; acrescentando Ferreira (2004) e Houaiss (2009) outras definições ao termo, como “indivíduo dos mandingas” e “língua falada pelos mandingas<sup>26</sup>”.

	<b>Mangação</b> <i>“Nesse tempo tinha munta <b>mangação</b> ainda.”</i>
<b>Castro</b>	(FB) (°BR) –s.f. zombaria, troça. Cf. manga(r) + Port. – <u>ação</u> . MANGA(R) (banto) (BR) –v. zombar, troçar, vangloriando-se; caçoar, afetando seriedade. Cf. mangação, mangador, mangão. Kik. <i>mannga</i> , vangloriar-se de coisas recebidas e injuriar os outros.
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	MANGAR. v. intr. Impingir petas, enganar, iludir, remanchar; zombar. Neste último sentido constrói-se com <i>de</i> e nos demais rege-se de <i>com</i> . // Etim.: A. Coelho limita-se em dizer que vem de <i>manga</i> , o que se tem repetido sem mais pesquisas. Temos que seja um afronegrismo: no conguês <i>manga</i> é negar, recusar, cercado de cuidados e por-certo de manhas; no chinh. <i>ku-manga</i> é ainda amarrar, atar, ligar. // Ders.: <i>mangação</i> , <i>mangador</i> .
<b>Ferreira</b>	[De <i>mangar</i> + -ção.] Substantivo feminino 1. Ato de mangar. V. <i>zombaria</i> . MANGAR [De <i>mango</i> <sup>1</sup> + -ar <sup>2</sup> .] Verbo transitivo indireto 1. Caçoar, afetando seriedade. 2. V. <i>zombar</i> (1). 3. Iludir, enganar. Verbo intransitivo 4. Troçar, zombar. 5. Bras. S. Demorar, remanchar, mamparrear.
<b>Houaiss</b>	Substantivo feminino Etimologia: mangar + -ção → mangar: orig. contrv. 1. Ação de mangar. 1.1 Escarnecimento em tom de seriedade. 1.2 Manifestação irônica ou maliciosa que leva ao constrangimento, ao ridículo; escárnio, mofa, zombaria.

<sup>26</sup> Ramo de línguas do grupo nigero-congolês, muito disseminado na África ocidental, desde a Mauritânia até a Nigéria (HOUAISS, 2009).

	1.3 Ato de iludir, de mentir; engano, mentira. 1.4 Regionalismo: Rio Grande do Sul. Lentidão na execução de algo; demora. 3. Indivíduo do grupo étnico dos mandingas Substantivo masculino Rubrica: linguística. 4. Ramo de línguas do grupo nigero-congolês, muito disseminado na África ocidental, desde a Mauritânia até a Nigéria.
--	---

Os quatro pesquisadores que elencam o termo, ligam-no primeiramente a sua forma verbal *mangar*, de onde deriva. Castro (2001) afirma provir do banto. Mendonça (1948) não relaciona o vocábulo em seu glossário. Raimundo (1933) acredita ser um afronegrismo proveniente do conguês<sup>27</sup>. Ferreira (2004), por sua vez, explica-o como formação do termo latino *mango*. Houaiss (2009), por fim, afirma que sua origem é controvertida. Sobre a significação, assim como ocorre em Caiana, *mangação*, para os estudiosos, é o ato de *mangar*, ou seja, “zombaria, escárnio, troça”. Além desses significados, Raimundo (1933), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) trazem “ação ou ato de mentir, iludir, enganação, ilusão”.

	<b>Mocambo</b> <i>“Aqui era tudo um <b>mocambo</b> só, depois dividiu.”</i>
<b>Castro</b>	(banto) ( <i>°BR</i> ) –s.m. (arcaico) esconderijo de escravos na floresta, equivalente a quilombo; choça, palhoça, casebre; cerrado de mato ou moita onde se esconde o gado Var. mucambo. Kik. <i>mukambu</i> , refúgio, esconderijo, topônimo muito comum no Brasil.
<b>Mendonça</b>	sm.: esconderijo, refúgio dos escravos fugidos. Etim.: do quimbundo <i>mu</i> , prefixo + <i>kambu</i> , esconderijo. Há também o adj. <i>mocambeiro</i> .
<b>Raimundo</b>	sm. Choça que os pretos construíam nos matos para se esconderem, quando fugidos. // Choça ou abrigo dos vigilantes das lavouras. // Moita grande do sertão em que esconde o gado. // Etim.: do amb. <i>mukambu</i> , cumieira, telheiro.// Ders. <i>mocambeira</i> , <i>mocambeiro</i> , <i>amocambado</i> .
<b>Ferreira</b>	[Do quimbundo <i>mu’kambu</i> , ‘cumeeira’, ou <i>mu’kamu</i> , ‘esconderijo’.] Substantivo masculino

<sup>27</sup> Gloss. Língua banta falada no Congo, em Angola e na República Democrática do Congo (antigo Zaire), na África ocidental (FERREIRA, 2004).

	1. Bras. Couto de escravos fugidos, na floresta. 2. Bras. N. N.E. Cerrado de mato, ou moita, onde o gado costuma às vezes esconder-se. 3. Bras. N.E. Habitação miserável. 4. Bras. V. <i>cabana</i>
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Etimologia: orig. contrv. 1. Regionalismo: Brasil. Refúgio, ger. em mata, de escravo(s) foragido(s); quilombo. 2. Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Habitação precária e desconfortável; cabana, tapera. 2.1 Regionalismo: Nordeste do Brasil. Construção tosca em meio à lavoura, us. para abrigar o(s) seu(s) vigilante(s) 3. Derivação: por metonímia. Regionalismo: Nordeste do Brasil. Agrupamento de habitações miseráveis.



**Foto 14. Vista da comunidade mocambeira Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande-PB. Fonte: autora.**

Apenas Houaiss (2009) não concorda que o termo *mocambo* tem procedência banto, acreditando o autor que o mesmo tem origem controvertida. Raimundo (1933), Mendonça (1948) e Ferreira (2004) ainda concordam quanto à origem quimbunda do vocábulo, divergindo de Castro (2001), que acredita ser proveniente da língua quiconga. *Mocambo* ou *quilombo*, entre os caianenses, é o lugar onde vivem. Muitos moradores não o relacionam a “antigo esconderijo ou refúgio”, como trazem as definições dos glossários consultados. Esse dado histórico vem sendo discutido recentemente na comunidade, através de programas que objetivam uma maior conscientização dos marcos que construíram ao longo da história a identidade negra.

	<p><b>Moleque</b></p> <p>“A minha irmã já viu um <i>mulequim</i> tocanu.”</p>
<b>Castro</b>	<p>(banto) 1. (<i>°PO</i>) –s.m. menino, garoto, rapaz; meninote negro; (fem.) moleca. Ver molecada, moleca(r), molecagem, molecote, molecório, molequice. Cf. jibi. Kik./ Kimb./ Umb. <i>mi-/mu-/a-nleeke</i>, jovem, garoto, discípulo, subordinado.</p>
<b>Mendonça</b>	<p>sm.: menino, rapazote entre os negros. Etim.: do ambundo <i>muleque</i>, menino. O feminino moleca tem a mesma origem <i>muleka</i>. Há em português os derivados <i>molecada</i>, bando de moleques, e <i>molecagem</i>, acto de moleque. Em Pernambuco e Alagoas se usa um bolo comprido e achatado conhecido por &lt;pé-de-moleque&gt;.</p>
<b>Raimundo</b>	<p>sm.: preto pequeno, com poucos anos de idade; garoto, malandrim. Indivíduo de sentimentos inferiores, de procedimentos indignos; canalha, patifório. Fem.: <i>moleca</i>.// Adj. pilhérico, engraçado, divertido. // Do ang. <i>muleke</i>, menino ou moço de serviço. // Ders.: <i>molecada</i>, <i>molecagem</i>, <i>molecão</i>, <i>molecar</i>, <i>molequear</i>, <i>molequeira</i>, <i>molequice</i>, <i>molequinho</i>, <i>molecório</i>, <i>molecote</i>, <i>emmoicar(se)</i>.</p>
<b>Ferreira</b>	<p>[Do quimb. <i>mu'leke</i>, ‘menino’.] Substantivo masculino 1. Negrinho. 2. Bras. Indivíduo sem palavra, ou sem gravidade. 3. Bras. Canalha, patife, velhaco. 4. Bras. Menino de pouca idade. 6. Bras. CE Pop. V. <i>diabo</i>.</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo masculino Etimologia: quimb. <i>muleke</i> 'garoto, filho pequeno' 1. Menino novo, de raça negra ou mista. 2. Regionalismo: Brasil. Garoto de pouca idade. 3. Regionalismo: Brasil. Menino criado à solta; menino de rua. 4. Regionalismo: Brasil. Garoto travesso. 5. Regionalismo: Brasil. Pessoa brincalhona, trocista, engraçada. 6. Regionalismo: Brasil. Indivíduo sem integridade, capaz de procedimentos e sentimentos vis; canalha. 7. Regionalismo: Ceará. Uso: informal. m.q. <i>diabo</i> ('Satanás')</p>

Encontramos o termo *moleque* entre os caianenses, significando “menino, rapazinho”. Esse é o primeiro significado elencado pelos lexicólogos pesquisados, exceto Ferreira (2004), que antes se refere a “negrinho” e “indivíduo sem palavra”. Raimundo (1933) e Houaiss



(2009) também trazem o sentido “pessoa brincalhona”, sendo esse último autor, o que faz a listagem mais completa, relacionando, por exemplo, o regionalismo cearense “diabo”, também registrado por Ferreira (2004). Quanto à etimologia, apenas Raimundo (1933) discorda sobre a procedência quimbunda do termo.

	<p><b>Nego</b></p> <p><i>“Corresse <b>nego</b>, corresse... Com medo de apanhar... Lá vem a barra do dia, será o dia, será?”</i></p> <p><i>Letra da ciranda “Corresse nego”</i></p>
<b>Castro</b>	(FB) (°LP) –s.m. amigo, camarada, termo familiar e carinhoso de tratamento, geralmente precedido de <u>meu</u> . Fem. nega. Var. neguium. Cf. Port. negro, indivíduo de cor preta.
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	<p>(ê) [De <i>negro</i>, com síncope.]</p> <p>Substantivo masculino</p> <p>1. Bras. Fam. Pop. Camarada, amigo, companheiro; negro. 2. Bras. Gír. Negro (16). 3. Bras. PB Zool. Sangue-de-boi.</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Adjetivo e substantivo masculino</p> <p>Regionalismo: Brasil. Uso: informal.</p> <p>Etimologia: <i>negro</i>, com síncope do <i>-r-</i>, recurso com que, no falar popular e espontâneo brasileiro, se desfaz o grupo consonantal <i>-gr-</i> da sílaba, cujo padrão silábico é mais raro no port. do que o formado apenas de consoante + vogal.</p> <p>1. m.q. <b>negro</b></p> <p>Substantivo masculino</p> <p>Regionalismo: Brasil. Uso: informal.</p> <p>2. pessoa indeterminada; gente, indivíduo, neguinho.</p> <p>3. us. como interlocutório pessoal. Ex.: <i>você está bom, n.?</i></p>

Em Caiana, o termo *nego(a)* ou *negro(a)* é normalmente utilizado como “amigo, camarada”, também se referindo algumas vezes, a “indivíduo da cor negra”, como encontramos nas definições de Castro (2001) e Ferreira (2004). Houaiss (2009) refere-se ao uso informal do termo. Sobre a etimologia, Castro (2001) afirma ser formação brasileira.

Ferreira (2004) e Houaiss (2009) dizem tratar-se da forma *negro* sincopada. Mendonça (1948) e Raimundo (2004) não elencam o termo.

	<p><b>Quenga</b></p> <p>“Nessa época chamava de puta: _saí cuã puta você num vai, saí cuã <i>quenga</i>, você num vai”.</p>
<b>Castro</b>	<p>(banto) 1. (BA) –s.f. guisado de galinha e quiabo. Kik. <i>penga</i>. 2. (°LP) –s.f. cuia, vasilha feita da metade da casca de um coco; o conteúdo da vasilha. Cf. quengo. Kik. <i>kenga</i>, metade da noz do coco. 3. (°LP) –s.f. prostituta de baixa classe. Cf. adoço, agaletó, biraia, camumbembe, cucangala, cabungueira, indumba, zunga. Kik. <i>nkemba</i>/ Kimb. <i>penga</i>.</p>
<b>Mendonça</b>	<p>sf.: guisado de quiabo com galinha. Etim.: termo africano.</p>
<b>Raimundo</b>	<p>sf.: Espécie de gamela ou tigela, feita da metade da casca de um coco, depois de esmiolado, para continente de comidas. // Fig. Guisado de galinha com quiabos (Baía).// Cabeça, crânio. // Fig. Mulher prostituída. // Fig. Coisa imprestável ou inútil. // Do amb. <i>kienga</i>, tacho. // Ders.: quengada, panelada de galinha com quiabos, cabeçada, acto de mulher mal procedida, uma porção de quengas; <i>quenguage(m)</i> ou <i>quenquice</i>, acto próprio de mulher de mau procedimento; <i>quengar</i>, praticar a prostituição. // Na forma masculinizada <i>quengo</i> tem o sentido de gamela, cabeça, coisa inútil.</p>
<b>Ferreira</b>	<p>[Do quimb. <i>kienga</i>, ‘tacho’.] Substantivo feminino Bras. N.E. 1. Vasilha feita de metade do endocarpo de um coco. 2. O conteúdo dela; quengo. 3. <i>Chulo</i> Meretriz.</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo feminino Regionalismo: Nordeste do Brasil. Etimologia: quimb. <i>kienga</i> ‘tacho’ 1. Vasilha feita de metade de um coco-da-baía da qual se retira a carne. 2. Derivação: por metonímia. O conteúdo dessa vasilha; quengo. 3. Uso: tabuísmo. Mulher que exerce a prostituição; meretriz. 4. Uso: informal. Coisa imprestável, inútil.</p>

Todos os autores concordam quanto à origem africana do termo *quenga*, especificando Ferreira (2004) e Houaiss (2009) sua procedência quimbunda. Sobre o sentido do termo, Castro (2001), Mendonça (1948) e Raimundo (1933) referem-se a “guisado de galinha com quiabo”. Castro (2001), Raimundo (1933), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) também o trazem

como “vasilha” ou “prostituta/meretriz”. Esse último sentido registrado pelos autores também foi o que encontramos em Caiana.

	<p><b>Quiabo</b></p> <p><i>“Pranta assim, mii, fava, feijão, gandu, jiimum, <b>quiabo</b>, só pá comê mermu.”</i></p>
<b>Castro</b>	<p>(banto) 1. (°BR) –s.m. fruto do quiabeiro (<i>Hibiscus esculentus</i> L.), muito usado na cozinha cerimonial afro-brasileira e baiana. Ver quigombô. Cf. caruru. Kik./Kimb. <i>kingombo</i> &gt; <i>kingambo</i> &gt; <i>kiambo</i>.</p>
<b>Mendonça</b>	<p>sm.: fruto do quiabeiro, planta da família das malváceas, gênero <i>Hibiscus</i>. Etim.: o termo como o vegetal são de origem africana.</p>
<b>Raimundo</b>	<p>sm.: nome de várias plantas do Brasil: <i>quiabo-de-Angola</i>, cucurbitácea (<i>Cucumis africanus</i>); <i>quiabo-bravo</i> ou <i>carrapichinho</i>; <i>quiabo-chifre-de-veado</i>, malvacea (<i>Hibiscus esculentus</i>); <i>quiabo-comum</i>, variedade da precedente, cujo fruto tem também o mesmo nome e o de <i>quingombô</i>. // Etim.: Cap. E Ivens falam do <i>quiabo</i>, o <i>abelmochus esculentus</i>, mas no amb. não há a pal.; cremos que de <i>kingombo</i> <i>kiabi</i>, o quingombô maduro, restasse o determinante <i>kiabi</i>, com a concordante aglutinada: <i>quiabo</i> &lt; <i>kiabi</i>. // Ders.: <i>quiabada</i>, <i>quiabal</i>, <i>quiabedo</i>, <i>quiabeiro</i>, <i>quiabinho</i>. Comps.: os já citados e mais <i>quiabinho-do-campo</i>, nome de uma tinerácea.</p>
<b>Ferreira</b>	<p>[De or. incerta.] Substantivo masculino 1. Fruto capsular cônico, verde e peludo, produzido pelo quiabeiro comum.</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo masculino Etimologia: prov. afr. de orig. contrv. Rubrica: angiospermas. 1. Design. comum a várias plantas da fam. das malváceas, esp. às do gên. <i>Hibiscus</i>, e tb. às de outras fam. com fruto semelhante.</p>

Apenas Castro (2001) especifica a origem banta para o termo *quiabo*, embora Mendonça (1948) também acredite na sua procedência africana. Raimundo (1933), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) apresentam dúvida quanto à origem do termo, no entanto, Houaiss (2009) menciona uma “provável” procedência africana. Quanto à significação, assim como encontrado em Caiana, *quiabo* é definido como “fruto do quiabeiro” em Castro (2001),

Mendonça (1948) e Ferreira (2004). Raimundo (1933) e Houaiss (2009) apresentam-no como “planta da família das malváceas”.

	<p><b>Quilombo</b></p> <p>“<i>O quilombo é tudo terra da gente mermu.</i>”</p>
<b>Castro</b>	<p>(banto) 1. (<i>°BR</i>) –s.m. povoação de escravos fugidos; o mais famoso foi Palmares, construído em Alagoas, no séc. XVII., sob a chefia de Ganga Zumba e Zumbi. Kik./ Kimb. <i>kilombo</i>, aldeamento. 2. (<i>°BR</i>) –s.m. auto popular figurando escravos fugidos que lutam pela posse da rainha, mas terminam derrotados e vencidos como escravos.</p>
<b>Mendonça</b>	<p>sm.: povoação fortificada dos negros fugidos ao cativeiro. Etim.: B. Rohan deriva-os da língua bunda sem menção de étimo que afirmamos ser <i>kilombo</i>, povoação em quimbundo.</p>
<b>Raimundo</b>	<p>sm. Pousio ou casa no mato, onde se acoitavam os escravos fugidos; mocambo. // Do amb. <i>kilombo</i>, acampamento, arraial. // Ders.: <i>aquilombado</i>, refugiado em quilombo; <i>aquilombar(-se)</i>, reunir, ocultar, esconder em quilombo; <i>quilombola</i>.</p>
<b>Ferreira</b>	<p>[Do quimbundo, quicongo e umbundo <i>lumbu</i>, ‘muro’, ‘paliçada’, donde <i>kilumbu</i>, ‘recinto murado’, ‘campo de guerra’, ‘povoação’, ou do umbundo <i>kilombo</i>, ‘associação guerreira’.]</p> <p>Substantivo masculino</p> <p>1. Bras. Angol. Esconderijo, aldeia, cidade ou conjunto de povoações em que se abrigavam escravos fugidos. 2. Bras. Estado de tipo africano formado, nos sertões brasileiros, por escravos fugidos. 3. Bras. Folcl. Folguedo, usado no interior de AL durante o Natal, em que dois grupos numerosos, figurando negros fugidos e índios, vestidos a caráter e armados de compridas espadas e terçados, lutam pela posse da rainha índia, acabando a função pela derrota dos negros, vendidos aos espectadores como escravos; toré, torém.</p>
<b>Houaiss</b>	<p>Substantivo masculino</p> <p>Etimologia: quimb. <i>kilombo</i> ‘união; cabana, acampamento, arraial’</p> <p>1. Rubrica: história. Regionalismo: Brasil. Local escondido, ger. no mato, onde se abrigavam escravos fugidos.</p> <p>2. Rubrica: história. Regionalismo: Brasil. Povoação fortificada de negros fugidos do cativeiro, dotada de divisões e organização interna (onde tb. se acoitavam índios e eventualmente brancos socialmente desprivilegiados)</p> <p>3. Rubrica: dança, etnografia, música. Regionalismo: Alagoas. Auto típico do Natal alagoano no qual negros e índios ou caboclos dançam vestidos em trajes</p>

que lembram os dos reisados, do auto dos guerreiros etc.

Assim como *mocambo*, o termo *quilombo* é compreendido pelos caianenses como “terra onde moram”, não havendo uma compreensão ampla sobre os motivos históricos que levaram seus antepassados a ocuparem aquela dada região. Entre todos os autores pesquisados, encontramos a definição “povoação de negros fugidos”. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) ainda trazem “folgado ou auto de natal típico de Alagoas”. Sobre a etimologia, todos os autores concordam que se trata de termo proveniente da língua banta quimbundo.

	<p><b>Quilombola</b></p> <p><i>“Ser <b>quilombola</b> tem exclamação, mas também tem muita interrogação.”</i></p>
<b>Castro</b>	(banto) 1. ( <i>°BR</i> ) –s.m. escravo refugiado. Kik./ Kimb. <i>kilomboli</i> .
<b>Mendonça</b>	sm.: escravo refugiado em quilombo. Etim.: derivado de <i>quilombo</i> + <i>ola</i> , sufixo português.
<b>Raimundo</b>	sm. Escravo refugiado em quilombo. // Etim.: palavra híbrida resultante da confusão com o tupi <i>canhimbora</i> , o que tem hábito de fugir, o fujão (de <i>canhim</i> , fugir + <i>bora</i> , suf. denotativo de costume, frequência); a pal. Tupi tomou várias formas: <i>canhembora</i> , <i>canhambora</i> (> <i>calhambora</i> , <i>caiambora</i> ), <i>calhambola</i> , <i>carambola</i> , até o cruzamento de <i>quilombola</i> , se esta palavra não é híbrida de outra feição: afric. <i>quilombo</i> + suf. tupi <i>bora</i> . Prende-se-lhe a ela semanticamente o verbo <i>carambolar</i> , do dialecto capiau.
<b>Ferreira</b>	Substantivo masculino 1. Bras. Designação comum aos escravos refugiados em quilombos; <i>calhambola</i> , <i>calhambora</i> , <i>canhambola</i> , <i>canhambora</i> , <i>canhembora</i> . [Cf. <i>mocamaú</i> .]
<b>Houaiss</b>	Substantivo de dois gêneros Etimologia: orig. contrv. Regionalismo: Brasil. Escravo fugido para o quilombo

Como percebido na frase utilizada para demonstrar o termo em contexto frasal, o vocábulo *quilombola*, assim como *mocambo* ou *quilombo* é cercado de dúvidas, incertezas e questionamentos. A maioria dos informantes entrevistada declarou-se *quilombola*, embora não soubesse definir com transparência o significado do termo. Os cinco pesquisadores consultados concordam que *quilombola* é o escravo fugido que ocupou as áreas de quilombo. Castro (2001) e Mendonça (1948) acreditam que o termo tem origem banto, acrescentando o último que se trata de um derivado da palavra *quilombo*. Raimundo (1933) pensa que a palavra é resultante de uma confusão, em que ao africanismo *quilombo* juntou-se o sufixo tupi *bora*. Houaiss (2009) comenta que o termo tem origem controvertida.

	<b>Quitanda</b> <i>“Aquele muié que tem <b>quitanda</b> lá em cima.”</i>
<b>Castro</b>	(banto) 1. ( <i>°BR</i> ) –s.f. pequeno estabelecimento onde se vendem verduras e frutas; tabuleiro em que os vendedores ambulantes expõem a sua mercadoria. Kik./Kimb. <i>Kisimbi</i> .
<b>Mendonça</b>	sf.: venda de verduras, frutas e outros vegetais comestíveis. Etim.: do quimbundo <i>kitanda</i> , feira, nome da terceira classe, como indica o prefixo <i>ki</i> .
<b>Raimundo</b>	sf. Mercado, praça, lugar onde se compra e vende; lojinha ambulante; lugar onde se vendem frutas, verduras, hortaliças, ovos, aves; barco com hortaliças, ovos, aves; barco com hortaliças para vender a bordo dos navios surtos no porto. // Do amb. <i>quitanda</i> , mercado.
<b>Ferreira</b>	[Do quimb. <i>kitanda</i> , ‘feira’, ‘venda’.] Substantivo feminino 1. Angol. Bras. Loja ou local onde se faz comércio. 2. Angol. Bras. Pequena mercearia; tenda. 3. Angol. Bras. Lojinha ambulante. 4. Bras. Tabuleiro com gêneros e mercadorias dos vendedores ambulantes. 5. Bras. Pastelaria caseira. 6. Bras. RJ Pequeno estabelecimento onde se vendem frutas, legumes, ovos, cereais, etc. 7. Bras. MG S. C.O. Biscoitos, bolos e doces expostos em tabuleiro.
<b>Houaiss</b>	Substantivo feminino Etimologia: quimb. <i>kitanda</i> 'feira' < <i>kitânda</i> 'estrado de bordão entrelaçado que servia de colchão' 1. local onde se fazem negócios; mercado, praça. 2. Regionalismo: Brasil, Angola. Pequeno estabelecimento comercial; tenda.

- |   |
|---|
| 3. Uso: informal. Grande quantidade de pequenos objetos, de quinquilharias.                   |
| 4. Regionalismo: Brasil. Comércio ambulante   |
| 5. Regionalismo: Brasil, Angola. Estabelecimento onde se vendem hortaliças, frutas, ovos etc. |

Todos os autores concordam que o termo *quitanda* tem origem quimbunda e que seu significado relaciona-se à prática de comércio, onde são negociados pequenos objetos ou artigos alimentícios, assim como também ocorre entre os caianenses.

	<b>Santo</b> <sup>28</sup> <i>“É naquele espaço ali, da sala ali, com santo da igreja católica e com <b>santo</b> de gesso, das image deles, dos santos deles.”</i>
<b>Castro</b>	(FB) (°BR) –s.m. nome genérico dado às divindades africanas no Brasil, seja inquice, orixá ou vodum. Ver entidade. Cf. Port. santo, divindade.
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Do lat. <i>sanctu</i> , ‘estabelecido segundo a lei’; ‘que se tornou sagrado’.] Substantivo masculino 17. Bras. Rel. Nas religiões afro-brasileiras e sincretismos dela derivados, denominação dos orixás e de algumas outras entidades [v. <i>entidade</i> (6)] espirituais. [Aum. deprec.: <i>santão</i> , <i>santarrão</i> .] ~ V. <i>santos</i> .
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Etimologia: lat. <i>sanctus</i> , <i>a,um</i> 'que tem caráter sagrado; santo' 11. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. Nos cultos afro-brasileiros, termo equivalente a orixá, inquice, entidade etc.

<sup>28</sup> Achamos pertinente elencarmos os termos *santo*, *terreiro* e *trabalhos*. Esses termos, embora não sejam considerados africanismos e nem derivem de africanismos, estão relacionados às práticas do candomblé e foram listados com esse sentido, por Castro (2001), Ferreira (2004) e Houaiss (2009), além de serem encontrados entre os falantes caianenses.



Foto 15. Orixás *Ogum* e *Oxum* pintados na parede da escola de Caiana. Fonte: autora.

De acordo com Ferreira (2004) e Houaiss (2009), o termo *santo* vem do latim *sanctu*. O vocábulo, de acordo com os autores citados e Castro (2001), é encontrado nas cerimônias religiosas afro-brasileiras e significa “orixá” ou “entidade” que é cultuada como “divindade africana”, assim como encontramos entre os caianenses. Mendonça (1948) e Raimundo (1933) não listam o termo.

	<p><b>Terreiro</b></p> <p>“Aqui num chama <i>terrero</i> munto não, mai casa do rezador.”</p>
<b>Castro</b>	(FB) 1. (°BR) –s.m. local onde se celebram os cultos afro-brasileiros. Ver mãe-de-terreiro, roça. Cf. ilê, pagodô, unzô. Port. terreiro, espaço aberto, de chão batido.
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Do lat. <i>terrariu</i> , ou de <i>terra</i> + <i>-eiro</i> .] Adjetivo 1.V. <i>terrestre</i> (1). 2. Térreo (2).



	Substantivo masculino 7. Bras. Local onde se realizam celebrações de cultos afro-brasileiros: macumbas, candomblés, etc.
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Etimologia: lat. <i>terrarius</i> , <i>a,um</i> 'relativo a terra, solo', depois substv. no neutro sing. <i>terrarium</i> , <i>ii</i> 'área de terra batida' 3. Rubrica: religião. Regionalismo: Brasil. Local onde se celebram os ritos dos cultos afro-brasileiros (candomblés, batuques etc.)

Ferreira (2004) e Houaiss (2009) especificam a origem latina para o termo *terreiro*, que segundo os estudiosos, vem de *terrarius*. Castro (2001), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) concordam que *terreiro*, na linguagem do candomblé, é o espaço onde são realizados os rituais do culto africano. Entre os caianenses também encontramos *terreiro* com essa significação, quando inquiríamos sobre assuntos religiosos. Mendonça (1948) e Raimundo (1933) não listam o termo.

	<b>Trabalhos</b> “ <i>Quem abre os <b>trabalho</b> tudim é o mestre da sala.</i> ”
<b>Castro</b>	(FB) 1. (PS) –s.m. fazer ou submeter-se a um rito propiciatório. Ver despacho. Cf. port. trabalho, aplicação das forças e faculdades humanas, no presente caso, das divindades, para alcançar um determinado fim.
<b>Mendonça</b>	Não consta.
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Dev. de <i>trabalhar</i> .] Substantivo masculino 20. Bras. Rel. Em cultos afro-brasileiros, esp. na umbanda e na quimbanda, ritual mágico-religioso realizado com finalidades quer apotropaicas e auxiliatórias, quer maléficas e anti-sociais. 21. Bras. Restr. V. <i>bruxaria</i> (2). ~ V. <i>trabalhos</i> .
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Etimologia: regr. de <i>trabalhar</i> 19. Rubrica: religião. Em cultos afro-brasileiros, esp. umbanda e quimbanda, ação ou prática ritual realizada para atingir objetivos de proteção, de

---

desenvolvimento espiritual, ou maléficos.

Castro (2001) afirma que o termo *trabalho* é uma formação brasileira, que segundo Ferreira (2004) e Houaiss (2009) deriva do verbo *trabalhar*. No candomblé, *trabalho* é a prática ritual e mágica realizada com o intuito de conseguir um determinado fim, que pode vir a trazer benefícios ou malefícios para a pessoa a quem se dirige o trabalho. Em Caiana, encontramos a frase “abrir trabalhos”, que significa o momento de iniciação dessa prática.

	<b>Xingar</b> <i>“No Ri se você tem namorado fei ninguém <b>xinga</b>, ninguém olha.”</i>
<b>Castro</b>	(banto) ( <sup>o</sup> BR) –v. insultar, ofender com palavras, injuriar. Ver. xingador, xingamento. Cf. xinguilá. Kik./ kimb. <i>singa</i> .
<b>Mendonça</b>	v. intr.: injuriar, ofender. Etim.: do quimbundo <i>xinga</i> , injuriar.
<b>Raimundo</b>	v. tr. Insultar com palavras. // Etim.: Rohan aponta o verbo <i>kurit'chinga</i> , do amb., que Capello e Ivens registam ( <i>Beng. II</i> ); os mesmos assinalam <i>ku-richinga</i> , alterar. Cordeiro da Mata consigna: <i>ku-rixinga</i> , disputar, alterar, e <i>ku-xinga</i> , injuriar, descompor. // Ders.: <i>xingação</i> , <i>xingador</i> , <i>xingamento</i> , <i>xingante</i> .
<b>Ferreira</b>	[Do quimb. <i>kuxinga</i> , ‘injuriar’, ‘descompor’.] Verbo transitivo direto Bras. Angol. 1. Dirigir insultos ou palavras afrontosas a; descompor, insultar, injuriar, destratar. Verbo transobjetivo 2. Bras. Tachar, censurar, xingando. Verbo intransitivo 3. Bras. Angol. Dizer insultos ou palavras afrontosas.
<b>Houaiss</b>	Verbo Etimologia: quimb. <i>xinga</i> 'insultar, ofender, blasfemar' Regionalismo: Brasil. Transitivo direto, transitivo direto predicativo e intransitivo. Agredir por meio de palavras insultuosas, injuriosas; ofender, descompor, destratar, afrontar.

Todos os autores pesquisados concordam que o termo *xingar* refere-se a “dirigir-se a alguém por meio de palavras insultuosas, ofendendo-o”, assim como também encontramos em Caiana dos Crioulos. Os cinco estudiosos também concordam quanto à etimologia quimbunda do vocábulo.

	<b>Zabumba</b> <i>“O bojo do meu zabumba é feito da macaíba          Donde tu vem menina? Eu vem lá da Paraíba.”          Letra da ciranda “O bojo do meu zabumba”</i>
<b>Castro</b>	(banto) 1. (°BR) –s.m. bombo. Var bumbo, zambumba. Kik. (zu)nza mbuma, tambor de madeira, muito grande e cumprido. 2. (°BR) –s.m. conjunto instrumental popular no nordeste do Brasil, constituído de pífanos, caixa e bombo. Kik. zunza mbuma, fazer música com muito ruído, com tambor.
<b>Mendonça</b>	sm.: bombo. Etim.: termo africano cujo radical parece ser o conguês bumba, bater. G. Viana aproxima do espanhol <i>zambomba</i> (Apost., I, pág. 157). É termo popular e muito usado na roça onde o Carnaval se caracteriza pelo <i>zabumba</i> .
<b>Raimundo</b>	Não consta.
<b>Ferreira</b>	[Voc. onom., ou do conguês <i>bumba</i> .] Substantivo masculino e feminino 1. V. <i>bombo</i> (1). 2. V. <i>terno de zabumba</i> . Substantivo de dois gêneros 3. Zabumbeiro. 4. Bras. Zool. V. <i>camarão-castanho</i> .
<b>Houaiss</b>	Substantivo masculino Etimologia: orig. contrv. 2. Rubrica: música. Tambor de sonoridade grave e membranas nas duas extremidades; bombo, bumba, bumbo, caixa grande, zambê, zambumba, zé-pereira.

Todos os autores concordam que *zabumba* é um instrumento musical, o mesmo que *bombo* ou *tambor*, assim como também ocorre em Caiana. Castro (2001) e Mendonça (1948) acreditam que o vocábulo tem origem africana, especificando Castro que se trata de termo banto. Ferreira (2004) afirma ser um vocalismo onomatopaico, enquanto Houaiss (2009) apresenta origem duvidosa para a palavra. Raimundo (1933) não elenca o termo.

## *Considerações finais*

## O processo migratório

Em Caiana, é forte a política de migração para grandes centros como Recife e Rio de Janeiro, principalmente entre os homens, que costumam trabalhar em construções civis. Os caianenses costumam ver as grandes cidades como alternativas para obtenção de condição de sobrevivência para si e para seus familiares que permaneceram na comunidade.

“Ele passa um ano no Ri, sermei, sete mei im casa. Agora mermu ele chegô...

Quanu fô com sermei, sete mei tá correnu pá lá e a gente aqui ó, tem que suá pá trabalhá aqui, que quanu ele chega tem que tê fava, gandu, que o dinheirim que ele consegue pá compá num dá pá começá. Aí ele manda uns troquim, a gente vai tapianu...”

“A gente sabe que lá no Ri de Janêro, quem não tem um trabaio é pá sofrer muito mai do que aqui, né? Puquê aqui é nossa terra, aqui a gente tem um pé de manga, aqui a gente tem um pé de caju, ainda se eu não tiver, mái o vizim tiver, eu posso chegar lá numa boa e né?

Chupar manga... cumê caju.

Tem esse lado da amizade que num vai tê nenhum póblema e lá no Rio, tudo é comprado né? E aí se você não tem um trabaio, então comprica muito.”



**“Eu ia munto pu Ri, fui munto.  
Trabaiava no inverno aqui, no verão, curria pu Ri.  
Todo ano eu ia... Passava sêi mêi, trêi mêi, cum trêi mêi  
eu chegava im casa. Kondu eu era soltero inda passei  
ano, passei doizanu e seti mêi, foi a viagens que eu mái  
demorei foi essa.”**

**Eu trabaiava im construção. Constuía pédio.  
Prendi a profissão, mais eu num boto essa pófissão  
né? Minha profissão é gricultor, que eu nassi foi na  
aguicultura, inda hoje eu vivo na aguicultura.  
Quanu eu ia lá que eu aprendi né? Assentá tijolo,  
essas coisa. Mais eu nunca boto im canto nenhum  
que eu sou pêdêro não. Eu sou aguicultor.**

**“Eu tem bucado de família no Rii, neto e tudo,  
mái o meu neto, um bucado de vagabundo tá acabando  
cum ele. Aqui, vem um vizinho, um amigo, ô irmão  
e tem armoço, tem janta, café, toda hora que nói quizé.  
E no Rii de Janeru, que for uma senhora, pa casa de  
seu amigo, só basta quinze dia, já tá fazenu cara feia...  
pruquê lá tudo é do contrário, um prato de cumê que a  
senhora cumê hoje, já fáí farta pra eles. E aqui, dôi  
prato, trêi que é, armoçar, jantar, Deus já aumentou o  
nosso pão. Deus já aumentou... O nosso pão. Pruquê o  
cá que a gente lucra, dá pá mim e dua pessoa cumê e  
inda sobra.**

**“Fui umas trêi, quatu vez pá  
trabaiá nas obra né?  
No pesado.**

**Durmia nu cimento, umas tauba, papelão.  
Comida ruim dimai, comia até azedo,  
e tinha que cumê mermu, sem recramar”**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos textos lidos e pesquisa realizada para produção deste trabalho, concluímos que estudos linguísticos em comunidades afro-brasileiras isoladas auxiliam a produção de dados que contribuem para a afirmação da identidade histórica do povo negro, num momento em que cresce a necessidade do estabelecimento de fatores que determinem esses grupos como comunidades quilombolas, além de contribuir para a compreensão da configuração atual da variável popular da língua portuguesa falada no Brasil.

Nosso interesse foi contribuir exatamente com essa discussão, uma vez que, propomos não apenas nos debruçar sobre os aspectos linguísticos da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, mas, analisarmos as variedades socioculturais de falantes que compartilham fortes traços culturais comuns e possuem mesmas práticas de resistência da manutenção e reprodução de seus modos de vida num determinado lugar.

Sabemos que a variedade linguística é fator identificador do indivíduo. Ela costuma refletir sua origem, sua condição socioeconômica ou mesmo propicia julgamentos estereotipados sobre ele. Estudar o comportamento linguístico de falantes quilombolas rurais foi compreender até que ponto resguardam ou não, laços identitários comuns, que os fazem perceberem-se como possuidores de uma mesma identidade quilombola.

O estudo da fala dos moradores de comunidades negras isoladas, ainda que esta linguagem tenha se alterado profundamente devido à violenta penetração de empreendimentos capitalistas em zonas rurais a partir do início do século XX, é crucial para quem pretende compreender e desvendar o complexo quadro linguístico brasileiro.

Sabemos que a ausência de registro das línguas veiculares africanas, que penetraram no fluxo comunicativo que acabou por formar a língua portuguesa falada no Brasil, é reflexo de um profundo e duradouro processo de repressão cultural a que foram submetidos os povos africanos. Esse processo de repressão também se refletiu no plano linguístico, através primeiro, do desinteresse pelo registro e estudo das línguas africanas (como supramencionado) e depois, pela negação da contribuição africana na formação da língua nacional e preconceito com a linguagem popular.

Hoje, existem quase três mil comunidades quilombolas no Brasil. Boa parte delas ainda em processo de reconhecimento do direito à posse das terras que ocupam. A região Nordeste, onde encontramos 1.724 mocambos, é a região com a maior concentração de comunidades negras rurais, seguida da região Norte, que possui 442 dessas comunidades. A região Sudeste abriga 375 remanescentes de quilombos, a região Centro-Oeste, 131



mocambos e no Sul há o registro de 170 comunidades quilombolas. No Estado da Paraíba, segundo dados recentes da Fundação Cultural Palmares, há 29 comunidades remanescentes de quilombos.

Acreditamos que é exatamente na observância das particularidades da linguagem popular dessas comunidades, como os traços fonéticos incomuns ou a aguçada simplificação morfológica que afeta regras de concordância nominal e verbal, por exemplo, que percebemos a contribuição mais notável da presença africana na formação da língua falada no Brasil.

Em nossa pesquisa, percebemos que essas particularidades manifestaram-se em cada relato dado pelos caianenses, que ao contarem-nos suas histórias, esforçando-se no exercício de rememoração de fatos relevantes, esqueciam-se da forma do relato, fornecendo-nos um material genuíno, que em nossa opinião, contribuiu com o debate acerca do contributo africano à língua nacional.

Assim sendo, pudemos constatar a recorrência de fenômenos fonéticos como a troca da lateral palatal por /j/ (*iotização*), formando vocábulos como *tuaia* e *muié*. Também registramos alguns poucos casos de *betacismos*, como em *bassoura* e *barrer*, assim como também encontrou Ferreira na comunidade de Helvécia, na Bahia.

Chamou-nos a atenção, alguns casos de *suarabáctis* como *igualmente* e *kilaru* (claro). Esse último também foi encontrado por Ferreira em Helvécia. Com relação ao fenômeno de *monotongação*, percebemos que 82% das ocorrências referiam-se à supressão do /i/ no ditongo *ei* em posição antecedente ao tepe alveolar, como em *capoeira* → [kapu'ePa]. Os dados de nossa pesquisa também demonstraram que, dentro das realizações de *rotacismos*, temos maior incidência em grupos consonantais como em *planta* → ['pPāta] e menor incidência em coda silábica, como em *almoço* → [ah'mosu].

Nas ocorrências registradas de *lambdacismo*, percebemos que a maioria referia-se ao processo de alternância do /l/ por /r/ em posição pré-vocálica, como em *horário* → [ɔ'laliu], podendo ocorrer também em encontros consonantais como *fraco* → ['flaku].

No tocante à *assimilação*, tivemos que a maioria ocorreu com a mudança da vogal baixa central /a/ para a média-alta posterior /o/, com influência das nasais *m* ou *n*, como em */tomem/*. Já com relação à *dissimilação*, percebemos que a maior incidência ocorre nos grupos consonantais com formação *oclusiva* + *r*, além de casos de dissimilação das fricativas vozeadas alveolares surda e sonora /ʒ/ e /ʃ/, como em *exigir* → *ijiji* e *disse* → *diche*, respectivamente.



Na comunidade pesquisada também encontramos casos de *metáteses progressivas* e *regressivas*, ocorrendo principalmente através da transposição da vibrante /r/ em início de palavra, como em terceiro → *trezero*, fato recorrente na linguagem popular, segundo Marroquim, onde o falante confunde-se quanto à utilização dos prefixos *per*, *pre* e *pro*.

Registramos também, grande incidência de casos de *apócope*s da vibrante /r/ nos verbos infinitivos de 1ª, 2ª e 3ª conjugação, além de alguns substantivos, bem como, a *aférese* do verbo *estar* em suas diversas formas verbais e flexões, entendendo serem essas realizações comuns a fala popular brasileira de maneira geral.

Com relação aos fenômenos de *prótese* e *síncope*, percebemos, com relação ao primeiro fenômeno, ocorrências de prótese do /a/ em verbos, principalmente de 1ª conjugação. É comum também, a síncope do /r/ em coda silábica, ocorrendo principalmente em verbos, substantivos e na conjunção *porque* → *puquê*. Finalizando a discussão sobre aspectos da variação fonética da comunidade de Caiana, registramos a incidência da perda da nasalização final em verbos na 3ª pessoa do plural na 1ª, 2ª e 3ª conjugação, assim como, o desaparecimento da nasalidade nos ditongos átonos finais, como *passagem* → *passagi*.

Com relação às variações morfossintáticas, observamos, no que concerne à concordância nominal, as variáveis *posição linear*, *classe nuclear* e *não-nuclear*, e *classe gramatical* dos elementos do Sintagma Nominal. Assim, constatamos que, em 97% das ocorrências analisadas, a classe não-nuclear anteposta na primeira posição pluraliza-se, não concordando com a classe nuclear na segunda posição, que em 94% dos casos apresentou ausência de marca plural. Outro dado relevante refere-se ao registro de variação na concordância nominal de gênero, como em *moça solteiro*, *uma dia*, *água cuado e seu cisterna*, fenômenos semelhantes aos encontrados em Helvécia e compreendidos por Ferreira e Lucchesi, como traço crioulezante de origem africana.

Sobre a variação da concordância verbal, levamos em consideração, perspectivas como: *posição do sujeito em relação ao verbo*, *natureza da oposição singular/plural*, *características morfofonológicas* de algumas ocorrências e *neutralização da 1ª e 3ª pessoas do singular*. Assim, pudemos observar que, em Caiana, é comum a não-concordância entre sujeito na terceira pessoa do plural e verbos no presente do indicativo, pretérito perfeito ou imperfeito. Com relação a sujeito posposto ao verbo, percebemos variante zero de plural e sobre a ausência de concordância entre o sujeito na terceira pessoa do plural e o verbo, temos que a maioria dos casos refere-se a sujeito anteposto ao verbo.

Os dados registrados também demonstraram que a terceira pessoa do plural é a mais propensa à ausência de concordância, uma vez que, a primeira pessoa do plural (nós) é

normalmente substituída pela forma coloquial *a gente*, que tende a concordar com o verbo no singular.

Sobre as formas de negação em Caiana dos Crioulos, levamos em consideração as estruturas de dupla negação, as estruturas de negação pré-verbal e pós-verbal dentro de orações absolutas, principais, subordinadas, reduzidas e adverbiais. Assim, tivemos uma maioria de realizações com estrutura de dupla negação, seguida por orações com estrutura de negação pré-verbal. As orações com estrutura pós-verbal ocorreram com menor frequência. Percebemos também que é proeminente a realização de estrutura de dupla negação em orações absolutas.

Como um último ponto a pesquisar sobre a variação morfossintática, debruçamo-nos sobre o uso dos pronomes pessoais no singular e plural do caso reto e oblíquo. Esses pronomes e as funções sintáticas que possuem no SV formam um panorama pronominal similar ao proposto por Lucchesi, onde a 1ª pessoa do caso reto (eu), porventura, pôde aparecer em funções de objeto direto, indireto e complemento nominal.

Sobre a utilização de pronomes oblíquos, chamou-nos a atenção o uso das formas populares *cum eu* e *mais eu*, que corroborou com o encontrado por Marroquim nos falares pernambucano e alagoano. Um aspecto a destacarmos refere-se à utilização dos pronomes da terceira pessoa do plural na função de objeto direto e o caso de posposição do pronome ao plural *s*, resultando em formas como “eu tem *zeles* dois”, “aí *zeles* se alimentava”, “*zeles* nunca se assume”, como elencado por Amaral no dialeto caipira de São Paulo: “zele fôro zimbóra” e por Mendonça.

Num último momento da pesquisa, procuramos realizar um levantamento diacrônico de africanismos encontrados na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, comparando os registros encontrados com o vocabulário organizado em obras lexicográficas brasileiras. Percebemos, de modo geral, que a etimologia das palavras de base africana aparece por vezes sob a alcunha de “incerta” no dicionário de Ferreira, ou mesmo “controversa”, “duvidosa” ou “obscura” no dicionário de Houaiss, sendo o glossário de Castro, a fonte mais segura e esclarecedora sob esse ponto de vista, uma vez que, a autora elenca em aproximadamente 80% dos casos, a origem africana específica do termo.

## *Referências*

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 28ª ed. São Paulo: Saraiva, 1979.
- ALMEIDA, Antônio Augusto. **Brejo paraibano**: contribuição para o inventário do patrimônio cultural. João Pessoa, Secretaria de Educação e Cultura, 1994.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 4. ed. São Paulo: Hucitec/Secretaria da cultura, ciência e tecnologia, 1920, 1982.
- ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombolas**: tradições e cultura da resistência. São Paulo: AORI Comunicações, 2006.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A despalatalização e consequente iotização no falar de Fortaleza**. Disponível em: <http://www.profala.ufc.br/Trabalho1.pdf>. Acesso em: 04 de jul. 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAXTER, A. N. A contribuição das comunidades afro-brasileiras isoladas para o debate sobre a crioulação prévia: um exemplo do estado da Bahia. In: D'Andrade, E. e Kihm, A. (orgs). **Actas do Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa**. Lisboa: Edições Colibri, 1992.
- BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**: teoria lexical e linguística computacional. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN; PETTER (org) **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008.
- BOTELHO, José Mário. **História e formação do léxico da língua portuguesa**. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica (PUC) – Departamento de Letras, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1993.
- BRAGA, Maria Luiza. **A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) Rio de Janeiro: PUC, 1977.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BUENO, Silveira. **Estudos de Filologia Portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Referente à língua portuguesa. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia** – Um Vocabulário Afro-Brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Caminho, 2006.

COSERIU, Eugênio. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1976.

DUBOIS, Jean, et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ELIA, Sílvio. **A unidade linguística do Brasil** (condicionamentos geoeconômicos). Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia-Bahia). In: \_\_\_\_\_ et al. **Diversidade do Português do Brasil** – Estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador: CED, 1994.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Susana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. São Paulo: Positivo, 2004.

FIORIN, José Luís; PETTER, Margarida (org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: aspectos econômicos e fatos outros da sua história**. João Pessoa: Idéia, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.

HOUAISS, Antonio. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro: Unibrade-Centro de Cultura, 1985.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A. N. **O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural**. Araraquara 1996. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Presença, 1981.

LABOV, William. **Modelos Sociolinguísticos**. Tradução de José Miguel Marinas. Madri: Cátedra, 1972.

LAUSBERG, H. **Linguística românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

LUCCHESI, Dante. O conceito de *transmissão linguística irregular* e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org). **Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Aspectos gramaticais do português brasileiro afetados pelo contato entre línguas: uma visão de conjunto. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org). **Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EdUFF, 2008.

\_\_\_\_\_. **A importância de se estudar a fala das comunidades rurais afro-brasileiras**. Disponível em: [http://www.gelne.ufc.br/revista\\_ano4\\_no2\\_09.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_09.pdf). Acesso em: 7 de julho de 2009.

\_\_\_\_\_. **A variação na concordância de gênero em dialetos despíd-ginizantes e descrioulizantes do português do Brasil**. Em: Zimmermann, Klaus (ed.). *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Madrid: Ibero-Americana, 1997.

MARROQUIM, Mário. **A língua do nordeste** (Alagoas e Pernambuco). 4. ed. Maceió: UFAL, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de Melo. **A língua do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. 3. ed. Porto: Livraria Figueirinhas, 1948.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.) Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto Editora, 2006.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

RAIMUNDO, Jacques. **O elemento afro-negro na Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

SÁ NOGUEIRA, Rodrigo de. **Tentativa de explicação dos fenômenos fonéticos em português**. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1958.

SAPIR, Edward. **A Linguagem**. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (Série Estudos). Rio de Janeiro: Perspectiva, 1969.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância de número no sintagma nominal em português**. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) UFRJ: Rio de Janeiro, 1988.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português**. Roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA NETO, Serafim da. **Fontes do Latim Vulgar – Appendix Probi**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

\_\_\_\_\_. **História da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1956.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. Sobre a Alegada Origem Crioula do Português Brasileiro: mudanças Sintáticas Aleatórias. In: Roberts, I. e Kato, M. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

TEIXEIRA, J. A. **O falar mineiro**. Sep. Revista do Arquivo Municipal. V. 45. São Paulo, 1938.

\_\_\_\_\_. **Linguagem de Goiás**. V. 2. São Paulo: Anchieta, (Estudos de Dialectologia Portuguesa). 1944.

VILELA, Mário. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1994.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.